

Património rural en espazos naturais protexidos.

Valorización do val do río Caldo, Lobios, Galicia.

Borja Barroso Silva

Nº de aluno: 44043

Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo

Orientação: Rui Florentino e Telma Ribeiro

Xaneiro, 2024.



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE
Do conhecimento à prática.

Patrimonio rural en espazos naturais protexidos.

Valorización do val do río Caldo, Lobios, Galicia.

Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo

Universidade Portucalense

Orientador:

Professor Doutor Rui Florentino

Coorientadora:

Professora Doutora Telma Ribeiro

Aluno: Borja Barroso Silva

44043

Xaneiro, 2024.

Preámbulo:

O presente traballo foi desenvolvido dentro da Unidade Curricular A50 Projeto-Dissertação, para a culminación do Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo (MIAU) impartido pola Universidade Portucalense. Orientado polo Profesor Doutor Rui Florentino e a Profesora Doutora Telma Ribeiro, e redactado en galego conforme ás Normas Regulamentares do MIAU, a súa elaboración completouse entre o segundo semestre do ano lectivo 2021/2022 e o primeiro semestre do 2023/2024.

Baixo o título *“Patrimonio rural en espazos naturais protexidos: valorización do val do río Caldo, Lobios, Galicia”*, o traballo tenta aportar unha posible resposta ao esmorecemento de dito territorio, vinculando arquitectura, urbanismo, turismo, natureza e sociedade.

Agradecementos:

Agradecer en primeiro lugar, a toda a comunidade educativa da Escola Superior Gallaecia, por ensinarme que a formación en arquitectura pode ser rigorosa á par que gratificante. Mención especial para o meu orientador e co-orientadora, os profesores doutores Rui Florentino e Telma Ribeiro.

Tamén para os meus pais e á miña familia, por darme a oportunidade e a libre elección para facer da miña paixón a miña profesión.

Dar as grazas tamén a todos as persoas que fixeron parte deste percorrido académico, en especial a Sheila, Jéssica e Antía, que converteron a tensión en diversión.

Agradecementos tamén para os meus amigos, por facerme crecer no ámbito persoal neste tempo.

E por último agradecer á terra das miñas raíces por darme paz, pero sobre todo por ser o espazo no que querer poñer en práctica todo o aprendido.

Resumo e palabras chave:

A emigración e os cambios nas formas de vida acontecidos dende a segunda metade do século pasado provocaron o esmorecemento do rural. Actualmente, nestes territorios estanse despregando estratexias de valorización que tiran proveito do patrimonio que atesouran, apoiándose no turismo rural, como actividade económica dinamizadora que mellore as condicións de vida. No caso dos espazos naturais protexidos, dada a súa fragilidade e valor ambiental, que condicionan a actividade industrial e primaria, a posta en valor do patrimonio histórico e natural convértese nunha das únicas alternativas de progreso.

É o caso do val do río Caldo, en Lobios, enclavado no Parque Natural Baixa Limia- Serra do Xurés e na Reserva da Biosfera Trasfronteiriza Gerês- Xurés, e que conforma unha unidade territorial e ambiental co Parque Nacional Peneda-Gerês de Portugal. A degradación e o abandono que amosa o territorio español contrasta co coidado, conservación e desenvolvemento doutros territorios de iguais características. Co obxectivo de definir un proxecto de urbanismo para a valorización do patrimonio rural do val do río Caldo foi desenvolvida esta investigación, permitindo determinar estratexias de posta en valor do patrimonio rural en espazos naturais protexidos para aplicar posteriormente.

Para esta investigación, metodoloxicamente empregouse a análise documental para, no inicio, fundamentar a problemática e definir o que é o patrimonio rural e as áreas naturais protexidas, que papel xoga o turismo na dinamización das mesmas e orientar os principios de intervención nos proxectos de valorización así como a normativa asociada. Posteriormente, mediante a análise documental, a observación, a fotografía e as notas de campo, descríbese o territorio en todas as súas facianas e analízase a situación actual. Finalmente, mediante a técnica do estudo de caso foron comparados 26 exemplos de intervencións, dos cales 8 se estudaron en profundidade segundo as categorías analíticas establecidas, ante a súa idoneidade para o caso que nos ocupa.

Concluídas as principais directrices dos proxectos de posta en valor do patrimonio rural en espazos naturais protexidos, así como as necesidades do territorio en cuestión, desenvolveuse un proxecto de urbanismo que lle dera resposta. Así, proporase unha intervención que atinxa os catro principais puntos turísticos do val do Río Caldo, outorgándolle dignidade e accesibilidade aos espazos, mantendo a identidade local e creando unha estratexia integradora que canalice os fluxos de visitantes e mellore a calidade de vida da comunidade local.

Palabras chave: patrimonio rural, áreas naturais protexidas, posta en valor, Río Caldo.

Resumo e palavras-chave:

A emigração e a evolução no estilo de vida a partir da segunda metade do século passado determinaram o declínio das zonas rurais. Atualmente, estão a ser implementadas estratégias nestes territórios, que através da valorização do património existente, dinamizam o turismo rural como atividade económica. No caso dos espaços naturais protegidos, dada a fragilidade e valor ambiental que condicionam a actividade industrial e primária, a valorização do património histórico e natural torna-se uma das únicas alternativas de progresso.

É o caso do vale do rio Caldo, em Lobios, situado no Parque Natural Baixa Limia- Serra do Xurés e na Reserva da Biosfera Transfronteiriça Gerês- Xurés, que forma uma unidade territorial e ambiental com o Parque Nacional da Peneda-Gerês português. A degradação e o abandono deste território contrastam com o cuidado, a conservação e o desenvolvimento de outros territórios com características semelhantes. Com o objetivo de definir um projecto urbanístico para a valorização do património rural do vale do rio Caldo, realizou-se uma investigação para determinar quais poderiam ser as estratégias a aplicar na valorização do património rural em espaços naturais protegidos.

Para esta investigação, do ponto de vista metodológico, recorreu-se à análise documental para, no início, estabelecer o problema e definir o que é o património rural e os espaços naturais protegidos, o papel do turismo na sua revitalização; e orientar os princípios de intervenção nos respectivos projectos de valorização, bem como a normativa associada. Posteriormente, através da análise documental, observação, fotografia e notas de campo, o território foi descrito em todos os seus aspectos e a situação actual foi analisada. Por último, através da técnica de estudo de caso, foram comparados 26 exemplos de intervenções, dos quais 8 foram devidamente aprofundados de acordo com as categorias analíticas estabelecidas, dada a adequação ao caso em questão.

Uma vez estabelecidas as grandes linhas de orientação do projecto para a valorização do património rural em espaços naturais protegidos, bem como as necessidades do território em questão, foi desenvolvido um projecto urbanístico em resposta. Assim sendo, será apresentada uma proposta de intervenção que irá atingir os quatro principais pontos turísticos do vale do rio Caldo, proporcionando dignidade e acessibilidade ao espaço, mantendo a identidade local e criando uma estratégia integradora que canalize o fluxo de visitantes e que possa melhorar a qualidade de vida da comunidade local.

Palavras-chave: património rural, espaços naturais protegidos, valorização, Río Caldo.

Abstract and keywords:

Emigration and changes in lifestyles since the second half of the last century have led to the decline of rural areas. Currently in these territories, valorization strategies that take advantage of its heritage are being deployed, relying on rural tourism as a dynamic economic activity that improves living conditions. In the case of protected natural areas, given their fragility and environmental value that condition industrial and primary activity, the enhancement of historical and natural heritage becomes one of the only alternatives for progress.

This is the case of the Caldo river valley, in Lobios, located in the Baixa Limia- Serra do Xurés Natural Park and in the Trasfronteiriza Gerês- Xurés Biosphere Reserve, forming a territorial and environmental unit with the Portuguese Peneda-Gerês National Park. The degradation and abandonment of the Spanish territory contrasts with the care, conservation and development of other territories with the same characteristics. With the objective of defining an urban planning project for the valorization of the rural heritage of the Río Caldo valley, a research was developed that allowed to determine strategies for the valorization of the rural heritage in protected natural spaces that could be applied.

In terms of research methods, a literature review was performed to base the problem and define what rural heritage and protected natural areas are. Moreover, the role of tourism, the principles of intervention in the valorization projects as well as the associated regulations, were analyzed. Subsequently, through literature analysis, observation, photography and field notes, the territory was described in all its aspects and the current situation was analyzed. Finally, by means of the case study technique, 26 examples of interventions were compared, of which 8 were studied in depth according to the established analytical categories, in view of their suitability for the case in question.

Once the main project guidelines for the enhancement of rural heritage in protected natural areas and the needs of the territory in question had been concluded, an urban planning project was developed in order to respond to them. Thus, an intervention will be proposed to reach the four main tourist points of the Caldo river valley, giving dignity and accessibility to the public space, maintaining the identity and creating an integrating strategy that channels the flow of visitors and improves the quality of life of the local community.

Keywords: rural heritage, protected natural areas, valorization, Río Caldo.

Índice de contidos

Preámbulo

Agradecementos

Resumo e palabras chave

Resumo e palabras-chave

Abstract and keywords

1. Introducción.....	10
1.1. Breve contextualización	10
1.2. Xustificación da problemática	10
1.3. Definición dos obxectivos	12
1.4. Metodoloxías de investigación	14
1.5. Estrutura de contidos	16
2. Fundamentación teórica.....	18
2.1. Definición do patrimonio rural	18
2.2. Espazos naturais protexidos e paisaxe	25
2.3. O turismo rural como elemento dinamizador	30
2.4. Intervención para a posta en valor do patrimonio rural	36
2.5. Normativa asociada á intervención	44
3. O territorio do val do río Caldo.....	61
3.1. Ámbito xeográfico	61
3.2. Marco histórico	65
3.3. A unidade histórica e paisaxística do Gerês -Xurés	69
3.4. Lexislación territorial	78
3.5. Encadramento patrimonial	96
3.6. O territorio na actualidade	128
4. Casos representativos.....	140
4.1. Criterios de selección	140
4.2. Categorías de análise	147
4.3. Casos de estudo	151
4.3.1. Monte do Gozo	151
4.3.2. Fortaleza e praia fluvial de Goián	160
4.3.3. Parcela de O Costal	169
4.3.4. Vega de Granada	179

4.3.5. Aldea de Isín	190
4.3.6. Núcleo de Mansilla Mayor	200
4.3.7. Miradoiro de Peñas Llanas	208
4.3.8. Cabanas de Morerava	215
4.4. Análise comparativa	222
5. Conclusións.....	229
Referencias bibliográficas.....	240
Índice de figuras.....	246

1. Introducción

1.1. Breve contextualización

Os cambios sociais da segunda metade do século XX mudaron a forma de vivir e apropiarse do territorio rural. A emigración, o abandono da agricultura e a gandería, cambiaron a realidade física e social destas zonas facendo que esmorezan sen remedio. Como sempre na historia, os modos de vida mudan e consigo os costumes, a arquitectura e a paisaxe, que pasan a formar parte do denominado patrimonio rural.

Na actualidade, as zonas rurais tentan combater o despoboamento, apostando polo turismo rural, sendo este clave no desenvolvemento en áreas con limitacións á industria, agricultura e á gandería extensiva, como é o caso das áreas naturais protexidas. Estas, debido ás súas características intrínsecas contan cun inmenso potencial patrimonial, polo que apostando pola súa conservación e posta en valor de cara ao turismo, conseguiranse satisfacer as necesidades de ocio dos visitantes e xerar dinámicas económicas positivas.

Este é o caso do val do río Caldo, en Lobios (Galicia), unha zona deprimida do interior debido á distancia aos centros poboacionais e económicos, que precisa de tirar proveito do patrimonio que ofrece para o progreso dos seus habitantes. Enclavado entre a Serra do Xurés e a de Santa Eufemia, conforma un fondo e fértil val, moldeado polo río Caldo e afluentes, onde se asentaron comunidades humanas que dende a prehistoria deixaron unha enorme pegada patrimonial. Isto xunto co interese natural e ecolóxico da zona, motivou a súa declaración como Parque Natural en 1993, e xa en 2009 como Reserva da Biosfera conxuntamente co Parque Nacional Peneda-Gerês portugués, co que limita e conforma unha mesma unidade paisaxística e ambiental (Reza & Pereira, 2008).

Así, resulta lícito fundamentar os proxectos de valorización do patrimonio rural para os territorios que, como o val do río Caldo, integran un espazo natural protexido, formulándoos dende a perspectiva duns estándares arquitectónicos, patrimoniais, ambientais e sociais de calidade.

1.2. Xustificación da problemática

Cortijo (2013) define o patrimonio rural como o conxunto de elementos, materiais e inmateriais, que constitúen a mostra das relacións establecidas pola sociedade co seu territorio ao longo da historia. Así, os estilos de vida, valores e tradicións das

comunidades, os produtos artesanais, gastronomía, linguas e variedades dialectais, forman parte do patrimonio rural, na súa vertente inmaterial. No referente ao material, están os monumentos, o urbanismo e os vestixios arqueolóxicos, a paisaxe resultante da ocupación do solo a partir da apropiación do territorio ao longo da historia, etc. Tamén infraestruturas como camiños, pontes, regadíos e, sobre todo, a arquitectura tradicional. Pertencen tamén a este patrimonio os elementos da paisaxe de valor ecolóxico e singular beleza (Ruiz, 2001).

En ocasións, este patrimonio aséntase en áreas rurais que merecen ademais especial coidado debido á fauna, flora e formacións xeolóxicas existentes, que grazas á pouca explotación e ocupación humana, mantiveron a beleza das paisaxes, preservaron os ecosistemas e os valores ecolóxicos e patrimoniais únicos asociados. Así, cando gozan de extrema singularidade, adoitan ser declaradas áreas naturais protexidas. Este feito posúe unha desvantaxe, posto que ese sobre-proteccionismo acaba por causar un maior deterioro a nivel económico e poboacional, debido ás limitacións ao desenvolvemento do tecido socioeconómico.

Para combater iso, ademais de apostar pola actividade agropecuaria, que é fundamental para manter os valores polos que foron declaradas áreas protexidas, faise necesario apostar pola valorización do patrimonio, de maneira a potenciar o turismo rural e dinamizar o territorio (Escuela de Organización Industrial, 2003). Este tipo de turismo faise especialmente necesario nas áreas de interior do mundo desenvolvido, sobre todo do sur de Europa, que durante a segunda metade do s. XX se converteron en rexións deprimidas. Aquí o turismo rural funciona, sobre todo, gracias a que a sociedade de hoxe en día desfruta abstraéndose da vida urbana enclaustrada e acelerada. As persoas procuran o repouso nun lugar onde se experimente á volta ás raíces, á tranquilidade e estabilidade psicolóxica, algo que acontece maiormente nas áreas rurais (Domínguez & Lennartz, 2013).

Así, segundo Monclús (2012), ese patrimonio rural debe ser protexido e valorizado. Para iso, estableceranse estratexias de posta en valor e actuacións adecuadas ás singularidades, sendo necesario que se fundamenten dende diferentes perspectivas complementarias relacionadas ca paisaxe. En primeiro lugar, entender a paisaxe como representación da cultura, é dicir, da historia; en segundo lugar, entendela como produto dun territorio construído e habitado, que ten que ver ca xeografía; tamén como un entorno vivo e vivido, relacionado ca ecoloxía e antropoloxía respectivamente; e por último entender a paisaxe como contexto de proxecto, o traballo dos arquitectos, urbanistas e paisaxistas.

No caso do patrimonio das áreas naturais protexidas, a súa posta en valor require, ademais, de intervencións que sigan criterios e ferramentas de coidado e respecto polos valores naturais de maneira a preservar o significado, singularidade e integridade do territorio, respectando a fragilidade e potenciando o atractivo e accesibilidade do espazo (Viñals et al., 2011).

Estas estratexias porán así en valor de maneira conxunta, o patrimonio e a natureza, concretando actuacións de conservación e restauro, pero tamén de creación e modernización de infraestruturas de cara ao turismo, tentando respectar as lóxicas construtivas e estéticas, así como os valores naturais e paisaxísticos do espazo natural. Ademais, procurarán tamén ter en conta a comunidade local, quen moldeou o territorio ao longo dos séculos, favorecendo a súa calidade de vida e fomentando a apropiación dese patrimonio como parte das súas vidas e da súa realidade.

O territorio que atinxe á investigación, o val do río Caldo, continúa devalándose co tempo ante o abandono e a falta de intervencións de conservación e de posta en valor do patrimonio. Isto sumado aos constantes incendios forestais, á degradación e vandalismo e ao cuestionable criterio estético das actuacións realizadas, fai que este territorio amose unha imaxe degradada e decadente. Por todo isto, defínese no presente traballo unha estratexia integrada de intervención para valorizar o patrimonio, os valores naturais e contribuír ao desenvolvemento turístico e económico da zona.

Dito proxecto integra actuacións de intervención no espazo público, directrices urbanísticas e paisaxísticas, así como intervencións para o mantemento e posta en valor dos recursos arqueolóxicos, arquitectónicos e paisaxísticos. Todas estas actuacións toman como referencia non desvirtuar o territorio, potenciar o desenvolvemento turístico e mellorar a estética e o medio ambiente. Desta forma, preténdese transformar este val nun territorio cun patrimonio valorizado e onde os valores do Parque Natural se reintegren na poboación local e nos visitantes, conformando un destino de referencia en Galicia e no norte de Portugal.

1.3. Definición dos obxectivos

Unha vez contextualizada e xustificada a problemática, é preciso definir os obxectivos aos que responde a presente cuestión de investigación: Como definir estratexias de intervención para valorizar o patrimonio rural, dun territorio que, como o val do río Caldo, integra un espazo natural protexido?

- Obxectivo 1: Determinar estratexias de intervención para a posta en valor do patrimonio rural en áreas naturais protexidas.

Para dar resposta a este obxectivo, comézase definindo o marco teórico que o fundamenta. Nel estúdase en que consiste o patrimonio rural e como conforma o resultado da apropiación do territorio pola comunidade que o habita. A seguir, fálase da peculiaridade do mesmo no caso dos espazos naturais protexidos, e incídese no delicado e fráxil valor ambiental das súas paisaxes. Por outro lado, explícase a importancia do turismo rural como elemento dinamizador destes enclaves. Ante as limitacións económicas e os procesos de despoboamento, esta actividade tira proveito da valorización do patrimonio rural destas áreas para diversificalas e aportar oportunidades de progreso.

Posteriormente, téntase definir a intervención de posta en valor deste patrimonio, establecendo unha xustificación das mesmas e caracterizándoas arquitectonicamente. Para iso, analízase a normativa asociada de forma a encadrar xuridicamente as mesmas. Para profundar neste tema, a información complementábase coa análise das particularidades que caracterizan os diversos casos de estudo seleccionados, apreciando as características diferentes e comúns que posúen, tanto no referente á morfoloxía da intervención arquitectónica como no uso e programa proposto.

Finalmente, conxugando os distintos procesos de investigación citados, contribúese ao coñecemento ditaminando como deben ser definidas as estratexias de intervención para a posta en valor do patrimonio rural en espazos naturais protexidos, permitindo desenvolver o segundo dos obxectivos, que ten que ver coa aplicación práctica das mesmas.

- Obxectivo 2: Definir un proxecto de urbanismo para a valorización do patrimonio rural do val do Río Caldo, en Lobios, Galicia.

Como resposta a este obxectivo, propónse un proxecto de intervención en materia de urbanismo para o val do río Caldo, en Lobios. Dito proxecto fundaméntase nas conclusións obtidas no obxectivo anterior en complemento cunha análise pormenorizada do lugar de intervención.

Nesta análise estúdase dende o encadramento xeográfico, a historia, a relación co limítrofe Parque Nacional Peneda- Gerês, a lexislación que atinxe ao

proxecto, pero sobre todo, realízase unha exhaustiva caracterización patrimonial do territorio, así como da situación na que se atopa actualmente.

Finalmente, propónse un proxecto de intervención en materia de urbanismo para os enclaves patrimoniais máis destacados do val do río Caldo. En dita estratexia dignifícanse en forma, programa e materialidade as contornas, ordenando a experiencia e os fluxos turísticos asociados, e mellorando a calidade paisaxística das mesmas. Indirectamente, incídese positivamente no turismo conxunto con Portugal e foméntase o progreso económico e a mellora da calidade de vida dos habitantes deste peculiar val.

1.4. Metodoloxías de investigación

- Método de investigación:

Nesta investigación emprégase o **método de estudo de caso** debido ás vantaxes que ofrece, xa que permite o estudo en profundidade da problemática.

Para desenvolver o primeiro dos obxectivos utilízase o estudo de caso múltiple (Groat & Wang, 2013; Yin, 2009), é dicir, a análise comparativa de diferentes casos de referencia, co fin de abstraer estratexias de intervención para a valorización do patrimonio rural en áreas protexidas. A comparativa de múltiples casos permite establecer relacións causais entre eles e recoñecer características que definan as estratexias de proxecto. Ditos casos de referencia, foron escollidos a través de criterios de selección (similitude contextual, documentación e rexistros gráficos dispoñibles, etc.), permitindo reducir dun total de 26 casos observados a 8 estudados. En contraposición, é preciso ter en conta que o método non permite xeneralizar e ten unha tendencia descritiva que incide na perda do foco analítico.

Ademais, o contexto e o marco teórico da investigación estableceuse de maneira concreta, evitando caer nunha amplitude desmesurada e presentando explicacións causais en facetas concretas e coherentes. Desta maneira reuniuse a maior cantidade de información e o máis detallada posible para alcanzar o segundo dos obxectivos, definir o proxecto de urbanismo para a posta en valor do val do Río Caldo, en Lobios, Galicia.

Para iso realizouse tamén un estudo a nivel global e da situación actual da zona, segundo o método de estudo de caso único, o que permitiu coñecer de xeito obxectivo

o lugar, co propósito de fundamentar máis solidamente a actuación (Groat & Wang, 2013).

- Técnicas de recollida de información:

En canto ás técnicas de recollida de información, emprégase principalmente a **análise documental** (Albarelo et al., 1997), tanto para a o marco teórico e os casos de estudo, como para coñecer o lugar de intervención. Para iso, foron rexistradas fontes, tanto escritas como non escritas.

Nas fontes escritas, analizáronse fontes non oficiais como artigos de prensa, publicacións de revistas, libros ou disertacións; e tamén fontes oficiais procedentes de arquivos gobernamentais, como o Plan Xeral de Ordenación Municipal de Lobios ou Plan Reitor de Usos e Xestión do Parque Natural do Xurés. As fontes non escritas, foron principalmente iconografías como planos e cartografía, fotografías e imaxes; pero tamén testemuños orais que aportan información de interese.

Ademais empregáronse outras técnicas complementarias á análise documental como a **observación sistemática**, sendo indirecta para os casos de estudo de referencia e “in situ” para o local de intervención (Gil, 1995), realizando numerosas visitas ao mesmo. Nestas ocasións, tamén se tomaron **fotografías e notas de campo** (Bogdan & Biklen, 1994) co fin de documentar a configuración do lugar así como fundamentar o proxecto de intervención proposto.

- Análise e tratamento da información:

Toda a información da investigación e dos casos de estudo obtida das distintas técnicas de recollida, tratouse mediante unha **análise cualitativa** (Bogdan & Biklen, 1994), de maneira a comprobar as teorías a través dos datos. No referente aos casos de estudo, os datos foron filtrados a través de **categorías de análise** e os seus pertinentes **indicadores**, obtidos a partir da investigación previa realizada, de maneira a obter as conclusións comparativas que sustentan o proxecto.

A seguir, preséntanse os oito casos de referencia de estratexias de valorización do patrimonio rural que foron estudados, así como as categorías analíticas e indicadores sobre os que se efectuou a comparativa entre eles:

Caso 1- Posta en valor do Monte do Gozo, Santiago de Compostela, A Coruña (João Nunes, Cristina García e OLA estudio, 2016).

Caso 2- Posta en valor da fortaleza e praia fluvial de Goián, Tomiño, Pontevedra (Pablo Gallego Picard, 2012).

Caso 3- Restauración paisaxística do Costal, Ribadeo, Lugo (Orza paisajismo, 2014).

Caso 4- Plan Especial de Ordenación da Vega de Granada, Granada (GR arquitectos, 2012).

Caso 5- Recuperación da aldea de Isín, Huesca (CAB arquitectos, 2000).

Caso 6- Revitalización e rehabilitación de Mansilla Mayor, León (Ocamica Tudanca arquitectos, 2019).

Caso 7- Rehabilitación do miradoiro de Peñas Llanas, Riaza, Segovia (López López, 2021).

Caso 8- Construción de cabanas turísticas de Morerava, Illa de Pascua, Chile (AATA arquitectos, 2010).



Fig. 1 - *Categorías e indicadores para a análise dos casos de referencia.*

1.5. Estrutura de contidos

A estruturación do presente traballo organízase en cinco capítulos. Así, os contidos articúlanse de maneira progresiva, percibíndose como unha historia unitaria e conexas. Esta comeza coa presentación da problemática inicial e finaliza coa obtención das conclusións e a resposta en materia de proxecto.

O **primeiro capítulo**, de carácter introdutorio, describe a cuestión da investigación. Nun primeiro momento realízase unha contextualización temática, para posteriormente xustificar a problemática que motivou o desenvolvemento do presente traballo. A seguir, plásmanse os obxectivos a concluír, vinculados coa contribución ao coñecemento e a aplicación práctica nun proxecto de urbanismo. Finalmente, remátase coa explicación da metodoloxía de investigación que se emprega.

No **segundo capítulo**, realízase o encadramento teórico. Nel, fundaméntanse en profundidade os conceptos que aborda a investigación. Así, defínese o patrimonio rural como o resultado da apropiación do territorio polos seus habitantes e analízase a peculiaridade paisaxística e a unicidade ambiental dos espazos naturais protexidos. Posteriormente, a investigación enfócase en explicar como o turismo valoriza este patrimonio e incide positivamente no progreso destes territorios. Por último, o contido deriva na caracterización arquitectónica das estratexias de intervención para tal fin, así como na normativa involucrada.

Xa no **terceiro capítulo** analízase a realidade territorial do val do río Caldo, dende o punto de vista xeográfico, histórico, natural e patrimonial. Tamén se explica en profundidade a unidade paisaxística que conforma co territorio portugués co que limita. Para finalizar, analízase o marco normativo que atinxe á intervención e descríbese a situación actual na que se atopa a zona.

No **cuarto capítulo** execútase a análise dos oito casos de estudo seleccionados, permitindo concluír unha caracterización das estratexias de posta en valor do patrimonio rural en espazos naturais protexidos. Ditas disposicións abstráense da análise comparativa realizada a partir das categorías e indicadores establecidos.

Para finalizar, no **quinto** e último **capítulo**, preséntanse as conclusións e reflexións obtidas de todo o proceso de investigación, en resposta aos obxectivos propostos. Desta maneira, relaciónase a teoría coa aplicación práctica, caracterizando e fundamentando as liñas estratéxicas do proxecto que se formula para a valorización patrimonial do val do río Caldo.

2. Fundamentación teórica

Para contextualizar a presente investigación, é preciso comezar definindo o significado do patrimonio rural como o produto da apropiación dun territorio por unha comunidade ao longo da historia. Territorios rurais que, por veces, son declarados áreas naturais protexidas gracias aos valores patrimoniais únicos que preservan.

Así, a continuación estudarase como establecer unha folla de ruta para intervir arquitectonicamente neste patrimonio, de maneira a potenciar o turismo rural como elemento de desenvolvemento e dinamización económica destas áreas deprimidas.

2.1. Definición do patrimonio rural

No eterno debate da diferenciación entre o urbano e o rural, continúa asociándose este último ás áreas economicamente dependentes da agricultura e a gandería, caracterizadas por unha estrutura social na que as xentes dos pequenos e dispersos núcleos poboacionais se relacionan nun sistema interpersoal de proximidade e tradición (Palenzuela et al., 2000).

En todo o planeta, como resultado da interacción particular das comunidades humanas coa contorna ao longo da historia, foron xurdindo unha serie de recursos, materiais e inmateriais, que se herdán de xeración en xeración, e que a poboación identifica como propios, ao ser reflexo da evolución do coñecemento e os valores tradicionais do lugar. Esta herdanza das sociedades conforma o denominado patrimonio cultural (Cortijo, 2013).

Segundo Porcal (2011), existe bastante ambigüidade arredor do termo “patrimonio cultural”, a súa definición e os elementos que integra. Por todo isto, é preciso discernir se se trata de patrimonio natural ou cultural, se é tanxible ou intanxible, material ou inmaterial, se pertence ao ámbito rural ou urbano, ou se se trata dun patrimonio específico, como pode ser o artístico, o etnográfico ou o arqueolóxico. Toda esta indefinición levou a que o significado de patrimonio fora evolucionando e incorporando novos contidos, ata a actualidade.

No contexto internacional, non foi ata 1972, coa Convención de París para a Protección do Patrimonio Mundial Cultural e Natural, da Organización das Nacións Unidas para a Cultura, as Ciencias e a Educación (UNESCO), que se asentou a definición de patrimonio cultural, así como os tipos de bens patrimoniais a protexer e os mecanismos de catalogación dos mesmos.

Xa en 1992, co avance na conciencia social da importancia da protección patrimonial, fóronse establecendo Guías de Directrices para a posta en práctica das disposicións da Convención anteriormente citada, xurdindo tamén novas categorías, como as paisaxes culturais.

Destaca tamén a ratificación na 12ª Asamblea Xeral de ICOMOS (Consello Internacional de Monumentos e Sitios) da Carta do Patrimonio Vernáculo Construído (México, 1999), onde se recoñeceu a importancia patrimonial da arquitectura vernácula e tradicional. Ademais, nese mesmo ano, recolleuse na Estratexia Territorial Europea (Postdam, 1999) o carácter amplo da noción de Patrimonio, diluíndo esa percepción do patrimonio como peza individual con valor histórico, dando importancia ao valor unitario e social do mesmo, como conxunto global que outorga identidade á comunidade.

En 2003, coa Convención para a Salvagarda do Patrimonio Cultural Inmaterial da UNESCO, abordouse a vertente inmaterial do patrimonio, facendo énfase na protección do valor cultural das expresións intanxibles das sociedades, que integran tanto as representacións, coñecementos e técnicas, como os instrumentos, obxectos e espazos que lle son propios.

Máis tarde, en 2005, en Portugal, a Convención de Faro ou Convenio Marco do Consello de Europa sobre o valor do Patrimonio Cultural para a Sociedade, realzou o valor das persoas e a sociedade na definición e xestión do mesmo como recurso de desenvolvemento e mellora da calidade de vida. Así, remarcouse a idea de que a comunidade, ao ostentar un vínculo inherente co patrimonio, debería ser a principal portadora e promotor do mesmo (Cortijo, 2013).

Xa en 2017, na 19ª Asemblea Xeral do ICOMOS en Nova Delhi, establecéronse os principios sobre as paisaxes rurais como patrimonio. É destas paisaxes, situadas nos territorios non urbanos, que se abstrae a noción de patrimonio rural, sobre a que tratará a presente investigación (ICOMOS, 2017).

“O patrimonio rural refírese ao patrimonio tanxible e intanxible das áreas rurais. Tanto os atributos físicos– a terra produtiva en si mesma, a morfoloxía, a auga, a infraestrutura, a vexetación, os asentamentos, as edificacións e centros rurais, a arquitectura vernácula, o transporte, e as redes comerciais, etc.– como os vínculos e contornas físicas, culturais e ambientais máis amplos. A paisaxe rural como patrimonio tamén inclúe coñecementos culturais, tradicións, prácticas, expresións de identidade e pertenza das comunidades humanas locais, e os valores e significados culturais asociados, atribuídos a esas paisaxes polos poboadores e comunidades pasadas e presentes. Así, engloban coñecementos técnicos, científicos e prácticos vinculados cas relacións históricas entre o home e a natureza” (ICOMOS, 2017, p. 3).



Fig. 2 - Paisaxe rural da Ribeira Sacra, Galicia.

A Ribeira Sacra (Figura 2), situada no límite entre as provincias interiores galegas, Lugo e Ourense, constitúe un excepcional exemplo da paisaxe e o patrimonio rural, e dos valores asociados a estes. O amplo patrimonio monástico románico fúndese entre os seus viñedos e bodegas que escalan, ladeira arriba, polos vales dos ríos Miño e Sil.

Así, autores como Ruiz (2001) afirman que o patrimonio rural podería definirse como as manifestacións concretas, propias e distintivas das sociedades non urbanas. A pesar de

que isto non permite establecer unha dicotomía total entre cidade e campo, si que outorga unha identidade diferenciabile que representa estas sociedades e os seus valores históricos, artísticos, culturais, paisaxísticos e naturais.

Este patrimonio rural englobará polo tanto, non só a paisaxe como resultado físico do modelado da natureza do espazo ao longo dos anos, se non tamén os procedementos, ferramentas e saberes da comunidade, que permitiron constituír ese hábitat acorde ás condicións e necesidades sociais e funcionais propias.

Por todo este carácter que ten o patrimonio, de elemento usufrutuado no presente e vivido no pasado, débese continuar a ser partícipes para garantir a súa conservación como legado ás xeracións vindeiras. Tense así o deber de manter a singularidade, valor e sentido propio dos territorios. (Ministerio de Medio Ambiente, 2003).

Este patrimonio configúrase así como o predecesor e a garantía da continuidade da diversidade do territorio, así como da historia social e ambiental, moldeada ao longo dos milleiros de anos (ICOMOS, 2017).

Como tal, ademais da importancia cultural asociada ao seu valor histórico, o patrimonio terá ademais un interese intrínseco a outros niveis: no campo do urbanismo e a arquitectura, da arqueoloxía e a paleontoloxía; a nivel etnográfico, científico, técnico ou educativo. É por todo isto que constitúe unha riqueza e variedade únicas. Ademais, estes bens, individualmente ou en conxunto, conforman unha imaxe identificadora do territorio de cara ao exterior (Ruiz, 2001).

Como xa se referiu anteriormente, este patrimonio engloba multitude de elementos, que deben ser adecuadamente organizados e diferenciados. Así, o Ministerio de Medioambiente (2000), estableceu varias clasificacións patrimoniais. A grandes trazos, poderíase agrupar en dous bloques diferentes.

En primeiro lugar, existe a vertente inmaterial ou intanxible dese patrimonio, caracterizada por ser un patrimonio con vida e que outorga conciencia de colectividade a cada comunidade. Inclúe dende os métodos e coñecementos cos que se moldeou a paisaxe dese territorio así como os procedementos derivados. Tamén os idiomas, literatura, mitoloxía e música; a toponimia; os costumes e modos de convivir, organizarse e relacionarse; as festividades, relixiosas ou non; a gastronomía e o folclore.

Noutra banda, sitúase o bloque do patrimonio material, que será o que máis atinxe á presente investigación. Este inclúe todos os elementos tanxibles que se poden observar

nun lugar. En primeiro lugar os elementos da paisaxe asociados aos usos do solo, é dicir, a constitución espacial do territorio a través da acción do home sobre o medio. Tamén os bens inmobles, dende a arquitectura tradicional, as edificacións vinculadas ao uso industrial, artesanal, relixioso ou colectivo, incluíndo tamén os bens mobles de uso asociado a estes, os monumentos conmemorativos, os xacementos e zonas arqueolóxicas, ou os parques e xardíns.

Pertencen tamén a este grupo as características naturais, climáticas, morfolóxicas, xeolóxicas e físicas que son endémicas do territorio; e a súa adaptación ás condicións locais, como a fauna ou a flora existente. Mais aquí tamén se inclúen os produtos derivados dos costumes e procederes propios da comunidade en relación a estes, como produtos do cultivo, da gandería, etc. A documentación e a bibliografía tamén se inclúen nesta categoría (Ruiz, 2001).

Unha vez establecida esta clasificación, máis teórica e global, en función da virtude material ou inmaterial do patrimonio, cómpre enfocarse nos elementos patrimoniais que caracterizan o territorio, e en aras da súa conservación e posta en valor, organízalos segundo características específicas.

Así, pódese establecer en primeiro lugar unha clasificación temática, na que se poden encontrar o patrimonio doméstico, como son as vivendas e o parcelario; ou o patrimonio das vías de comunicación e elementos de paso, como sendeiros, camiños tradicionais, estradas, pontes, valados e muros, etc.

Non menos importante é o patrimonio vinculado ao traballo: cultivos en socalcos, bodegas, lagares, muíños, industrias artesanais; o vinculado á auga, como as fontes, lavadoiros, nacentes, levadas de auga, pozas de regadío; ou o relixioso, tales como capelas, cruceiros e pequenos oratorios. A outra gran categoría sería o patrimonio natural, como a flora, a fauna, as formacións xeolóxicas, a orografía e a hidroloxía, etc.

Outra distinción patrimonial, será a clasificación gradual, que o diferencia en función de se o patrimonio constitúe un ben ou elemento illado, ou forma parte dun conxunto. Segundo as características do enclave que configura o ben ou bens patrimoniais en cuestión, estes poden dividirse tamén en: bens privados e domésticos; de colectividade e relación interpersoal; un sitio ou monumento histórico; un lugar de traballo ou unha zona poboada.

Tamén en función dos usos e funcións asociados poderíase clasificarse entre patrimonio agrícola, gandeiro, forestal, etnográfico, vivenda, patrimonio social, patrimonio simbólico ou relixioso, etc.

Para finalizar, segundo o estado actual no que se atope o patrimonio, como o grado de conservación, a facilidade de identificación, e a existencia de uso na actualidade ou non, existirían dúas clasificacións: visible e oculto; e activo ou abandonado (Ministerio de Medio Ambiente, 2003).



Fig. 3 - Aldea abandonada de Porcieda, Cantabria.

Na figura 3, pódese observar como os cambios nos modos de vida propiciaron a desaparición de aldeas e paisaxes rurais, que pasarán a configurar uns conxunto patrimoniais nos que, tanto os bens illados privados como os espazos colectivos, vense abandonados e progresivamente ocultos pola vexetación.

Como se pode ver, todo o territorio é patrimonio, a materialidade e inmaterialidade que rodea ás comunidades é patrimonio, e como tal o ser humano confecciona unha imaxe mental que condiciona ás súas experiencias. Por todo isto, Cortijo (2013), sentencia que compre comezar a valorizar este patrimonio. Un patrimonio que moitas veces se tende a focalizar na vertente construída do mesmo, esquecendo a que quizais sexa a parte máis importante, á súa base e o molde sobre o que se ergueu todo, a natureza.

É por este valor radicado no marco natural dos territorios, que o presente traballo se centrará nas zonas rurais que polo seu interese medioambiental, forman parte de espazos naturais protexidos.

Para contextualizar, é preciso comezar a falar sobre paisaxe, como o vínculo entre o patrimonio construído e a natureza, o cal, cando se caracteriza por unha extraordinaria preservación dos valores primitivos, motiva a declaración destes espazos como áreas naturais protexidas.

É nestes casos que a noción de patrimonio natural adquire maior énfase, e se fai máis patente que non posúe un carácter illado no conxunto do patrimonio, pero si un carácter integrador que reúne e abraza todos os elementos do patrimonio rural (Palenzuela et al., 2000).

No ámbito institucional esta relación de integración entre o patrimonio natural e cultural xa se comezou a contemplar na Convención para a Protección do Patrimonio Mundial Cultural e Natural da UNESCO (París, 1972), posto que ata o momento configurábanse dous ámbitos diferenciados.

Así, comezouse a falar da protección, conservación e rehabilitación integrada de ambos, adquirindo unha imaxe “territorializada” do patrimonio, dando así verdadeira importancia á riqueza e particularidade que conforma o conxunto do patrimonio, incluíndo a natureza.

Isto que acontece no contexto internacional, contrasta coa realidade española, onde a lexislación continúa a contemplar por separado o patrimonio cultural e natural (Lei 16/1985, do Patrimonio Histórico Español e Lei 42/2007 do Patrimonio Natural e da Biodiversidade respectivamente). Apenas nalgunha das lexislacións autonómicas se tratan de maneira conxunta.

Así, no caso español, a preservación dos recursos da natureza queda relegada do resto do patrimonio, prexudicando así a relación entrelazada que posúen, sobre todo nos espazos protexidos, nos que ao conformar áreas de extremo interese, a relación entre ambos debería ser xestionada de forma integrada (Porcal, 2011).

2.2. Espazos naturais protexidos e paisaxe

A escasa ocupación e explotación humana ao longo do tempo dalgúns áreas rurais, permitiu a preservación dos seus ecosistemas, xeomorfoloxía, flora e fauna, así como a singularidade das súas paisaxes e do seu patrimonio cultural. Por este motivo, moitas zonas acabaron por ser declaradas espazos naturais protexidos, en calquera das súas distintas categorías. Estas áreas caracterízanse por configurar un ámbito patrimonial, de grande valor natural, etnolóxico e arquitectónico, onde se preservan, en grande parte, a singularidade, vulnerabilidade e características primixenias (Escuela de Organización Industrial, 2003).

Autores como Suden (2021) asocian o termo “espazo natural protexido” coa paisaxe, sendo este o resultado da conxunción entre patrimonio e natureza. O Convenio Europeo da Paisaxe (Florencia, 2000), defíneo como a percepción que a poboación ten sobre un territorio, como resultado da actuación dinámica do home sobre o medio. Así, como elemento en constante cambio, no caso dos espazos naturais protexidos, destaca a antigüidade que persiste no mesmo.

Nestas “paisaxes primitivas” ou “paleopaisaxes”, nunca foi posible sobreporse unha transformación radical, polo que a paisaxe natural continúa a ser en grande medida fiel ás súas orixes. En calquera caso, a día de hoxe no referente aos valores naturais, en contadas excepcións se podería falar de natureza virxe, e na gran maioría das áreas naturais habería de falarse dunha transformación harmoniosa ao longo da historia, que como tal, merece tamén a súa protección e valorización.

Por todo isto, fíxose necesario abordar unha “conceptualización” para a protección dos recursos do patrimonio en xeral destas áreas, pero máis en concreto dos recursos e valores naturais que presentan. A maneira de executalo foi a través dunha “patrimonialización” da natureza, isto é, a elaboración dun imaxinario colectivo daquilo que debería de ser a natureza destes espazos protexidos, para, a partir de aí, comezar a implantar unhas disposicións para a preservación destas áreas (Santamarina, 2016).

No contexto internacional, comezouse a darlle relevancia aos debates sobre conservación medioambiental a partir da celebración da Conferencia das Nacións Unidas sobre o Medio Humano (Estocolmo, 1972), e posteriormente na Convención sobre a Protección do Patrimonio Mundial, Cultural e Natural de París, no mesmo ano. Neste senso, institucións como a Unión Internacional para a Conservación da Natureza (IUCN), a Organización para a Agricultura e a Alimentación (FAO), a UNESCO ou a

Unión Europea, tamén estableceron distintos criterios e programas de acción sobre a materia.

A nivel europeo, a Unión Europea promulgou un conxunto de leis, medidas e apoio económico no referente á preservación da natureza, xestionándoo a través dos seus organismos con competencia nesta materia, que para o caso, son a Comisión Europea e coas súas Direccións xerais de Agricultura e do Medio ambiente, pero tamén a través da Axencia Europea do Medio Ambiente (Palenzuela et al., 2000).

Desta maneira foise configurando un modelo estandarizado daquilo que é o patrimonio natural e medioambiental, o que deberían ser as áreas naturais protexidas e como debería ser a relación entre o ser humano e a natureza nestes espazos.

Así, estaríase establecendo unha xestión e ordenación destas áreas, tanto no ámbito natural, como nos temas vinculados coa economía, a política e a xurisdición; regulando as prácticas a realizar nestes espazos. Desta maneira, implantaríanse unhas directrices globais de actuación sobre o medio natural, que polo xeral, se asentan en valores de conservación, é dicir, protexer o espazo fronte as ameazas e a intervención artificial.

O contido destas disposicións, regula non só a xestión da natureza destes espazos, se non que permiten establecer os motivos e patróns para a proclamación dos mesmos. Para isto, despregáronse criterios similares aos existentes para o recoñecemento e catalogación do patrimonio cultural.

A declaración destes espazos naturais protexidos dependerá do nivel de singularidade do territorio, como mostra da evolución nas diferentes etapas da historia da terra. Ademais, o mesmo deberá ostentar unha certa representatividade a nivel medioambiental, a contorna posuirá unha relativa beleza e estética paisaxística e esta será o escenario onde se preserva unha grande diversidade biolóxica, incluíndo especies endémicas e en perigo de desaparición (Santamarina, 2016).

O Parque Natural das Hoces do Río Duratón (Figura 4), é exemplo dunha área onde, as impresionantes paisaxes, a preservación da fauna e a flora endémica, e dun patrimonio inmaterial e construído únicos, motivaron a súa declaración como espazo natural protexido.

Tendo en consideración todo isto, coas competencias de institucións internacionais como a UNESCO, actualmente pódense declarar espazos protexidos que van dende as áreas que destacan pola protección dos valores naturais, como os Sitios Naturais do

Patrimonio Mundial, Reservas de Biosfera ou Zonas Húmidas de Importancia Internacional; ata as Paisaxes Culturais, que representan a conxunción entre Patrimonio Cultural e Patrimonio Natural (Palenzuela et al., 2000).



Fig. 4 - Parque Natural das Hoces do río Duratón, Segovia.

Outro dos exemplos máis paradigmáticos da protección de espazos naturais no eido internacional é a Rede Natura 2000, nacida co obxectivo de preservar e recuperar os hábitats e a biodiversidade, garantindo a distribución e estabilización natural das especies e o mantemento das funcións tradicionais que permiten que isto aconteza.

Para isto, esta rede contempla tamén a creación das Zonas Especiais de Conservación (ZEC) e as Zonas de Especial Protección para as Aves (ZEPA) (Escuela de Organización Industrial, 2003).

Xa no contexto nacional, son o Ministerio de Agricultura, Pesca e Alimentación, e o Ministerio de Medio Ambiente quen ostenta as competencias. Pero a aplicación práctica corresponde aos organismos autonómicos, sendo no caso de Galicia as consellerías de Medio Rural e de Medio Ambiente as que xestionan a protección e proposta de declaración das áreas naturais protexidas. Así, en España pódense encontrar as seguintes categorías destes espazos:

En primeiro lugar os Parques Naturais, que son áreas con valores culturais, estéticos, paisaxísticos, naturais, ecolóxicos e xeomorfolóxicos de grande singularidade. Cando estes gozan de extrema singularidade e interese para o país, acadan a categoría de Parque Nacional.

Por outra banda estarían as Reservas Naturais, que son ecosistemas concretos a protexer dada a súa especial importancia e fragilidade; tamén os Monumentos Naturais, xacementos e formacións xeolóxicas da natureza de grande beleza, peculiaridade e valor científico e paisaxístico. E por último as Paisaxes Protexidas, que son lugares do medio natural a protexer polas súas características culturais únicas e valor estético (Palenzuela et al., 2000).

Santamarina (2016) relata como, coa promulgación da Lei de Parques Nacionais de España en 1916, se declarou a primeira área natural protexida, o Parque Nacional dos Picos de Europa. A partir de aí, fóronse agregando numerosos espazos ata á década dos 90, na que o aumento na consideración sobre as cuestións medioambientais, situou o país á cabeza neste eido, sendo quen conta cun maior número de Reservas da Biosfera no mundo.

Actualmente, case o 30% do territorio español se atopa baixo algunha categoría de protección natural, dos que o 15%, uns 1.900 enclaves, se corresponden con espazos naturais protexidos. Así, 16 serían Parques Nacionais, 152 Parques Naturais e os restantes Monumentos Naturais, Reservas, Paisaxes Protexidas, etc.

Tras a primeira Lei de Parques Nacionais de 1916, en 1957, a xestión natural española adheriuse á xestión forestal e á Lei de Montes, banalizando en certa maneira o asunto, ata a promulgación da nova Lei de Espazos Naturais Protexidos do 75 e a Lei 4/89 de Conservación dos Espazos Naturais e da Flora e Fauna Silvestres. Nesta lei, establecéronse as actuais clasificacións de Parque, Reserva Natural, Monumento Natural e Paisaxe Protexida.

É tamén nesta altura que se regulou a xestión e desenvolvemento destes espazos, establecendo a obrigatoriedade de Plans de Ordenación (PORN) e Plans Reitores de Uso e Xestión (PRUX). Estes instrumentos regularán as directrices e normas de conservación e uso, a zonificación da área, e tamén as compensacións económicas polas limitacións existentes.

A máis recente lexislación estatal neste campo é a Lei 42/2007 do Patrimonio Natural e da Biodiversidade (Escuela de Organización Industrial, 2003).

Cabe salientar que a maior parte dos Parques Nacionais e Naturais declarados en España, se corresponden con territorios montañosos, de relativa altitude media, e encadran nesa visión preestablecida do espazo natural protexido de natureza pura, que adquire unha maior énfase, canto máis lonxe de contornas urbanas e pouco transformado se atope.



Fig. 5 - Turismo no Parque Nacional de Ordesa e Monte Perdido, nos Pirineos.

A necesidade de seguir protexendo os valores naturais destes territorios, así como de preservar o patrimonio dos espazos protexidos, viuse favorecida grazas ao aproveitamento mercantil (Figura 5) que hoxe en día adquire a natureza co turismo, sendo esta actividade de ocio, un garantía económica e social para a súa conservación (Santamarina, 2016).

2.3. O turismo rural como elemento dinamizador

O mundo rural ten sido identificado como a parte do territorio onde a economía e a forma de vivir e relacionarse da sociedade se enmarcan na tradición, conformando un panorama de estancamento e atraso que derivou no declive destas zonas. Esta argumentación é sustentada nun discurso no que se limita a plena realización da vida contemporánea ao ámbito urbano, ao considerar inadaptables os novos modos de vida coa esencia de ser do rural (Palenzuela et al., 2000).

Así, a mediados do século pasado iniciouse un proceso masivo de emigración do campo para a cidade, sobre todo nos concellos máis rurais e de menor poboación (Nadal, 2021). Esta dinámica do despoboamento rural continúa a ser patente hoxe en día a pesar dos numerosos intentos de freala, e acentúase sobre todo nas zonas de montaña máis afastadas dos grandes núcleos urbanos.

Ademais das consecuencias económicas e sociais que provoca a desocupación destas áreas, tamén compre salientar a conseguinte perda de identidade cultural e patrimonial asociada. No referente á natureza, a diminución da intervención humana sobre o territorio terá como consecuencia a rexeneración dos ecosistemas destas áreas. Isto, non sendo prexudicial dende un punto de vista medioambiental, si que o é dende o punto de vista social e antropocéntrico, ao condicionar o normal desenvolvemento das vidas da sociedade do lugar.

Así, nas zonas de montaña do sur de Europa, e en concreto de España, obsérvase unha maior incidencia deste fenómeno, provocando a acelerada diminución e avellentamento da poboación, a perda de servizos públicos e investimentos, así como a limitación das opcións laborais (Galán & Comeras, 2020).

Autores como Nadal (2021), estudaron como a pandemia da Covid-19 parecía constituír un punto de inflexión no abandono do rural, no que parte da sociedade urbana volvería ter en consideración o retorno, grazas á seguridade sanitaria que ofrecía. As restricións de mobilidade do momento e as alternativas que ofrecía o teletraballo, permitiron reverter en certa medida o éxodo rural. Aínda así, isto amosouse insuficiente fronte ao declive que viñan padecendo estas áreas.

Por iso, segundo Galán & Comeras (2020), as estratexias de aposta polo turismo que se levan desenvolvendo dende hai décadas para tirar partido do valor paisaxístico, natural e cultural destas zonas, convertéronse na maior das oportunidades de progreso

en numerosas áreas do rural. Este turismo rural amosouse un dos métodos máis eficaces para revertir a dinámica negativa, mellorar a calidade de vida e potenciar o desenvolvemento económico das zonas rurais, no xeral, e das áreas naturais protexidas, en particular. Trátase de mudar, en certa medida, a relación entre a comunidade e o lugar, introducindo a variable do acollemento de persoas foráneas con inquedaanza por observar, vivir e aprender o lugar.

A Organización Mundial do Turismo (OMT), definiu esta práctica como o movemento temporal das persoas dende o seu lugar de vida ata outro destino, con motivo de ocio, recreación, observación e descanso. Se ben no inicio esta actividade se limitaba ás clases sociais adiñeiradas ou aquelas con estilo de vida máis moderno, a partir de mediados do século XX xeneralizouse no común da poboación. O chamado turismo de masas popularizouse debido ao aumento do poder adquisitivo, a necesidade de saír da rutina laboral, de expandir horizontes e de coñecer máis alá do inmediato (Suden, 2021).

Noutras palabras, a sociedade hoxe en día procura, unha volta atrás, unha volta á orixe, á simpleza e ao descanso. Sensacións que o ambiente rural permite experimentar en abundancia, ao preservar os valores, a paisaxe ancestral e un ambiente apracible; en contraposición co ritmo frenético e agresividade física e mental do día a día urbano (Domínguez & Lennartz, 2013).

Así, nos últimos tempos a apreciación e valorización do patrimonio rural por parte da poboación aumentou de maneira exponencial, xa non só polo ocio e descanso, se non polo atractivo que constitúe coñecer outras identidades e paisaxes culturais ancestrais, o denominado valor pedagóxico. Este proceso xera á par dun retorno económico que permite o sustento da poboación, un acrecento no orgullo de pertenza das propias comunidades, incidindo positivamente na salvagarda do patrimonio e na preservación paisaxística (Cortijo, 2013).

En contrapartida, este turismo representa ao mesmo tempo un perigo ao incorrer na banalización patrimonial, na destrución e na xentrificación. Por todo isto, deberase procurar unha xestión respectuosa, co obxectivo de non condicionar a forma de habitar da sociedade do lugar, non comprometer a preservación dos valores medioambientais e evitar a perda da identidade cultural e patrimonial.

Nos días de hoxe esta relación resulta controvertida, pois a súa identidade débete entre a conciencia adquirida por parte dos seus propios moradores, e outra relacionada co usufruto demandado por parte das sociedades máis urbanas. Os habitantes das

ciudades comezan a considerar tamén o rural como parte da súa identidade como conxunto da sociedade.

Neste proceso, a partir do momento que se toma partido na valorización desta identidade de cara ao turismo rural, o concepto de patrimonio rural deixa de pertencer ao campo teórico, e adquire unha función xeradora de dinámicas económicas a través da unión da cultura e a economía. Así, o turismo rural apoiárase na valorización do patrimonio, especialmente das zonas non urbanas con limitacións nos sectores económicos primario e secundario, convertendo esta actividade nun dos pilares fundamentais para o seu desenvolvemento (Ruiz, 2001).

Ese legado patrimonial, resultado da transformación do territorio ao longo do tempo, herdanza dun pasado e en permanente construción dun futuro, será agora posto en valor. Creárase así, unha imaxe patrimonial identificadora da zona, da que se tirará partido, e que será obxecto de intervencións para a integración como recurso turístico e cultural (Palenzuela et al., 2000).

Porcal (2011) analiza como organismos internacionais como a UNESCO defenden estas posturas e alaban o eco-turismo como motor de desenvolvemento rural e valorización do patrimonio. A nivel europeo, a propia Estratexia Territorial Europea de 1999 establece que o turismo sostible de ocio e recreación rural é clave para o rexurdir dos territorios rurais desfavorecidos.

Por outra banda, a Declaración de Helsinki e as Directrices Estratéxicas Comunitarias de Desenvolvemento Rural encadraron politicamente este pensamento, dando recoñecemento ao concepto de paisaxes culturais e as implicacións da valorización do mesmo no territorio. No referente á xestión adecuada e sostible desta práctica e do turismo asociado, foron establecidos parámetros e disposicións en documentos como a Carta do Turismo Sostible (Lanzarote, 1995) e o Código Ético Mundial para o Turismo (1999).

Xuridicamente, xa a nivel español promulgouse a Lei 45/2007, do 13 de decembro, para o Desenvolvemento Sostible do Medio Rural, no que se describe case o 90% do país como territorio rural, e se definen os obxectivos para o desenvolvemento a partir da valorización do patrimonio cultural e natural do mesmo.

Pero este éxito de recorrer ao turismo de valorización do patrimonio rural e da natureza para a dinamización dos territorios xustifícase por si mesmo con experiencias e datos que o reafirman.



Fig. 6 - Aldea e conxunto etnográfico abandonado en venda, na Costa da Morte, Galicia.

Pódese observar un claro exemplo en Galicia (Figura 6), onde nos últimos tempos se está a experimentar unha tendencia de compra de bens patrimoniais por parte de promotores. Estes, acaban por ser convertidos en infraestruturas vinculadas ao turismo, ou para o retiro de persoas vindas do entorno da cidade e do estranxeiro, que se asentan en lugares rurais onde reina o repouso e a tranquilidade.

Por outra banda, Núñez (2012) tamén argumenta que as cifras que se reportan ano tras ano sobre o turismo rural, validan e xustifican o apoio a esta actividade económica. No contexto mundial, segundo os rexistros do ano 2019, o turismo rexistrou 1.500 millóns de viaxeiros. Moitos deles visitan as grandes cidades, que acollen un rico patrimonio monumental e unha intensa vida social. Tamén as zonas de costa, co seu turismo de sol e praia.

Pola contra, outros perfís de visitantes optan pola tranquilidade do campo e a vida rural. Ademais, os grandes espazos naturais protexidos e algúns elementos e enclaves patrimoniais atópanse nestas áreas, o que favorece máis o interese dos visitantes.

España, tal e como amosan os datos da Organización Mundial do Turismo, atópase entre os países máis visitados do mundo e entre os que máis recadan por esta actividade económica. Estes datos confirman así, a oportunidade que este sector representa para as áreas rurais e para os espazos naturais protexidos.

O desafío estará agora en atopar o equilibrio entre os requisitos que esixe o visitante e a preservación do patrimonio, xerando un atractivo turístico de calidade e un espazo de consumo. Isto dará a oportunidade, non só, de xerar dinámicas económicas beneficiosas, se non tamén favorecer o crecemento e rexuvenecemento demográfico ao ter que importar traballadores para suplir as vacantes de emprego creadas. Así, inducirase nun ciclo repetitivo, no que se acaba diluíndo a estacionalidade ligada ao turismo, ao aparecer novos sectores e actividades derivadas desta actividade (Nadal, 2021).

Así, Benavent (2015), conclúe que a estratexia deberase basear na valorización baixo criterios de sustentabilidade e respecto por dito patrimonio, pola contorna natural, polo territorio e pola comunidade, desenvolvendo a actividade turística e polo tanto incentivando o progreso sociocultural, económico e incluso medioambiental destas áreas. Se a industrialización constitúe o motor económico das áreas urbanas, o turismo xunto coa actividade agrogandeira, que nos espazos naturais protexidos se atopa condicionada, constitúen o motor das áreas rurais.

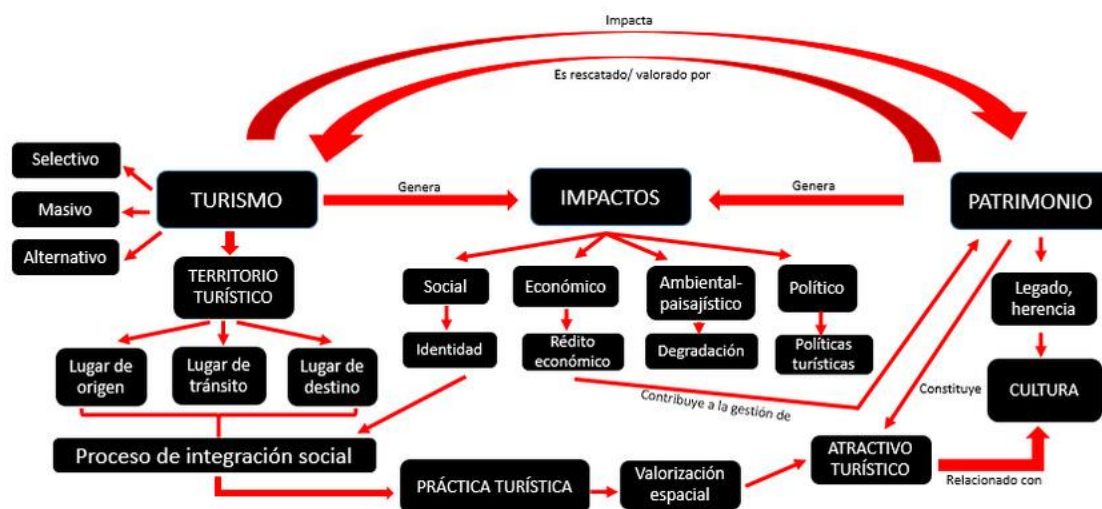


Fig. 7 - Esquema da relación entre turismo e patrimonio, e os seus impactos.

Desta maneira, Núñez (2012) tamén conclúe que con esta actividade se mellorará ao mesmo tempo a calidade de vida dos habitantes, ao permitir manter servizos públicos e infraestruturas esenciais, atraendo tamén outros novos, novas oportunidades e modos de vida. Todo isto sempre desde a perspectiva da preservación da identidade e revalorización da sociedade do lugar, fomentando a cohesión da comunidade, así como os lazos cos visitantes (Figura 7).

Outro exemplo que demostra que funciona, foi a posta en marcha de plans e programas da Unión Europea, como o LEADER (Relacións entre Actividades de Desenvolvemento da Economía Rural), onde se integrou a política no desenvolvemento do rural. Así, no referente ao turismo, xestionáronse investimentos globais e participativos que permitiron, non só a preservación do propio patrimonio, se non tamén o investimento en intervencións de valorización e en infraestruturas turísticas.

No caso das áreas rurais que conforman espazos naturais protexidos, a introdución do turismo rural ou de natureza adquire unha especificidade maior, dada a vulnerabilidade dos valores naturais e a idiosincrasia patrimonial. As limitacións ao desenvolvemento económico que impoñen, tanto as propias características dos espazos, como a lexislación que os regula, obriga a combinar a preservación cos incentivos turísticos de maneira equilibrada.

Así, esta condición desfavorable, tanto á actividade económica como ao desenvolvemento social, incide positivamente dende o momento que consolida un territorio máis atractivo dende o punto de vista patrimonial. Polo tanto, traballando o turismo dende a perspectiva da preservación e restauración medioambiental e patrimonial, de maneira integrada e sostible, conseguiranse promover iniciativas respectuosas que funcionen dentro destes espazos.

Serán os Plans de Xestión das áreas, a lexislación autonómica, estatal e internacional, en materia de conservación dos valores naturais e patrimoniais, urbanismo e turismo, quen regule esta última actividade.

A Carta Europea do Turismo en Espazos Protexidos é exemplo disto, sendo a que establece os principios para o xestión do aumento do turismo nestas áreas, marcando directrices para o desenvolvemento dos espazos protexidos de xeito adecuado e responsable. Só desta maneira se poderá resolver a integración entre o visitante e a natureza, establecendo o límite onde pode chegar o disfrute e ocio das persoas, sen producir un grande impacto e deterioro nos ecosistemas e na paisaxe (Escuela de Organización Industrial, 2003).

En palabras de Troitiño & Troitiño (2018), o réditto turístico do territorio tentará integrar e articular os recursos dende a perspectiva da ordenación territorial e a xestión sustentable e sostible. Só desta maneira se poderá configurar un espazo de calidade, onde se preserve a diversidade e o simbolismo patrimonial, material e inmaterial; pero aberto ao progreso económico e a cohesión social do territorio e a súa comunidade.

2.4. Intervención arquitectónica para a posta en valor do patrimonio

Analizado o patrimonio rural en toda a súa extensión, os espazos naturais protexidos ca súa a peculiaridade patrimonial, e a oportunidade que representa o turismo como elemento dinamizador no rural, só falta entender a relación entre estas tres variables. Isto é o que será denominado como estratexia de intervención para a posta en valor destes elementos.

Centrando a investigación na vertente do patrimonio cultural, material e natural, este constitúe un produto de calidade que deberá ser obxecto de intervencións arquitectónicas acordes, en virtude de que se incida positivamente na súa potenciación cultural e turística, sen comprometer a súa preservación de cara ao futuro (Ministerio de Medio Ambiente, 2003).

Así, ante este novo panorama rural, de desprazamento dos antigos hábitos e introdución do turismo como elemento dinamizador do novo sistema socioeconómico, o ICOMOS (2017) afirma que se deberá prestar atención a diferentes variables á hora de intervir.

A vulnerabilidade fronte á intervención, a presión turística e as novas ameazas climáticas, provocarán alteracións na paisaxe coñecida ata agora, e condicionarán tamén a maneira de actuar sobre ela. Ante a necesidade de construción de novas infraestruturas turísticas, de execución de obras de posta en valor de bens patrimoniais ou de recuperación ambiental, faise necesario deseñar un proxecto ben articulado e fundamentado.

Este deberá dar cabida á introdución dos novos usos que revitalizen ese patrimonio, ao mesmo tempo que se preservan os existentes, cuxa desligación levaría á desaparición da esencia dese territorio tal e como se coñece hoxe en día.

En todo caso, optarase por desenvolver estratexias de conservación dos espazos patrimoniais construídos e a paisaxe tradicional, cuxa existencia conforma a principal razón de ser desta valorización. Garantirase tamén en todo momento a mínima afección na biodiversidade e os valores naturais, sobre todo nos proxectos a desenvolver nas áreas naturais protexidas. Polo tanto os impactos, directos e indirectos, destas intervencións, deberán ser xustificados e en certa maneira, reversibles.

No caso da aldea de Couso-Galán, en Ourense (Figura 8), o investimento dun particular permitiu a rehabilitación da aldea e a súa contorna para convertela nun complexo

turístico e hoteleiro. A intervención devolveu á vida todas as edificacións construídas, o patrimonio etnográfico e a contorna natural dunha aldea que fora abandonada no século pasado.

A recuperación deste enclave fíxose en detrimento de perder parte da cultura asociada, así como da materialidade e esencia construtiva tradicional. Non sendo unha solución óptima a exportar, se non se chegase a actuar, a día de hoxe a aldea probablemente tería desaparecido.



Fig. 8 - Aldea de Couso-Galán, Ourense, rehabilitada como complexo hoteleiro.

En calquera caso Galán & Comeras (2020), neste debate entre a preservación e a introdución das novas prácticas sociais, afirman que a intervención sobre o patrimonio derivará sempre nunha modificación dos vínculos do mesmo coa contorna, que se adaptará en forma e tipoloxía e que cambiará a mobilidade e a accesibilidade existente.

Centrando a investigación na materialización dos proxectos de posta en valor do patrimonio, cómpre comezar por inventariar e catalogar os bens e os seus valores, para así poder programar a actuación sobre os mesmos. Esta requirirá ademais de ser fundamentada técnica, histórica e cientificamente.

Por exemplo, é fundamental analizar a evolución do territorio, da paisaxe e das prácticas asociadas que o construíron, e para iso resulta de axuda a documentación histórica, a comparación cartográfica, de planos da estrutural catastral, fotos aéreas, imaxes e iconografías.

Así, as intervencións deberán estar desenvolvidas e executadas por profesionais formados, conformando un grupo de expertos que inclúa arqueólogos, economistas, persoas vinculadas ao turismo, arquitectos, urbanistas paisaxísticas e biólogos (Palenzuela et al., 2000).

Pero ademais para a materialización do proxecto, será preciso atopar a finalidade de dita actuación. Galán & Comeras (2020) explican que se debe dar co valor engadido que incentive unha intervención de valorización do mesmo. Isto é, ademais do valor intrínseco que ten un ben, como representación cultural da historia da sociedade do lugar, deberase procurar unha plusvalía. Esta poderá asociarse, por exemplo, ao valor turístico/ económico ou o valor científico/ educativo, para convertelo nun elemento dinamizador do desenvolvemento da zona.

Desafortunadamente, a carencia de interese ou valor engadido dos bens patrimoniais é a principal causa do seu abandono, acabando relegado á súa substitución ou desaparición pola perda da funcionalidade orixinal.

Este novo programa ou valor adquirido, poderá derivar nunha intervención, tanto directa sobre o ben, como indirecta sobre a contorna, ou nunha estratexia mixta que combine ambas intervencións.

Así, no caso do patrimonio rural das áreas protexidas, ambas variables son transcendentais. Será entón prioritario, dar importancia á intervención sobre os propios bens e a contorna onde se adhíren, pero tamén definir unha estratexia global do conxunto patrimonial do territorio. Isto non só polo beneficio para o turismo e a economía que supón a valorización íntegra dun espazo tan diverso, se non porque é garante da súa preservación cultural, natural e do seu significado social (Ministerio de Medio Ambiente, 2003).

Unha vez realizados estes pasos previos, cómpre involucrar ao maior número de entidades, institucións públicas, promotores privados, que permitan financiar e executar o proxecto desenvolvido. A proposta ademais deberase encadrarse conforme á legalidade da normativa vixente nos marcos xurídicos de cada territorio.

Cabe mencionar que neste ámbito obsérvase un baleiro legal no caso concreto da regulación da práctica da mellora e posta en valor do patrimonio de cara o turismo (ICOMOS, 2017). Por exemplo, a nivel internacional Ruiz (2001) analiza como a lexislación apenas se centrou na vertente da catalogación e preservación da biodiversidade e o patrimonio.

Isto obriga a recorrer á análise das distintas lexislacións relacionadas coa política agraria, de regulación do turismo, de promoción cultural, medioambiental, arquitectónica e urbanística, para poder abstraer unhas directrices estratéxicas para actuar sobre o patrimonio rural. Faise preciso entón unha renovación normativa que se focalice nesa temática concreta, e que non se limite á salvagarda se non tamén a orientar a labor arquitectónica e urbanística de valorización.

No ano 2003, o Consello de Europa celebrou a Conferencia Europea de ministros responsables da Ordenación do Territorio, na que se creou a Guía Europea de Observación do Patrimonio Rural (CEMAT), onde tamén se regulou a relación entre a posta en valor do patrimonio e o desenvolvemento das áreas rurais, a xestión do mesmo e a súa ordenación dentro do territorio. Desta maneira valórase a multifuncionalidade das áreas rurais e enfócase a maneira de potenciar o seu patrimonio e os valores naturais a través da recreación e o turismo, garantindo a preservación (Porcal, 2011).

No caso español, incluíronse na Lei 45/2007 sobre o Desenvolvemento Sostible do Medio Rural numerosas medidas encamiñadas a establecer unhas directrices que garantisen a preservación e a adecuada intervención no patrimonio rural. Nela, regúlanse dende a recuperación do patrimonio cultural e natural a través de iniciativas de recursos público-privados; os estándares no mantemento do medio ambiente, a paisaxe, o patrimonio; e a xestión e ordenación dos usos do solo e actividades a desenvolver. Tamén se regulan a capacidade e dimensión museística e cultural das zonas, así como a promoción cultural e turística.

Por outra banda, a lei tamén fai referencia á materia urbanística, estreitamente relacionada coa intervención de posta en valor do patrimonio. Neste eido, propónse a rehabilitación do patrimonio edificado existente, a súa reutilización para novos usos, os modos de financiación, pero sobre todo, a intervención garantindo a preservación das tipoloxías, técnicas e materiais tradicionais.

Se ben todo o anterior fai referencia á intervención de posta en valor do patrimonio dunha maneira global, agora o estudo focalizarase na actuación arquitectónica directa

sobre os bens. Así, para a intervención sobre un ben patrimonial, será preciso a realización dun proxecto, así como a súa validación polas administracións competentes, sempre procurando o encaixe na lexislación, a coherencia técnica e formal, e a adecuación contextual e ambiental en referencia á contorna onde se insire (Ruiz, 2001).

Enfocando o estudo sobre a coherencia técnica e formal do proxecto de arquitectura e urbanismo, este debe ser coidadosamente ideado xuntando a rigorosidade científica coa sensibilidade cara o local. En primeiro lugar, débense analizar os valores presentes nos bens patrimoniais e os recursos que foron inventariados previamente e que se considere que poidan ter unha potencialidade.

No relativo ao propio elemento e á relación coa contorna, estes elementos adoitan destacar pola súa singularidade e autenticidade, a integridade, a representatividade e o atractivo. Por outra banda, deberán tamén terse en conta outros valores relacionados coa capacidade de valorización do mesmo, como a preservación no tempo, a fragilidade, o encadramento espacial, a viabilidade da iniciativa e a accesibilidade, procurando adecuarse ao contexto e á realidade.

Así, economicamente, o proxecto deberá tamén ser viable e poderá ter rendemento. Por iso é importante avaliar os custos de construción, a adquisición do terreos ou dos bens, a restauración da envolvente, a xestión no tempo, se houber fins empresariais ou produtivos, etc.

Para todo isto, deberase asegurar capacidade financeira e a participación das administracións públicas e do sector privado, considerando estas intervencións unha inversión de éxito e non deficitaria, e colaborando entre todos os axentes implicados.

Socialmente, é preciso integrar tamén á comunidade e beneficiar o seu día a día. Por iso, será primordial que as propostas inclúan os dereitos históricos dos habitantes, os usos tradicionais, as prácticas simbólicas vinculadas aos espazos nos que se interveña, e a protección en caso de que existan recursos de interese xeral para a poboación no emprazamento. Ademais destas consideracións, as compoñentes educativa, científica e pedagóxica, tamén deberán ser tidas en conta.

A nivel da materialización do proxecto, determinarase o grao e tipo de intervención que admite e que virá condicionado, en parte, polo estado de conservación e a transformación que sufrise o lugar ao longo do tempo. Por outra banda a fragilidade, tanto na dinámica de uso activo que admite sen causar a súa degradación, debendo estudar a frecuencia e estacionalidade; pero tamén na intervención sobre o ben e a súa

contorna de inserción, que requirirán dun tratamento de calidade estética, patrimonial e paisaxística. Así, o proxecto conformará unha estratexia completa e global, de maneira que a intervención se adecúe á paisaxe natural, cultural e social. Por exemplo, será primordial preservar a identidade paisaxística como os antigos camiños, tipoloxías de edificacións e técnicas tradicionais, xacementos arqueolóxicos, a estrutura dos cultivos e peches, os espazos das cuncas fluviais, a paisaxe de montaña.

En resumo, darase prioridade á adaptación do proxecto á estrutura territorial, orografía e tipoloxía arquitectónica existente. Tamén controlarase o desenvolvemento urbanístico e a acción inmobiliaria asociada, pero sobre todo o coidado da contorna ambiental e os valores naturais. A ecoloxía, porén, será unha das variables mais importantes a ter en conta, sobre todo cando se trata dun territorio enclavado nun espazo natural protexido (Viñals et al., 2011).

En canto ao detalle espacial, formal e conceptual, os proxectos idearanse tamén dende a perspectiva da abstracción da rutina física e mental, baseada na capacidade recreativa e na simbiose cos valores presentes. Isto é, deseñar unha estratexia na que o individuo disfrute ao cubrir, polo menos, as súas necesidades recreativas básicas, ou indo máis alá na sofisticación.

En todo caso, deberase encontrar o equilibrio entre o usufruto do ben, a protección da contorna, cubrir as necesidades territoriais e permitir as prácticas tradicionais da comunidade.

Así, cando se xustifique unha apropiación activa do patrimonio, o proxecto permitirá a interacción total do individuo, propiciando a súa simbiose coa realidade cultural e natural que representa. Neste caso, habilitar accesos e zonas de estancia dentro do programa da intervención será o primordial.

Pola contra, cando se trate de patrimonio de extrema fragilidade, este suscitará unha apropiación pasiva ou de contemplación, evitando a masificación e a permanencia prolongada do usuario no local.

Este é o caso das áreas de interese medioambiental ou paisaxístico, onde se deberán delimitar e regular o uso público, creando percorridos específicos e zonas de contemplación externas, de maneira a protexer e canalizar os fluxos.

Nestas actuacións, as directrices deben enfocarse na preservación e sustentabilidade, condicionando o desenvolvemento urbanístico, social e económico asociado, e

compaxinando o uso público e creativo cos usos tradicionais que dan forma e vida a ese territorio (Escuela de Organización Industrial, 2003).

Por todo o anteriormente analizado, a formulación do proxecto poderá derivar en distintas vías. En primeiro lugar, a posta en valor do ben ou conxunto patrimonial pode ir encamiñada de cara á intervención museística, que implica a preservación e recuperación do enclave a partir da apropiación contemplativa, de modo que a súa visita permita comprender a historia a partir dunha mostra real do pasado. Desta maneira poderanse realizar tamén estudos para o coñecemento, tanto do propio patrimonio como da historia asociada (Núñez, 2012).



Fig 9 - Intervención de posta en valor nun parque natural en Chile.

Por exemplo, no caso dos espazos naturais sensibles, as actuacións de posta en valor poderíanse enmarcar na “musealización” e preservación dos valores naturais e paisaxísticos da área, no sentido de que se limita á mellorar a accesibilidade, reducindo ao mínimo o impacto e empregando unha solución técnica e material respectuosa (Figura 9).

Tamén relacionada coa anterior, Núñez (2012) fala sobre a intervención de recuperación ou restauración íntegra, na que a actuación se limita a preservación do elemento coa

súa funcionalidade orixinal, volvendo poñer nun estado de conservación óptimo o ben ou conxunto patrimonial. Este tipo de actuación é a que conserva de maneira máis fiel a representatividade da identidade do lugar pero xa incorpora unha apropiación de uso.

Por outra banda, a estratexia de rehabilitación ou reutilización, desvincula o elemento patrimonial do seu uso orixinal, converténdoo nun recurso de atracción en si mesmo. Esta poderá relacionarse, por exemplo, con infraestruturas de apoio a outro elemento patrimonial de maior entidade, ou con calquera uso non relacionado co ámbito do turismo.

Polo tanto, pódese observar como a mellor maneira de xestionar a posta en valor dun territorio é combinando todo tipo de intervencións, dende aquelas que preservan o carácter patrimonial da tradición e que constitúen unha mostra visible do pasado; e aquelas que aproveitan o patrimonio para dar apoio ao desenvolvemento turístico e cultural asociado á posta en valor.

Desta maneira, non só se mellorará a calidade patrimonial, paisaxística, arquitectónica e medioambiental da zona, se non tamén a calidade de vida dos moradores, dun xeito sustentable, sostible e respectuoso ca memoria do lugar.

Para finalizar e resumo, como afirma Nadal (2021), o éxito na valorización dun territorio patrimonial rural e natural reside na diversificación da estratexia e no desenvolvemento de propostas singulares e ben executadas.

2.5. Normativa asociada á intervención

Na actualidade, institucións e sociedade son conscientes da necesidade de recuperar e preservar a identidade paisaxística, patrimonial e natural dos territorios. Co obxectivo de garantir uns estándares mínimos neste campo, dende as administracións despregáronse unha serie de instrumentos, manuais, leis e normas.

Entre estes documentos destacan as Cartas referentes ao patrimonio rural, ás áreas naturais protexidas e á súa valorización, da UNESCO; ou as leis e normativas europeas e españolas, que sentan cátedra no asunto, dunha maneira global e homoxénea, e que xa foron analizadas en apartados anteriores.

Poñendo o foco nos documentos que teñen a ver coa aplicación práctica desta materia en Galicia, rexión para á que serve a presente investigación e o proxecto asociado, procederase á análise dos mesmos.

Plan Xeral de Ordenación Municipal

O Plan Xeral de Ordenación Municipal (PXOM) ordena e encadra o territorio, regulando prácticas urbanísticas e intervencións arquitectónicas. Este documento enmárcase nas disposicións da Lei do Solo de Galicia 1/1997, do 24 de marzo, e pertence á escala dos concellos, variando duns a outros (Concello de Lobios, 2001).

No relativo á estrutura temática destes documentos, en primeiro lugar realiza un estudo e análise da realidade do territorio. Posteriormente delimita os ámbitos de aplicación e define o réxime de ocupación do solo. A seguir establece a normativa urbanística, así como a súa vixencia, execución, obrigatoriedade de aplicación e posibles modificacións. En dito apartado fala tamén sobre os dereitos e deberes dos propietarios, así como da concesión de licencias aos mesmos

Por outra banda, ademais da redacción da normativa, estes plans tamén dispoñen de planos que representan o territorio municipal así como dos núcleos de poboación, nunha escala máis detallada. Para finalizar, o Plan recolle tamén un inventario dos elementos patrimoniais catalogados ou que gozan dalgunha figura de protección. A consulta destes documentos será esencial para a proposta dun proxecto de valorización dos mesmos. Máis adiante será estudado o caso do Plan Xeral de Ordenación Municipal do concello de Lobios, podendo observar de maneira máis clara o aquí referido.

Figuras de protección dos Espazos Naturais Protexidos

A Unión Europea e os distintos estados membros tamén despregaron normativa no relativo á preservación dos valores naturais dos enclaves de importancia medioambiental. A aplicación práctica da mesma, mediante a designación de Espazos e Áreas Naturais Protexidas trouxo consigo a elaboración de Plans de Ordenación (Decreto 24/2022).

Estes instrumentos, de maneira a garantir a preservación da diversidade e a integridade do patrimonio destes territorios, recoñecen, inventarían, legislan e planifican o aproveitamento do mesmo. Noutras palabras, diagnostican, organizan e sentan os regulamentos para o desenvolvemento do territorio e da súa comunidade, en base a garantir a conservación do mesmo, sobre todo no relativo á masificación e deturpación que provocan as novas actividades económicas e o turismo.

A nivel internacional destaca o recoñecemento destes territorios como Reserva da Biosfera por parte da UNESCO, clasificación para a que se dispoñen unha serie de normativas e instrumentos de ordenación propios. Xa a nivel nacional e autonómico, elabóranse os Plans Reitores de Uso e Xestión (PRUX) dos Parques Naturais, Nacionais e outras figuras de protección. Toda esta documentación fai referencia á protección e conservación do patrimonio, a natureza e a paisaxe, facendo unha diagnose das características do medio físico do territorio protexido e establecendo zonificacións e regulacións dos usos.

Dirección Xeral do Patrimonio Cultural

No referente á catalogación e regulación do patrimonio cultural existe tamén normativa específica. É a Dirección Xeral do Patrimonio Cultural, dependente da Consellería de Cultura e Turismo da Xunta de Galicia, a encargada de inventariar os bens, xestionar e regular as intervencións de posta en valor sobre os mesmo. Así, establece os procedementos e o réxime xurídico ao que se somete este patrimonio (Lei 5/2016).

A Lei 5/2016 do 4 de maio, do Patrimonio Cultural de Galicia, aprobada polo Parlamento de Galicia, constituíu a ferramenta na que se apoiou a lexislación subxacente neste campo. A partir deste documento, definíronse os bens mobles, inmobles e as manifestacións inmateriais que, polo seu valor histórico, arqueolóxico, paleontolóxico, arquitectónico, etnolóxico, científico, técnico, documental, bibliográfico, antropológico ou industrial, merecían ser recoñecidos, protexidos e preservados como elementos identificadores de Galicia e como instrumentos de cohesión da sociedade.

Ademais na presente lei o patrimonio pasa a ser considerado como parte dun conxunto que caracteriza e outorga identidade ao territorio. Por iso, desprega zonas de protección e zonas de amortecemento arredor dos bens, para garantir a integridade dos conxuntos. A todos os elementos, patrimoniais ou non, incluídos nestas zonas, asígnalles tamén unha serie de dereitos e deberes, en materia de preservación, actuación urbanística, e promoción turística e cultural, regulando as intervencións autorizables.

Por último, tamén é competencia da Dirección Xeral do Patrimonio Cultural a inspección dos bens e a penalización de infraccións cometidas sobre o patrimonio. Exemplo diso é que calquera tipo de intervención arquitectónica que se realice no interior do perímetro da contorna de protección dun ben, deberá contar con expresa autorización deste organismo. Este revisará tanto o proxecto como o resultado final da obra.

A maiores, destaca o establecemento de normativa específica no relativo ao patrimonio inmaterial e sobre os Camiños de Santiago, ao mesmo tempo que se regula a xestión das redes de museos e o fomento, conservación e difusión cultural do patrimonio.

Estratexia da Paisaxe de Galicia

A paisaxe, merecedora de recoñecemento xurídico e ordenación como ben público do territorio e da sociedade, requiriu da creación de marcos lexislativos que permitiran preservar a súa estética, identidade, valor patrimonial e natural, ao mesmo tempo que se fomenta a produtividade e a calidade de vida (Lei 7/2008).

Co obxectivo de sensibilizar á sociedade galega sobre as boas prácticas en materia urbanística e paisaxística, naceu a Lei 7/2008, do 7 de xullo, de Protección da Paisaxe de Galicia. Esta normativa estableceu o réxime xurídico global para as lexislacións parciais, os Plans de Ordenación dos concellos e os programas de intervención na paisaxe.

Neste senso, estableceuse un protocolo de intervención partindo dun Catálogo de Paisaxes onde se delimitou o territorio galego en grandes áreas paisaxísticas conforme as características propias e únicas. A partir de aí, creáronse unha serie de Guías para regular, de maneira diferenciada, as intervencións que inciden nunha modificación paisaxística en cada área, integrando ao mesmo tempo as restantes normativas en materia ambiental, patrimonial, dos sectores económicos, do turismo ou de ordenación urbanística.

No que atinxe ao presente traballo, resulta interesante analizar estas Guías para elaborar un proxecto de intervención máis rigoroso. En total a Estratexia da Paisaxe componse de 12 documentos, dos que algúns se descartan por carecer de interese para o caso do val do río Caldo, ou por analizar cuestións concretas de zonas urbanas ou relativas ao litoral.

Guía de Estudos de Impacto e Integración Paisaxística:

Á hora de intervir existen numerosas afeccións sobre o medio. As máis inmediatas son as sensoriais, impactos vinculados coa alteración visual, sonora e olfactiva da estética do lugar. Segundo o programa e función do proxecto, tamén se provocará un impacto na sociedade e a economía do lugar. Por último, indirectamente, a intervención tamén incide no legado histórico e patrimonial, así como sobre os valores naturais, culturais e científicos. Así, este documento orienta no posible impacto paisaxístico das intervencións sobre o medio, de maneira a dar unha resposta de proxecto integrada no contexto do lugar e segundo os criterios normativos.

A guía propón que a integración paisaxística sexa constante dende o inicio dos proxectos, evitando a aplicación de medidas de corrección póstumas e facendo máis sinxelo para a administración percibir a idoneidade de ditas actuacións. Para iso, define unhas medidas xenéricas a fin de evitar e corrixir estes impactos, avaliando primeiramente os posibles efectos producidos na fisionomía, dinámica social e nos valores patrimoniais, culturais, sociais e naturais, da paisaxe do lugar.

Ademais, en materia de proxecto, asenta a integración paisaxística nos pilares da proporcionalidade, da escala e dun programa acorde ao contexto. Na práctica, ten que ver coa escolla de localizacións adecuadas que, segundo a clasificación do solo ou as características do ecosistema, admitan o desenvolvemento da actividade proposta. Tamén se dará prioridade á integración no proxecto de elementos estruturais, materiais e volumetrías características da estética e a identidade do lugar. Desta maneira, establecerase unha continuidade funcional, estética e ambiental coa contorna.

Para cando a morfoloxía, escala, materialidade ou implantación no terreo fallan no proxecto, a guía establece tamén medidas correctoras que permiten mellorar a percepción e adaptar a actuación xa concluída, como poden ser as barreiras visuais ou a modificación da morfoloxía da contorna.



Fig. 10 – Proposta de mellora da accesibilidade en espazos de fragilidade ambiental e paisaxística

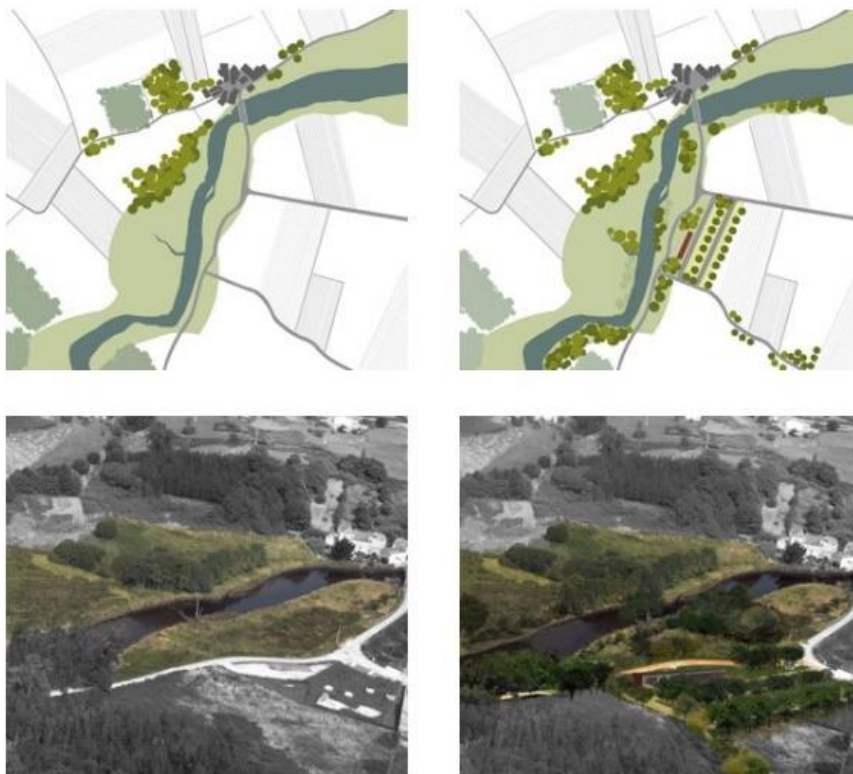


Fig. 11 – Exemplo de recuperación ambiental e integración paisaxística de proxectos

Guía de Boas Prácticas para a Intervención nos Núcleos Rurais:

Coas transformacións sociais experimentadas dende os anos 50 do século pasado, o rural sumiuse nun panorama de abandono, degradación paisaxística, arquitectónica e patrimonial que afectou á percepción e á calidade de vida. A intervención arquitectónica viuse dende entón máis asente no criterio propio que no profesional, enchendo o territorio de volumetrías, proporcións, escalas, acabados e materiais totalmente fóra de contexto. Por isto, fíxose preciso establecer unhas liñas orientadoras que combinasen medidas para garantir o confort, accesibilidade e a funcionalidade da construción, ao tempo que se preservan a harmonía, identidade, a estética e os valores do lugar.

Para tal fin deseñouse a presente guía, un documento de referencia nas novas actuacións e rehabilitación dos edificios e espazos públicos existentes. Só así se conseguirá acadar unha paisaxe rural homoxénea e integrada no particular, pero variada no conxunto de Galicia, ao preservar as distintas paisaxes e arquitecturas tradicionais existentes no territorio. Para isto analizáronse as distintas áreas paisaxísticas, establecendo unha valoración particular do tradicional, dende materialidade e as volumetrías das edificacións, as características territoriais e trazado dos núcleos (lineal, en cruzamento, compacto, disperso), etc.

Deste estudo abstraéronse disposicións que inciden en que as intervencións de carácter deturpador deben ser consolidadas e integradas para devolver a identidade. Unha identidade determinada pola orografía, as tipoloxías, a escala, orientación e proporción das volumetrías, as aliñacións e o parcelario, a disposición dos núcleos, o coidado do patrimonio e actuación sobre o espazo público. Así, a guía regula tamén a urbanización destes espazos, os materiais, iluminación, ordenación viaria e de estacionamento, e sobre todo, a adecuada introdución da vexetación nos proxectos.

Por outra banda, o documento tamén trata a mellora da accesibilidade e a estética dos lugares tradicionais singulares, que recibirán unha delimitación e tratamento especial, integrándoa nun conxunto onde se respecte o valor arqueolóxico, histórico, etnográfico, arquitectónico, paisaxístico e natural. Só así se conseguirá crear un ámbito rural de interese, con calidade de vida e calidade paisaxística, e que ao mesmo tempo consiga absorber e adaptar os novos procesos sociais ás contornas rurais.

Ademais das disposicións de tipo arquitectónico, urbanístico e patrimonial, a guía incide nun maior traballo de campo e emprego de bases cartográficas de calidade, así como a

mellorar e axilización dos trámites administrativos, sendo estas outras das grandes causas da desorde e deturpación da paisaxe galega.

No caso concreto do val do río Caldo, este aparece enmarcado na área das chairas e serras do sur de Ourense. Neste recanto, debido ao clima e aos condicionantes da orografía, os núcleos rurais caracterízanse por conformar aldeas de tamaño medio, de matriz compacta e densa, e separadas a certa distancia unhas das outras. Como características tipolóxicas destacan as coberturas de tella a dúas augas, e a arquitectura de granito con varandas de madeira que dan para a rúa ou para un patio nas casas de maior tamaño. É de salientar as concentracións de canastros arredor das eiras comunais, que rompen coa matriz concentrada dos núcleos.

A principal deturpación á que se someteron, ademais da introdución de materiais modernos e a perda de características tipolóxicas tradicionais, foi a dispersión das novas construcións seguindo os antigos camiños e o parcelario das terras de labrado que rodean as aldeas, borrando o carácter integrado dos núcleos.

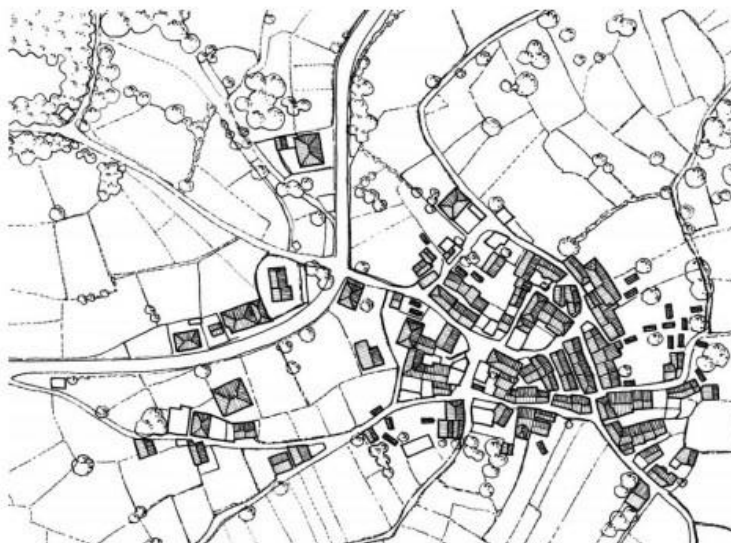


Fig. 12 – Aldea de Venceás (Entrimo), tipoloxía típica dos núcleos da comarca da Baixa Limia.

Guía de Caracterización e Integración Paisaxística de Valados:

Os valados e peches das parcelas son elementos que polas súas características físicas e funcionalidade, causan un impacto na paisaxe. De modo a garantir a adecuada integración e implantación dos novos valados, así como a mellora dos existentes, elaborouse a presente guía, que funciona como complemento da anterior.

Trala análise dos peches e valados característicos de cada área paisaxística, abstraéronse directrices para corrixir e integrar os valados novos e existentes. En primeiro lugar, determinouse fundamental manter a estrutura agraria da paisaxe, adaptando as actuacións á normativa vixente e á materialidade e estética tradicional.

Así, dependendo da zona paisaxística, optárase por peches con especies vexetais, valados de pedra seca, muros en socalcos, paisaxe aberta ou algunha solución mixta. Desta maneira preténdese evitar a degradación visual e ambiental dos valados de postes e arames, muros de bloques de formigón, mallas ou paredes de pedra con arrexuntado de cemento, incluíndo os novos materiais e tecnoloxías dunha maneira integrada na paisaxe e na identidade cultural do lugar.

No caso da Baixa Limia e do val do Río Caldo, debido á accidentada orografía a estrutura parcelaria, concentran diversas solucións de peches e valados. As zonas baixas do caracterízanse por unha estrutura de campos abertos con valados de sebes naturais e arboredo, con pequenos desniveis salvados mediante socalcos construídos en pedra seca. Conforme se ascende ladeira arriba, os socalcos gañan ritmo e entidade, e os muros de pedra aparecen tamén para no peche de propiedades illadas ou nas parcelas do interior dos núcleos. Xa nas zonas altas, xeralmente a paisaxe é totalmente aberta.

Nas décadas máis recentes, a irrupción do bloque e os postes de formigón con malla, os peches de perpiaño, ou os acabados en cemento e pintura, ampliaron a variedade de valados existentes. Así, tendo en conta o delicado valor patrimonial e natural deste espazo, que se enmarca nunha área protexida, amósase prioritaria a intervención baseada no respecto polos ecosistemas e pola tradición arquitectónica.



Fig. 13 – Valados vexetais predominantes no sur de Ourense.



Fig. 14 – *Peches de pedra tradicionais do sur de Ourense.*

Guía de Cor e Materiais de Galicia:

Os acabamentos exteriores das construcións, dende pinturas a revestimentos, son, polo seu impacto visual, unha das claves para unha harmónica integración das mesmas na identidade dos núcleos e na paisaxe. A presente guía centra os esforzos na adecuación das características destes materiais, das tonalidades e cores, ás distintas áreas paisaxísticas.

No documento, a partir da análise das distintas tipoloxías da arquitectura tradicional, deseñouse un conxunto de esquemas de composición, nos que se establecen uns determinados materiais e cores, para fondos, elementos ornamentais, carpinterías e cerrallarías das edificacións.

Como outras áreas paisaxísticas, a comarca da Baixa Limia foi caracterizada neste estudo. Destacou o caso da aldea de Vilameá, que foi un dos doce casos de referencia analizados. No ámbito comarcal aprecíase o maior uso de cores, con fachadas en tons alaranxados, azuis ou verdes; e o encintado de paredes pétreas, remarcado en branco.

Pola contra, en Río Caldo preservouse unha arquitectura popular de fábrica de pedra de granito á vista ou encalada en tons brancos. Destacan tamén os remates das cornixas dos tellados e as carpinterías en madeira, pintada en ton verde ou sen cor. Tamén destacan as cerrallarías de metal, pintadas en esmalte verdoso ou negro. No referente ás coberturas, a tella cerámica curva é o material tradicional por excelencia, habendo numerosas mostras tamén de tella marsellesa.

Como principal deturpación, as novas canalizacións de pluviais en PVC e a perda das varandas de madeira que se dispuñan nalgunhas das fachadas das vivendas. Así, a partir desta caracterización, dispuxéronse as recomendacións de cor para esta contorna.

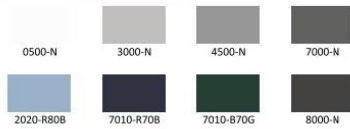
CARTAS DE COMBINACIÓNS DE CORES/MATERIAIS
EDIFICACIÓN CONSTRÚIDA ATA 1960

U06

Fondos e elementos compositivos



Cerrallarias



Carpintarías



INSTRUCCIÓN DE USO U06

1. Fondos e elementos compositivos de fachada

En edificacións cunha altura superior a planta baixa máis un piso, recoméndase utilizar as cores máis claras. As cores da primeira e segunda fila, de brancos e grises claros, de morteiros tradicionais, poden ser empregadas nos paneis, en intervencións de contraste coa fábrica de pedra. Todas estas cores previstas para fondos e elementos compositivos de fachada combínanse entre si, polo tanto poderá elixirse para cada cor de fondo, calquera outra cor ou cores para utilizar nos elementos compositivos de fachada, tales como zócalo, recanada comiña, espigal ou imposta. Utilízanse primario os tons máis claros e nas superficies compositivas maiores (fondo xeral) deixando paulatinamente en degradado cara ó final os tons máis escuros e nas superficies compositivas de menor dimensión (elementos compositivos particulares), respectando a posible unidade e combinación co entorno inmediato tradicional. As cores das filas terceira á sétima, corresponden á cor do material pétreo tradicional de natureza granítica de cada zona, poden ser utilizadas en pequenas intervencións miméticas coa fábrica de pedra. As cores das filas sétima e oitava, corresponden á cor do material de terras e encoitado tradicional de cada zona, poden ser empregadas en pequenas intervencións en paneis e xuntas da fábrica de pedra.

2. Carpintarías (fiestras, portas)

En edificacións cunha altura superior a planta baixa máis un piso, recoméndase utilizar as cores máis claras. Todas as cores previstas para as carpintarías combínanse con calquera das cores propostas para fondos e elementos compositivos de fachada, polo tanto poderá elixirse calquera cor da carta correspondente respectando a proximidade en ton coa cerrallaría ou coa brancos, grises ou negros en xeral, e a combinación co entorno inmediato tradicional. No caso de carpintarías brancas nas plantas altas, permítese utilizar calquera das outras cores na planta baixa. Se existe varanda de corredor de madeira, pintárase da mesma cor das carpintarías e, dependendo da tradición da zona, pode estar combinada coa cerrallaría e as súas cores. Os tons ocre, auga menfina ou verde clara combínanse coa brancos ou co fondo natural da propia fábrica de pedra.

3. Cerrallarias (defensas, reixas, balcóns)

Todas as cores previstas para as cerrallarias combínanse con calquera das cores propostas para fondos e elementos compositivos de fachada, polo tanto poderá elixirse calquera cor da carta correspondente, respectando a proximidade en ton coa carpintaría ou coa brancos, grises ou negros en xeral, e a combinación co entorno inmediato tradicional. Se existe varanda de corredor metálica, pintárase da mesma cor das cerrallarias e, dependendo da tradición da zona, pode estar combinada coa carpintaría e as súas cores.



Fig. 15 – Carta das combinacións de cores recomendadas para as edificacións do sur de Ourense.

Guía de Boas Prácticas en Intervencións en Espazos Públicos:

O espazo público é o nexa que une o edificado e onde se desenvolve o conxunto das actividades cotiás da sociedade. Por todo isto, a presente guía pretende ofrecer un manual de criterios básicos para a intervención nestes espazos, tanto na escolla do escenario social que se pretende crear, na materialidade, na introdución da vexetación, etc. Trátase, en definitiva, de disposicións que guíen as novas intervencións e a reforma do espazo público xa existente, de maneira adecuada, coherente, respectuosa e eficiente en función de cada área paisaxística.

As directrices da guía orientan na adaptación e conservación da contorna, na viabilidade técnica da solución, na integración paisaxística, no emprego de materiais sensibles e locais, na sustentabilidade e eficiencia enerxética, na accesibilidade e na prioridade da actividade social fronte o vehículo.

A guía contempla rúas, estradas e estacionamentos; camiños, paseos e sendas; as prazas, xardíns e parques; campos da feira, envolventes de elementos patrimoniais, praias, polígonos industriais ou miradoiros, como espazos públicos. Para estas áreas ditamina diferenciar o carácter da intervención, segundo sexa unha área natural, rural ou urbana, e tamén segundo a tipoloxía que queira adquirir ou conservar, podendo ser lineal e non lineal

Formalmente, deberanse propor usos que se axusten ao contexto, garantindo a accesibilidade, seguridade e conforto do espazo, e tendo en conta a protección contra os fenómenos meteorolóxicos. Tamén será importante a integración da natureza e as cuestións de sustentabilidade, así como a adaptación á paisaxe física no referente á volumetría, proporción, cores, texturas e materiais empregados.

A guía establece así criterios sobre os tipos de pavimentos, podendo ser de pedra, formigón, madeira, terra ou asfalto; e sobre elementos como muros e peches, escadas, pasarelas, balaustradas, pérgolas, etc. O mobiliario urbano tamén se atopa suxeito a estas recomendacións, dende os bancos e mesas, contedores do lixo, fontes, equipos de ximnasia ou xogos infantís, luminarias, esculturas e sinalización. Finalmente, debido á importancia que adquire a introdución da natureza nos novos proxectos, a guía tamén aconsella que vexetación ornamental se adecúe a cada territorio.

PASEO DO RÍO ARNOIA		4.1-L05U-a
GRANDE ÁREA PAISAXÍSTICA	IV. CHAIRAS, FOSAS E SERRAS OURENSÁS	
COMARCA PAISAXÍSTICA	4.1 ALTO ARNOIA	
CONCELLO	ALLARIZ	
COORDENADAS	42.19312, -7.80328	
CLASIFICACIÓN / CARÁCTER	LINEAL URBANO	
TIPOLOXÍA	05. PASEOS E SENDAS FLUVIAIS	
PRAZA DO EIRÓ		4.1-N06U-a
GRANDE ÁREA PAISAXÍSTICA	IV. CHAIRAS, FOSAS E SERRAS OURENSÁS	
COMARCA PAISAXÍSTICA	4.1 ALTO ARNOIA	
CONCELLO	ALLARIZ	
COORDENADAS	42.188507, -7.801445	
CLASIFICACIÓN / CARÁCTER	NON LINEAL URBANO	
TIPOLOXÍA	06. PRAZAS	
RÚA DA IGREXA EN VILANOVA DOS INFANTES		4.1-N06U-a
GRANDE ÁREA PAISAXÍSTICA	IV. CHAIRAS, FOSAS E SERRAS OURENSÁS	
COMARCA PAISAXÍSTICA	4.4 BAIXO ARNOIA	
CONCELLO	CELANOVA	
COORDENADAS	42.165856, -7.955718	
CLASIFICACIÓN / CARÁCTER	LINEAL RURAL	
TIPOLOXÍA	01. RÚAS	
ÁREA RECREATIVA DE TAMAGUELOS		4.5-N05N-a
GRANDE ÁREA PAISAXÍSTICA	IV. CHAIRAS, FOSAS E SERRAS OURENSÁS	
COMARCA PAISAXÍSTICA	4.5 VERÍN	
CONCELLO	VERÍN	
COORDENADAS	41.87341, -7.44834	
CLASIFICACIÓN / CARÁCTER	NON LINEAL NATURAL	
TIPOLOXÍA	05. PASEOS E SENDAS FLUVIAIS	

Fig. 16 – Intervencións recoñecidas polas boas prácticas no sur de Ourense.

4.1-N06U-a Praza do Eiró

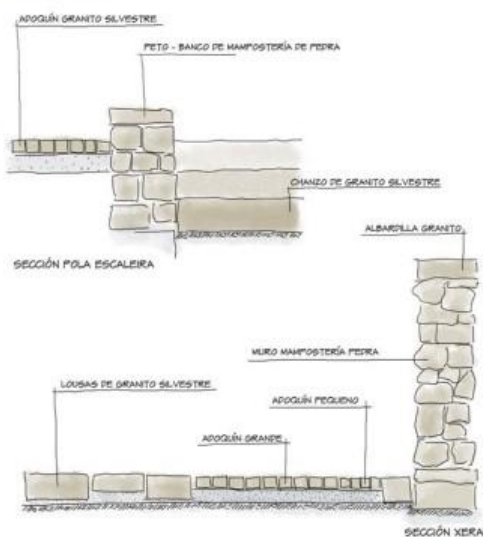
2/5

GRANDE ÁREA PAISAXÍSTICA	IV. Chairas, Fosas e Serras Ourenás
COMARCA PAISAXÍSTICA	4.1 Alto Arnoia
CONCELLO	Allariz
COORDENADAS	42.188507, -7.801445
CLASIFICACIÓN	LINEAL NON LINEAL
TIPOLOXÍA	05. Paseos e sendas fluviais
CARÁCTER	URBANO RURAL NATURAL

DESCRIPCIÓN XERAL

A praza do Eiró sitúase no núcleo de Allariz, sendo un dos espazos máis característicos desta vila. Trátase dunha estreita praza en pendente, que conecta a Rúa Hospital coa Rúa Entreascercas. Destaca na cota superior un conxunto escultórico que fai referencia á Festa do Boi, tradicional do lugar.

SECCIONS TIPO



Vista da Praza de Eiró en Allariz

RECOÑECIMENTOS

Fig. 17 – Praza do Eiró en Allariz, valorada pola súa disposición espacial e formal e materialidade adaptadas á contorna.

ELEMENTOS FÍSICOS / MATERIAIS

Límites

Os límites están conformados pola escala peonil do núcleo, con construcións de entre unha e tres alturas, e muros de peche de pedra.



Pavimentos

O principal material é o adoquín de granito, presente en formato grande na maioría da superficie, xogando co formato pequeno para absorber certas irregularidades e encontros. Unhas grandes losas de granito colocadas ao xeito tradicional serven de base para o conxunto escultórico, así como para formar unhas bandas transversais que confinan o adoquín.



Elementos construídos

Muros de cachotería de granito nos peches que delimitan a praza.



Peches, defensas e valados

Drenaxes

Reixa metálica tipo tramex colocada de xeito transversal á pendente, tanto ao comezo como ao final do espazo.



Mobiliario

O espazo presenta unha limpeza de elementos, concentrando o espazo de asento nun pequeno muro de 43 cm de altura e 52 cm de fondo, que serve para separar a praza doutra cota inferior. Papeleiras de madeira sobre soporte de aceiro con acabado negro. Contedores de lixo integrados mediante uns elementos tamén de madeira e metal negro, mantendo unha continuidade formal.



Vexetación

Tres cipreses concentran a representación vexetal da praza. Están plantados nuns alcorques circulares definidos polo mesmo pavimento de adoquins.



Iluminación

Luminarias circulares embebidas no pavimento de adoquín, aportando unha iluminación de acento ás árbores. Existen ademais outras farolas de poste alto máis tradicionais, con acabado de oxiron negro.



Elementos artísticos e sinalética

O conxunto escultórico singulariza o espazo, sendo un dos puntos máis fotografados da vila. Consiste en tres figuras de bronce, dúas humanas e un boi, resoltas a tamaño natural e colocadas sobre o propio pavimento, permitindo ao observador integrarse na mesma.



DETALLES DE ENCONTROS



Fig. 18 – Detalles físicos e materiais da intervención na Praza do Eiró.

4.1-N06U-a Praza do Eiró

ELEMENTOS SIMBÓLICOS / INMATERIAIS

Xenio do lugar

O ambiente do casco histórico déixase notar nesta praza, onde a pedra é protagonista. O espazo público enténdese como un continuo sen límites marcados, inmerso no conxunto do casco histórico.

Paisaxe sonora

Sons propios dun espazo peonil, onde o camiñar e as conversas son a nota predominante.

Memoria histórica, lendas e contos de tradición oral

O espazo rende homenaxe á Festa do Boi, un dos principais eventos que se celebran na vila ao longo do ano, sendo unha festa que se remonta ao século XIV.

INTEGRACIÓN E COHESIÓN SOCIAL

Usos e actividades

Uso principal de paseo e lecer, sendo un dos enclaves públicos máis visitados da vila.

Mobilidade

A praza ten un uso principalmente peonil. Aínda que é posible o paso de vehículos, tanto o uso do espazo como o pavimento tradúcese nun tráfico ocasional e lento.

Accesibilidade

O espazo desenvólvese en pendente, froito da topografía propia da vila.

Seguridade e inclusión

Trátase dunha praza bastante concorrida, onde é frecuente atopar veciños paseando ou visitantes sacando fotografías.

ANÁLISE DE ASPECTOS BIOCLIMÁTICOS

Orientación / Clima

A pendente existente fai que a praza estea orientada cara ao suroeste.

Xeomorfoloxía: Chairas e vales interiores
Cuberta: Conxunto Histórico
Clima: Mesotemperado inferior

Proteccións ante inclemencias meteorolóxicas

SERVIZOS ECOSISTÉMICOS

CLASE	SERVIZO	BAIXO	MEDIO	ALTO
REGULACIÓN	Biodiversidade			
	Calidade do aire			
	Ciclo da auga			
CULTURAIS	Saúde e benestar			
	Recreo e turismo			
PROVISIÓN	Cultivo de alimentos			
	Auga para consumo			

OBSERVACIÓNS

A presenza de arborado axuda a aumentar a captura de carbono e a mellora da biodiversidade, entre outros.

Fig. 19 – Aspectos simbólicos e sociais da intervención da Praza do Eiró.



Fig. 20 – Análise da integración no lugar da intervención da Praza do Eiró.

Guía de Boas Prácticas para a Identificación e Acondicionamento de Miradoiros:

A observación das singularidades da paisaxe e do patrimonio é unha das actividades que a sociedade máis valora no referente á posta en valor dos recursos dun territorio de cara ao turismo. Así, a intervención nos miradoiros deberá estar suxeita a uns criterios e recomendacións que orienten mellor a súa identificación e adecuación para o uso público, así como a integración na contorna onde insire.

A guía fai referencia á escolla do lugar, ás técnicas construtivas e materiais, a adaptación e resalte das singularidades do territorio, aos criterios de sustentabilidade e respecto polo medio, sen esquecer o conforto de uso. Para isto, establece recomendacións no deseño de accesos, no mobiliario público a empregar, a sinalización, a vexetación ornamental, a iluminación, os acabados dos pavimentos, muros e balconadas.

En canto a metodoloxía para a o deseño dos miradoiros establece que o grao de intervención a aplicar variará segundo a contorna na que se insira e a tipoloxía do mesmo tamén o fará segundo a relación coa paisaxe. Por exemplo, distinto será un

miradoiro de observación da paisaxe nas contornas dos ríos ou na costa, doutro de observación astronómica, de valorización dun ben patrimonial arquitectónico ou artístico, ou dunha contorna urbana. Así, as tipoloxías diferenciaranse entre un miradoiro de estancia prolongada, un que enmarque a paisaxe, miradoiros de refuxio, miradoiros de plataforma elevada ou de balcón, etc. O proxecto ademais deberá ter en conta os elementos que destaquen na paisaxe así como os valores inmateriais ou as percepcións sensoriais do espazo.

En función diso, definirase a estratexia de acondicionamento do espazo e da súa integración paisaxística, determinando tanto o deseño do propio espazo da parcela onde se insire, como os elementos próximos que afectan directa ou indirectamente a observación das vistas. Así, tamén se pensará o proxecto dende o punto de vista da accesibilidade, deseñando espazos de estacionamento de vehículos, bicicletas; pero tamén o mobiliario, despregando elementos de asento e contemplación caso sexa preciso.



Fig. 21 – Exemplos de enclaves acondicionados como miradoiros no Parque Natural do Xurés.

IV.05 MIRADOIRO DO XURÉS		VISTA 180º	GAP IV COMARCA PAISAXÍSTICA 4.3 BAIXA LIMIA	CONCELLO BANDE	COORDENADAS 585677, 4650989
					
ELEMENTOS SINGULARES		VALOR ESTRATÉXICO, VALORES PAISAXÍSTICOS E INTEGRACIÓN PAISAXÍSTICA Xunto á estrada OU-1201 entre Bande e Muíños, é atravesado polo Camiño Natural Vía Nova. Conta cun conxunto escultórico, onde destacan unha fonte e un monólito. Conta cunha área de descanso e varios paneis informativos, un deles, formado por perfís cadrados e chapa perforada de aceiro corten, onde figuran as localidades da súa panorámica da Serra do Xurés.			
IV.06 MIRADOIRO O PEDREIRIÑO		VISTA 180º	GAP IV COMARCA PAISAXÍSTICA 4.3 BAIXA LIMIA	CONCELLO ENTRIMO	COORDENADAS 573871, 4643607
					
ELEMENTOS SINGULARES		VALOR ESTRATÉXICO, VALORES PAISAXÍSTICOS E INTEGRACIÓN PAISAXÍSTICA Atópase a 3 km de Entrimo, na serra do Laboreiro entre rochas graníticas e piñeiros. Alcánzase a ver a Pia da Moura, a Pena de Anamán, o río Limia na zona do encoro de Lindoso. Dispón da fonte de O Pedreirino, un panel informativo, telescopio panorámico, unha zona para descanso, aparcamento e unha imaxe en granito de San Rosendo, obra do escultor Xosé Cid.			
IV.10 ERMIDA DE NOSA SEÑORA DO XURÉS		VISTA 180º	GAP IV COMARCA PAISAXÍSTICA 4.3 BAIXA LIMIA	CONCELLO LOBIOS	COORDENADAS 575300, 4635374
					
ELEMENTOS SINGULARES		VALOR ESTRATÉXICO, VALORES PAISAXÍSTICOS E INTEGRACIÓN PAISAXÍSTICA Conectado por unha estrada e rutas de sendeirismo do parque natural. Existen varias lendas sobre a súa orixe, a maiores, xunto á capela atópanse pedras senlleiras de gran tamaño. Hai un altar no exterior para as romarías. O recinto está pechado cun muro de cachotería e dispón de mesas e bancos. Castanea sativa como vexetación predominante. A sinalización en mal estado e perda de vistas por falta de mantemento ou xestión inadecuada da vexetación.			

Fig. 22 – Exemplos de enclaves acondicionados como miradoiros no Parque Natural do Xurés.

Guía de Boas Prácticas para a Integración Paisaxística das Redes de Abastecemento de Auga Potable

As redes hidráulicas de abastecemento son elementos básicos para garantir a calidade de vida e o adecuado desenvolvemento das comunidades humanas. A problemática radica en que estas instalacións de subministración están conformadas por infraestruturas de escaso valor arquitectónico e que modifican o medio, o que provoca grandes impactos na paisaxe e nos valores naturais do territorio.

Así, a presente guía presentou unha serie de ferramentas de aplicación, tanto a nivel público como privado, que serven para mellorar a estética e os ecosistemas onde se implantan estas redes. Ditas disposicións, funcionan en consonancia cos Plans Hidrolóxicos ou a Lei de Augas de Galicia.

Para minimizar o impacto paisaxístico das redes de abastecemento, estas deben ser deseñadas dende o inicio con perspectiva. Estudárase en primeiro lugar o tipo de captación idóneo en relación á implantación e ás necesidades, existindo sistemas de recolla de augas superficiais, construción de encoros e presas, a captación de mananciais subterráneos ou a creación de pozos e sondaxes.

Por exemplo, en contornas sensibles e áreas de especial interese ambiental, faise patente que se opte por opcións de menor incidencia na paisaxe, impacto visual e ecolóxico, como o aproveitamento de augas subterráneas ou recursos hídricos próximos.

As estacións de tratamento e os depósitos, tamén deberán localizarse en lugares adecuados, próximos aos centro de consumo, e dispoñéndose sobre o terreo cunha xeometría o mais proporcionada e integrada, descompoñendo os volumes. Os materiais e os acabados haberán de integrarse tamén na contorna.

As canles de distribución, sempre de trazado soterrado, deben evitar atravesar lugares de fragilidade natural ou valor patrimonial, co obxectivo de evitar o impacto visual visibilidade e a degradación de contornas sensibles.

No caso das redes preexistentes, a guía propón medidas correctoras que oculten e integren estas infraestruturas, dende recheos con terra, a creación de coberturas vexetais, o revestimento con materiais máis harmónicos, etc.

Tamén se presentan outras medidas que fan fronte ao abandono, como a instalación de peches contra o vandalismo, o pintado con tintas fronte o graffiti, a limpeza dos paramentos, a substitución de elementos envellecidos, ou a eliminación da vexetación invasora.

3. O territorio do val do río Caldo

3.1. Ámbito xeográfico

O val do río Caldo constitúe unha das dez parroquias do concello ourensán de Lobios, na comarca da Baixa Limia. Situado no extremo sur de Galicia, posúe unha extensión de 48,90 km². Administrativamente, conforma fronteira internacional con Portugal ao sur e ao leste, mentres que ao oeste limita coa veciña parroquia de San Salvador de Manín. A norte linda coa de San Miguel de Lobios, emprazamento da capitalidade administrativa e económica do concello, a vila de Lobios (Concello de Lobios, 2001).

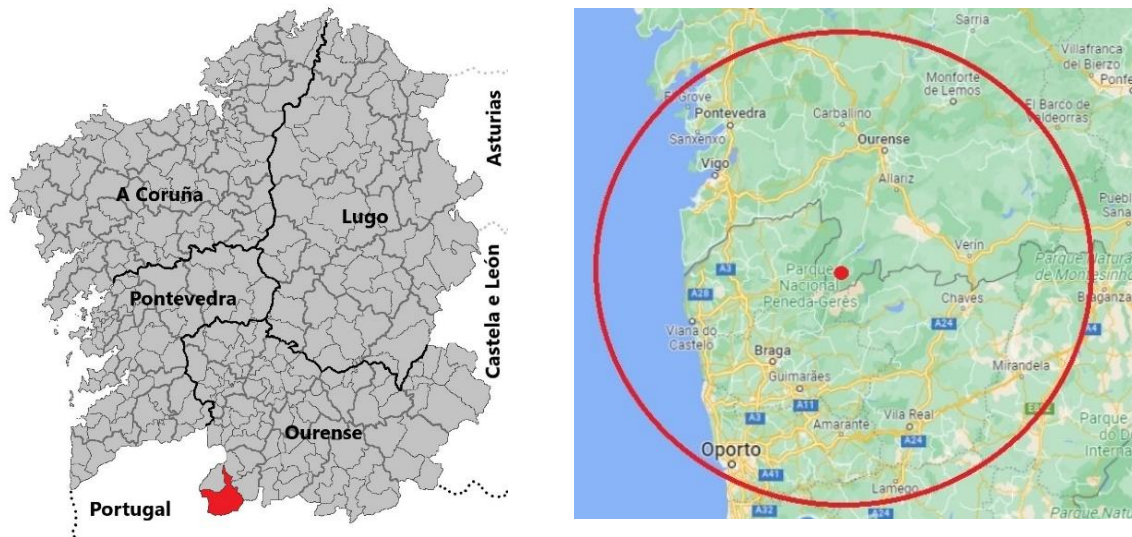


Fig. 23 – Localización xeográfica do concello de Lobios no contexto do noroeste peninsular.

En referencia aos principais núcleos de Galicia e do norte de Portugal, atópase a cincuenta minutos de Ourense, capital provincial; a unha hora e dez minutos de Braga; e a unha hora e media do Porto e Vigo. As comunicacións son relativamente eficientes por estrada, sendo a estrada OU-312 a que vertebra o val.

A sur a estrada liga co municipio portugués de Terras de Bouro; a norte coa estrada OU-540, vía de importancia e de cómodo trazado que une Ourense con Portugal, en dirección a Ponte da Barca.

O territorio configúrase como un profundo val abrazado polas Serras do Xurés e de Santa Eufemia, que se xuntan no porto de Portela do Home. É neste lugar que nacen a sur e norte as cuncas dos ríos Homem e Caldo, e que conforma ao mesmo tempo un lugar de paso histórico de persoas e coñecementos entre Portugal e España.

Así, o fluír do río Caldo converterase no eixo vertebrador, espacial e social, deste territorio, ata a súa desembocadura no río Limia. Entorno a el dispóñense en forma de funil os montes das dúas serras. Estes foron moldeados polo mesmo río e polos numerosos afluentes, e acabaron por debuxar unha paisaxe de abruptas e sinuosas montañas que pechan o val en todas as direccións salvo a norte, onde a paisaxe muda e comeza a tornarse máis suavizada e arredondada.

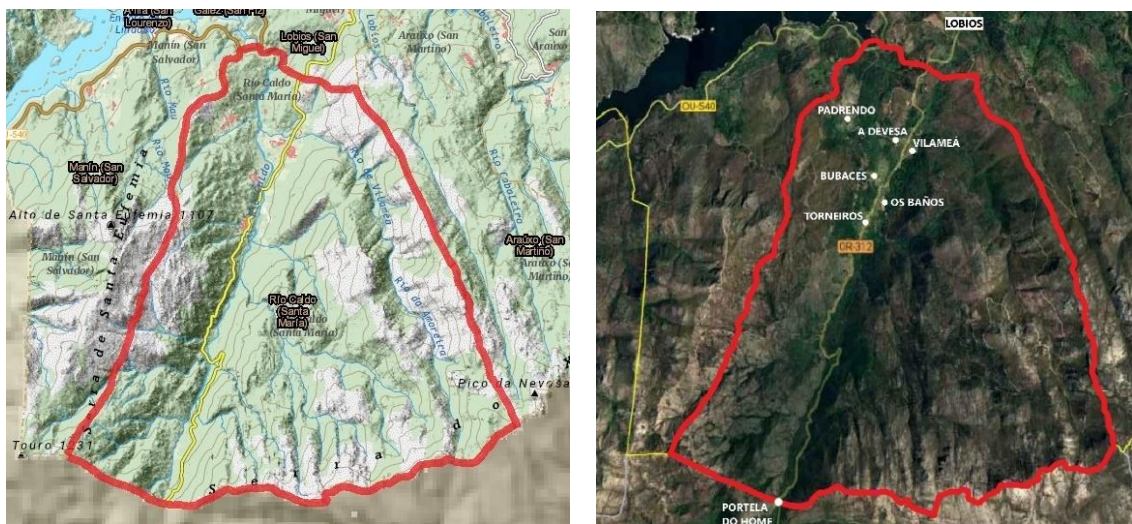


Fig. 24 – Localización da parroquia de Ríu Caldo e caracterización xeográfica.

Foi nas zonas máis fundas do val onde se centrou a principal actividade humana, grazas á suavidade da topografía. Esta sitúase a partir dos 350 m.s.n.m., elevándose progresivamente augas arriba ata os 760 da Portela do Home. Pero é nos montes que rodean o val que a orografía e a paisaxe se tornan realmente espectaculares e características, con cumios conformados por formacións graníticas que alcanzan altitudes superiores aos 1.500 m.s.n.m. na Serra do Xurés. Destaca tamén o cumio máis alto da Serra de Santa Eufemia, debido á súa posición estratéxica e silueta característica.

Así mesmo, o enclave do val do río Caldo constitúe unha das primeiras cadeas montañosas que se atopan as condicións climatolóxicas que penetran dende o próximo Océano Atlántico. Por isto, e pola súa situación xeográfica, a zona goza dun clima oceánico de transición mediterránea.

Destacan as grandes precipitacións, de ata 1.300 mm anuais, concentradas sobre todo nos meses de inverno. Por outra banda, a media de temperatura ronda os 14°C, sendo

que, nos meses máis cálidos as temperaturas oscilan entre os 10°C e os 35°C, e nos máis fríos entre os -2°C e os 13°C, con posibilidade de xeadas nos días despexados.



Fig. 25 – Vista norte do val do río Caldo.



Fig. 26 – Perspectiva aérea do tramo medio.



Fig. 27 – Abertura do val a norte.

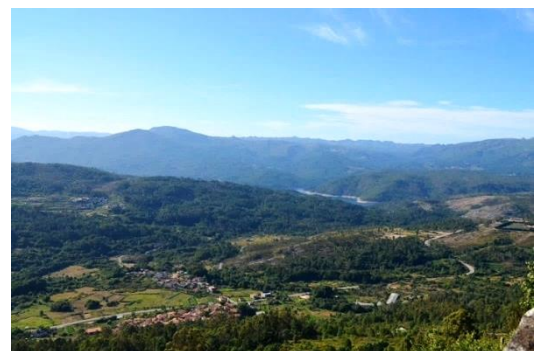


Fig. 28 – Vista do tramo final do val.

Estas condicións climatolóxicas, así como o complicado da orografía do territorio, fixeron con que a zona sempre fose escasamente poboada. As duras condicións económicas que presenta, a emigración na procura de novas oportunidades, así como o abandono das actividades tradicionais, agudizaron este proceso demográfico negativo. Por todo isto, a dinámica do asentamento da poboación no val do río Caldo segue a liña do progresivo despoboamento e avellentamento, como a maior parte do rural español, a denominada “España baleirada”, onde a realidade socioeconómica e demográfica, e as súas perspectivas a medio prazo, son pouco alentadoras.

Neste caso, a parroquia pasou de ter un máximo de 730 habitantes na década dos 60 do século pasado, ata os 290 que tiña no 2021. Esta poboación, aséntase concentrada en aldeas que se atopan a media ladeira entre os escarpados montes e as chairas do val. Estes núcleos de poboación foron tradicionalmente cinco, ata que no ano 2001, co novo Plan Xeral de Ordenación Municipal xurdiu o núcleo dos Baños, ligado á expansión e desenvolvemento urbanístico da zona termal. Así, a parroquia de Río Caldo, consta das aldeas de Vilameá, A Devesa, Bubaces, Torneiros, Padrendo e Os Baños. Estes

núcleos hoxe en día, albergan principalmente persoas retiradas que traballan o campo, algúns gandeiros e traballadores vinculados ao termalismo ou ao sector terciario.

A pesar de que se podería pensar que a actividade económica da zona se asenta sobre o sector primario, son os servizos terciarios e o turismo, os que dan traballo a un maior número de habitantes. Isto contrasta coas actividades tradicionais que se desenvolvían antigamente nestes lugares, como a cerámica, a ferrería, a cestería, a cantería; ou a gandería e o cultivo de viñedos, cereais e vexetais, que enchían os bancais que rodean as aldeas. Tamén a extracción do wolframio nas antigas Minas das Sombras, foi sustento de grande parte da poboación durante o século XX.



Fig. 29 – Praia fluvial e balneario de Río Caldo.



Fig. 30 – Cumios da Serra do Xurés no inverno.

Por todo isto, o val do río Caldo conforma un lugar moi peculiar, cuxo interese natural, paisaxístico e cultural, foi meritorio de establecer un recoñecemento de cara á súa preservación. Este valor non só foi recoñecido de maneira individual, se non en conxunto con toda a contorna das Serras do Xurés e do Leboreiro.

Desta maneira, no ano 1993, coa publicación do Decreto 29/1993 do 11 de Febreiro, declarouse grande parte da Baixa Limia como área natural protexida, na categoría de Parque Natural, coa denominación de Parque Natural Baixa Limia - Serra del Xures. Era tal o interese deste espazo, que polas súas características e por constituír co portugués Parque Nacional Peneda – Gerês unha área de grande valor, acabou por ser proclamada conxuntamente en 2009 a Reserva da Biosfera Transfronteriza Xurés-Gerês. Así, actualmente conforman un dos espazos protexidos máis grandes e de maior importancia de Europa, merecedor de ser protexido, conservado, estudado e posto en valor.

3.2. Marco histórico

O territorio do val do río Caldo, así como o conxunto do concello de Lobios e a comarca da Baixa Limia, gozan dun extraordinario valor patrimonial debido ao devir histórico destas terras. O paso natural que constitúe o río Caldo permitiu a entrada dos cazadores-recolectores do Paleolítico vindos do sur. Aínda así, non foi ata o 4.000-3.000 a.C., no Neolítico, que se realizou un asentamento efectivo neste territorio por parte das comunidades. Foi nesta época que se ergueron as numerosas mostras megalíticas, vinculadas cos rituais funerarios destas xentes, e que aínda hoxe perduran na zona.

Máis tarde, a partir do 2.500 a.C e ata o 1.800 a.C., durante a Idade de Cobre, os pobos do Calcolítico estableceron numerosos asentamentos, como dan mostra os vestixios cerámicos e pétreos dos antigos asentamentos ao aire libre que se dispuxeron ao abrigo dos montes do val do Limia. Pola contra, durante a Idade de Bronce, parece demostrarse un claro abandono destes territorios, xustificado polos escasos vestixios atopados desta época, que se enmarcan sobre todo na fase inicial.



Fig. 31 – Pena de Anamán, Entrimo.

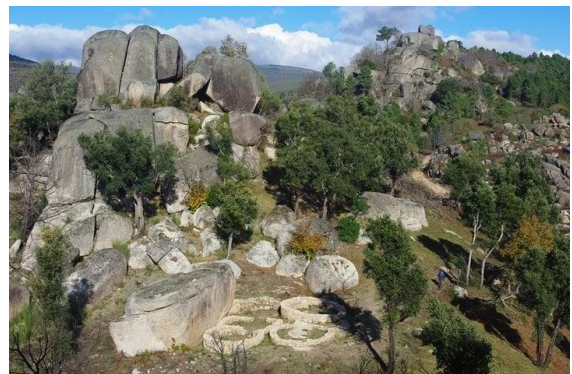


Fig. 32 – Castro e castelo da Pía da Moura, Entrimo.

Xa na Protohistoria, ese indefinido período entre a Prehistoria e a Historia Antiga, a zona volta a ser poboada. A súa accidentada orografía, así como as abundantes liñas de auga, creaban enclaves defensivos naturais nos que se asentaron numerosos castros e fortificacións. Así, estes pobos Galaicos responsables da cultura castrexa, habitaron os cumios do Xurés dende ben entrado o século VI a.C., ata o ano 215 a.C., cando comezaron as incursións invasoras das tropas do exército romano no noroeste peninsular. Abrirase entón a época histórica de maior esplendor e desenvolvemento da contorna do val do río Caldo (Concello de Lobios, 2001).

A entrada da romanización neste territorio foi máis tardía que noutras zonas. Así, o conflito das comunidades locais cos invasores apenas se deu coa incursión de Decimus

Iulius Brutus, no ano 137 a.C. Foi naquel entón que as tropas conseguiron salvar o río Douro e entrar na Gallaecia, chegando ata os ríos Limia e Caldo. Así, o dominio romano destas terras foise asentando tanto no ano 96 a.C., cas novas incursións de Licinius Crassus, como coas de M. Perpena e Iulius Caesar entre os anos 74 e 61 a.C.

Pero non foi ata as campañas de Octavianus Augustus, entre o 27 e o 14 a.C., que se consolidou a unificación dos pobos que habitaban estas terras (Galaicos, Astures e Cántabros), e que, tras os numerosos enfrontamentos, acabaron por derivar nunha época de paz baixo o dominio romano a partir do século I a.C.

Ao entrar no novo milenio, estes pobos pasaron a formar parte da provincia da Hispania Citerior, con capital en Tarraco (actual Tarragona), e gobernada polo emperador Augusto. Este gran territorio, organizouse xuridicamente en distintos “conventus”, quedando a zona de Lobios incluída no de Bracara Augusta, con capital na actual Braga. Este conventus limitaba ao norte con Lucus Augusti (Lugo) e ao leste con Asturica Augusta (Astorga). Unha das premisas políticas e económicas levadas a cabo polo emperador, baseábase na conexión e integración do territorio mediante vías de comunicación. Estas permitían unir os principais núcleos e transportar as materias primas e minerais a comercializar no imperio. Isto permitiu ademais a entrada nestes territorios de novos valores sociais e culturais, novos coñecementos e técnicas, ao mesmo tempo que permitía mellorar a competitividade económica e agrícola. Pero a apertura destas vías non só unificou e integrou o territorio, se non que propiciou un desenvolvemento tanto a nivel económico, como poboacional.



Fig. 33 – Percorrido da Vía Nova.



Fig. 34 – Campamento romano Aquis Querquennis, en Bande.

A romanización continuou cos emperadores Tibério (14-37 d.C.), Gaio (37-41), Cláudio (41-54) e Nero (54-68). Pero non foi ata a chegada da dinastía dos Flávios, e da man do emperador Vespasiano (69-74 d.C.), que o val do río Caldo e a súa contorna se

integraron e adquiriron un claro papel protagonista no imperio e civilización romana. Coa política desenvolvida polo emperador, incentivouse un crecemento económico que propiciou o avance de cidades como Bracara Augusta e Asturica Augusta. Así, fíxose precisa a construción dunha vía que as comunicara, esta foi Vía Nova ou Vía XVIII, do itinerario antonino (Araújo et al., 2009).

Este novo itinerario ademais de conectar as dúas cidades, desenvolverá os lugares por onde pasa, como aconteceu no val do Río Caldo coa construción da Mansión Romana e as mutatio. Tamén destaca o Campamento Romano Aquis Querquennis, a poucos quilómetros de distancia.

Nos inicios da Idade Media, a zona sufriu un progresivo abandono que tan só se verá revertido polo sometemento monacal ao que estivo suxeita zona de Lobios. O suposto nacemento de San Rosendo na veciña aldea da Cela, fixo que os monxes beneditinos, bispos e abades do Mosteiro de San Salvador de Celanova gobernarán estas terras e propiciasen un repoboamento e un desenvolvemento. Mostra disto, é o Mosteiro da Escusalla, próximo ao val do río Caldo, así como a numerosa arquitectura relixiosa de importancia que existe na zona.



Fig. 35 – Casa da Escusalla.



Fig. 36 – Vestixios do castelo dos Araúxo.

Pero o feito que máis caracterizou este período da historia na zona foi a Guerra de Independencia de Portugal, cuxos altercados bélicos condicionaron o desenvolvemento dunha zona que antigamente conformara o centro neurálxico da Gallaecia. A nova condición fronteiriza desta zona, fixo con que, durante o dominio do Couto de Araúxo, se alternaran varios períodos de guerra que asolaron e destruíron a zona. Resalta o caso do nobre portugués duque de Sinde, que gobernou este territorio dende o século XII, e que se exiliaría en Portugal durante as guerras entre Pedro I e Henrique de Trastámara. Así, anos máis tarde, ca Guerra de Sucesión española, o Couto de Araúxo quedará baixo o dominio da Casa de Monterrei (Concello de Lobios, 2001).

Máis tarde, durante os sucesivos reinados de Felipe II e Felipe IV, a zona recuperou o impulso grazas aos privilexios fiscais que se lle concederon aos habitantes para superar as consecuencias dos conflitos bélicos e asegurar a lealdade ao Reino de España.

Tras este período de estabilidade chegou a Guerra Civil e a ditadura, e estas terras enraizaron aínda máis os seus vínculos arraianos con Portugal. Grazas á solidariedade dos veciños e o contrabando, conseguiron superarse as penurias deste período.

A pesar de todo isto, non foi ata a emigración da segunda metade do século XX e o consecuente abandono da actividade económica tradicional, que se abriu na zona un novo gran período de decadencia que persiste ata os nosos días.

A finais do século XX e inicios do XXI, destaca a construción do encoro de Lindoso, que supuxo unha importante diminución da actividade agrícola ao asolagar o maior e fértil val da contorna.

Tamén destaca a declaración da zona como Parque Natural (1993) e os numerosos intentos de potenciación do sector termal, como foi a construción do balneario de Río Caldo en 2001. Estes acontecementos prometían conducir a zona cara un futuro máis próspero, pero a pesar do progresivo aumento do turismo rural que se observa no día de hoxe, a realidade deste territorio continúa a ser complicada (Concello de Lobios, 2014).



Fig. 37 – Antiga imaxe da aduana de Portela do Home, en Río Caldo.



Fig. 38 – Aldea de Aceredo emerxendo do encoro de Lindoso en 2022.

3.3. A unidade histórica e paisaxística do Gerês -Xurés

As fronteiras funcionan como elementos de organización espacial e son delimitadas segundo as realidades socioeconómicas, culturais e políticas do momento. Este elemento divisorio, maioritariamente intanxible, separa administrativamente zonas que moitas veces comparten unha mesma realidade espacial, paisaxística, natural, e que mesmo teñen unha continuidade cultural.

Este é o caso da Portela do Home, paso fronteirizo entre España e Portugal que constitúe á cabeceira do val do río Caldo. Ao outro lado da fronteira, unha mesma realidade se estende polo país veciño. Así, este espazo conforma o núcleo neurálxico dunha área de enorme riqueza natural e patrimonial, allea a todos os centros de dinamismo social e económico de España e Portugal. Tal vez por iso, se conseguisen crear as condicións para que co paso dos anos se construíse unha identidade propia e se mantivese unha contorna natural en envexable estado de conservación. A pesar das diferenzas políticas, administrativas e económicas existentes entre os dous territorios, as semellanzas ambientais, paisaxísticas, culturais e lingüísticas acabaron por aproximar ambas marxes da raia (Paül & Trillo, 2019).

Tanto é así que nin as numerosas guerras acontecidas ao longo da historia foron quen de separar e enfrontar ambos territorios. Un enclave que ademais, ao estar instalado na grande falla rectilínea que rompe os macizos montañosos do Gerês- Xurés en dirección NE-SO, acabou por conformar un conxunto íntegro. Así, a parroquia de Río Caldo, en Lobios, e as freguesías de Vilar da Veiga e Campo do Gerês, en Terras de Bouro, constituíron unha área illada da contorna pero ligada entre si, cun devir histórico, sociocultural e económico en común.

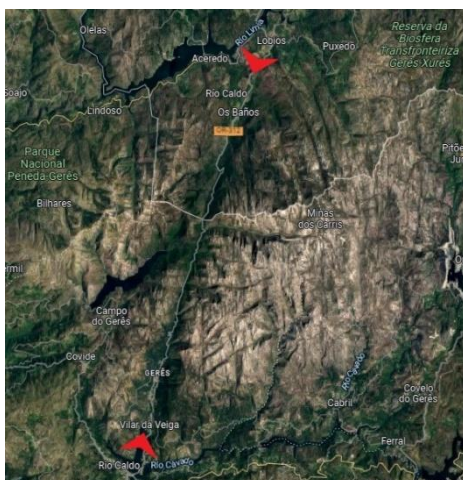


Fig. 39 – Falla onde se asenta o río Caldo.

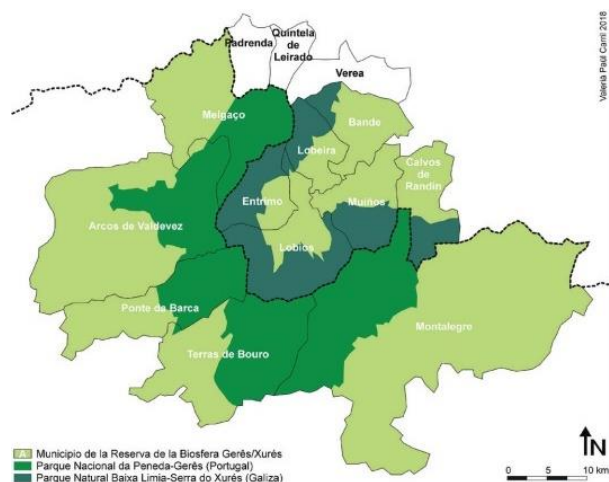


Fig. 40 – Mapa de correspondencia entre o Parque Natural do Xurés, o Nacional Peneda-Gerês e a Reserva da Bisofera.

Nos anos 80 do século pasado numerosos investigadores estudaron os intercambios culturais e de persoas, e constataron que máis alá dun obstáculo, os vales dos ríos Homem, Caldo e as cadeas montañosas que os separan, constituíron un escenario común de actitude recíproca. A emigración, a fuga de políticos e persoas célebres, así como o contrabando, foron o máximo exemplo desta realidade. Todo isto permitiu o establecemento duns vínculos e unhas características comúns neste espazo transfronteirizo, de perspectiva aberta e que abraza a realidade do outro lado da fronteira como propia.

A pesar disto, non todo o que partillan é positivo, compartindo tamén un futuro incerto no relativo ás oportunidades de vida e desenvolvemento económico. Gonçalves (2004) afirma que tal vez esa sexa a peor das problemáticas que teñen estes territorios, a da emigración da parte máis válida da poboación debido ao declive económico, e as consecuencias que suscita no progreso e devir desta terra de enorme potencial.

Ante esta realidade, o maior fito social, económico e cultural da zona foi a apertura permanente do paso da fronteira da Portela do Home no ano 1995. Isto presupoñíase que en certo modo viría mellorar as oportunidades, permitindo ao mesmo tempo manter os lazos culturais, así como os fluxos e intercambios de persoas entre ambas marxes desta raia administrativa e imaxinaria. Sendo isto o máis salientable no referente á realidade económica e social desta unidade paisaxística, o que realmente conforma o carácter de conxunto íntegro e indivisible, son as características medioambientais e patrimoniais que comparten. Nestas mesmas, pódese observar como os distintos procesos de xestión e apropiación do territorio, derivaron en dúas realidades diferenciadas.



Fig. 41 – Efecto espello entre o val do río Caldo e a zona do Gerês portugués .

Pódese observar así como do lado portugués, a protección da natureza derivada do establecemento dunha figura de protección temperá, en 1971 mediante o Decreto-Lei n.º 187/71 de 8 de Maio encadrado no réxime xeral para a protección da natureza da

Lei n.º9/70 de 19 de Xuño, permitiu unha preservación máis digna dos valores naturais, culturais e patrimoniais da zona. Por outra banda, as políticas de desenvolvemento e os investimentos públicos e privados, tamén permitiron desenvolver un modelo económico máis consolidado. Así, o aproveitamento dos recursos por parte do turismo rural, activo e de natureza, en certo modo permitiu reverter as dinámicas de despoboamento e declive económico da zona. Cabe mencionar, que o feito de que esta área sexa o primeiro espazo protexido creado en Portugal, así como o único Parque Nacional, outorgoulle unha posición preferente e de prestixio a nivel nacional e internacional, fronte a parte galega, que goza dunha figura de protección de menor recoñecemento.

Dende outra perspectiva, o menor desenvolvemento económico e do turismo na parte galega permitiu unha preservación máis homoxénea dos valores culturais e patrimoniais que na parte portuguesa. Pola contra, nas zonas menos turísticas do Peneda-Gerês, a tradición e os valores naturais primitivos preserváronse máis intactos que no Xurés. Así, o maior punto fraco da parte galega tal vez sexa a falta de desenvolvemento económico e o acelerado despoboamento acontecido dende os anos 80. Isto fíxose moi evidente na perda de patrimonio vernáculo, así como das formas de vida e no abandono das paisaxes tradicionais. Esta progresiva perda de habitantes e da relación harmoniosa destes coa contorna foi, menos acentuado na parte portuguesa.

Aínda así, a día de hoxe continúa a ser tal a peculiaridade destas áreas, que en Portugal a UICN (Unión internacional para a Conservación da Natureza) recoñeceu tanto a figura do Parque Nacional, da Reserva da Biosfera, a ZEPA (Zona Ecolóxica de Protección Ambiental), así como a Reserva Bioxénica do Alto de Palheiros-Mata da Albergaría, lindeira co val de río Caldo e que preservou case intactos os valores ambientais do bosque atlántico. Todos estes recoñecementos propiciaron que en 2008 o Parque fose incluído na rede PAN Parks, onde están englobadas as mellores áreas naturais de Europa. Pero non só destacan os valores naturais desta área, se non tamén a identidade cultural e outras potencialidades e recursos. Neste Parque portugués, o aproveitamento termal da Vila do Gerês, conformou o elemento de maior puxanza turística, lúdica e económica dende mediados do século XIX.

Pero o aproveitamento desta área, e do conxunto do Parque Nacional, en canto ao turismo rural e cultural é moito maior. Estes recursos turísticos teñen o seu epicentro nas aldeas históricas de Castro Laboreiro e Pitões das Júnias. A isto, xúntanse outros atractivos como as rutas de sendeirismo, os miradoiros, o deporte de aventura, o deporte náutico e o turismo de praia na Albufeira da Caniçada. Así, o Instituto de

Conservación da Natureza e da Biodiversidade acreditou a 20 entidades para promoción de actividades de animación turística e ambiental neste espazo protexido. Mencionado destaque merece tamén o turismo relixioso en centros de culto como o São Bento e a Nossa Senhora da Peneda, de grande afluencia entre os portugueses.

No relativo á actividade agrícola e gandeira, garante do mantemento e preservación dos valores polos que estas áreas foron protexidas, esta mantense baixo a economía de subsistencia, con excepción dalgunhas explotacións con rendemento económico de bovino na aldea de Pitões.



Fig. 42 – Praia na barragem da Caniçada.



Fig. 43 – Bosque atlántico na Mata da Albergaría.



Fig. 44 – Bulevar termal da vila do Gerês.



Fig. 45 – Santuario da Nossa Senhora da Peneda.



Fig. 46 – Aldea de Pitões das Junias, en Montalegre.



Fig. 47 – Miradoiro do Fafião, no Gerês.

Do lado galego, o Parque Natural Baixa Limia- Serra do Xurés foi declarado baixo o abrigo da normativa autonómica o 11 de Febreiro de 1993, polo Decreto-Lei n.º 29/93, englobando unhas 29.760 hectáreas. Estas foron ampliadas ata as 34.248 coa protección da Rede Natura 2000, clasificándoo tamén como LIC (Lugar de Importancia Comunitaria) e ZEPA (Zona Especial de Protección de Aves) en recoñecemento da súa fauna e flora de transición atlántico-mediterránea. Cabe destacar que dadas ás similitudes do relevo e a xeoloxía, o clima, fauna e flora, e da identidade cultural das poboacións, en 1997 ratificouse un Acordo de Cooperación entre os dous parques, Peneda-Gerês e Baixa Limia-Serra do Xurés. Desta maneira constituíuse así o Parque Transfronteirizo do Gerês-Xurés, dando resposta á realidade dun territorio que integra unha unidade histórica e xeográfica.



Fig. 48 – Plano do Parque Natural.



Fig. 49 – Cortes da Carballeira, Entrimo.



Fig. 50 – Termas no encoro das Conchas, Bande.



Fig. 51 – Encoro de Lindoso e serra do Xurés ao fondo.

Este conxunto pasou a conformar así unha das áreas naturais mellor preservadas do occidente europeo, o que mereceu o recoñecemento de Reserva Mundial da Biosfera da UNESCO en 2009. Declaración promulgada co obxectivo de protexer conxuntamente os valores e recursos naturais, a orografía, paisaxe e o patrimonio etnográfico e

arqueolóxico da mesma, e garantir unha xestión correcta e sustentable dos mesmos. Desta maneira, procurouse conciliar a conservación da natureza co aproveitamento turístico e económico, incidindo así na mellora da calidade de vida e as oportunidades de desenvolvemento das poboacións locais. Esta figura de protección abarca 259.496 ha das que un 24%, é dicir, 62.916 se atopan en España, e o 76% restante, 196.580, en Portugal.

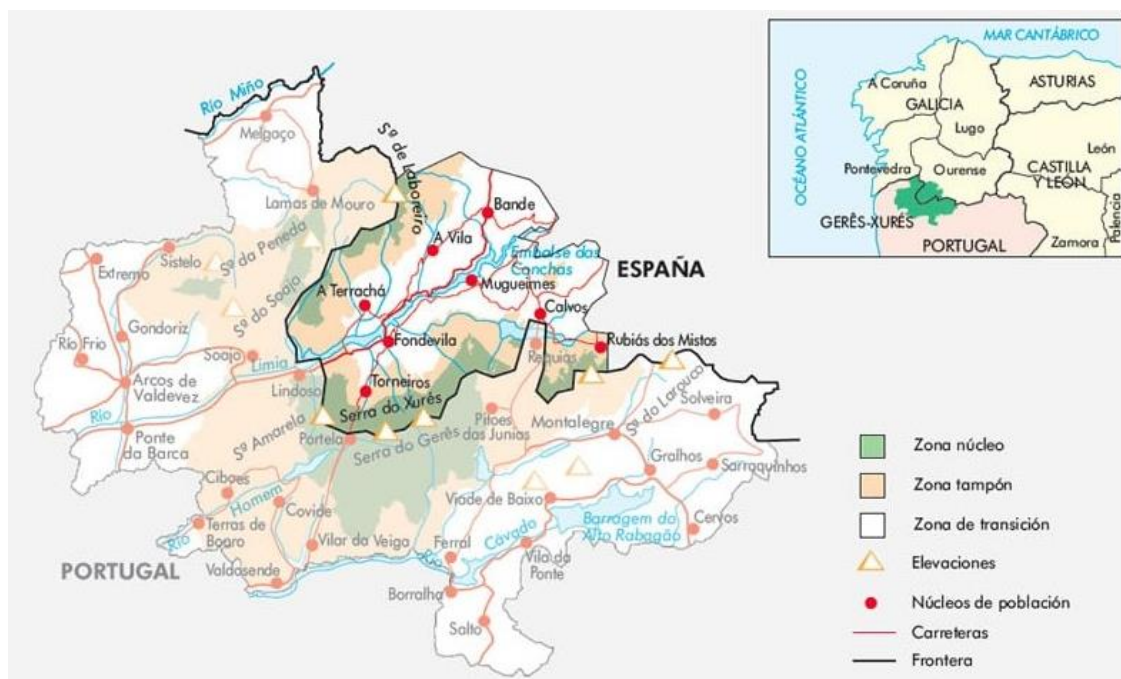


Fig. 52 – Plano de localización e zonificación da Reserva da Biosfera Gerês- Xurés.

Enfocando a investigación na análise física da unidade paisaxística que conforman os vales dos ríos Homem e Caldo, Portugal e España respectivamente, é evidente a clara semellanza entre os dous territorios. Ambos vales, de escarpada orografía, seguen o eixo da falla onde se asentan, e organizanse morfoloxicamente seguindo o esquema de cultivos agrícolas nas terras baixas e vales, e arboredo e áreas agro-pastorís nas áreas de alta montaña. A estrutura da terra das zonas baixas organízase mediante un parcelamento minifundista, con propiedades delimitadas con muros de pedra seca, que conforman socalcos onde os desniveis orográficos así o requiren, e que acaban por estruturar o territorio e condicionar a relación entre os núcleos habitados e os recursos naturais.

Destaca, ademais da estrutura do territorio, a propiedade do mesmo. Alí ao propietario particular, existe a figura do Monte Comunal en Galicia e os Baldíos en Portugal. Este tipo de propiedade que pertence a todo o conxunto da poboación e é de aproveitamento

colectivo, non podendo ser dividido nin vendido. Esta é a realidade na que se engloba a maior parte da extensión tanto do val do río Caldo, como do outro lado da fronteira.

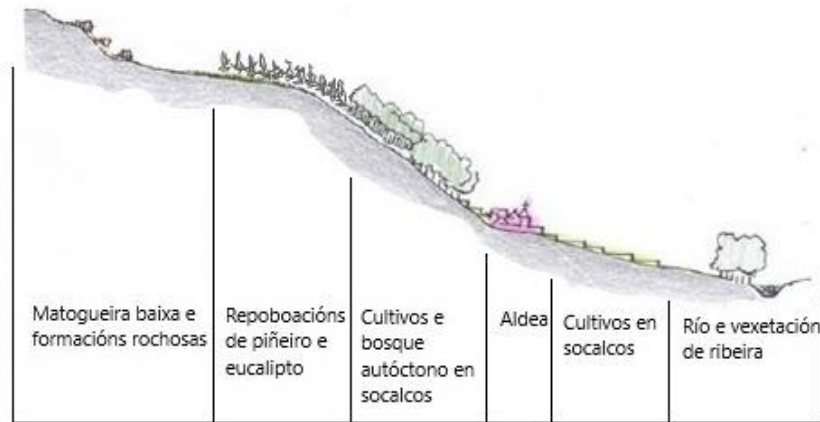


Fig. 53 – Perfil tipo da estrutura territorial do val de Río Caldo.

Ambas paisaxes rurais comparten tamén elementos como os vellos camiños empedrados; os ríos, corgos e pontes de pedra que os cruzan; os núcleos rurais tradicionais, os muíños, as bodegas, os fornos, etc. No relativo aos valores naturais, comparten as masas arbóreas autóctonas e prados arredor das zonas máis húmidas; intercalados cos bosques de repoboacións de piñeiro, sobreiras e salgueiros nas cotas de media ladeira; tamén as extensións de mato e rochas que cobren as partes altas das montañas.

A fauna, conformada por distintas especies autóctonas e foráneas, tampouco entende de fronteiras nin límites administrativos, e deambulan libremente por ambos territorios. Comparten tamén a Vía Nova e o seu patrimonio arqueolóxico material e inmaterial asociado. Esta vía de comunicación ancestral, vertebrou e condicionou o devir e a historia de ambos lados, sendo o elemento que asentou as bases do desenvolvemento conxunto destes territorios.



Fig. 54 – Diferencia entre a matriz urbana da vila do Gerês e o carácter rural de Río Caldo.

Ademais, destaca o carácter termal de ambos os lados, observándose como o desenvolvemento da Vila Termal do Gerês, foi moito maior e temperán que o dos Baños de Río Caldo, igual que aconteceu co sector do turismo rural e da natureza, que apenas a partir dos anos 2000 comezou a despuntar na parte galega.



Fig. 55 – Vila termal do Gerês e Os Baños de Río Caldo a principios e mediados do século pasado, respectivamente.

Así, esta reducida oferta de servizos de apoio ao turismo da zona do Xurés, concentrada sobre todo no val do río Caldo e na vila de Lobios, contrasta co crecente aumento do número de visitantes que se achegan á zona curiosos ante o interese e o potencial existente.

As empresas de turismo activo, aloxamento e restauración; pero sobre todo, os centros de información e interpretación, son escasos na parte española e carecen da consolidación do Parque Portugués. Así, apenas existe o Centro de Interpretación e Sede do Parque Natural en Lobios, algún pequeno museo e as Portas do Parque que, situadas en cada capital municipal, tratan cada un dos distintos aspectos de maior relevancia do Parque.

Todo isto contrasta co que acontece no Parque Nacional Portugués, onde existe unha rede máis sólida de estruturas de acollemento e promoción turística e educativa, dende museos ata Portas do Parque, hoteis, restaurantes e establecementos de turismo de natureza. Esta infraestrutura, está situada estratexicamente e conta cun grado de desenvolvemento e rigor maior.

Así, o evidente e elevado valor ambiental, natural e turístico destas terras, que conforman un destino de singularidade patrimonial e paisaxística, fai necesaria a procura dun modelo que consolide un conxunto de calidade e competitividade.

Tal vez aproveitar as dinámicas positivas do lado portugués, sexa o maior garante de futuro para o val do río Caldo. Prolongando o fluxo turístico que se xera neste eixo ata a parte española, e procurando influencias para a xestión do territorio e o desenvolvemento da infraestrutura e a oferta turística, así como para o coidado e a preservación da natureza.



Fig. 56 – Proxecto de rehabilitación do espazo público nas praias da barragem da Caniçada.



Fig. 57 – Mostra do desenvolvemento adquirido pola infraestrutura turística e hoteleira na parte portuguesa.



Fig. 58 – Sinalización e posta en valor de recursos patrimoniais no Parque Nacional Peneda- Gerês.

3.4. Lexislación territorial

Neste apartado procederase a analizar a normativa e lexislación que regula e xestiona os usos do solo, o urbanismo, o turismo e a conservación da natureza na área do val do río Caldo. Así, as leis e disposicións vixentes para este territorio, inclúen o Plan Xeral de Ordenación Municipal de Lobios, o Plan Reitor de Uso e Xestión do Parque Natural, as disposicións da Reserva da Biosfera, da Rede Natura 2000, e da Confederación Hidrográfica. Todo isto condicionará calquera tipo de intervención arquitectónica e urbanística que se pretenda planear e executar na zona, condicionando tamén o futuro proxecto de posta en valor que se proporá neste traballo.

Quizais o documento normativo de maior importancia, por incidir nunha maior proporción do territorio, sexa o PRUX, **Plan Reitor de Uso e Xestión**, neste caso, do **Parque Natural Baixa Limia- Serra do Xurés** (Decreto 24/2022). Nel caracterízase e faise unha diagnose de todo o territorio do Parque, no cal se inclúe o val do río Caldo, caso concreto a estudar.

Neste documento analízase a localización, o medio físico, as especies invasoras, a paisaxe, os puntos singulares e o patrimonio cultural. Tamén a relación causal entre os propietarios dos terreos e as características que adquire, ou a regulación da caza. Para todo isto, establece unha zonificación en función dos usos existentes e os usos previstos.

Así, organiza os usos, en función do carácter agro-gandeiro, forestal, cinexético, industrial e comercial, construtivo e habitacional ou uso público, dos terreos. Ademais, establece unha zonificación do territorio, en catro categorías ou zonas, que determinan os usos que serán permitidos en cada espazo.

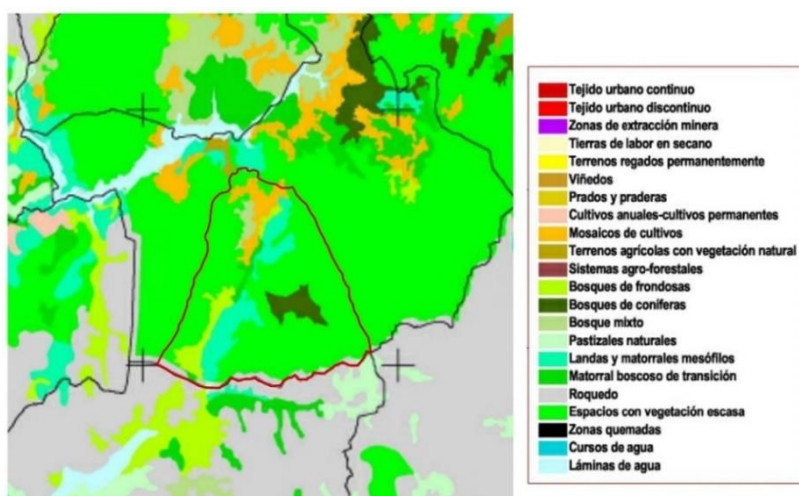


Fig. 59 – Plano de usos do solo do territorio.



Fig. 60 – Sinalización dos límites do Parque Natural.

A primeira categoría, establece unha Zona I ou de reserva (figura 61, en vermello), caracterizada polo alto valor ambiental, natural, científico e paisaxístico. Como tal limita ao máximo as actividades permitidas. Correspóndese coas zonas máis altas da Serra do Xurés e a de Santa Eufemia. Estas deben preservar ao máximo o seus hábitats e as especies autóctonas, motivo polo cal a área foi declarada espazo protexido.

Case que calquera intervención nestas áreas está prohibida, limitándose a tarefas de conservación e recuperación da fauna e flora, sempre que preserven as dinámicas naturais. Exemplo diso son as tarefas de prevención de incendios e a contaminación, ou a erradicación de especies invasoras. Nin o aproveitamento forestal e agrícola extensivo, nin a mudanza na tipoloxía da paisaxe están permitidos. Tampouco a construción de novas edificacións ou infraestruturas.

A mobilidade das persoas tamén está condicionada e a dos vehículos a motor prohibida, salvo excepcións. En resumo, as intervencións limitaranse ao mantemento do existente, tanto a nivel dos valores naturais como dos elementos construídos, onde só se permite o restauro de infraestruturas e edificacións existentes. Entre as actividades que si están permitidas destacan a gandería extensiva, a apicultura, o turismo de natureza e lecer obtendo un permiso, e as actividades educativas e de investigación.

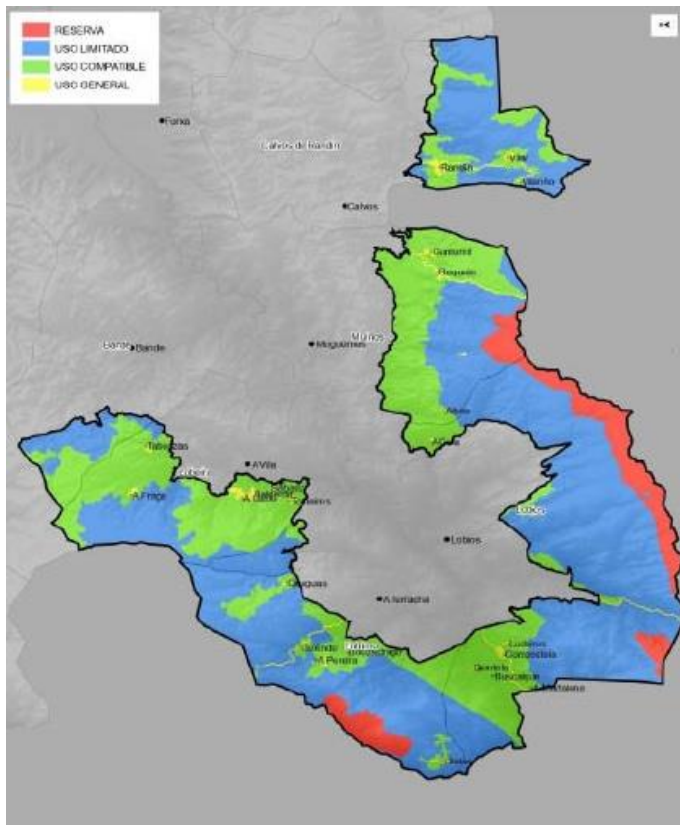


Fig. 61 – Mapa de zonificación do Parque Natural.



Fig. 62 – Zona de Reserva do P.N.



Fig. 63 – O lobo, especie protexida.

Á Zona II (figura 61, en azul), ou de uso limitado, engloba as áreas de grande valor natural e ambiental que admiten un certo desenvolvemento da actividade humana sen verse prexudicada a preservación. Aínda así, o uso será reducido e só permite un aproveitamento público por motivos de investigación e educación, ou para o turismo de forma controlada. Estas áreas correspóndense cos montes da primeira liña montañosa que pecha o val e coas partes inferiores dos grandes cumios das serras.

Permitirase de maneira regulada a actividade gandeira e agrícola, a apicultura e as actividades tradicionais. En materia de intervención directa sobre o territorio, permitiranse labores de conservación do patrimonio histórico. Nunca estará permitido a construción de novas infraestruturas nin de edificacións, apenas se poderá facer o mantemento do existente ou a creación de rutas peonís. No referente ao patrimonio natural, potenciarase sobre todo a recuperación da vexetación autóctona, así como as labores de prevención de incendios e mantemento de hábitats. Neste campo, a actividade forestal está permitida, sempre que non altere masas consolidadas ou impida a rexeneración do propio monte. O turismo de natureza, actividades deportivas e as accións educativas e de investigación, están permitidas en calquera caso, sempre de maneira controlada e regulada.

A Zona III (figura 61, en verde), denominada de uso compatible, abarca dende a paisaxe tradicional dos socalcos que rodean as aldeas, ata os prados nas beiras dos ríos Caldo e Vilameá e os cultivos forestais que os rodean. O valor de conservación destas áreas é medio debido ao asentamento das comunidades humanas. En certo modo, é esta comunidade quen deu forma e valor ao medio do que desfrutamos hoxe en día, e como tal, esta condición debe ser preservada. Por todo isto permítese que estes espazos soporten unha maior actividade de uso público.

Así, nesta área a actividade agro-gandeira e forestal está permitida, sempre practicada de maneira sostible. En calquera caso, optarase por manter e recuperar as paisaxes tradicionais e os valores naturais, así como o patrimonio histórico, cultural e etnográfico das comunidades. As novas edificacións e infraestruturas estarán permitidas conforme á lexislación urbanística vixente, así como o mantemento do existente. Por outro lado, as actividades turísticas, recreativas e deportivas estarán permitidas sempre que non supoñan unha ameaza para o medio, podendo ser realizada de maneira sostible e regulada e organizada. Idem no relativo á labor educativa e de investigación.

Por último, a Zona IV (figura 61, en amarelo), de uso xeral, que inclúe as zonas máis urbanizadas e de maior presión turística e humana. No caso do val do Río Caldo, ao

non estar incluídos os núcleos de poboación dentro do espazo protexido do Parque, apenas inclúe nesta zonificación a área de dominio público e servidume da estrada OU-312. Esta vía, que comunica Lobios coa fronteira da Portela do Home, conforma o eixo estrutural do val. A existencia de múltiples miradoiros, restos arqueolóxicos e os espazo da fronteira con ampla potencialidade, permite que se poida desenvolver a futuro un aproveitamento destes recursos. Así, establece que se opte por favorecer a integración paisaxística e minimizar os impactos das intervencións, podendo construír novas edificacións e infraestruturas, vías de comunicación e rutas de sendeirismo. Mesmo poderán ser alterados os usos do solo sempre que se adecúe ás normativas do Estado Español e a Xunta de Galicia.

A actividade pública ten liberdade, permitindo o turismo recreativo e educativo, sempre de maneira que se preserven tamén os usos tradicionais da comunidade local e os valores naturais. A celebración de eventos de grande afluencia estará permitida, sempre que non incida na preservación do medio natural.

Todas estas disposicións acordes ás distintas zonificacións, naceron co obxectivo de conservar, restaurar e recuperar o medio físico, manter e potenciar as actividades e usos tradicionais que caracterizan o territorio. Pero tamén para divulgar turística e culturalmente o espazo, promover a actividade económica, captar investimentos públicos e privados, e ordenar e regular a actividade urbanística e as infraestruturas, de maneira a preservar a integridade e identidade, minimizando os impactos. Así, tamén establece unhas directrices no referente á intervención na paisaxe e no medio, e tamén no referente á actuación urbanística.

Segundo as normativas autonómicas galegas da Lei 7/2008 do 7 de xullo, sobre protección da paisaxe, dispónse que a intervención deberá centrarse na recuperación das áreas máis degradadas e de maior acceso visual, desenvolvendo actuacións de recuperación paisaxística, patrimonial e do medio ambiente. Estas ademais deberán optar por unha materialidade, un emprazamento e unha forma tipolóxica que sexan acordes e respectuosos co medio, xerando integración e harmonía no conxunto, preservando e protexendo os elementos de singularidade e non alterando de maneira significativa as formas nin as perspectivas da paisaxe. Exemplo das boas prácticas son a instalación de carteis e paneis explicativos acordes á contorna, a non eliminación de elementos de valor histórico incluídos nos ámbitos de actuación, como os muros de pedra seca, ou a recuperación da paisaxe agraria de cultivos e prados.

En materia de urbanismo e ordenación do territorio, regúlanse dende a intervención de manutención e recuperación do patrimonio edificado, que deberá ser fomentada, como a construción de novas edificacións. Todas as actuacións deberán adecuarse á normativa vixente, o Plan Xeral de Ordenación Municipal de Lobios. Así, deberán garantir a integración paisaxística así como a preservación da tradición tipolóxica e material existente no Parque. Tamén se dará prioridade á construción ecolóxica. Para todo isto, seguiranse as recomendacións recollidas no Catálogo de Paisaxes de Galicia, na Guía de Color de materiais de Galicia e no Manual de boas prácticas en intervencións en espazos públicos de Galicia.

O mesmo acontece coas infraestruturas, no relativo ao seguimento de boas prácticas. Estas deben sempre minimizar o impacto sobre o medio natural e a paisaxe, así como sobre o patrimonio histórico, tanto no deseño como na propia execución das obras. Evitaranse as actuacións en contornas de elevado grao de protección, así como en lugares onde o impacto visual sexa máisculoso. Ademais, promoverase a eliminación de instalacións e infraestruturas en desuso ou que prexudiquen o patrimonio cultural e natural, restaurando os espazos. De extrema importante, o soterramento de instalacións eléctricas e telefónicas en toda a área do Parque Natural.

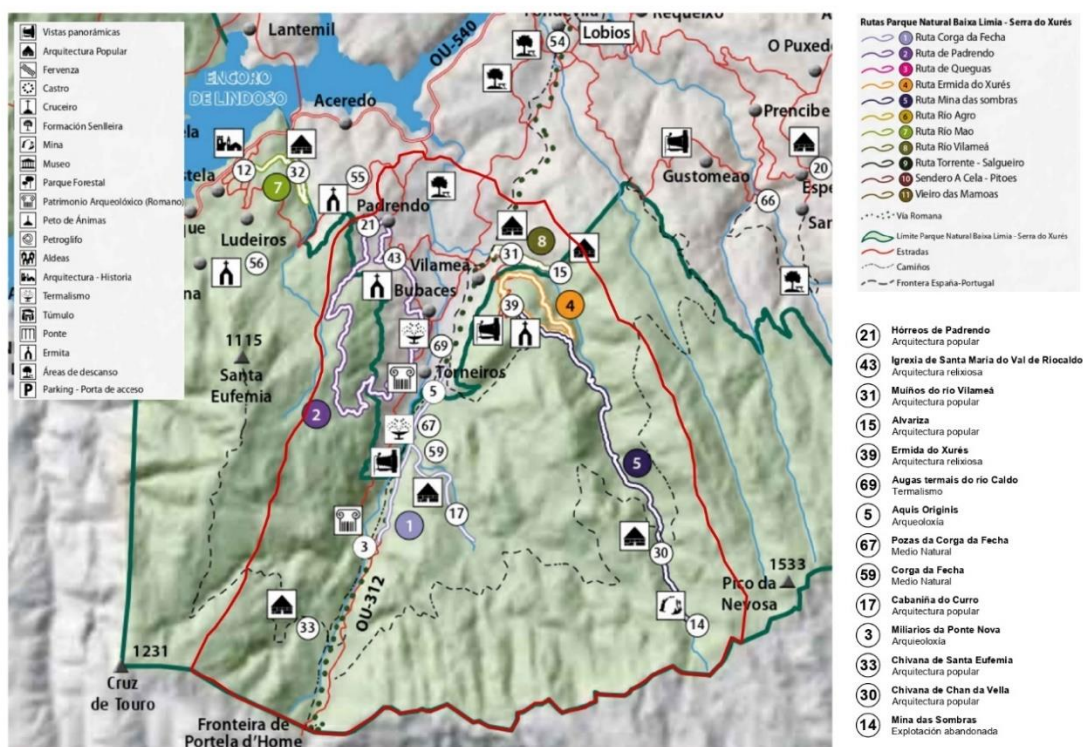


Fig. 64 – Plano de rutas de sendeirismo e recursos patrimoniais a visitar no Parque Natural.

Ademais ordenarase e conducirse ao visitante polas contornas de valor estético, científico e lúdico, para adecuar o uso e a intensidade á capacidade de acollida dos espazos. Para iso, intervírase para valorizar o patrimonio existente, potenciando o seu coñecemento e garantindo o apoio ao visitante a través de infraestruturas como lugares de estacionamento regulado, áreas de auto caravanas, rutas delimitadas de acceso aos principais puntos de interese, áreas de baño e lugares para a práctica de deportes de risco, miradoiros e sitios de observación.

Por outra banda, a figura da **Reserva da Biosfera transfronteiriza Gerês- Xurés** (Reza & Pereira, 2008), ademais de ser un recoñecemento a esta unidade ambiental de enorme valor, veu establecer uns obxectivos comúns e unhas estratexias de xestión que salvagarden este patrimonio, ao mesmo tempo que se promove o desenvolvemento económico e social da poboación local de forma sustentable. Así, alén da conservación das paisaxes, os ecosistemas e as especies, potenciarase o coñecemento e estudo dos valores do territorio. Ademais, outro dos obxectivos é establecer unha relación de calidade entre as comunidades e o seu territorio, ademais de promover o turismo como medio de progreso sostible.

A principal diferenza coa figura do Parque Natural ten que ver con que a UNESCO, ademais de fomentar o cumprimento dos obxectivos anteriormente descritos, fai especial fincapé na relación entre eles. Noutras palabras, procura harmonizar a conservación da biodiversidade e a cultura, co desenvolvemento social e económico. Para isto todo redactouse o **plan de acción**, que será o elemento encargado de dirixir a área e velar pola conxunción de todos os valores e potencialidades que posúe este territorio.

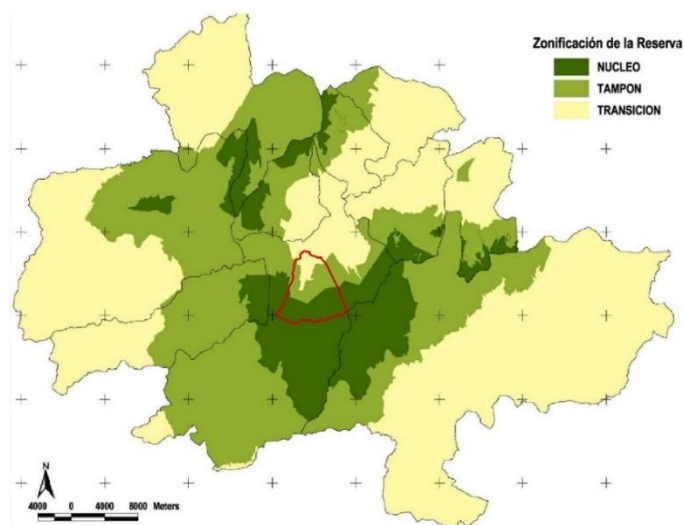


Fig. 65 – Plano de zonificación da Reserva da Biosfera Gerês- Xurés.

Ao igual que o Parque Natural, establece unha zonificación do espazo, en función da expresión que adquire o territorio e dos valores naturais, sociais e culturais, regulando e condicionando a ordenación e a xestión. Así, establécense uns usos e aproveitamentos para as tres zonas nas que se divide o espazo da Reserva da Biosfera. No caso do territorio do val do río Caldo, as tres categorías ou zonas están presentes, sendo estas moi semellantes ás definidas no xa citado PRUX do Parque Natural, establecendo a maiores uns regulamentos e condicionantes asociados.

A primeira e máis restritiva das áreas, a Zona núcleo (figura 65, en verde claro), engloba os terreos que, aproximadamente, se atopan cotas superiores aos 600 metros de altitude. Correspóndense cas áreas limítrofes con Portugal, onde a extraordinaria diversidade biolóxica esixe unha conservación e protección a longo prazo. Esta zona ten correspondencia coa Zona de reserva do Parque Natural. Así, deberanse preservar as compoñentes, a forma, a estrutura e o desenvolver natural dos ecosistemas e o aproveitamento tradicional dos mesmos pola comunidade. Tamén se fomentará a protección do patrimonio cultural existente e se permitirá a actividade de observación recreativa, sendeirismo e investigación de maneira controlada. Serán prohibidas o resto de actividades económicas e recreativas, así como a construción de novos edificios e infraestruturas, para evitar efectos negativos sobre o medio.

Outra das áreas é a Zona tampón (figura 65, en verde escuro), que rodea a área do núcleo e comprende os terreos entre esta e os núcleos de poboación do val. Nesta permítense a conxunción entre as actividades humanas e a preservación dos valores ecolóxicos e ambientais. Aquí, os usos tradicionais agrícolas e gandeiros, o turismo de natureza ou recreativo e a investigación, son compatibles coa conservación do medio ambiente, por iso poden realizarse de maneira controlada e regulada. Por exemplo, o acceso con vehículos de motor atópase prohibido ao público xeral e suxeito a autorización previa. Continúa condicionada tamén, baixo a aprobación das entidades xestoras, a modificación directa do medio, a construción de novas vías, infraestruturas e edificios, así como os aproveitamentos económicos.

A última das áreas, a zona de transición (figura 65, en cor amarelada), é unha mestura entre a zona de uso compatible e a de uso xeral da zonificación do Parque Natural. A principal diferenza radica en que esta engloba o territorio restante dos concellos integrados na Reserva da Biosfera, recoñecendo o valor que ten na caracterización do conxunto do espazo protexido. Nesta área é onde se localizan os núcleos de poboación e as terras máis fundas e a norte do val do río Caldo. Aquí a actividade agrícola, gandeira e forestal está permitida, sempre de maneira sustentable e cumprindo a normativa, ao

igual que o resto de actividades económicas, salvo a extracción mineira e a industria non tradicional.

É ademais a zona na que a libre circulación por camiños, pistas e estradas, permite o desenvolvemento da actividade turística, recreativa e deportiva, así como a creación de novas infraestruturas e servizos que dean apoio, tamén á poboación local. Así, é nesta parte do territorio que se dan as condicións favorables para o progreso e o desenvolvemento normal da vida cotiá da comunidade. A pesar desta apertura no uso público, todas as actividades estarán condicionadas á capacidade de acollida do espazo e dos recursos, debendo controlar a presión sobre o medio e diversificar o aproveitamento do territorio.

En definitiva, o cometido principal desta designación da UNESCO como Reserva da Biosfera, ademais de garantir a conservación tanto da natureza como da cultura e a sociedade local, busca envolver a todos os axentes implicados (Parque Natural, Goberno de España, Xunta de Galicia, Concello de Lobios) xunto coa poboación local, para traballar de maneira conxunta en prol do territorio.

Pero se existe un documento normativo, que verdadeiramente enmarca a ordenación do territorio e senta as bases da intervención sobre o mesmo, este é o **Plan Xeral de Ordenación Municipal Do Termo Municipal de Lobios** (Concello de Lobios, 2001), amparado nas disposicións da Lei do Solo de Galicia 1/1997, do 24 de marzo conforma a folla de ruta en materia urbanística e territorial dende ese ano.

O documento comeza por establecer unhas disposicións xerais sobre as características do territorio e o ámbito de aplicación, a normativa urbanística e de ocupación do solo a implantar, así como a vixencia, execución, obrigatoriedade de aplicación ou posibilidade de modificación. Ademais, tamén trata a nivel individual os dereitos e deberes dos propietarios, así como a concesión de licencias aos mesmos.

A nivel da lexislación urbanística, o documento establece a clasificación xurídica do solo e o regulamento que rexerá o ámbito dos núcleos de poboación. Internamente, establece tamén as normas a nivel do edificado, as condicións das parcelas, as volumetrías, os usos, etc. No relativo ao aproveitamento do territorio e os usos permitidos, regula os usos residenciais, de garaxe, industrial, comercial, de oficina, hoteleiro, de espectáculos, de equipamento público, uso extractivo, uso recreativo e usos existentes, que poden diverxer dos anteriormente mencionados.

Unha vez o documento afonda na intervención arquitectónica no territorio, trata as condicións espaciais, de habitabilidade e accesibilidade, de infraestruturas de abastecemento, saneamento e enerxía das edificacións. Tamén o arranxo urbanístico da envolvente, do sistema viario, os espazos públicos e zonas verdes. Así, establece unha regulación específica para o espazo público, así como para as infraestruturas, os equipamentos, dotacións e servizos públicos.

Destaca o tratamento diferente, a nivel normativo, da capitalidade municipal, clasificada como núcleo urbano consolidado. Para este enclave establece unha regulación e condicións da edificación, así como unhas ordenanzas específicas, que difiren bastante das disposicións e ordenanzas que establece para os núcleos rurais e os solos rústicos, as únicas categorías presentes no territorio do val do río Caldo.

Para estes núcleos rurais, o plan establece unha serie de ordenanzas sobre os usos permitidos, xeralmente residencial, pero tamén terciarios ou industriais de carácter menor. Ao mesmo tempo, regula as tipoloxías das edificacións, que non poderán exceder PB+1 e se adecuarán volumétrica formal e esteticamente á arquitectura tradicional. Regula tamén as infraestruturas, servizos e características do espazo público que rodea ás mesmas. En función das características morfolóxicas dos núcleos e o nivel de consolidación, o plan establece ademais dúas ordenanzas con diferente norma. É de mencionar tamén, o establecemento de plans especiais para a mellora destes núcleos, con contornas de protección arredor dos mesmo; ou as ordenanzas especiais para os núcleos inseridos no parque natural, entre os que non se atopa ningún no val do río Caldo.

O restante solo, rústico non apto para urbanizar, comprende os terreos de explotación agro-gandeira, forestal, e outros usos recreativos. O plan establece os espazos concretos e os usos baixo os que si é posible edificar, xeralmente por motivos agropecuarios ou para fins de interese xeral, así como a normativa urbanística a aplicar nestes casos.

Destaca a ordenanza para o solo rústico protexido, que é aquel que integra o territorio do Parque Natural. Aquí os condicionantes xerais e a lexislación son máis restritivos, tanto a nivel construtivo como de usos do solo. Estas están directamente relacionadas coa normativa e zonificación disposta na declaración do Parque Natural Baixa Limia-Serra do Xurés, xa analizada anteriormente. Así, préstase especial atención ao impacto ambiental causado polas edificacións, infraestruturas eléctricas e de telecomunicación,

o sistema viario, declarando a necesidade de especial coidado en zonas delicadas como leitos e ribeiras, ou espazos de especial interese medioambiental e ecolóxico.

Pero ademais o PXOM establece unha ordenanza reguladora para a protección do patrimonio histórico, artístico e etnográfico, que dispón un regulamento para os edificios e conxuntos de interese a nivel arquitectónico, urbanístico ou ambiental, que sexan catalogados. Así, en función do valor, establecerase unha protección integral, estrutural ou ambiental. Ademais definirá unhas contornas de protección que rexerán as obras que sexan realizadas tanto no propio obxecto, como na contorna.

No conxunto de planos que acompañan os documentos da norma urbanística, é posible observar a zonificación e a ordenación do municipio, a escala 1/25000, así como dos propios núcleos de poboación, a escala 1/2000. Tan só o núcleo urbano de Lobios chega a ser detallado a maior escala.

O territorio do val do río Caldo obsérvase que está estruturado en aneis concéntricos no eixo Norte-Sur, segundo o valor medioambiental que foi establecido polo Parque Natural. Pódese ver como os núcleos rurais se asentan no límite do Parque Natural, deixando a norte unha área menos restritiva en canto a usos e intervención, clasificada como Solo Rústico. A sur, a Zona de Transición do Parque Natural acolle o grosor dos terreos do val, e é clasificada como Solo Rústico de Rexeneración Forestal, polas súas características de arborado. Disposta de maneira contigua, a zona de máxima protección do Parque, que inclúe as cotas medias da Serra do Xurés ata o paso natural da fronteira da Portela do Home, así como o grosor da Serra de Santa Eufemia, conformando o Solo Rústico de Reserva Integral. En canto á Reserva Integral, esta integra as cumios máis altos da Serra do Xurés, xa limítrofes co Parque Nacional Peneda- Gerês de Portugal. Tamén destaca unha grande área na marxe oeste do val, que polo seu elevado valor medioambiental, muda repentinamente de Solo Rústico para Solo Rústico de Reserva Integral.

En canto aos restantes usos do solo, ademais do Solo de Núcleo Rural que conforman os seis núcleos de poboación do val, destaca a clasificación como Solo Rústico de Protección de Cultivos dalgunha das parcelas agrarias situadas nas marxes do propio río Caldo.

O plano (figura 66) permite apreciar ademais a disposición do edificado dos núcleos de poboación e o parcelario xeral. Tamén as curvas de nivel permiten localizar en altitude os emprazamentos, e amosa o accidentado da topografía. O trazado viario aparece representado, os cursos de auga e as súas zonas de servidume e policía. Pero tamén a localización concreta dos bens matrimoniais inventariados e catalogados, tanto nos propios núcleos de poboación como nas zonas de montaña, así como o percorrido da Vía Nova e a súa zona de respecto, que atravesan o val de Norte a Sur.

A escala 1/2000 pódese observar a ordenación do conxunto de núcleos rurais que conforman a parroquia. Padrendo (figura 67), conforma o conglomerado habitacional máis illado. Pódese observar como se asenta nunha valgada onde o terreo da accidentada serra de Santa Eufemia se suaviza. O núcleo dispónse a modo de terraza, en socalcos que seguen as curvas de nivel, e a diferenza doutros, onde prima a concentración de edificios, neste o edificado dispérsase en varios conxuntos. O groso do núcleo, en vermello, onde se sitúan a maior parte das vivendas, está clasificado como solo de núcleo rural de ordenanza 1. Este presenta unhas disposicións normativas similares ás das zonas históricas das cidades, primando o carácter tradicional e o aglomerado concentrado. Pola contra, ás aforas da aldea, dispónse unha área de Solo de núcleo rural de ordenanza 2, en cor azul, que ten a ver coa expansión do núcleo de maneira máis dispersa e permitindo novos usos.

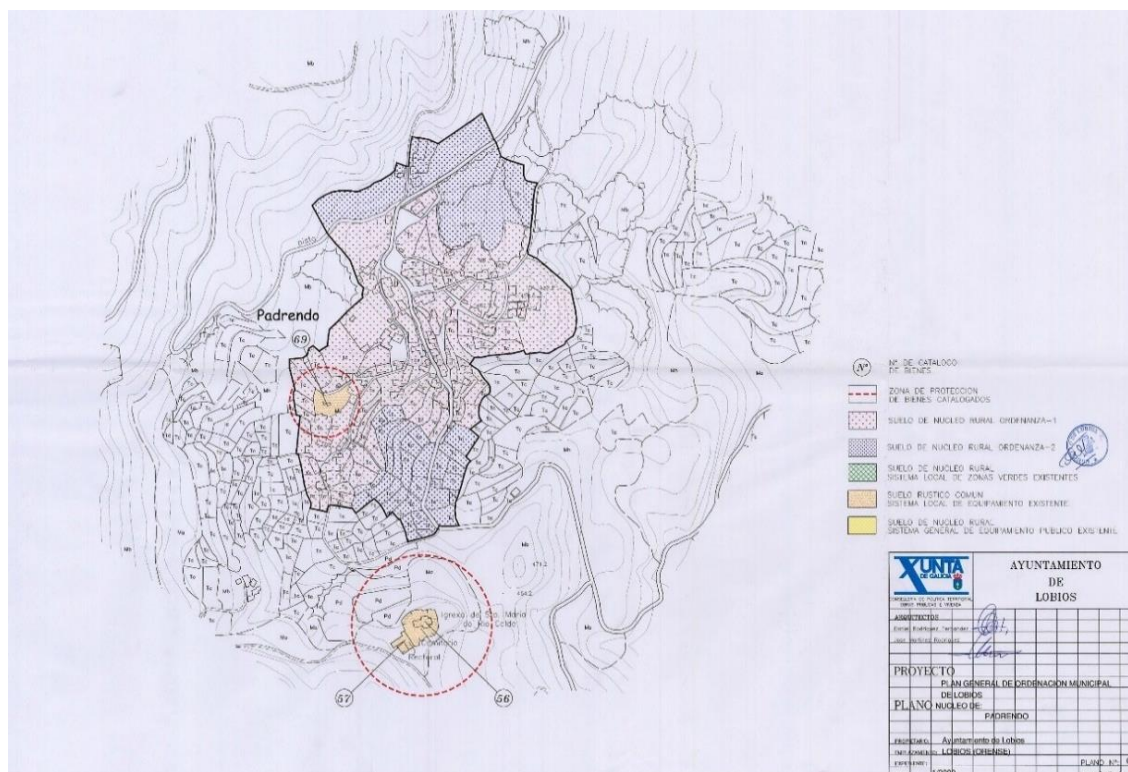


Fig. 67 – Plano de ordenación do núcleo de Padrendo.

Destaca tamén o núcleo do Outeiro, antiga barriada pertencente a Padrendo, que actualmente se atopa abandonada e fóra de ordenación. Esta sitúase entre a aldea e a igrexa, reitoral e cemiterio parroquial (nº 56 e 57), a sur, que conforman un ben catalogado en solo de núcleo rural de equipamento público. O outro dos bens catalogados está constituído pola agrupación de canastros e eiras, de grande interese patrimonial, e que se atopan no centro da aldea. Ambos bens, constan dunha contorna de protección adxacente, se ben o conxunto relixioso goza dun raio maior de protección que o conxunto etnográfico.

A trama urbana caracterízase no xeral pola irregularidade, e apenas destaca unha vía de maior entidade que é o camiño principal de acceso, que liga Padrendo coa estrada OU-540 e coa aldea de Vilameá.

Os núcleos de Vilameá e A Devesa (figura 68) caracterízanse por conformar un único aglomerado a nivel morfolóxico. O emprazamento neste lugar, destas entidades de poboación, débese á suavidade topográfica creada polos sedimentos do val glaciar do río Vilameá, que permitiu unha certa comodidade a nivel construtivo e para o aproveitamento agrícola das terras circundantes.

Separados pola estrada OU-312, que une Lobios coa Portela do Home e articula todo o val, estas dúas aldeas están conformadas polos seus núcleos tradicionais compactos e consolidados, solo de núcleo rural de ordenanza 1, aos que se engaden as vivendas dispersas e edificacións agrícolas situadas no solo rural de ordenanza 2. Esta zona de expansión dispónse principalmente ao longo do eixo da estrada OU-312, superando o río Vilameá a Norte e estremando co núcleo de Bubaces a Sur. Tamén existe unha pequena balsa deste solo no camiño que dá acceso á Ermida da Virxe do Xurés, que circunvala Vilameá a Norte e a Leste.

No relativo ao patrimonio, ambas aldeas gozan de grandes mostras tanxibles. Aínda así, o PXOM apenas cataloga como bens patrimoniais a capela de Santa Lucía e a antiga ponte de Carballedo (nº 62 e 63 respectivamente), este último situado entre Padrendo e A Devesa. A ambas se lle outorga unha contorna de protección. Así, outras mostras coma os conxuntos de canastros, eiras e bodegas destes núcleos, non posúen ningunha figura de protección.

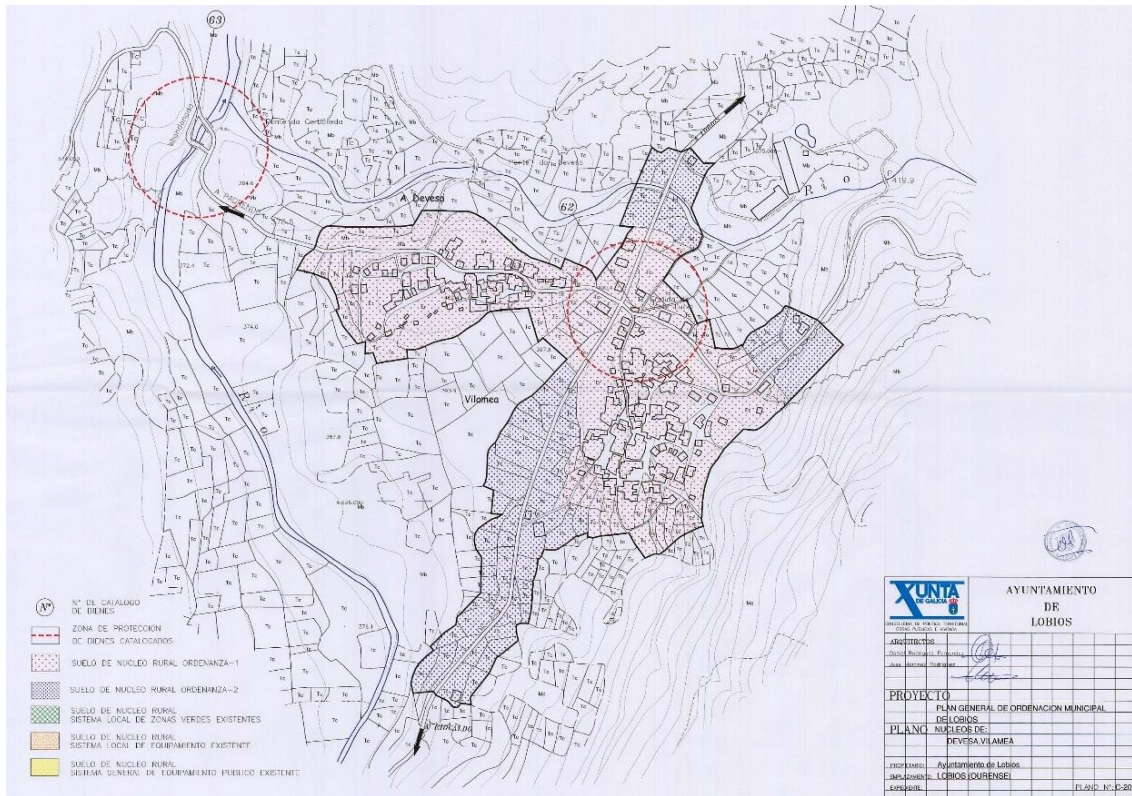


Fig. 68 – Plano de ordenación dos núcleos de Vilameá e A Devesa.

A estrada procedente de Padrendo e súa prolongación ata a Ermida do Xurés, xunto coa estrada autonómica OU-312, conforman un eixo perpendicular de comunicación e organización que é dos máis importantes destes núcleos. O resto do trazado viario e o edificado, con excepción das edificacións illadas de nova construción, é extremadamente irregular e compacto.

O parcelario pola súa banda, nas zonas de maior pendente como as ladeiras que rodean a leste Vilameá ou o outeiro sobre o que se asenta a Devesa, están configuradas por pequenas franxas construídas en socalcos seguindo as curvas de nivel. As zonas de máis suave pendente, pola contra, permitiron unha división en parcelas maiores e máis fáciles de traballar, favorecendo que estes núcleos desenvolveran unha intensa actividade agro-gandeira en tempos pasados.

No plano non aparece representado, por situarse lixeiramente ao leste do núcleo de Vilameá e nunha cota superior, o trazado da Vía Nova e a súa zona de protección adxacente. Así, a presenza deste ben patrimonial condicionaría calquera tipo de uso ou intervención que se pretenda sobre esa franxa de terreo.

O conxunto dos núcleos dos Baños, Bubaces e Torneiros, é quizais o máis complexo do val (figura 69). As tres entidades de poboación, diferenciadas entre si, conforman un continuo edificado que funciona de maneira integrada. Quizais isto se deba á presenza das augas termais e ao seu aproveitamento, estando todos os núcleos situados á mesma distancia.

Os Baños, apenas foi creado en 2001 co novo PXOM, debido ao desenvolvemento que adquiría a zona coa construción de novas vivendas, o Hotel-Balneario e o arranxo da zona termal. Ante a indefinición na anexión dos terreos a Bubaces ou a Torneiros, a opción de crear un novo núcleo na marxe leste do río Caldo foi escollida. Esta nova poboación foi, polo seu desenvolvemento no edificado e infraestruturas, a que adquiriu unha imaxe máis urbana, con edificios de grande porte, beirarrúas, luminarias de deseño, puntos de reciclaxe, etc. Case que a total parte dos seus terreos se atopan clasificados como solo de núcleo rural de ordenanza 2.

Isto contrasta co solo de núcleo rural de ordenanza 1, que conforma o total dos núcleos de Bubaces e Torneiros, polo seu elevado grao de consolidación e a súa imaxe e matriz urbana de núcleos tradicionais. Apenas unha franxa adxacente á estrada OU-312 entre ambas as dúas aldeas se clasificou baixo a ordenanza 2, polo seu carácter disperso e que permite a expansión. Esta estrada é o eixo que liga os tres núcleos ente si, achegándoos tanto á fronteira portuguesa a sur, como a Vilameá e Lobios a norte. Se ben o núcleo de Torneiros ten unha malla urbana irregular que se asenta na marxe superior da estrada, Bubaces e os Baños desenvólvense lonxitudinalmente sobre dúas vías de comunicación. No primeiro dos casos, sobre o camiño que une a estrada OU-312 coa igrexa parroquial e a aldea de Padrendo; e no segundo sobre unha vía de comunicación que liga a OU-312 coa zona termal.

A nivel patrimonial, son numerosos os bens catalogados e con contornas de protección establecidas sobre estes núcleos. Destaca a ponte da estrada OU-312 (nº 64), así como os conxuntos de canastros de eiras de Torneiros e Bubaces (nº 61 e 59 respectivamente). Tamén a capela de Santa Catalina (nº 60), desta última aldea, se atopa catalogada e con marxes de protección, o que contrasta coa capela de San Amaro, en Torneiros, que apenas se encontra inventariada. Todos estes bens atópanse en terreos clasificados como solo de núcleo rural de equipamentos públicos existentes.

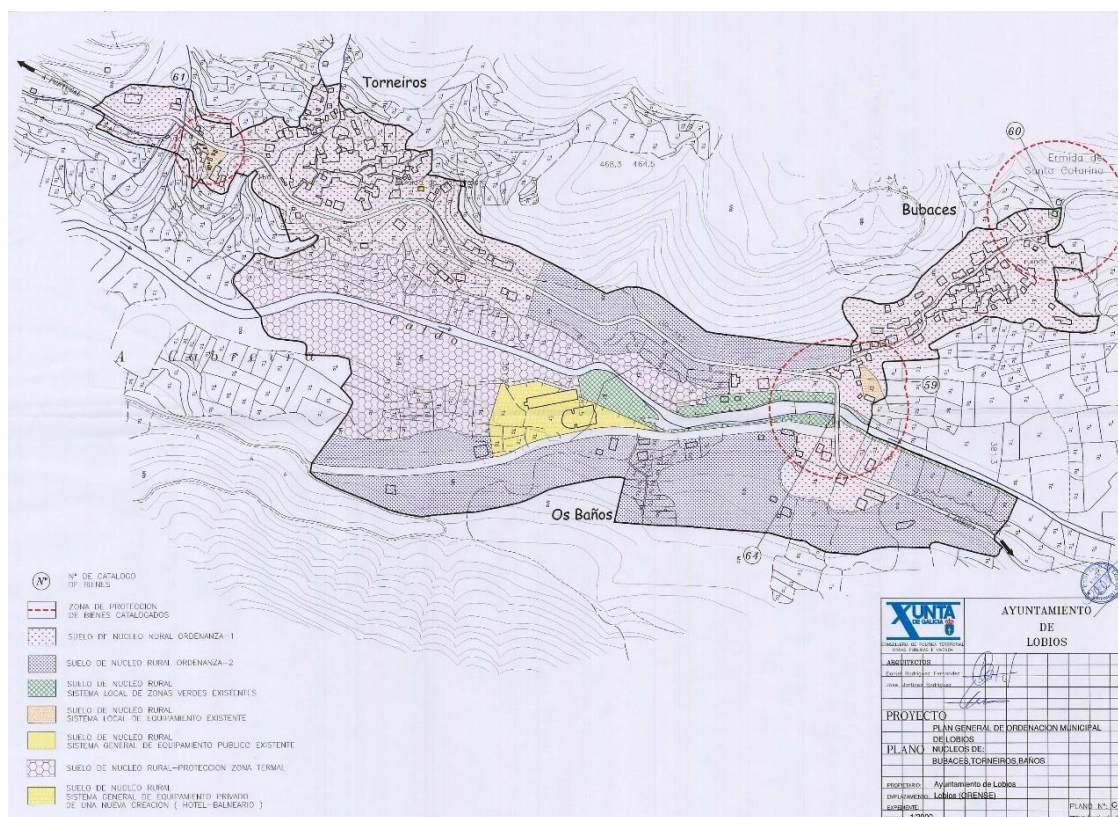


Fig. 69 – Plano de ordenación dos núcleos dos Baños, Bubaces e Torneiros.

A zona termal e a praia fluvial das marxes do río Caldo posúen unha ordenación máis complexa. Os terreos na marxe inmediata do río, de uso recreativo- acuático e termal, atópanse baixo o réxime de solo de núcleo rural de sistema local de zonas verdes, mentres que o aproveitamento do manancial termal do hotel-balneario, se inclúe no solo de núcleo rural de sistema xeral de equipamentos privados. Destaca tamén nas marxes do río Caldo, entre o hotel e o núcleo de Torneiros, a clasificación dos terreos como solo de núcleo rural de protección termal, que os vencella directamente co desenvolvemento deste sector.

Por outra banda, a proximidade da Vía Nova, o xacemento Aquis Ogeresibus e as súas conseguinte zonas de protección, non inciden directamente sobre o núcleo dos Baños, pero si na contorna inmediata. Tamén, como no caso de Vilameá, moitos dos bens patrimoniais non se atopan protexidos. Esta é a realidade do antigo poldrado situado na praia fluvial dos Baños, as bodegas de Bubaces, e os pequenos conxuntos de canastros e eiras espallados polo núcleo de Torneiros.

Outra das normativas aplicables ten a ver coa regulación dos cursos de augas. A **Confederación Hidrográfica** é o organismo que se encarga da xestión das cuncas hidrográficas, é dicir, o territorio no que todas as súas liñas de auga flúen cara unha

mesma dirección. O Ministerio para a transición ecolóxica e o reto demográfico (2020) ditamina que este organismo se encargue da regulación e xestión das zonas de dominio público hidráulico e as súas zonas de protección. Entre as súas funcións destacan a inspección e vixilancia para o control do estado das canles fluviais, a planificación da xestión dos recursos hídricos, a prestación de servizos técnicos e a autorización e execución de obras.

A pesar de ser un organismo dependente do Goberno de España, esta administración apenas ten as competencia na ordenación dos recursos hídricos e a execución de obras de interese xeral. A Xunta de Galicia é quen ten as competencias do aproveitamento hidráulico, das augas minerais e termais, da pesca, e sobre todo, a xestión da protección dos ecosistemas e o medio ambiente. Tamén compete á administración autonómica, en colaboración cos concellos, a ordenación e xestión urbanística e a regulación do ocio e o turismo nestas áreas. Por todo isto, a intervención nestas áreas vese condicionada polas disposicións das normativas das diferentes administracións, e están suxeitas ás distintas autorizacións.

No caso do sistema hídrico do val do río Caldo, pertencente á Confederación Hidrográfica do Miño-Sil, este está conformado polo río Caldo como liña de auga principal na que conflúen todos os ríos, corgas e regatos da contorna. Como afluentes destacan o río Vilameá e a Corga da Fecha, pero tamén outros de menor entidade como as corgas da Canda, da Cabreira, de Cortegazas ou do Carballón.

O río Caldo foi estudado en profundidade por esta entidade, analizando periodicamente dende as variacións de caudal, o risco de enchente e a súa perigosidade, as zonas de fluxo preferente, etc. Esta análise pormenorizada débese a que o río adquire certa entidade en parte do seu trazado, pero tamén debido á existencia da zona termal, a praia fluvial e núcleos de poboación nas súas marxes.

É precisamente no entorno do núcleo dos Baños, o enclave máis delicado, onde as zonas de fluxo preferente e de inundación adquiren certa relevancia, algo que condiciona o desenvolvemento urbanístico e turístico da contorna. Son habituais, durante os meses de inverno, as enchentes do río que cobren as termas, os paseos fluviais que rodean o río, e que mesmo en certos lugares se achegan as vivendas. Para controlar isto, situouse unha estación de medición e avaliación de riscos na contorna. Cabe mencionar tamén que todo o perímetro da fondo do val, onde se asentan os núcleos de poboación, atópase baixo unha figura de protección, polos mananciais termais que existen na zona (en cor azul, figura 70).

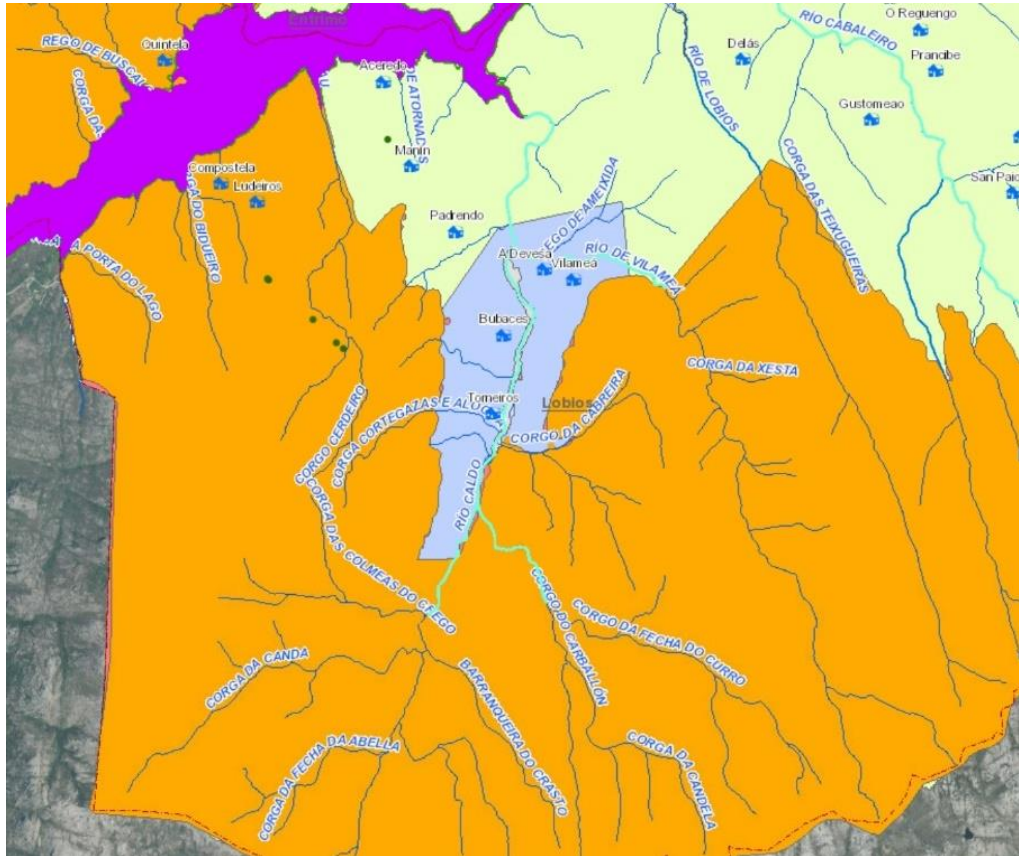


Fig. 70 – Hidrografía do val do río Caldo.

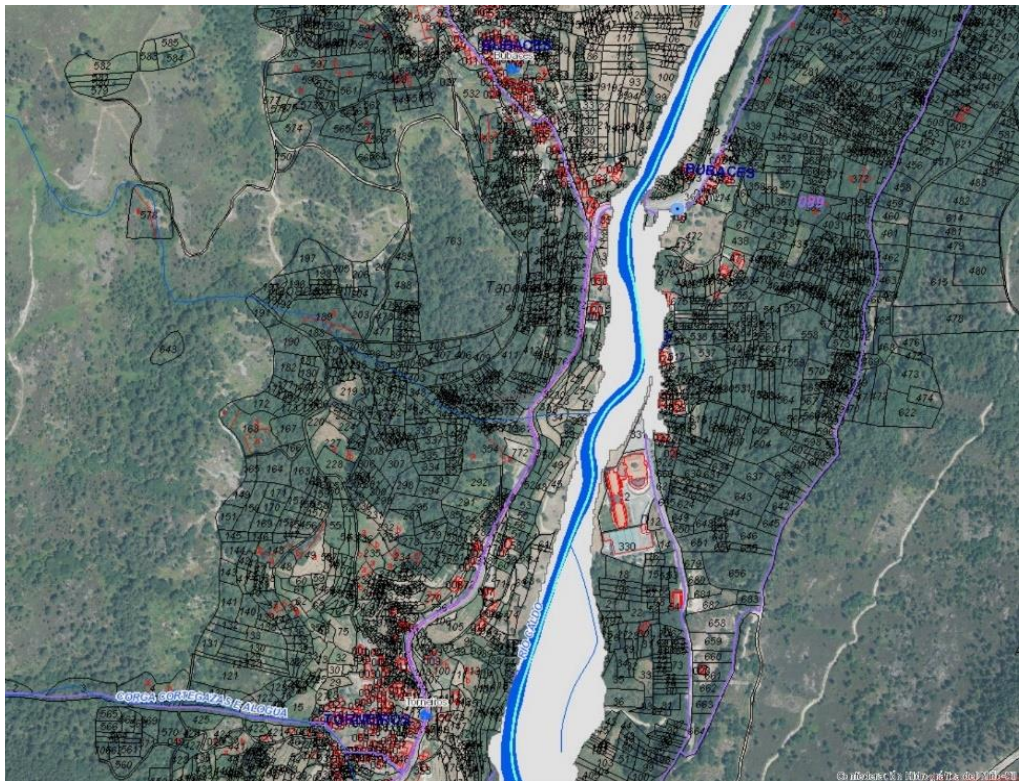
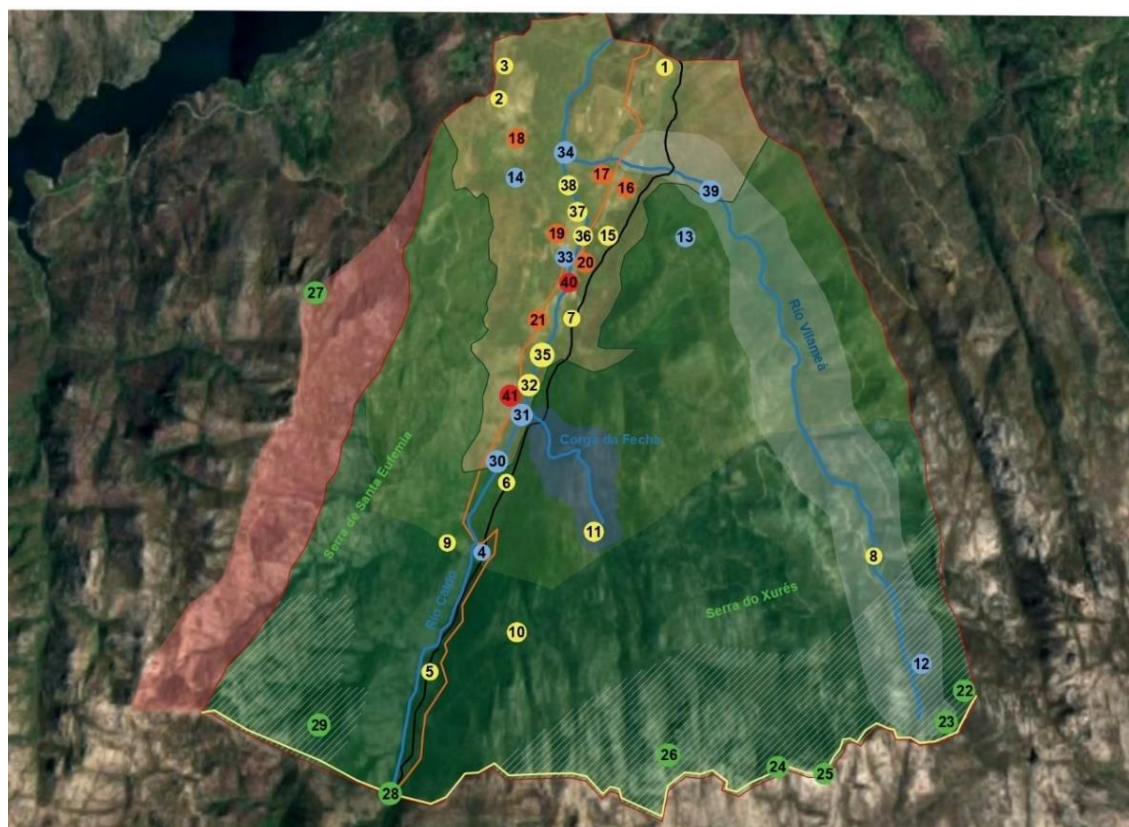


Fig. 71 – Zona de fluxo preferente do río Caldo na zona termal.

3.5. Encadramento patrimonial

Sendo o obxectivo da investigación poñer en valor do val do río Caldo, faise necesario recompilar e analizar os principais elementos patrimoniais que retratan a súa identidade. A análise centrarase principalmente na vertente material do mesmo, empregando como base informativa as fichas de catalogación patrimonial, do Plan Xeral de Ordenación Municipal (Concello de Lobios, 2001), e a Guía do Patrimonio do Concello de Lobios (Araújo et al., 2009).



- | | | |
|-----------------------------------|--|----------------------------------|
| 1 Mámoa da Anta do Couto | 22 Altar de Cabróns | Val glaciar |
| 2 Mámoa do Foxo | 23 Sobreiro | Río Vilameá |
| 3 Mámoa de Portela das Arcas | 24 Amoreira | Corga da Fecha |
| 4 Miliarios da Ponte Nova | 25 As Albas | Río Caldo |
| 5 Mutatio das Mouruás | 26 Pedra Furada | Canón da Corga da Fecha |
| 6 A trincheira | 27 Coto de Santa Eufemia | Vía Nova / Camiño de Santiago |
| 7 Mansio Aquis Ogeresibus | 28 Portela do Home | Muro e marcos fronteira |
| 8 Chivana de Chan da Vella | 29 Bosque Prunus Lusitanica | Terreos en litixio con Manín |
| 9 Cabana de Chan de Farez | 30 Muíños das Estivadas e da Grila | Límites parroquia |
| 10 Cabana das Cabaniñas | 31 Muíño do Crego e Ponte | Estrada OU-312 |
| 11 Cabaniña do Curro | 32 Muíño do Furnigueiro | Zona transición Reserva Biosfera |
| 12 Mina das Sombras | 33 Muíño, Poldras e Ponte dos Baños | Zona tampón Reserva Biosfera |
| 13 Santuario da Virxe do Xurés | 34 Muíños e Ponte de Carballedo | Zona núcleo Reserva Biosfera |
| 14 Igrexa e reitoral de Río Caldo | 35 Poldras de Torneiros | Límite Parque Natural |
| 15 Cruceiro de Vilameá | 36 Poldras de Porta Cabirta | Protección integral P.N. |
| 16 Vilameá | 37 Poldras da Proita | |
| 17 A Devesa | 38 Poldras de Maceira | |
| 18 Padrendo | 39 Muíños, ponte e alvariza de Vilameá | |
| 19 Bubaces | 40 Balneario, termas e praia fluvial | |
| 20 Os Baños | 41 Miradoiro da Corga da Fecha | |
| 21 Torneiros | | |
- Elemento patrimonial ● Conxunto patrimonial ● Núcleo de poboación ● Valor natural ● Infraestrutura turística

Fig. 72 – Localización dos principais recursos patrimoniais de interese no val do río Caldo.

Para unha caracterización máis fidedigna dos bens a estudar, agrúpanse por conxuntos ou unidades patrimoniais, permitindo comprender a súa correlación, evolución e identidade. Desta maneira apreciarase máis facilmente a súa importancia, a relación co seu contexto inmediato, así como á súa articulación dentro do territorio. Comezarase coa análise do patrimonio asociado á Vía Nova, elemento vertebral do val dende tempos inmemoriais, para despois centrarse no patrimonio que agocha a serra, os distintos núcleos de poboación e o patrimonio natural, entre outros.

O patrimonio da Vía Nova:

Vía Nova:

Este elemento patrimonial transcorre pola marxe oriental do Río Caldo e constitúe unha das maiores mostras do legado romano na zona. Á maneira das actuais autoestradas, estas vías conectaban os principais núcleos do Imperio, e neste caso unía Bracara Augusta (Braga, Portugal) e Asturica Augusta (actual Astorga, León), cun longo percorrido que atravesa a actual provincia de Ourense. Esta vía, a XVIII do itinerario antonino, máis comunmente denominada Vía Nova, foi concluída no ano 80 do século I d.C., baixo o mandato do emperador Augusto (Araújo et al., 2009).

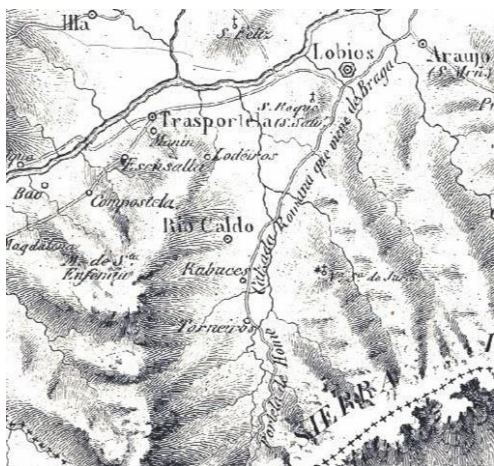


Fig. 73 – Cartografía histórica onde aparece reflexada a Vía Nova.

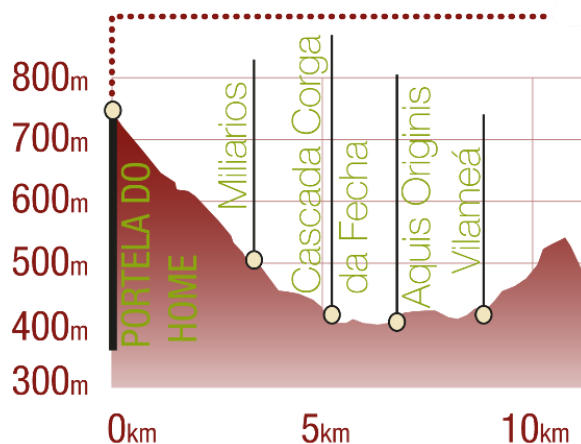


Fig. 74 – Perfil topográfico do val do río Caldo.

Tecnicamente, constitúe unha magnífica mostra de enxeñaría romana, permitindo a circulación cómoda dos vehículos grazas ao seu comfortable trazado rectilíneo e de suave pendente. Esta disposición eficiente e intelixente, contrarrestaba o accidentado do terreo montañoso. Para tal fin, na súa construción empregouse un sistema de desterro e aterrapiado que permitía usar o material do lugar para crear unha explanada de grande anchura.

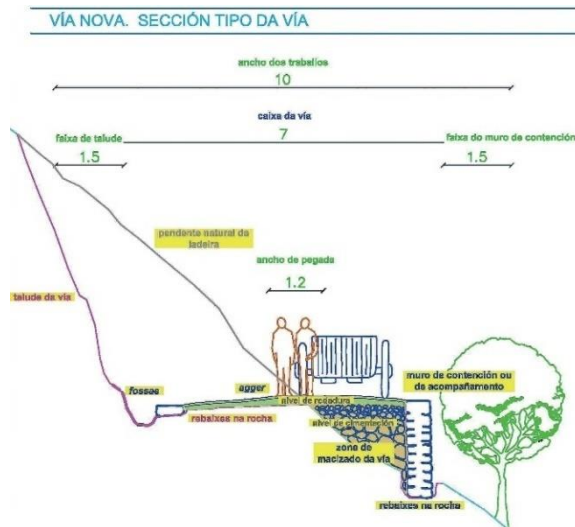


Fig. 75 – Sección ideal da construción da Vía Nova.

Fig. 76 – Vista do trazado a media ladeira da vía.

Máis alá do seu interese construtivo, tamén destaca a nivel da traxectoria do trazado, sobre todo no tramo que circula polo val do río Caldo. Así, a vía circula a cota de media ladeira, evitando as inundacións da bacía fluvial e a escarpada orografía das zonas máis altas dos montes, pero tamén emprega o percorrido óptimo, entrando desde Portugal polo paso da Portela do home. Este lugar, porto de montaña entre as cuncas dos ríos Caldo e Homem como xa foi mencionado, conformaba un paso histórico pola súa comodidade.



É tal o valor técnico, monumental e histórico que ten esta vía, que se pode contemplar observando a simple vista. Alén dos vestixios materiais e inmateriais da propia vía, trae consigo unha serie de bens patrimoniais asociados. Son uns 12 km de vía romana que atravesan o val, nos que se preservan un gran número de miliarios, vestixios do pavimento orixinal, das pontes e dos muros de contención da vía, e edificacións asociadas. Cabe destacar que moitos dos miliarios, debido ao descoñecemento da

poboación, foron empregados como pilares para vivendas, peches de parcelas, ou para os lagares onde se facía o viño.



Fig. 79 – Área recreativa que alberga os miliarios atopados na vía.



Fig. 80 – Miliario na súa localización orixinal no trazado da vía.



Fig. 81 – Miliario reutilizado como columna.

En canto ao patrimonio asociado á vía, atópanse escavadas tanto a Mutatio das Mouruás, antiga parada de descanso, como a Mansio Aquis Originis ou Aquis Oberesibus, vinculada coa explotación das augas termais existentes neste val.



Fig. 82 – Mutatio das Mouruás.



Fig. 83 – Mansio Aquis Ogeresibus.

Esta última construción estivo activa entre os séculos III e V d.C., e a súa tipoloxía correspóndese coa dunha vila ou casa de campo, aínda que todo parece indicar que tiña un uso público. Dela destacan as instalacións lúdico-hixiénicas relacionadas co aproveitamento termal das augas da zona, que se asocian tamén co aproveitamento terapéutico e relixioso das mesmas polas súas propiedades, como así confirman numerosos vestixios encontrados. As estruturas sacadas á luz non mostran a totalidade do conxunto, pero permiten ver tanto a zona de cociñas como as distintas salas (fría, morna e quente) da estancia termal.

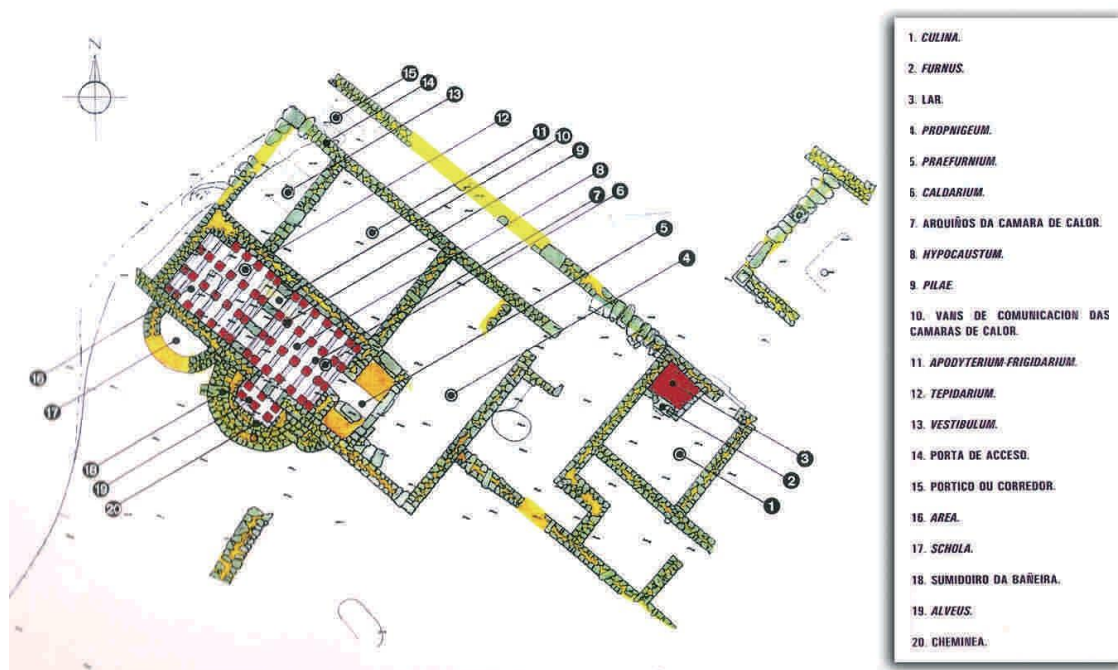


Fig. 84 – Planta dos vestixios escavados da Mansio Aquis Ogeresibus

Pero os vestixios romanos non son os únicos que persisten ao longo desta vía, se non que a súa situación e disposición estratéxica, fixo que ao longo da historia se preservase este eixo de circulación como estrutura social do territorio e porta de entrada a Galicia. Mostra disto son os numerosos camiños que circulan superpostos ou paralelos á mesma.

Outro elemento patrimonial a destacar da vía, construído xa durante o seu uso como vía de comunicación do século XVII, é a trincheira. Este muro constituíu un sistema defensivo que permitía controlar o paso no val durante as guerras con Portugal. Construtivamente consistía nunha muralla, en aparello de pedra seca, que forma un ángulo convexo cara o invasor e que contaba cun pequeno foxo con auga no lado exterior. Este elemento, xunto co río caldo e as escarpadas ladeiras, permitían a defensa efectiva nas incursións das tropas portuguesas.

Tal é a importancia histórica, monumental e patrimonial do conxunto da Vía Nova, así como o seu bo estado de conservación, que teñen sido numerosas as tentativas conxuntas con Portugal para propoer a súa candidatura a Patrimonio Mundial da Humanidade da UNESCO.



Fig. 85 – A trincheira.



Fig. 86 – Estrada actual, río Caldo, camiño medieval e Vía Nova.



Fig. 87 – Alicerces da antiga ponte romana que cruzaba a Corga da Fecha.

Camiño de Santiago:

Numerosos documentos certifican que algunhas das máis antigas rutas de peregrinación do Camiño de Santiago aproveitaban o val de Río Caldo para o seu paso. Non é de estrañar, xa que o cómodo trazado da Vía Nova era idóneo para que os peregrinos, procedentes de Braga e arredores, o aproveitasen para acercarse cara Santiago de Compostela. Así, actualmente tanto o Camiño Miñoto, o Camiño da Xeira e dos Arrieiros e o Camiño de San Rosendo e a Raíña Santa, seguen o curso do río Caldo para atravesar esta zona, entrando dende a Portela do Home e dirixíndose cara Lobios.

A pesar de que a Igrexa recoñece como oficial esta ruta e os peregrinos reciben a acreditación oficial unha vez chegan a Santiago, a Xunta de Galicia aínda non outorga

oficialidade a este Camiño, polo que a proxección turística e o número de usuarios non é moi importante. Ademais, aínda que en moitos concellos xa foi sinalizado, no trazado que discorre por Lobios a sinalización non é oficial nin eficiente en moitos casos.

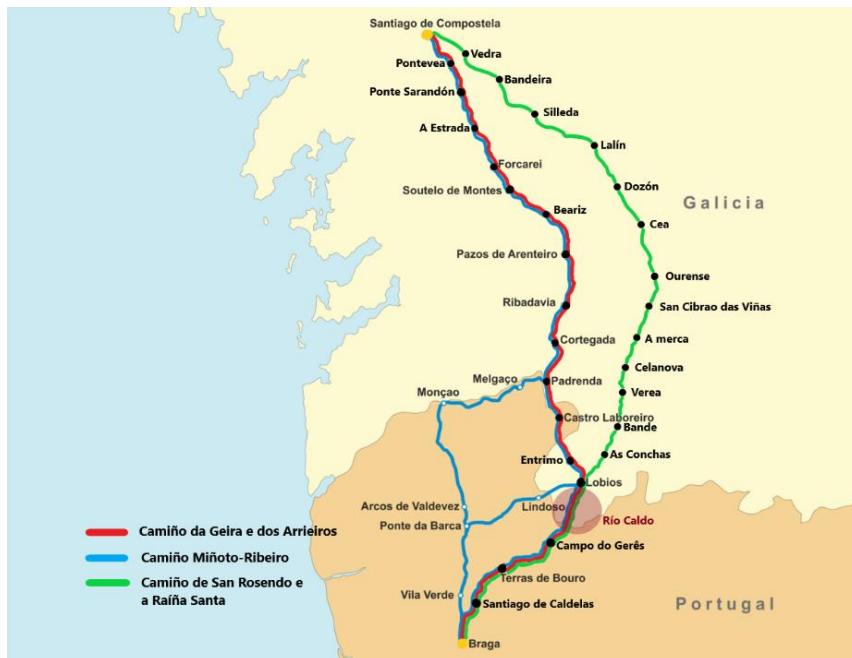


Fig. 88 – Mapa dos distintos trazados do Camiño de Santiago que cruzan o val do río Caldo.

O patrimonio da serra:

Os primeiros vestixios de ocupación humana deste territorio teñen que ver coas estruturas funerarias neolíticas. As denominadas **mámoas**, son a mostra da arquitectura monumental máis antiga existente na zona, estando actualmente tres delas estudadas e catalogadas. Estas son a Mámoa da Anta do Couto, situada no paso natural que pecha o val do río Caldo ao Norte; e as mámoas do Foxo e Portela das Arcas, situadas nos cumios máis baixos e arredondados da serra de Santa Eufemia.



Fig. 89 – Mámoa da Anta do Couto.

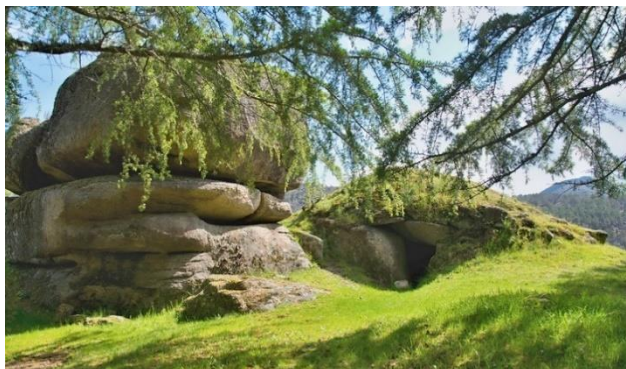


Fig. 90 – Cabaniña do Curro.

Pero o aproveitamento dos recursos naturais da montaña ao longo da historia, trouxo consigo outra serie de elementos patrimoniais asociados. Neste caso, gracias ao pastoreo dos rabaños dos habitantes do val, que eran levados á serra durante a época estival para estar frescos e ter alimento. Con esta actividade, xurdiron unha serie de espazos empregados como refuxio nocturno, fronte depredadores ou contra as inclemencias meteorolóxicas, tanto para o gando como para os pastores que tomaban conta del.

Estes eran os curros ou currais, lugares onde o gando pastaba libremente nun espazo delimitado. Asociado a isto, construíanse as **cabanas** ou **chivanas**, seculares edificacións de pedra de forma circular e teito abovedado, que se cubrían con terróns para protexela e disimulala, e que apenas contaban cun pequeno acceso cunha arquitrabe. Estes elementos patrimoniais son únicos e constitúen unha interesante mostra da arquitectura asociada aos usos tradicionais da comunidade. Destacan, por dimensión e emprazamento, a Chivana de Chan da Vella e a Cabaniña do Curro, pero persisten outras mostras como a Cabana das Cabaniñas, a das Sombras e a de Calvos.

Esta non é a única arquitectura que convive na serra. A explotación do Wolframio durante o século pasado, tamén colonizou esta serra dende 1936 ata os anos 70. Situadas na cabeceira do río Vilameá a 1.200 metros de altitude, cerca da fronteira con Portugal e rodeada dos altos cumios da serra do Xurés, están as Minas das Sombras. A explotación comezou en grandes faixas escavadas na empinada ladeira para pasar, en 1952, para unha mina subterránea que percorre as entrañas da montaña. Ademais destes vestixios pódense observar os antigos barracóns dos obreiros, os edificios administrativos, a zona de tratamento do mineral, e o antigo sistema de vagonetas que transportaba os refugallos.



Fig. 91 – Vestixios da actividade industrial de extracción do mineral nas Minas das Sombras

Outros bens patrimoniais que aínda se manteñen erguidos tanto na Serra do Xurés como na de Santa Eufemia, son o **muro** e os **marcos fronteirizos** que delimitan o territorio entre España e Portugal. A pesar de non destacar polo valor arquitectónico,

este conxunto constitúe unha interesante mostra da evolución da historia local e internacional. Os marcos, esculpidos en bloques de granito cuadrangulares, son a actualización da liña fronteiriza que outrora delimitaba o muro de pedra seca.



Fig. 92 – Antigo muro fronteirizo.



Fig. 93 – Marcos delimitadores da fronteira actual

Xa nas faixas máis baixas da Serra do Xurés, sobre a aldea de Vilameá, consérvase unha edificación relixiosa que ocupa unha posición privilexiada, dominando visualmente o val do río Caldo. Esta é o **Santuario da Virxe do Xurés**. Conta a lenda que no lugar, entre os enormes penedos que rodean a capela, aparecéuselle a Virxe a un pastor pedíndolle que erguese unha ermida. Así, foi levantada polos veciños sen orde do bispo, o que entorpeceu as obras e non permitiu que fose finalizada ata 1454.



Fig. 94 – Santuario da Virxe do Xurés e rochas nas que apareceu a Virxe segundo a tradición popular.



Fig. 95 – Perspectiva do adro do Santuario e vistas aos vales do Caldo e Limia.

A capela atópase protexida por unha fermosa e centenaria carballeira, pechada por un muro que delimita o adro. Neste recinto existe ademais unha edificación auxiliar, unha fonte, un cruceiro e un miradoiro con pavimento pétreo e balaustrada de pedra. Máis recentemente foi acondicionado como zona de merendas, sobre todo, debido á tradición de comer alí durante os días de celebración da misa solemne, nas festividade dos días 15 de agosto e 8 de setembro de cada ano.

É tal a devoción que senten os veciños deste lugar, que incluso se realizan procesións dende as aldeas para subir as imaxes da santa. Para iso empregábase un antigo camiño empedrado, que conta con pequenas capelas, onde se representa a cristo camiño do calvario.

Destaca a evolución do edificio do santuario, de boa cantería, apreciando un volume inicial con apenas aberturas, coroado cunha espadana e dobre campá. Máis tarde construírías un segundo e maior volume, máis ornamentado, onde se sitúa actualmente o altar e ao que se lle engadiu un camarín exterior no século XVIII. O conxunto atópase ben preservado e goza de protección integral. A pesar disto, recentemente foi instalada unha antena de telecomunicacións que degrada a contorna.



Fig. 96 – Antiga fonte.



Fig. 97 – Cruceiro e adro.



Fig. 98 – Calvario e antigo camiño de ascensión ao santuario.

O patrimonio dos núcleos de poboación:

Vilameá



Fig. 99 – Perspectiva xeral da aldea de Vilameá.

Situada nas ladeiras da Serra do Xurés e sendo o maior dos núcleos de poboación da parroquia, Vilameá conforma unha pintoresca e compacta aldea de trama urbana irregular. Os estreitos rueiros son definidos pola interesante arquitectura tradicional que atesoura a aldea. Son típicas de aquí as vivendas populares de pedra con varandas de madeira, das que aínda se preservan algúns exemplos.

A Capela de Santa Lucía é quizais o elemento patrimonial máis importante da aldea. Do século XVIII, caracterízase por ser un pequeno e interesante templo de cantería de granito, que conserva sorprendentes gravados e marcas nas súas paredes. Nos arredores, a paisaxe de socalcos con plantacións de viñedos e cultivos de cereais configuran a paisaxe que rodea a aldea.

Ademais, consérvanse numerosas mostras relacionadas co tratamento destas materias primas, como as eiras de mallar comunitarias, co seu adxacente conxuntos de canastros. Tamén o forno, os muíños, as levadas do río Vilameá e as pozas. No referente ao viño, as adegas e minas en covas escavadas na montaña, ademais dos emparrados sobre os camiños, conforman un patrimonio único.



Fig. 100 – *Vivenda tradicional con varanda.*



Fig. 101 – *Capela de Santa Lucía.*

Destaca tamén o cruceiro, de 1616, de grande interese artístico dada a súa ornamentación, e que se ergue esvelto entre os carballos e antigas tapadas que rodean a aldea. Este ademais sitúase á beira do antigo camiño medieval, superposto á Vía Nova, que une a zona dos Baños co núcleo de Vilameá. Vinculado a este camiño e á pegada romana da Vía nova, tamén se preservan algúns miliarios. Moitos destes foron empregados como elementos construtivos na arquitectura tradicional e en elementos etnográficos. Ademais, por este itinerario transcorren tamén as numerosas rutas do Camiño de Santiago que entran de Portugal a través do val do río Caldo.



Fig. 102 – *Adegas escavadas na montaña.*



Fig. 103 – *Cruceiro no camiño medieval.*



Fig. 104 – *Eira dos canastos de Vilameá.*

A Devesa



Fig. 105 – *Núcleo da Devesa.*

Esta aldea sitúase a carón da aldea de Vilameá, coa que conforma un continuo urbano. A pesar de ser o lugar de menor tamaño da parroquia, tamén conta cun interesante patrimonio etnográfico relacionado cos cultivos da súa extensa veiga. Eiras de mallar, canastos, bodegas, minas soterradas, así como muíños e un antigo poldrado que cruza o río Vilameá, é o patrimonio que integra esta aldea. Este, debido ao despoboamento, acusa un importante abandono en comparación co resto de núcleos do val.



Fig. 106 – *Canastos engulidos polo mato.*



Fig. 107 – *Forno comunitario.*



Fig. 108 – *Antigo poldrado.*

Padrendo



Fig. 109 – Vista xeral da aldea de Padrendo e a igrexa parroquial.

Padrendo sitúase na parte baixa da serra de Santa Eufemia e conforma o máis disperso dos núcleos tradicionais, cunha fermosa veiga en socalcos e cun rico patrimonio arquitectónico, etnográfico e natural. Ademais, conta con interesantes mostras da arquitectura tradicional en granito do século XIX, valados en pedra seca, regatos e muíños, así como o patrimonio asociado ás actividades tradicionais como o forno, as adegas, e a extensa eira de mallar comunitaria co respectivo conxunto de canastros que a rodean.



Fig. 110 – Eira de canastros de Padrendo.



Fig. 111 – Núcleo abandonado do Outeiro.

Destaca o barrio do Outeiro, abandonado a mediados do século pasado, que comeza a ser engulido polo anel de carballeiras e soutos que protexe a aldea e que a dota dunha fermosa atmosfera. Nas proximidades deste lugar atópase tamén o conxunto da igrexa e casa reitoral da parroquia, que se complementa coa cortes, pombal, canastro e terreos anexos.

A igrexa goza de protección integral e dun estado de conservación bo, sendo usado hoxe en día para a misa regular e celebracións da parroquia. Consiste nun templo barroco, de planta de cruz latina, que conta cunha sancristía anexa. A obra foi construída con sillares de pedra regulares e conta cunha fachada esvelta. Esta remátase con espadana e dobre campá, e ornáméntase con capiteis, pilastras, porta adintelada e unha pequena imaxe da virxe en pedra.



Fig. 112 – Igrexa parroquial.



Fig. 113 – Casa reitoral e canastro.



Fig. 114 – Pombal.

Arredor dispóñense o cemiterio, un edificio anexo e a casa reitoral, que goza dun pésimo estado de conservación, a pesar da súa protección ambiental. Este edificio constitúe unha interesante mostra da arquitectura popular da zona, erguida en pedra e con disposición arredor dun patio, ocupando tres dos seus lados. Xa no exterior do recinto e dentro dos terreos da igrexa, atópanse o pombal, o canastro e as cortes.

Bubaces



Fig. 115 – Panorámica do núcleo de Bubaces.

Continuando cara o sur polas ladeiras da serra de Santa Eufemia atópase a aldea de Bubaces. Esta está conformada por unha serie de camiños que escalan monte arriba dende a marxe esquerda do río Caldo. É, sen lugar a dúbidas, o núcleo de poboación da parroquia con maior desnivel e as súas vivendas amoréanse unhas con outras no máis escarpado da ladeira. Así, a disposición urbanística constrúe unha serie de

terrazas ou socalcos, que conforme se achegan ao río forman unha grande chaira. Entre o patrimonio da aldea, sobresaen a capela de Santa Catalina e as antigas bodegas escavadas na montaña, ambos conxuntos situados na parte alta do núcleo.

Tamén cabe destacar o forno, a eira comunitaria e os canastros, estes últimos do século XIX e XX, protexidos debido a cantidade de exemplares concentrados e construídos enteiramente en pedra.



Fig. 116 – Capela de Santa Catalina.



Fig. 117 – Adegas escavadas no terreo.



Fig. 118 – Eira de canastros.

Torneiros



Fig. 119 – Vista xeral da aldea de Torneiros.

Torneiros sitúase moi preto de Bubaces e conforma o último núcleo de poboación antes de entrar en Portugal. Este goza de grande interese arquitectónico e paisaxístico, xa que a súa trama compacta vese interrompida por varios corgos, que descenden ladeira abaixo, e que dotan de identidade á aldea. Ademais, debido á topografía sobre a que se asenta, os bancais ou socalcos constitúen a estrutura do asentamento e conforman unha paisaxe única que une o río Caldo, a aldea e os montes da serra. A cultura do viño tamén está presente nesta aldea. Aquí, ademais do seu cultivo nos arredores, aínda se conservan a día de hoxe os emparrados sobre os camiños, pendurados entre as fachadas das vivendas ou apoiados en postes de pedra labrada.



Fig. 120 – *Vivenda tradicional.*



Fig. 121 – *Camiño emparrado.*



Fig. 122 – *Unha das corgas que atravesan a aldea.*

Posúe tamén interesantes mostras da arquitectura popular como cortes, o forno, a capela de San Amaro, pero sobre todo, destacan as eiras de mallar e os canastros, conxunto tamén catalogado e protexido.



Fig. 123 – *Eira dos canastros de Torneiros.*



Fig. 124 – *Capela de San Amaro.*

Os Baños

O último dos núcleos, o dos Baños, foi recentemente creado debido ao desenvolvemento urbanístico experimentado na zona anexa ás termas e á praia fluvial. Emprázase na marxe dereita do río Caldo e apenas conta con patrimonio histórico de interese monumental no interior. Alén da praia fluvial e as termas, emprázanse nas proximidades dos Baños a Vía Nova e a Mansio romana Aquis Ogeresibus.



Fig. 125 – *Ao fondo, núcleo dos Baños, área termal e praia fluvial.*

O Patrimonio paisaxístico e xeomorfolóxico:

A nivel paisaxístico este territorio caracterízase, nas zonas baixas, por conformar un fondo e fértil val, moldeado polo río Caldo e afluentes, e ocupado por un mosaico que mestura grandes extensións de cultivo con bosque autóctono. Estas zonas de topografía suave e arredondada contrastan cos abruptos, altos e pedregosos montes que pechan o val.

Todo isto débese á composición dos solos, con predominancia da rocha plutónica, neste caso o granito. Este foi erosionado ao longo dos séculos, tanto polos procesos glaciares como polo escorrentar das augas. Nas zonas máis altas, a composición das rochas en grao máis groso evitou unha maior erosión e impediu o crecemento de tanta vexetación, ao contrario do que aconteceu nas zonas máis baixas, nas que os finos graos configuraron unha paisaxe máis suavizada e con cuberta vexetal. Tamén, os procesos de sedimentación, permitiron consolidar os terreos máis chairros e fértiles nos fondos dos vales.

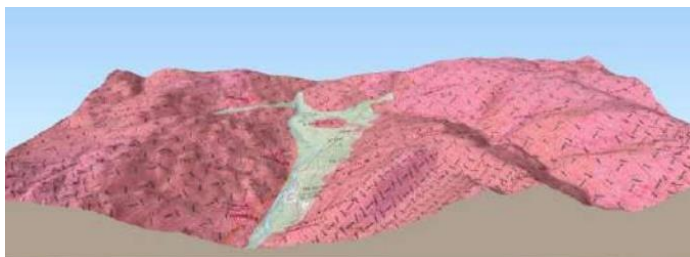


Fig. 126 – Esquema xeomorfolóxico do val, en rosa o erosionado e en azul os sedimentos.



Fig. 127 – Ladeiras erosionadas e suave e fértil fondo do val.

Son as serras do Xurés e de Santa Eufemia as encargadas de franquear os límites do val, con alturas que superan os 1.000 m.s.n.m., como o pico de Altar de Cabróns (1.489 m), o de Sobreiro (1.537 m) e o da Amoreira (1.463 m), no Xurés; e o Coto de Santa Eufemia (1.115 m), na serra homónima, cuxa propiedade actualmente se atopa en litixio coa parroquia de San Salvador de Manín.



Fig. 128 – De esquerda a dereita, Nevosa, Altar de Cabróns, Sobreiro e Amoreira.



Fig. 129 – Coto de Santa Eufemia.

Máis abaixo destes cumios sitúase unha segunda ringleira de montañas, con alturas de entre 600 e 800 metros que cosen a serra co fondo do val. Neste conxunto montañoso, destaca o porto de montaña da Portela do Home, que con 750 metros de altitude, conforma o nexo de unión entre as dúas serras. Aquí o val pecha a súa forma de funil, contrastando coa grande abertura que posúe a norte. Nestas faixas montañosas menores, a paisaxe combina os grandes rochedos graníticos, característicos do Xurés, con franxas vexetais de bosque autóctono e repoboacións de piñeiro. Esta imaxe contrasta cos altos montes que os rodean, totalmente desprovistos de vexetación e que amosan formas morfo-xeolóxicas moito máis sinuosas.



Fig. 130 – Dobre fila de montañas na Serra do Xurés.



Fig. 131 – Erosión causada pola auga.



Fig. 132 – Formación xeolóxica da Pedra furada.



Fig. 133 – Formación xeolóxica das Albas.

Esta morfoloxía de paisaxe, cos seus característicos bolos graníticos resultantes da erosión glaciaria, dilúese progresivamente ata que nas zonas máis baixas do val e as valgadas, as pedras máis arredondadas se atopan dispersas pola orografía, sobre os depósitos dos sedimentos que arrastraron as liñas de auga.

Foi nestas zonas accesibles e chairas onde a herdanza xeo-morfolóxica favoreceu o asentamento da poboación e o seu desenvolvemento agrícola e gandeiro. Aquí tamén, a propia configuración da codia terrestre permitiu o afloramento dos mananciais de auga termal que tanto caracterizan este territorio. A circunstancia do xurdimento das mesmas preto do curso do río, quecendo a súa auga, permitiu dar nome a este territorio, o val do río Caldo.



Fig. 134 – Asentamentos humanos no fondo do val.



Fig. 135 – Manantiais termais do río Caldo.

O patrimonio do río Caldo:

O río Caldo nace a case 800 metros de altitude preto da fronteira de Portela do Home, conformando un dos principais afluentes do río Limia. O seu manso e lineal trazado, así como a súa función divisoria do territorio, pero á vez vinculante da vida social do val, levaron a que atesoure un rico patrimonio arquitectónico e etnográfico.



Fig. 136 – Río Caldo no seu curso alto.



Fig. 137 – Río Caldo no seu curso medio.



Fig. 138 – Dembocadura no encoro de Lindoso.



Fig. 139 – Ponte da estrada OU- 312 nos Baños.

Ademais da propia Vía Nova, a Mansión romana e a Mutatio; a praia fluvial e as termas; destacan sobre todo as pontes que permiten unir ambas marxes. En primeiro lugar, as pontes vinculadas á estrada actual, construída na década dos 40 do século pasado, erguidas con boa cantería de granito. Destacan a ponte da Pontenova, de gran

monumentalidade e situada preto da área recreativa onde se reúnen gran cantidade dos miliarios da Vía Nova. Tamén a ponte dos Baños, orixinaria do século XIX e remodelada coa construción da estrada, e que, debido ao seu interese arquitectónico, goza de protección integral. Nas inmediacións da ponte, consérvase tamén o muíño dos baños.

Existía antano outra ponte no curso medio do río, a do Fumigueiro, erguida sobre grandes rochas e cun vao construído en madeira, que foi substituído por un novo en formigón no século pasado. Aquí consérvase tamén un peto de ánimas, que amosa que o enclave tivo algún tipo de relevancia na tradición histórica.

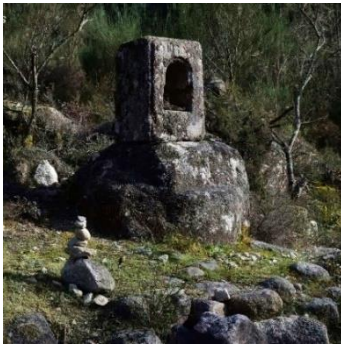


Fig. 140 – Peto de ánimas do Fumigueiro.



Fig. 141 – Ponte de Carballedo.

A última das pontes, do século XV, é a ponte de Carballedo, que a pesar da súa monumentalidade, con estrutura en pedra de dous arcos, se preserva moi deficientemente. Atópase preto da desembocadura do río Vilameá.

Outras estruturas vinculadas á comunicación entre ambas marxes son as poldras, de orixe moi antiga. Estas consistían en pasos para cruzar os ríos, construídos con grandes pedras de granito máis ou menos regulares, separadas entre si o suficientemente para poder saltar ou camiñar sobre elas. A día de hoxe consérvanse con uso as poldras de Torneiros e as dos Baños (que permitían pasar carros incluso).



Fig. 142 – Poldras de Torneiros.



Fig. 143 – Poldras dos Baños.

Ademais, tamén existen as de Porta Cabirta, as da Proita e as de Maceira. Estas tres, comunicaban as veigas dos lugares de Vilameá e Devesa, cas de Padrendo e Bubaces. Estas veigas de cultivo e prados para o gando, son outro dos valores paisaxísticos que atesoura o río Caldo, ademais da fauna e a vexetación de ribeira.



Fig. 144 – *Veigas de Bubaces, Vilameá e A Devesa.*



Fig. 145 – *Muíño do Crego.*

Outra categoría de bens patrimoniais son os muíños, que salpican as beiras do río dende o tramo medio ata a desembocadura. No relativo ao bo estado de conservación, destacan os muíños da Grila, das Estivadas, do Crego e o do Furmigueiro, no curso medio; o dos Baños, situado nas inmediacións da ponte da estrada Ou-312; e os muíños de Carballedo, preto da antiga ponte e da desembocadura do río Vilameá. Cabe salientar que moitas mostras deste patrimonio etnográfico, incluso a día de hoxe, continúan sendo privadas e pertencendo a familias da zona.

Os afloramentos termais que emanan nas inmediacións do río son, quizais, a maior e máis característica riqueza patrimonial ligada ao mesmo. As especiais características deste tramo do río, foron condicionantes no desenvolvemento social e económico da poboación local do val.



Fig. 146 – *Afloramentos das augas termais.*



Fig. 147 – *Praia fluvial e área termal dos Baños.*

Na marxe dereita do río Caldo, entre as localidades de Torneiros e Bubaces, atopamos o núcleo dos Baños. Aquí, como o seu propio nome indica, atópase o que podería ser considerado o maior recurso turístico do val e de toda a comarca. Este é o conxunto que conforman a praia fluvial do río Caldo, as termas e o hotel balneario.

Xa dende o tempo dos romanos se tirara partido das propiedades das augas mineromedicinais que emanan na zona, como amosa o xa visto sistema de calefacción da *mansio* romana Aquis Ogeresibus. Estas augas termais do río Caldo atópanse acumuladas a uns 3 ou 4 km de profundidade, con temperaturas que chegan aos 135°C. Así, aproveitando unha fractura na falla por onde transcorre o río Caldo, xorden da terra cun caudal de 10 l/s e a unha temperatura de entre 55 e 77 graos centígrados. Entre as propiedades que posúen, destacan por ser de mineralización media, bio-carbonatadas sódicas e con alta contido en flúor e sílice.



Fig. 148 – Antigo lavadoiro e casa de baños.



Fig. 149 – Piscina termal.

No relativo ao aproveitamento e desfrute destas augas, ademais da mansión romana asociada á Vía Nova, durante o século XX existiu unha pequena casa de baños con bañeiras, que acollía ás persoas vindas de fóra que querían aproveitar as propiedades terapéuticas destas augas. Ademais, existiu tamén un lavadoiro público ao pé desta edificación, no que os habitantes da parroquia aproveitaban para lavar a roupa no inverno.



Fig. 150 – Zona termal.



Fig. 151 – Praia fluvial.

A finais de século, co aumento da popularidade do destino e do turismo de masas, optouse pola posta en valor da zona, coa apertura de novos accesos, o acondicionamento dunha zona de baño no río con auga embalsada e a construción dunha gran piscina de auga quente

Finalmente, xa no 2001, cedeuse a concesión das augas a unha empresa e construíuse o equipamento hoteleiro e de ocio termal. Tamén zonas de lecer, parques e paseos fluviais na marxe do río, que comunican esta área coa Corga da Fecha.



Fig. 152 – Balneario pertencente á empresa Caldaria.



Fig. 153 – Piscina interior do balneario.

O patrimonio do río Vilameá:

Este curso fluvial conforma unha área extraordinaria onde a natureza e o patrimonio etnográfico se abrazan mutuamente. A canle de auga nace nas cimas da serra do Xurés, a 1.300 metros de altitude, preto da fronteira con Portugal, descendendo por un antigo val glaciario ata desembocar no río Caldo. O perfil en U do val desta liña de auga, así como os limos, sedimentos e texturas presentes nas rochas e na contorna hoxe en día, falan da presenza dun glaciar de ata 50 metros de grosor que cubría a zona hai 18.000 anos. Esta mole de xeo, constituíu no seu momento o glaciar a menor altitude da península ibérica.



Fig. 154 – Perfil en U da cabeceira do val do río Vilameá.



Fig. 155 – Sedimentos da morrena glaciario.

Aparte deste fenómeno xeolóxico, destaca a maneira en que discorre o río, formando pedregosas e cristalinas pozas con saltos de auga no tramo medio e superior, e converténdose nun río menos accidentado conforme se achega á súa desembocadura. Ademais disto, existe un importante valor natural no referente á fauna e flora presente na bacía do río, a pesar dos importantes incendios que asolaron a zona repetidamente.



Fig. 156 – Fervenzas no tramo alto do río.



Fig. 157 – Pozas do curso medio do río.



Fig. 158 – Maquinaria interior dos muíños.



Fig. 159 – Exterior do muíño do Tenro.



Fig. 160 – Muíño situado ao pé do río.



Fig. 161 – Levada para captar a auga.

O que quizais chame máis a atención é o grande patrimonio etnográfico existente na contorna. Actualmente, doce dos vinte muíños existentes no curso fluvial están restaurados. Ademais, o sistema hidráulico de levadas, que permitían o funcionamento

dos muíños e o regadío das veigas da aldea de Vilameá, aínda se conserva e incluso funciona parcialmente.

Outro dos bens patrimoniais que atesoura o río é a antiga ponte do século XVIII, que permitía a continuidade do camiño medieval superposto á desaparecida Vía Nova, e que segue estando en servizo a día de hoxe. Consérvase tamén dignamente unha antiga alvariza, construción circular de altos muros que permitía protexer as colmeas, onde se producía o mel, dos osos da serra. Así mesmo, son numerosas as pozas e lugares apracibles que o río configura no seu tramo medio. É por todo este valor etnográfico, natural e de ocio acuático, que hoxe en día conforma un dos lugares máis visitados durante todo o ano, e sobre todo, durante a época estival.



Fig. 162 – Ponte da Pontenova.



Fig. 163 – Alvariza.



Fig. 164 – Val do río Vilameá.



Fig. 165 – Poza dos Muíños do Cubo.

O patrimonio da Corga da Fecha:

Considerado un dos maiores saltos de auga de Galicia, a Corga da Fecha, descende abruptamente da serra do Xurés durante douscentos metros ata desembocar no amansado río Caldo. Este conxunto fórmase por unha serie de ferozes fervenzas que rematan en pequenas pozas mansas, de auga pura e azul-verdosa.



Fig. 166 – *Corga da Fecha.*



Fig. 167 – *Inicio do salto de auga.*



Fig. 168 – *Pozas aptas para o baño.*

A canle de auga, dada a orografía e as formacións rochosas, esculpiu un canón de cunca irregular que cambia de dirección varias veces no seu curso. É tal a magnitude deste enclave natural que, hoxe en día, é dos lugares máis visitados, tanto polo turismo de a pé e os bañistas estivais, como polos amantes dos deportes de risco, que practican barranquismo.



Fig. 169 – *Fervenza principal.*



Fig. 170 – *Práctica de deportes de risco.*

O patrimonio da flora:

No relativo á flora, o conxunto do Parque Natural sitúase nunha área de transición entre a rexión euro-siberiana, de tipo atlántico, e a mediterránea. As condicións climáticas e do terreo favoreceron a mestura de bosques de folla caduca, típicos do clima húmido atlántico, con flora perenne habitual do mediterráneo, como poden ser as sobreiras ou os erbedeiros.

Outra peculiaridade do territorio é a diferenza na vexetación entre as cotas máis baixas e as máis altas, debido á accidentada orografía e á profunda alteración polo aproveitamento do territorio e os constantes incendios que asolan a zona. Os bosques autóctonos reducíronse a masas concretas e contornas das valgadas, e as características rexenerativas dos solos están en progresiva degradación.



Fig. 171 – Cultivos na aldea de Padrendo.

As cotas baixas, situadas arredor dos 300 m.s.n.m., están conformadas por zonas agrícolas nos fondos dos vales e nos arredores das aldeas. Estas contan con prados herbáceos para o gando, e especies vinculadas á actividade agrícola, como o millo, o trigo, o centeo, os viñedos e os cultivos hortícolas dos habitantes.



Fig. 172 – Vexetación de ribeira do río Caldo.



Fig. 173 – Carballeira preto de núcleos de poboación.

Ascendendo ladeira arriba, estas zonas atópanse rodeadas por grandes masas de carballos, castiñeiros, sobreiras, loureiros, erbedeiros e piñeiros comúns. Nas bacías dos ríos, os bidueiros, os freixos, amieiros, abeleiras, chopos e salgueiros.



Fig. 174 – *Vexetación mediterránea na Corga da Fecha.*



Fig. 175 – *Monocultivo de piñeiros na serra.*

Nestas zonas intermedias, máis inaccesibles para o aproveitamento, destacan tamén as extensións de monocultivo de piñeiro, resultado das repoboacións realizadas entre os anos 20 e 70 do século pasado. Calcúlase que arredor do 35% do territorio, está cuberto por esta especie, xerando zonas de vexetación empobrecida debido ao carácter e ás propiedades desta especie.



Fig. 176 – *Matogueira e bosque disperso.*



Fig. 177 – *Bosque de Prunus lusitanica.*

As cotas máis altas e pedregosas, entre os 700 e os 1.500 m.s.n.m., presentan aparencia semi-desértica. Destacan sobre todo a matogueira de toxo, carqueixa e urceiras. Ademais deste mato de baixa altura, puntualmente aparece arboredo difuso de cerquiños, piñeiro silvestre e teixo. En áreas concretas aséntanse tamén zonas de pasto, nas que se deixa ver unha especie endémica de gran valor, o lirio do xurés.



Fig. 178 – *Vexetación de monte baixp nos cumios da serra.*



Fig. 179 – *Lirio do Xurés.*

O patrimonio fáunico:

Debido as características do territorio, a zona dá refuxio a especies tanto mediterráneas como de influencia euro-siberiana. Por un lado, entre os réptiles e anfibios destacan varias especies típicas da península, como a salamandra de rabo longo, e outras endémicas desta zona, como víbora fociñenta.

En canto ás especies de aves, nas zonas de mato e especies mediterráneas predomina a papuxa de cabeza negra e a papuxa carrasqueira. Nos lugares altos e rochosos da zona de acceso restrinxido do Parque, atópase o merlo rubio e o merlo azul, mentres que nas zonas de ribeira destacan o merlo rieiro e a lavandeira real. Nas zonas de bosque e arboredo destaca o cardeal. Cabe salientar a presenza do azor, o gabián, a aguia corbeira, e sobre todo, da aguia real na contorna da serra de Santa Eufemia.



Fig. 180 – *Águia real*, especie reintroducida no Parque.



Fig. 181 – *Corzos e cervos son animais habituais nas zonas altas.*

No grupo dos mamíferos, destaca o aumento na poboación dos lobos, dos corzos, cervos e cabalos salvaxes, pero sobre todo da cabra montesa, reintroducida con éxito na serra do Xurés.



Fig. 182 – *Cabra montesa sobre as rochas do Xurés.*



Fig. 183 – *Cabalo garrano pastando na serra.*

Articulación do patrimonio:

Para dar a coñecer e conectar moitos destes recursos patrimoniais, institucións nacionais e autonómicas, o Concello de Lobios e a dirección do Parque Natural do Xurés, deseñaron unha serie de rutas de sendeirismo. Estas posúen distintos niveis de dificultade, pero no xeral tentan crear percorridos o máis accesibles e concretos posible.

Unha delas é a Ruta dos Muíños do Río Vilameá, que puxo en valor todo o patrimonio histórico, etnográfico, paisaxístico e natural deste río, deseñando un percorrido que une os seus muíños. Outra das rutas desenvólvese en forma de T, de maneira que permite acercarse a bacía do río Caldo e o canón da Corga da Fecha ao visitante, ademais do patrimonio histórico e arqueolóxico da Vía Nova e a Cabaniña do Curro.

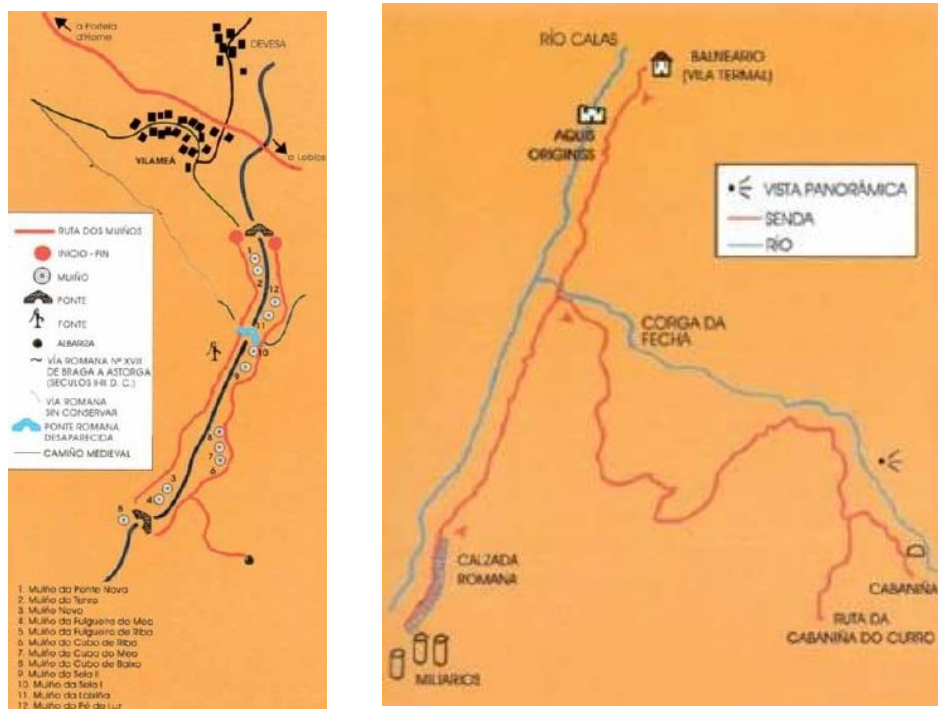


Fig. 184 – Ruta dos muíños do río Vilameá e ruta da Corga da Fecha.

Por outra banda, a Ruta de Padrendo permite desfrutar, nun mesmo percorrido do patrimonio arquitectónico e etnográfico das aldeas de Torneiros, Bubaces e Padrendo, ao mesmo tempo que os recursos ambientais e paisaxísticos máis interesantes do Parque, ao alcanzar as cotas altas da serra de Santa Eufemia.

Outra das rutas de alta montaña, e onde se poden apreciar os maiores valores naturais do Parque, é a Ruta da Mina das Sombras. Partindo do Santuario do Xurés, discorre serra arriba seguindo o curso do río Vilameá, ata alcanzar as zonas de máxima protección, onde se sitúan as Minas das Sombras.

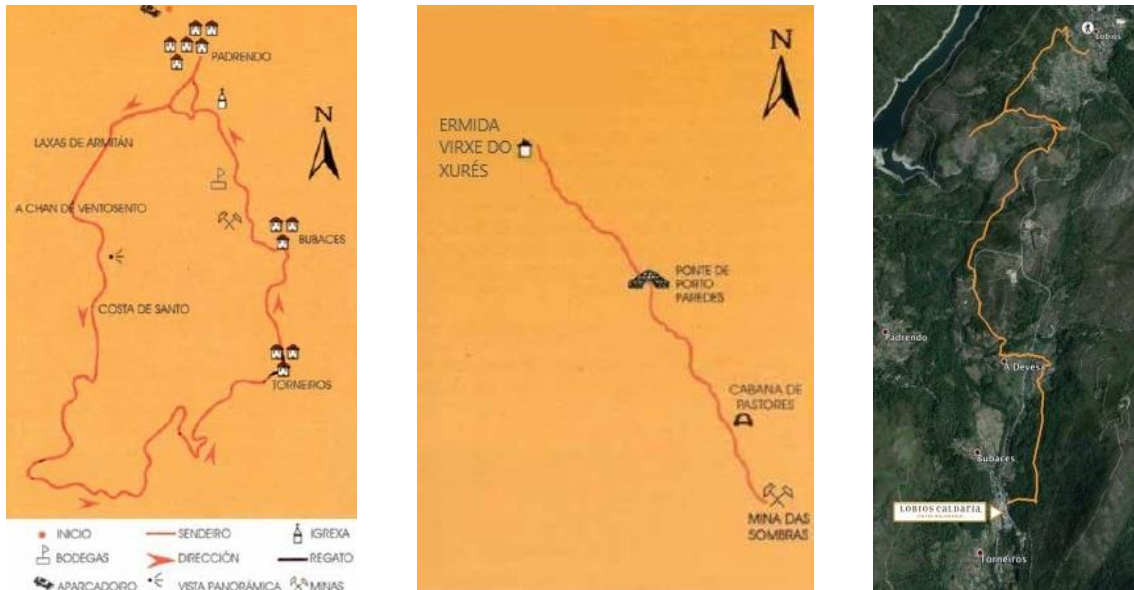


Fig. 185 – Ruta de Padrendo, ruta da Mina das Sombras e roteiro termal.

Ademais destas rutas concretas, existen outras de grande percorrido, como o Camiño Natural da Vía Nova, que permite percorrer o trazado da Vía Nova dende a Portela do Home ata o Concello de Bande. Tamén o roteiro termal, que comunica a zona termal de Río Caldo coa capitalidade municipal, onde se asenta un maior número de servizos. Ademais do potencial natural e paisaxístico que posúe esta ruta, tamén permite desfrutar do patrimonio das aldeas de Vilameá e da Devesa.

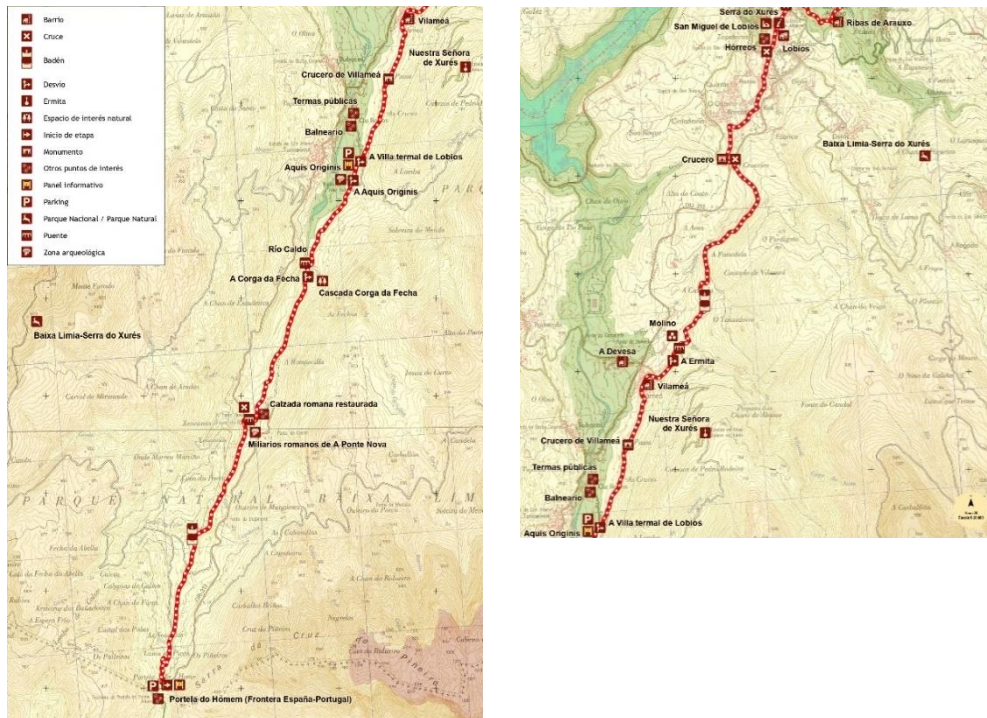


Fig. 186 – Percorrido do Camiño Natural do interior da Vía Nova.

A pesar de que estes percorridos poden ser feitos a pé, con tracción animal ou en bicicleta, para este último medio de transporte creáronse rutas específicas. Así, no propio Balneario emprazouse un centro de BTT que permite dar soporte a esta actividade. Desta maneira o usuario poderá desfrutar de numerosas rutas por toda a Reserva da Biosfera, e no caso concreto do val poderá circular por tres delas. A primeira segue o curso da Vía Nova, con inicio na Portela do Home e fin no veciño concello de Muíños.

Outra das rutas tamén aproveita o trazado da Vía Nova polo val pero pecha circularmente o percorrido ao chegar á vila de Lobios. O retorno será efectuado por unha pista forestal que permite descubrir as zonas máis altas e privilexiadas da Serra do Xurés.

A última das rutas, tamén circular, superponse á ruta de Padrendo do Parque Natural, ampliando o percorrido a zonas máis afastadas da serra de Santa Eufemia e desviando o trazado para pasar pola Vía Nova e o Balneario.

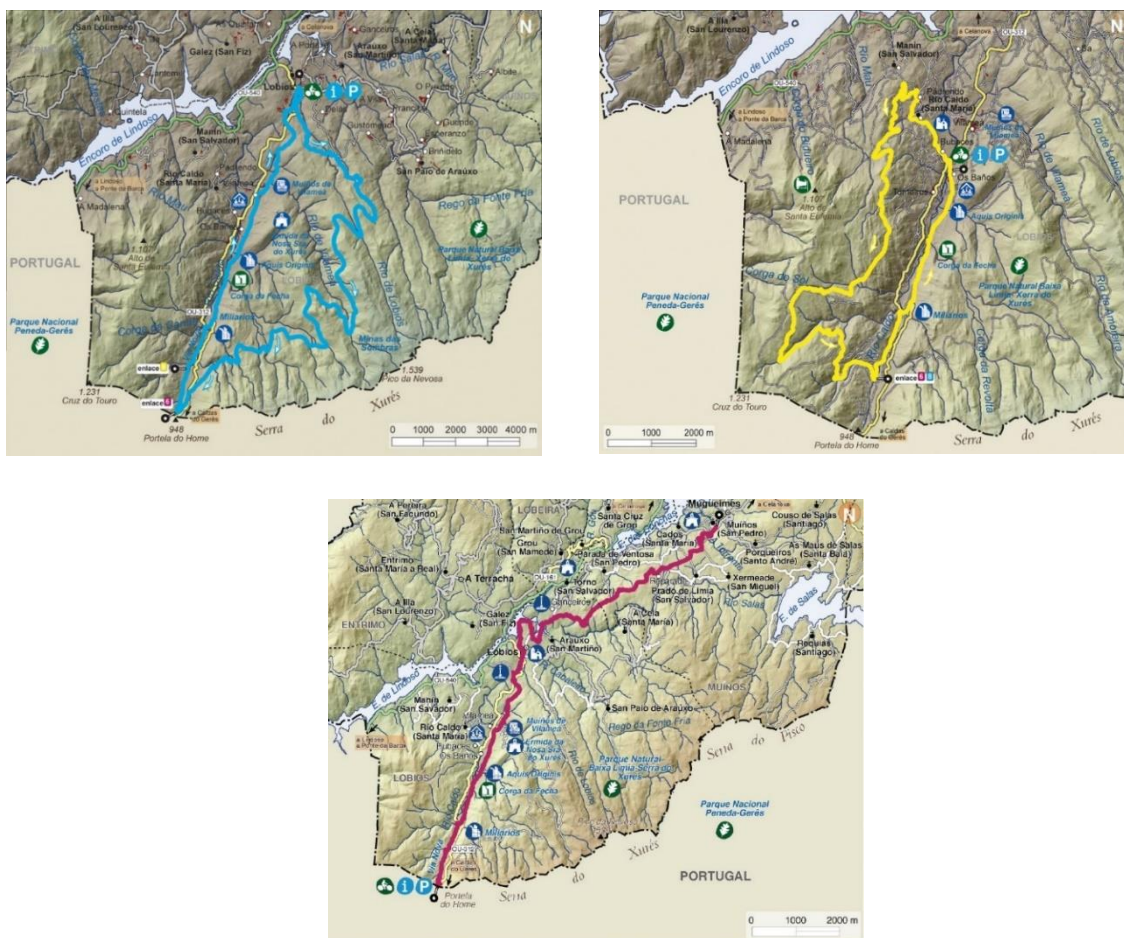


Fig. 187 – Rutas BTT: Mina das Sombras, Padrendo e Vía Nova.

3.6. O territorio na actualidade

O imponente e incomparable marco natural do val do río Caldo, co seu interesante patrimonio histórico, arquitectónico, etnográfico, arqueolóxico e os recursos termais, atópanse actualmente nunha situación pouco idónea, lonxe de se converteren no motor do desenvolvemento económico e social do territorio.

A peculiaridade desta contorna foi recoñecida, sen ir máis lonxe no pasado ano 2022, na 42ª edición da Feira Internacional de Turismo FITUR. Nela foi presentado o xeodestino “Terras de Celanova-Serra do Xurés”, descrito como unha contorna máxica, auténtica e chea de personalidade, gracias á fusión da terra e a auga co termalismo, a historia e o carácter arriano. Neste acto, o prestixioso reporteiro de viaxes Paco Nadal, nomeou o termalismo e o legado romano, xunto cos valores naturais, os pilares fundamentais sobre os que sustentar o desenvolvemento (Eimil, 2022).

Pero se ben os recoñecementos son moi meritorios, a realidade amosa unha carencia a nivel organizativo, de planificación do aproveitamento dos recursos, de posta en valor do patrimonio e a imaxe estética, así como de falta de dedicación e esforzo orzamentario para intervir ou garantir a preservación da contorna.

Así, numerosos veciños e entidades de representación denunciaban o abandono e degradación ao que estaría sometida a contorna da área termal e a praia fluvial, enclave que cualifican como maior dos focos de potenciación turística, a nivel local e comarcal. Mediante numerosos escritos, estes solicitaban un maior compromiso ás institucións, públicas e privadas, para executar os urxentes proxectos de mellora da área, co fin de ofrecer un destino de excelencia con infraestruturas turísticas de calidade e cunha imaxe atractiva.

Ademais, afondaban máis alá na necesidade de mellorar os plans de ordenación urbanística e das distintas entidades de protección do medio natural como o Parque, de maneira a mellorar a paisaxe, preservar a biodiversidade e conseguir un desenvolvemento sustentable do turismo e a economía. Ao mesmo tempo, recalcan a necesidade de potenciar o vínculo co país veciño e os seus recursos naturais (Faro de Vigo, 2019).

Aldara (2019) advertía tamén que a carencia de figuras específicas de dirección do Parque Natural e os recursos turísticos, así como a falta de promoción, conservación, intervención e mantemento, fan con que o número de visitantes non se consolide e despegue como acontece noutras áreas. Se ben anualmente visitan o Parque arredor

duns 30.000 turistas, esta cifra apenas corresponde a un terzo dos visitantes que alcanza o Parque Nacional Peneda- Gerês. É esa comparativa a que realizan moitos axentes da parte galega, que observan como o Parque está lonxe de converterse no motor económico da zona, e que precisa de ser organizado, impulsado e xestionado, seguindo modelos que consigan poñer en valor o enorme patrimonio existente.

Por todo isto, é de xustiza realizar unha pequena observación da situación na que se atopa o val do río Caldo, así como os principais recursos patrimoniais do mesmo. Deste xeito poderase establecer unha pequena análise das posibles causas e consecuencias desta situación, resolvendo tamén a hipotética necesidade dun proxecto de intervención ou posta en valor.

O obxectivo deste non sería outro que conseguir un turismo de calidade e non estacional, que aporte un retorno económico e garanta a preservación do medio ambiente e do patrimonio, provocando sinerxías positivas para o desenvolvemento da zona.



Fig. 188 – Antiga aduana portuguesa reconvertida en establecemento de hostalería.



Fig. 189 – Estrada N– 308 que liga coa Mata da Albergaría.

Analizando os lugares físicos e comezando polo sur, na liña imaxinaria que separa España de Portugal, atópase o **espazo fronteirizo da Portela do Home**. Este enclave configúrase como unha área de concentración de visitantes pola súa capacidade de acollimento e estacionamento. Tamén polos importantes recursos naturais, arqueolóxicos e paisaxísticos existentes na parte portuguesa, e polas súas vistas cara o val do río Caldo no lado español. Conforma así unha porta de entrada bidireccional entre ambos Parques, que se pode interpretar como nexo de unión ao mesmo tempo.

É tal o fluxo de visitantes que soporta este espazo, que coa rehabilitación acometida no posto de aduana fronteiriza portugués, decidiuse abrir un local de hostalería para as temporadas altas. Ademais, a envolvente e o espazo público nese lado da fronteira atópase máis humanizado e delimitado, distribuíndo circulación e estacionamento. Conta tamén con infraestruturas de beirarrúas ou paneis de información turística actualizados.



Fig. 190 – Miliarios na Portela do Homem.



Fig. 191 – Estacionamento delimitado, arboredo e fonte.

Cruzando para o lado español atopámonos con outras dúas edificacións de aduana. Se ben a máis pequena e antiga, debido ao seu interese patrimonial, se atopa nun bo estado de conservación, o principal edificio, situado entre ambos sentidos de circulación da estrada, atópase degradado. Aínda que o interese arquitectónico do edificio é mínimo, o edificio conservado nunhas correctas condicións podería ter un uso como punto de información, albergue ou cafetería. Pola contra, actualmente atópase asolado pola falta de mantención e o vandalismo, con desprendementos das lousas da cobertura e as paredes de fábrica de granito cheas de pintadas. En igual estado se atopa o interior, xa que as ventás e portas tamén foron vítimas dos vándalos.



Fig. 192 – Explanada e edificio principal da aduana española, en estado de degradación.

Por outra banda, o espazo exterior carece de tratamento e urbanización. Este está conformado por unha ampla explanada asfaltada, que por fortuna recentemente foi organizada, mediante un pintado que regula a circulación e o estacionamento. Nos contornos da mesma, o visitante apenas se atopa cun conxunto de sinalizacións contraditorias sobre o Parque Natural e as rutas, puntos de luz oxidados e fóra de servizo, un transformador de luz e algún contedor de lixo de rechamante cor.



Fig. 193 – Edificio antigo da aduana.



Fig. 194 – Ruído visual da rede eléctrica e outros elementos.

Continuando cara o norte, en sentido descendente e paralela á estrada OU-312 e ao curso do río Caldo, atópanse os vestixios dun dos máis importantes recursos patrimoniais que atesoura este territorio. Trátase da **Vía Nova**, que neste treito se atopa en excelente estado de conservación. Actualmente pódese percorrer andando pero moitas veces o camiño atópase difícil de transitar pola falta de mantemento na limpeza, polos estragos das épocas de chuvias e pola confusa sinalización.

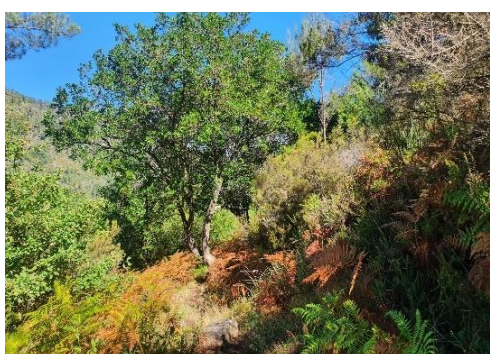


Fig. 195 – Falta de limpeza no trazado da Vía Nova.



Fig. 196 – Camiño Natural do Interior, actualmente con pavimento degradado e sinalización destruída.

Tal non sería excesivo problema se fose unha vía de escaso tránsito. Pola contra, este camiño é percorrido, ademais de polos amantes do sendeirismo e o patrimonio, polos peregrinos que camiñan cara Compostela, polos numerosos **Camiños de Santiago** que se superpuxeron á Vía Nova. Paralelo a este e pola outra banda do río, unha pista

forestal foi adecuada para crear un trazado alternativo á calzada romana, máis accesible e adaptado. Os constantes incendios forestais que asolaron a zona, alén de eliminar a flora existente, ocasionaron danos no firme debido ás intensas chuvias e danaron a sinalización.

Descendendo polo val, atópase a **área recreativa** onde se concentran os **miliarios**. Alí creouse un espazo de descanso e observación, cunha fonte cuberta, mesas e árbores, rodeando estes vestixios romanos. Actualmente, a falta de manutención derivou nun espazo residual e con apenas uso, coa estrutura do tellado derruída e cunha imaxe pouco atraente debido á falta de coidado. Outra vez, os contedores do lixo de cor rechamante e as sinalizacións vellas e indescifrables captan a atención do visitante.

Outros bens patrimoniais asociados á vía como a **trincheira**, a **mutatio das Mouruás** ou os vestixios arqueolóxicos do **Aquis Ogeresibus**, a pesar de ser obxecto de numerosas campañas de escavación, acostuman pasar desapercibidos para os visitantes. Isto acontece porque o seu mantemento, accesibilidade e sinalización, non se atopa en condicións adecuadas.



Fig. 197 – *Aquis Ogeresibus engulido pola matogueira.*



Fig. 198 – *Área recreativa dos miliarios, con ruído visual e co espazo cuberto hoxe destruído.*

Pero como sinalan algúns colectivos veciñais, quizais o maior dos recursos, susceptibles de ser o motor de desenvolvemento da contorna, sexa o que se atopa nun estado máis precario, a pesar das intervencións realizadas para a posta en valor da contorna da **área termal** e da **praia fluvial do río Caldo**.

Un marco incomparable amósase hoxe en día como un espazo pouco agradable para a estadia. O acceso realízase por un bulevar, procedente da estrada OU-312. Nas marxes atópase dende edificacións ruinosas, dúas beirarrúas con cadanseu acabado, unha liña eléctrica de media tensión que causa un grande impacto visual e complica a accesibilidade, e un muro opaco que pecha as vistas ao río. Chegados a área termal, o visitante atópase cunha grande explanada sen delimitar, empregada como

estacionamento e que moitas veces acaba por ser copada por autocaravanas. Estas desbotan ir para o lugar que teñen indicado ante a falta de condicións de seguridade e conforto. Un barracón de bloques pintado nun rechamante verde, xunto con postes da luz, sinalizacións e mobiliario público degradados, completan a explanada termal.



Fig. 199 – Estrada de acceso aos Baños.



Fig. 200 – Explanada para estacionamento.



Fig. 201 – Nova pasarela, ao fondo, caravanas estacionadas.



Fig. 202 – Espazo acondicionado para caravanas.



Fig. 203 – Accesos á piscina termal.



Fig. 204 – Paseo e praia fluvial.

O largo muro, opaco e recuberto de pedra, separa esta zona do espazo termal e a praia fluvial. No interior do espazo, unha grande piscina de formigón e pedra, falto de mantemento, conforma o principal escaparate do termalismo do concello. Un conxunto de ramplas de acceso de pouca estética, un paseo fluvial desfeito pola chuvia e unhas

ribeiras cementadas con coios, que dificultan o acceso dos bañistas ao río, configuran no global a imaxe desta contorna. Apenas unhas árbores ribeiriñas, que resistiron as intervencións da beira do río, e as pozas temporais que os bañistas constrúen no río con coios, aportan un pouco de calidade humana e conforto visual ao espazo.



Fig. 205 – Praia fluvial dende a piscina termal.



Fig. 206 – Charcas de auga quente no leito do río.

A última das intervencións, unha pasarela de gran impacto visual na contorna, que comunica ambas marxes do río. A pesar de todo, foi unha actuación que mellorou de maneira significativa a conexión e os fluxos na contorna. Do outro lado do río, o paseo case que se dilúe entre a herba, e existe un parque infantil, aparellos de ximnasia para adultos e algún banco e mesas, dispersos pola zona. Río abaixo melloráronse recentemente as presas desmontables, que elevan o nivel das augas na época estival para os bañistas.

O único elemento patrimonial presente na zona, as poldras, que se preservan no segundo tramo da praia fluvial, apenas teñen protagonismo. Nas marxes do río destaca tamén a mestura de paramentos verticais empregados para canalizalo. O muro inclinado de coios e cemento da zona termal contrasta co seu homólogo na outra marxe, de cariz perpendicular. Noutras áreas, muros de grandes perpiaños evitan desprendementos debido aos aumentos de caudal, e noutras zonas a auga vai gañando terreo e formando pequenos cantís térreos.

A sur, o paseo fluvial prolóngase coa mesma imaxe descoidada e atópase o complexo do Hotel Balneario. Este, sendo a promesa da prosperidade da zona, acaba por pechar durante grande parte do ano, privando do aproveitamento das augas termais de Río Caldo, do cal teñen uso exclusivo. Apenas o caudal sobrante pode ser aproveitado para manter a piscina exterior. Destaca o carácter temporal do peche lateral deste complexo cara a explanada de estacionamento pública, o que fai pensar nun posible

aproveitamento destes terreos para a creación de piscinas exteriores termais, como amosan os distintos proxectos propostos polo concello de Lobios.

A estampa nocturna da zona caracterízase pola deficiente iluminación, limitada á estrada de acceso. Isto deixa case inutilizable o resto da contorna termal e fluvial, incitando a un uso indebido da mesma.



Fig. 207 – Parque infantil e deportivo.



Fig. 208 – Presa para aumentar o nivel de auga para o baño.



Fig. 209 – Leito do río onde emana a auga termal.



Fig. 210 – Actividades impropias do espazo.

O outro dos recursos patrimoniais de maior importancia, a natureza e os ecosistemas que conforman o **Parque Natural do Xurés**, non se atopan en condicións óptimas. Se ben a flora endémica xa fora alterada coa plantación de grandes extensións de piñeiral, eucaliptos e acacias, os grandes incendios aceleraron a degradación dos valores naturais deste territorio. No caso concreto do val do río Caldo, estímase que entre os anos 2001 e 2021, ardeu un 75% do territorio. Se ben as feridas dos lumes de inicios de século xa foran case reparadas, nos anos 2017 e 2021 producíronse as maiores catástrofes.

No 2017, os fogos calcinaron toda a marxe sur da serra de Santa Eufemia, dende a aldea de Torneiros ata a fronteira de Portela do Home. Apenas algunhas valgadas e zonas húmidas de importante valor ecolóxico, próximas á fronteira, se salvaron daquel

lume. Entre ente 2017 e 2020 producíronse outros lumes de menor importancia, pero neste último ano un lume arrasou a cara norte da serra de Santa Eufemia, arrasando en Río Caldo as poucas hectáreas que sobreviviran ao anterior incendio.

Pero quizais o lume de maior importancia, non en extensión, se non en dano medioambiental, foi o acontecido na serra do Xurés no ano 2021. A práctica totalidade da extensión de serra alta dentro dos límites da parroquia, foi pasto das lapas, provocando un irreparable dano do que tan só se salvaron algúns montes da primeira liña da cadea montañosa. O lume baixou case ata o río Caldo nalgúns zonas, debido a aceleración do mesmo por causa do grande piñeiral existente na serra. Nas cimas, calcinou as áreas de maior valor ecolóxico e afectou incluso aos vestixios da antiga mina das Sombras.

Así, a día de hoxe, a imaxe visual e o valor natural do val atópase degradado, non sendo capaces as distintas tentativas de eliminar a madeira queimada de restaurar o medio e a paisaxe da zona.



Fig. 211 – Incendio da Serra do Xurés en 2020.



Fig. 212 – Serra de Santa Eufemia calcinada en 2017.

Outro dos grandes hándicaps, vinculado coa preservación do patrimonio natural e a súa posta en valor, ten que ver coas **rutas de sendeirismo** e outros bens patrimoniais. O deficiente mantemento e sinalización dalgúns das rutas xúntase cuns trazados que, moitas veces, non son eficientes nin directos, ou esquecen recursos con potencial interese ou que foron recentemente recuperados.

O caso que máis chama atención tal vez sexa o das numerosas rutas do Camiño de Santiago, que a día de hoxe a pesar do recoñecemento oficial da igrexa, carecen de sinalización ao seu paso por esta zona.



Fig. 213 – Ponte en mal estado na ruta das Minas das Sombras.



Fig. 214 – Sinalización de rutas e do Camiño de Santiago.

A desatención amósase tamén na degradación de **áreas recreativas** como a de Esendelo, un espazo fóra dos fluxos de comunicación e cun mobiliario urbano e xogos que foron obxecto do abandono e do vandalismo. Este espazo conta cunha construción a medio acabar que nacera co fin de converterse en cámping, pero que nunca chegou a funcionar.

O vandalismo obsérvase tamén en pintadas mesmo en penedos con valor paisaxístico e simbólico, como o penedo da Galiñeira, ou en **miradoiros como o da Corga da Fecha**, situado á beira da estrada OU-312. Aquí, unha cuestionable intervención mudou a varanda de madeira por unha estrutura case opaca de granito, que ademais de empeorar a percepción visual da Corga, converteuse en mural para pintadas vandálicas.



Fig. 215 – Edificio abandonado proxectado como cámping.



Fig. 216 – Estado actual do miradoiro da Corga da Fecha.

Noutra orde de cousas, os **núcleos de poboación** do val, a pesar do seu innegable valor patrimonial, arquitectónico e etnográfico, presentan unha enorme degradación. As principais causas foron o abandono, a introdución de novos materiais e técnicas na segunda metade do século XX, e a mentalidade colectiva asociada ao chamado “feísmo”, tan estendido por toda Galicia.

Así, a arquitectura tradicional foi desvirtuada, perdéronse as típicas varandas de madeira, elementos arqueolóxicos romanos foron empregados construtivamente e como ornamentación, os camiños de lousa e cubertos de parras foron desaparecendo, etc. O caos arquitectónico e urbanístico apoderouse das aldeas, engadindo alturas a construcións tradicionais e dispoñendo unha trama de cables eléctricos e de telefonía por todas as rúas. Ademais, os muros de pedra tradicionais foron substituídos por paredes de bloques, e en moitos casos mudouse a tella cerámica por uralita ou paneis sándwich. As edificacións a ladrillo visto e sen rematar tamén están presentes por estas aldeas.



Fig. 217 – *Perda das escadas de acceso da tipoloxía tradicional das vivendas.*



Fig. 218 – *“Feísmo” de estruturas non harmonizadas.*

A pesar de todo isto, a degradación non foi tan acentuada como noutras zonas. A proximidade a Portugal e as numerosas iniciativas de rehabilitación levadas a cabo, parecen estar mudando esta realidade, abrindo un horizonte de recuperación e posta en valor destes núcleos. Unha vez máis, a falta de implicación, consciencia e vontade dos particulares, por mellorar o propio e o que é de todos, fan con que este proceso progrese a ralentí e ás veces camiñe cara atrás. Sen esquecer a responsabilidade das institucións públicas, encargadas de velar pola recuperación dos espazos públicos e de obrigar a cumprir as lexislacións urbanísticas vixentes.

Vinculado con isto, tamén se observa a **desaparición da característica paisaxe tradicional** do val do río Caldo, debido ás malas prácticas e á perda dos usos tradicionais. As grandes extensións de piñeiro mudaron a paisaxe, pasando a ocupar as grandes superficies de monte baixo que antes se empregaban para obter estrume e pasto para o gando.

Por outra banda, a diminución da poboación derivou nunha perda de extensión dos terreos produtivos. Así, a paisaxe de grandes prados e cultivos, que creaban unha interesante imaxe de socalcos escando río arriba, desapareceu progresivamente. Os espazos foron colonizados por árbores e tupida maleza, creando unha imaxe decadente e de abandono, e afectando tanto aos propios habitantes, anhelosos daquel pasado próspero, como aos visitantes, que se atopan cun territorio pouco coidado.

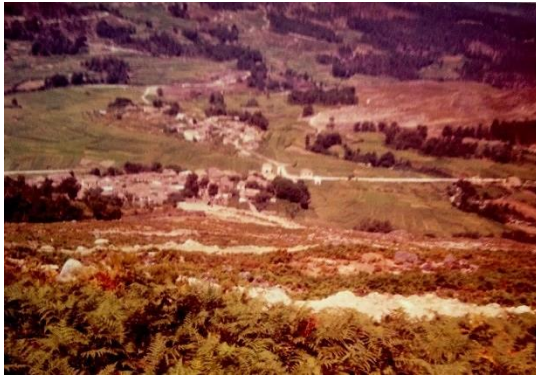


Fig. 219 – Paisaxe do val do río Caldo nos anos 70.



Fig. 220 – Turismo de masas na área termal e na praia fluvial.

Se ben a progresiva perda de poboación que acusou o territorio foi a principal causa desta situación, este non é un fenómeno exclusivo senón que acontece en case que todas as zonas rurais. Aínda así, tal extremo de abandono non parecer observarse noutros lugares, que se perciben cunha mellor calidade paisaxística.

Finalizado o estudo desta área, de grande proxección turística e de elevado valor patrimonial e paisaxístico, xustifícase por tanto o deseño dunha estratexia de proxecto para mudar esta realidade. Nela dilucidarase se intervir ou non, no patrimonio, nos espazos públicos e no medio natural, en prol da súa posta en valor.

4. Casos representativos

No presente capítulo, procederáse a analizar os casos de estudo seleccionados. Estes comparten entre si o feito de seren propostas de posta en valor do patrimonio. Ditas estratexias estarán vinculadas co patrimonio de carácter rural e situado en espazos protexidos, polos seus destacados valores medioambientais e culturais.

No total, foron recompilados **26** exemplos de proxectos de intervención de valorización de bens e enclaves patrimoniais, case todos de ámbito nacional, salvo un internacional, que se analizaron dunha maneira global. Deste total, só **8** foron considerados idóneos para o seu estudo e análise pormenorizada.

4.1. Criterios de selección

Os casos de estudo foron escollidos tomando como base tres categorías de análise, que serán analizadas neste capítulo de maneira pormenorizada. O proceso comezou coa observación de 26 casos representativos que poderían ser aplicables nun hipotético proxecto de valorización, dada a súa similitude contextual coa realidade patrimonial do val do río Caldo. Estes ademais, foron agrupados en catro grandes grupos, segundo o tipo de intervención que representase.

Nun primeiro grupo, englobáronse catro intervencións de posta en valor de contornas fluviais, termais e parques, mentres que o segundo grupo, integrou catro plans de recuperación paisaxística e ambiental. No terceiro grupo incluíronse oito estratexias de conservación, rehabilitación e posta en valor do patrimonio; e por último, noutro grupo recolléronse dez exemplos de proxectos de infraestruturas turísticas vinculadas a este patrimonio.

Finalmente, do total de 26 casos de estudo que se observaron, procedeuse a analizar 8. Esta cifra corresponde á escolla de dous casos por cada grupo de observación. Estes ademais foron seleccionados segundo a súa idoneidade conforme ás categorías e indicadores de análise, pero tamén pola existencia de documentación gráfica e técnica acerca deles, permitindo realizar así unha análise pormenorizada e homoxénea en todos os casos.

- Termas, contornas fluviais e parques:

Estratexia de posta en valor	Información do proxecto
Termas, contornas fluviais e parques	
	<p style="text-align: center;">Monte do Gozo</p> <p>Santiago de Compostela, Galicia, España. João Nunes, Cristina García e OLA estudio, 2016. Executado. Enclave semi-rural. Proxecto de remodelación de parque forestal e adecuación de praia fluvial.</p>
	<p style="text-align: center;">Fortaleza e praia fluvial de Goián</p> <p>Tomiño, Galicia, España. Pablo Gallego Picard, 2012. Executado. Enclave rural/ natural. Proxecto de recuperación ambiental e posta en valor da fortaleza e a praia fluvial.</p>
	<p style="text-align: center;">Borde litoral de Tui</p> <p>Tui, Galicia, España. Cristina García e OLA estudio, 2019. Concurso de ideas. Enclave urbano/ natural. Proxecto de remodelación do parque e paseo fluvial.</p>
	<p style="text-align: center;">Termas de Aguas Calientes</p> <p>Parque Nacional Armando Bermúdez, República Dominicana. Otniel de Moya e Eduardo Sánchez Reyna, 2016. Executado. Enclave natural protexido. Proxecto de recuperación ambiental e posta en valor do manancial termal.</p>

Fig. 221 – Análise previa dos diferentes casos de estudo.

- Plans de recuperación paisaxística e ambiental:

Estratexia de posta en valor	Información do proxecto
Plans de recuperación paisaxística e ambiental	
	<p style="text-align: center;">Val do Nansa e Peñarrubia</p> <p>Comarca do Saja-Nansa, Cantabria, España.</p> <p>Eduardo Ruiz de la Riva, Eduardo Cabanas e Pedro Fernández Lastra, 2011. En execución.</p> <p>Enclave rural/ natural.</p> <p>Plan Especial de Protección e a Ordenación.</p>
	<p style="text-align: center;">O costal</p> <p>Ribadeo, Galicia, España.</p> <p>Orza paisajismo, 2014. Executado.</p> <p>Enclave rural/ natural.</p> <p>Intervención de restauración paisaxística</p>
	<p style="text-align: center;">Vega de Granada</p> <p>Comarca de Vega de Granada, Andalucía, España.</p> <p>GR arquitectos, 2012. En execución.</p> <p>Enclave semi-rural.</p> <p>Plan Especial de Ordenación.</p>
	<p style="text-align: center;">Villardiegua de la Ribera y Villadepera</p> <p>Zamora, Castela e León, España.</p> <p>Nélida Calvo Peña, 2014. Proxecto de Traballo fin de mestrado.</p> <p>Enclave rural/ natural.</p> <p>Plan de recuperación ambiental e paisaxística tras incendio.</p>

Fig. 222 – Análise previa dos diferentes casos de estudo.

• Conservación, rehabilitación e posta en valor do patrimonio:

Estratexia de posta en valor	Información do proxecto
Conservación, rehabilitación e posta en valor do patrimonio	
	<p style="text-align: center;">Xacementos de Trazas</p> <p>Provincia de Pontevedra, Galicia, España. Agi Architects, 2021. Executado parcialmente. Enclave rural/ natural. Proxecto de musealización e posta en valor de xacementos arqueolóxicos.</p>
	<p style="text-align: center;">Castelo de Oria</p> <p>Oria, Andalucía, España. MN arquitectos, 2006. Executado. Enclave núcleo rural. Proxecto de musealización e mellora da accesibilidade dos vestixios do castelo.</p>
	<p style="text-align: center;">Xacemento da cidade romana de Clunia</p> <p>Peñalba de Castro, Castela e León, España. A3gm, 2007. Executado. Enclave rural/ natural. Proxecto de musealización, protección e recomposición volumétrica dos vestixios.</p>
	<p style="text-align: center;">Núcleo rural de Ruesta</p> <p>Urriés, Aragón, España. Sebastián arquitectos, 2018. Executado parcialmente. Enclave núcleo rural. Proxecto de consolidación dos vestixios desta aldea abandonada.</p>
	<p style="text-align: center;">Núcleo rural de Isín</p> <p>Sabiñánigo, Aragón, España. CAB arquitectos, 2000. Executado. Enclave núcleo rural. Proxecto de rehabilitación da aldea como centro de turismo adaptado a diversidade funcional.</p>
	<p style="text-align: center;">Núcleo rural de Fondévila</p> <p>Parada de Sil, Galicia, España. Brotta Arquitectura, 2000. Concurso de ideas. Enclave núcleo rural. Proxecto de rehabilitación de edificacións tradicionais para uso residencial.</p>

Fig. 223 – Análise previa dos diferentes casos de estudo.

	<p>Mansilla Mayor</p> <p>Mansilla Mayor, Castela e León, España. Ocamica Tudanca arquitectos, 2019. Executado.</p> <p>Enclave núcleo rural.</p> <p>Proxecto de revitalización e remodelación do espazo público.</p>
	<p>Odena</p> <p>Odena, Cataluña, España. SCOB Arquitectura y Paisaje, 2019. Executado.</p> <p>Enclave núcleo rural.</p> <p>Proxecto de rehabilitación do espazo público da praza maior.</p>

Fig. 224 – *Análise previa dos diferentes casos de estudo.*

• Infraestrutura turística:

Estratexia de posta en valor	Información do proxecto
Infraestrutura turística	
	<p style="text-align: center;">Serra de Quatretonda</p> <p>Quatretonda, Comunidad Valenciana, España.</p> <p>Estefanía Benavent Alberola, 2015. Tráballo de fin de mestrado.</p> <p>Enclave natural protexido.</p> <p>Rehabilitación de edificación como centro interpretativo e adecuación da contorna para a recepción de visitantes.</p>
	<p style="text-align: center;">Balmaseda</p> <p>Balmaseda. País Vasco, España.</p> <p>Argi arquitectura, 2019. Executado.</p> <p>Enclave semi-rural.</p> <p>Proxecto para a recuperación de contorna degradada e creación de área estacionamento de auto-caravanas</p>
	<p style="text-align: center;">Aduana de Portalet</p> <p>Sallent de Gállego, Aragón, España.</p> <p>Magén arquitectos, 2013. Concurso de ideas.</p> <p>Enclave natural protexido.</p> <p>Re-utilización adaptativa de antiga aduana como albergue de montaña.</p>
	<p style="text-align: center;">Bosque de Chanco</p> <p>Chanco, Chile.</p> <p>Francisca Bilbao, 2013. Executado.</p> <p>Enclave natural protexido.</p> <p>Proxecto de creación de infraestrutura de acampada para persoas con mobilidade reducida.</p>
	<p style="text-align: center;">Morerava</p> <p>Illa de Pascua, Chile.</p> <p>AATA Arquitectos, 2010. Executado.</p> <p>Enclave natural protexido.</p> <p>Proxecto de infraestrutura hoteleira respectuosa coa contorna.</p>
	<p style="text-align: center;">Illas de Ons</p> <p>Bueu, Galicia, España.</p> <p>Zaballa e Carballas S.L.P., 2015. Executado.</p> <p>Enclave natural protexido.</p> <p>Proxecto de infraestrutura de acampada, ocio e restauración integrado na natureza e na paisaxe.</p>

Fig. 225 – Análise previa dos diferentes casos de estudo.

	<p>Peñas Llanas</p> <p>Riaza, Castela e León, España.</p> <p>López López, 2021. Executado.</p> <p>Enclave natural protexido.</p> <p>Proxecto de posta en valor e substitución de antigo miradoiro deteriorado .</p>
	<p>Pedra da Rá</p> <p>Ribeira, Galicia, España.</p> <p>Carlos Seoane, 2016. Executado.</p> <p>Enclave rural/ natural.</p> <p>Rehabilitación do enclave e substitución da antiga estrutura intrusiva por unha solución respectuosa e integrada.</p>
	<p>El castillo</p> <p>Cabezabellosa, Extremadura, España.</p> <p>Acid consultoría técnica, 2022. Executado.</p> <p>Enclave rural/ natural.</p> <p>Proxecto de posta en valor de enclave de singularidade paisaxística e arqueolóxica.</p>
	<p>Río Paiva</p> <p>Arouca, Portugal.</p> <p>Trimetrica, 2015. Executado.</p> <p>Enclave rural/ natural.</p> <p>Proxecto de mellora da accesibilidade da contorna fluvial e posta en valor dos valores paisaxísticos.</p>

Fig. 226 – *Análise previa dos diferentes casos de estudo.*

4.2. Categorías de análise

Entrando no detalle, nos oito casos de estudo seleccionados procedeuse a investigar e analizar, de maneira pormenorizada, conforme as tres grandes categorías de análise establecidas e os seus respectivos indicadores. Estes focalízanse nos aspectos concretos, perceptibles e cualificables.

No inicio, todas as estratexias de posta en valor do patrimonio que son analizadas atravesan un filtro de identificación. Así, describírase dende a situación e localización do ben ou conxunto patrimonial, a maneira na que se empraza no lugar, a autoría do proxecto que foi desenvolvido para valorizar o local e a data na que se executou.

En segundo lugar analizaranse os condicionantes previos que propiciaron que se levase a cabo unha actuación de posta en valor, así como os condicionamentos que deron forma á mesma. Así, estudaranse os valores, identidade e interese que posúe dito ben patrimonial.

Tamén o estado de conservación no que se atopaba antes da intervención, non só a nivel individual e concreto, se non que estudando tamén o propio enclave e contorna na que se enmarca.

Definírase porén, ademais do estado de conservación (pésimo, deficiente, regular, bo, óptimo), se se trata dun enclave máis natural ou edificado, e cal é a interacción do ben patrimonial coa contorna. Por outra banda tamén se analizará a potencialidade que xustifica ou dá pé á citada intervención, así como a fraxilidade que permite, ou non, unha maior apropiación ou uso do ben, sen comprometer a súa preservación.

Para finalizar, a análise centrarase na propia intervención. En primeiro lugar definirase o tipo de actuación que se realizou, podendo ser dende unha rehabilitación, musealización, etc., e describírase o uso e o programa que se implementa.

A continuación analizarase o impacto a nivel paisaxístico da intervención, así como a nivel territorial, observando a articulación e integración na estrutura social, nos valores e identidade do territorio.

Posteriormente a análise enfocarase no detalle arquitectónico e/ou urbanístico, analizando dimensións, forma e disposición, tanto a nivel do propio obxecto como do

tratamento da envolvente externa. Neste apartado analizarase tamén a capacidade e liberdade de acceso, os percorridos, as características do espazo público, etc.

Tratarase tamén a materialidade e as técnicas empregadas na intervención, ou proxectadas no caso de actuacións non executadas. Xa para concluír a análise, observarase a xestión e mantemento do ben patrimonial e a estratexia, de maneira a concluír se se garantirá a sustentabilidade e conservación a longo prazo dos mesmos.

CATEGORÍAS	INDICADORES
Identificación	Situación
	Emprazamento
	Autoría do proxecto
	Ano de construción
Condicionantes previos	Valores
	Estado de conservación
	Enclave e contorna
	Potencialidade
	Fraxilidade
Estratexia de posta en valor	Tipo de intervención
	Impacto territorial e paisaxístico
	Características formais
	Tratamento da envolvente
	Técnicas e materiais
	Xestión e mantemento

Fig. 227 - Categorías e indicadores para a análise dos casos de referencia.

Na procura do éxito no estudo destas categorías e indicadores sobre as estratexias de posta en valor patrimonial seleccionadas, preséntanse as mesmas:

- Termas, contornas fluviaís e parques:

1. Posta en valor do Monte do Gozo, Santiago de Compostela, A Coruña | João Nunes, Cristina García e OLA estudio (Ola estudio, 2016).
2. Recuperación ambiental e posta en valor da fortaleza e praia fluvial de Goián, Tomiño, Pontevedra | Pablo Gallego Picard (Gallego, 2015).

- Plans de recuperación paisaxística e ambiental:

3. Restauración paisaxística do Costal, Ribadeo, Lugo | Orza paisajismo (Orza paisajismo, 2014).

4. Plan Especial de Ordenación da Vega de Granada, Granada | GR arquitectos (Garrido & Sánchez, 2019).

- Conservación, rehabilitación e posta en valor do patrimonio:

5. Recuperación da aldea de Isín, Huesca | CAB arquitectos (Galán & Comeras, 2020).

6. Revitalización e rehabilitación de Mansilla Mayor, León | Ocamica Tudanca arquitectos (Ozuna, 2020).

- Infraestrutura turística:

7. Rehabilitación do miradoiro de Peñas Llanas, Riaza, Segovia | López López (López et al., 2022)

8. Construción de cabanas turísticas de Morerava, Illa de Pascua, Chile | AATA arquitectos (Dazne, 2011).

A pesar do interese dos restantes 18 exemplos, a falta de material gráfico e información sobre o mesmo, así como ás dúbidas sobre a adecuación dos mesmos aos obxectivos e á realidade do val do río Caldo, optouse por centrar a investigación pormenorizada nestes casos de estudo escollidos.

Dito sexa, que en ningún caso se garante que os exemplos a estudar sexan idóneos na ampla extensión do termo, e que apenas se tomarán como base para poder abstraer hipóteses de boas prácticas para a aplicación no proxecto, dunha maneira fundamentada.

Os casos presentaranse seguindo a orde ditaminada no presente punto e o proceso de análise seguirá o esquema do cadro de categorías e indicadores (figura 227). A comparativa dos distintos casos nunca pretendeu ser entre iguais, se non que se realiza dende a perspectiva da abstracción de distintas hipóteses de actuación.

Desta maneira, poderanse esclarecer as liñas características que deben seguir, e as que non, as intervencións de posta en valor do patrimonio rural en xeral, e o dos espazos naturais protexidos en particular.



Fig. 228 – Localización xeográfica dos casos de estudo analizados.

4.3. Casos de estudo

4.3.1. Monte do Gozo

Identificación

Situación e emprazamento:

O Monte do Gozo conforma un dos numerosos outeiros que rodean a cidade de Santiago de Compostela, Galicia, España. Sitúase a uns 4,5 km ao leste do centro da cidade, e na súa zona máis alta alcanza os 370 metros de altitude sobre o nivel do mar.

A súa importancia estratéxica, como porta de entrada dos peregrinos que chegan a Santiago, fixo que se consolidase como un lugar de importancia neste percorrido. Así, conforma unha parada recreativa, tanto para camiñantes como para usuarios da cidade que disfrutan dos servizos que ofrece.



Fig. 229 – Localización do Monte do Gozo.



Fig. 230 – Perspectiva xeral do complexo e vistas á cidade de Santiago.

Autoría e ano de construción:

Pola importancia que adquiriu o enclave co paso dos anos, fíxose necesaria unha estratexia de renovación e valorización do espazo. Así, en 2016 João Nunes, Cristina García e OLA estudio pensaron un proxecto para este lugar, que toda vía continúa a ser executado a día de hoxe.

Condicionantes previos

Enclave e contorna:

O Monte do Gozo configúrase como un grande espazo verde, de funcionalidade recreativa e integrado na zona semi-rural da cidade. A zona atópase urbanizada e axardinada, e incorpora infraestruturas turísticas e de ocio vinculadas ao Camiño.

Así, pódense diferenciar dous espazos principais. O primeiro é o trazado do Camiño de Santiago, que conta ca Capela de San Marcos, o monumento ao peregrino e numerosos establecementos de hostalería.

Por outro lado, atópase ladeira abaixo o parque do Monte do Gozo, con infraestruturas como a área de estacionamento, albergue de peregrinos, o Centro Europeo de Peregrinación, auditorio para 36.000 persoas ao aire libre, zonas verdes e unha grande lagoa.



Fig. 231 – Planta de implantación.

Valores:

O propio Monte do Gozo e a súa envolvente máis próxima conforman un espazo cunha idiosincrasia e uns valores que o fan único. No campo emocional, destaca o valor simbólico e espiritual, vinculados coa relixiosidade asociada ao Camiño e coa característica de ser o primeiro punto dende onde se observan as torres da catedral de Santiago.

No referente aos valores culturais, obsérvase en primeiro lugar o valor histórico, vinculado co patrimonio existente e coa relación coa peregrinación ao longo do tempo. Por outra banda, o valor estético abstráese das interesantes vistas e a beleza da paisaxe, así como do interese arquitectónico e patrimonial dalgúns dos bens existentes. En último lugar, o valor ambiental destácase do interese ecolóxico da contorna natural.

Entre os valores de uso, destacan o valor social e o económico, ambos derivados da afluencia de peregrinos, do ocio recreativo dos visitantes e habitantes da cidade, e en definitiva, da actividade económica asociada a estas variables.



Fig. 232 – Usos sociais do espazo.

Estado de conservación:

O estado de conservación do espazo no xeral é bo. Quizais o espazo se atopaba indiferenciado e sen estruturar, sen unidade e con barreiras físicas. Por todo isto, e ante o aumento da afluencia de persoas, locais e peregrinos, e as súas propias esixencias de uso, o complexo tivo que adaptarse aos novos estándares de estética e funcionalidade.



Fig. 233 – Estado previo do Monte do Gozo antes do proxecto de posta en valor.

Potencialidade:

A intervención de valorización do Monte do Gozo xustifícase polo potencial que posúe o conxunto, asentado en varias variables. Por un lado, a relevancia como porta de entrada da ruta francesa do Camiño de Santiago, e por outra banda polas características morfolóxicas e paisaxísticas do enclave.

Así, as vistas á cidade e o interese medioambiental e patrimonial, máis alá da perspectiva da peregrinación, invitan a integralo na cidade como espazo recreativo e de ocio, permitindo revitalizar e desenvolver o espazo e a súa envolvente próxima.

Fraxilidade:

Pola contra, o potencial que posúe este enclave pode derivar nun excesivo fluxo turístico que desemboque nunha xentrificación do espazo, masificándoo e expulsando á comunidade e os usos tradicionais do lugar.

Ademais, a estratexia de intervención deberá preservar a esencia paisaxística e natural do espazo, non incorrendo nunha excesiva artificialidade na proposta.

Estratexia de posta en valor

Tipo de intervención:

A intervención proxectada polos autores abarcou o ámbito completo do Monte do Gozo. Incluíu zonas como o trazado do Camiño ou o albergue de peregrinos, a pesar de que xa foran obxecto de intervencións anteriores de valorización. Así, a actuación centrouse en catro eixos fundamentais: a recuperación paisaxística da zona do parque axardinado, a mellora das comunicación e percursos, a remodelación dos espazos públicos e a construción dunhas piscinas fluviais integradas na lagoa.



Fig. 234 – Caracterización da intervención segundo os espazos.

Impacto territorial e paisaxístico:

Nun enfoque xeral, a proposta pretende en todo momento integrarse na realidade morfolóxica e paisaxística existente. Para iso, o deseño dos novos espazos, do novo mobiliario e o ornamento, empregou formas e liñas simples que dignifican o espazo sen eclipsar a esencia e imaxe natural do enclave. Ademais, en todo momento se mantén a escala do espazo.



Fig. 235 – Infografías do proxecto.

Características formais:

A formalización espacial do proxecto foi ambiciosa e integral:

1. En todo o ámbito se optou por recuperar as vistas despexadas á cidade e ás torres da catedral, eliminando estratexicamente os obstáculos e deixando nas zonas centrais do parque amplos espazos despexados.
2. As contornas dos monumentos e bens patrimoniais, así como algúns dos propios bens, foron rehabilitados.
3. Redistribuíronse os percorridos e remodeláronse os espazos de estancia e recreo, rehabilitando pavimentos e mudando o mobiliario urbano, luminarias, etc.
4. A contorna da lagoa foi acondicionada e inseridas no interior da mesma foron construídas unhas piscinas. Tres vasos de distintos tamaños e forma hexagonal (adultos, nenos e pediluvio), unidas por unha plataforma que permite cruzar a lagoa de lado a lado.

5. O auditorio ao aire libre tamén foi reorganizado e rehabilitado, formando unha unidade conxunta coa lagoa e ampliando o seu uso como espazo de xogos. Recentemente tamén foi ampliada a súa capacidade ata 50.000 prazas, restando espazo á lagoa.
6. Por último, todo o ámbito do parque foi obxecto dunha reordenación e acondicionamento vexetal e paisaxístico.



Fig. 236 – Planta do proxecto de posta en valor.



Fig. 237 – Nova piscina e remodelación do albergue.

Tratamento da envolvente:

As grandes dimensións do espazo fan que posúa un perímetro moi extenso. A intervención incluíu a mellora dalgúns accesos así como da zona de estacionamento.

Ademais, a contorna beneficiouse das mudanzas e rehabilitación dos espazos públicos e percorridos transversais do parque, mellorando a conexión entre as infraestruturas que se asentan nos límites. Tamén o trazado do Camiño foi acondicionado nalgúns puntos.



Fig. 238 – Caracterización dos accesos ao recinto.

Técnicas e materiais:

Este tipo de intervención, polo seu carácter paisaxístico e urbanístico, destaca principalmente polas superficies axardinadas e a vexetación. Entre as técnicas destacan os muros de cachotería de granito e formigón que separan os ambientes, conteñen estruturas en terraza como os chanzos das gradas do auditorio, forman bancos, así como outro mobiliario urbano.

Por outra banda os pavimentos son realizados en xabre, lousas e cubos de granito e formigón lavado, pulido ou en bloques. Este último material, xunto coa pedra, a cerámica e a madeira, foron empregados para construír os paramentos verticais e as plataformas das piscinas. Por último, o metal está presente en luminarias, varandas e outros elementos ornamentais do parque.



Fig. 239 – *Materialidade e técnicas construtivas empregadas.*

Xestión e mantemento:

A xestión e o mantemento deste espazo corre a cargo da administración municipal, por atoparse dentro do seu territorio, e autonómica, por conformar un espazo de especial importancia para o Camiño de Santiago.

A grande afluencia de visitantes locais e peregrinos pola oferta recreativa e hostaleira tamén permite ademais captar investimentos privados nalgúns ámbitos.

O albergue, por exemplo, é xestionado a través dunha concesión a unha empresa privada, mentres que o auditorio da soporte a iniciativas de ocio promovidas desde as administracións públicas e os particulares.

4.3.2. Fortaleza e praia fluvial de Goián

Identificación

Situación e emprazamento:

Este enclave, conformado por unha praia fluvial e os vestixios dunha antiga fortaleza, sitúase na parroquia de Goián, no concello pontevedrés de Tomiño, Galicia, España.

Concretamente, é no encontro entre os suaves e arborados outeiros co caudaloso río Miño, que se empraza este conxunto de interese patrimonial, compartindo a ribeira sur do río co municipio portugués de Vila Nova de Cerveira.



Fig. 240 – Localización e implantación do enclave.



Fig. 241 – Vista do enclave desde o río Miño.

Autoría e ano de construción:

A falta de condicións do lugar, o aumento da afluencia de visitantes e o vínculo con Vila Nova de Cerveira, que conta con extensos parques de ribeira e praias fluviais acondicionadas, xustificou a intervención neste espazo. Así, en 2012 executáronse as obras reflexadas no proxecto do arquitecto Pablo García Picard, acuñado como “Espazo fortaleza”.

Condicionantes previos

Enclave e contorna:

Este enclave patrimonial sitúase nun espazo de paisaxe rural, entre grandes plantacións de viñado e eucalipto. Por atoparse nas marxes do río Miño, os bosques de ribeira e a singularidade medioambiental tamén caracterizan o espazo, incluído na Rede Natura.

Así, a praia fluvial configurábase como unha franxa herbácea e areosa entre o leito do río e o camiño que o bordeaba. Do outro lado do camiño, na inclinada ladeira do outeiro que separa o río do núcleo de Goián, atópanse os vestixios da Fortaleza de San Lourenzo, baluarte defensivo con forma de estrela construído no século XVII.

Do enclave destaca a vinculación con Portugal, sendo un paso para cruzar o río dende ben antigo, como amosa o embarcador onde ata hai ben pouco funcionaba un transbordador.

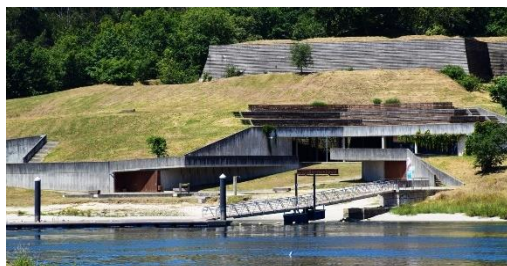


Fig. 242 – Vistas do conxunto da fortaleza e a praia fluvial.

Valores:

O potencial de aproveitamento do espazo radica no interese e nos valores que posúe. En canto aos valores emocionais, destaca o de identidade, sendo a fortaleza, a paisaxe e o río, o escenario do paso da historia coa cal se identifica e vincula a comunidade.

No referente aos valores culturais destacan: o histórico, asentado no mesmo fundamento que o valor de identidade; o artístico, polo interese arquitectónico e arqueolóxico dos vestixios da fortaleza; o estético, pola beleza e a singularidade paisaxística da contorna; e o ambiental, pola importancia do ecosistema fluvial do río Miño.

Finalmente, en canto ao uso, destacan o valor social como lugar de encontro, recreación e turismo de baño e histórico, así como o valor económico asociado a isto. O valor educativo tamén pode ser considerado pola importancia histórica e ambiental do enclave.



Fig. 243 – Fortaleza de Goián: parte orixinal e reconstrución.

Estado de conservación:

O estado de conservación que presentaba o espazo era deficiente. En primeiro lugar, a praia fluvial carecía de calquera intervención de acondicionamento e presentábase como un espazo residual na marxe dun camiño, flanqueado polo leito do río e o bosque de eucaliptos.

Por outra banda os vestixios da fortaleza presentaban un aspecto descoidado, invadidos por especies vexetais invasoras. Ademais, este elemento carecía de relación coa praia e coa contorna, atopándose entre os dous elementos unha serie de edificacións ilegais e discordantes, así como unha antiga canteira, que causaba unha ferida na paisaxe.

A esta falta de coidado da área sumábase á falta de unificación e integración duns elementos que, congregados nun mesmo espazo, forman un conxunto con enorme potencial.



Fig. 244 – Estado previo á intervención.

Potencialidade:

O potencial que posúe o enclave radica, en primeiro lugar, na importancia histórica e ambiental, que dotan ao espazo de inmenso interese na divulgación destes valores.

Por outra banda, a localización fronteiriza dota de comunicación visual e vínculos con Portugal, en xeral, e con Vila Nova de Cerveira en particular. Esta vila, coa que se comunica por unha ponte, conta con enormes parques, praias e paseos á beira do Miño, incitando a crear un enorme parque entre dous países.

É toda esta capacidade recreativa do espazo, como museo ao aire libre e con posibilidades para o desenvolvemento do turismo náutico, de natureza e de praia fluvial, que motivan a intervención.

Fraxilidade:

A pesar de todo o potencial que reúne o enclave, tamén presenta variables que condicionan a súa valorización. En primeiro lugar, o patrimonio histórico deberá ser tratado actuando de maneira respectuosa, ao estar a fortaleza declarada como Ben de Interese Cultural. O mesmo acontece cos valores ambientais do ecosistema do río Miño, protexidos pola Rede Natura 2000, que limitan e conducen o proxecto cara unha menor artificialidade e unha maior preservación da

contorna. Por último, será importante tamén organizar a experiencia recreativa do espazo e canalizar os usos e a afluencia no espazo.

Estratexia de posta en valor

Tipo de intervención:

A intervención que propuxo o arquitecto centrouse na recuperación ambiental da contorna, eliminando especies invasoras e ordenándoa a través dunha intervención paisaxística. Tamén se intervén sobre a fortaleza, consolidando e poñendo en valor os vestixios, e rehabilitase a praia fluvial, creando un espazo con equipamentos.



Fig. 245 – Antes e despois da actuación na fortaleza e a praia.

Impacto territorial e paisaxístico:

A obra insírese de maneira adecuada na contorna e apenas se limita a unha dignificación da realidade da paisaxe e da natureza existente, e á preservación e realce respectuoso dos vestixios da fortaleza. Tamén se regulará a experiencia turística e recreativa, integrando e vinculando o espazo co próximo núcleo de Goián e con Portugal.



Fig. 246 – Integración paisaxística e proximidade do enclave a Portugal.

Características formais:

1. En todo o enclave se tentou recuperar as vistas despexadas a Portugal e realzar a importancia da fortaleza sobre a contorna.
2. A mesma foi limpada, consolidada e adecuada, creando percorridos de visita con sinalización e recuperando as partes destruídas a partir dunha reconstrución formal en madeira que permite evitar novos derrubes.
3. A praia foi rehabilitada, creando un espazo de area ben definido e accesible, e dispoñendo nun dos extremos un pequeno embarcadiro flotante.
4. O camiño que bordeaba o río e delimitaba a praia fluvial foi eliminado, creando un continuo e inclinado espazo axardinado ata a fortaleza, substituindo o antigo eucaliptal e derrubando as edificacións ilegais. Como todo o ámbito do proxecto, foi ademais obxecto dunha reordenación e recuperación vexetal e paisaxística.
5. Este mesmo parque verde foi interrompido por un muro continuo de formigón orientado a sur, que imita a un baluarte defensivo. O elemento conforma unha especie de percorrido ascendente que aproveita a topografía, onde se combinan gradas, miradoiros, espazos de descanso e sombra, así como dependencias interiores a modo de "covas". Aquí situáronse os aseos, o centro de interpretación, unha cafetería e outros servizos.

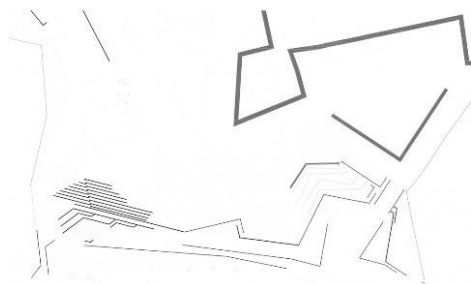


Fig. 247 – Planta do proxecto e resultado executado.

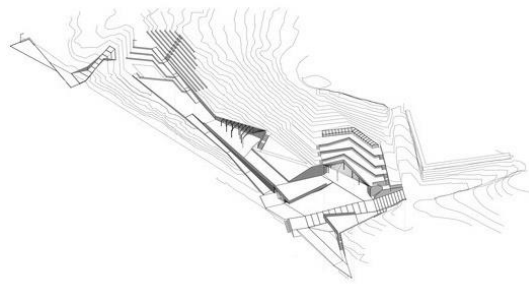


Fig. 248 – Caracterización formal do proxecto de posta en valor.

Tratamento da envolvente:

A formalización espacial do proxecto centrouse unicamente no ámbito da fortaleza e a praia fluvial, non actuando sobre a zona do vello dique e a estrada de acceso, que tamén precisaban ser postas en valor. Así, a mellora da mobilidade foi limitada aínda que influíu na contorna, eliminando o espazo residual que conformaba o camiño que bordeaba o río, a praia e a fortaleza abandonada.

A posta en valor conseguiu tamén integrar o espazo no continuo “urbano” da vila de Goián, así como na rede de zonas verdes e rutas existentes ao longo das marxes do Miño.

Ademais, a mellora estética e paisaxística conseguiu eliminar o “feísmo” e a vexetación invasora, conformando un espazo de calidade ambiental e visual que se percibe dende moitos puntos da contorna.



Fig. 249 – Recuperación ambiental e paisaxística da envolvente e sinalización do enclave.

Técnicas e materiais:

A groso modo, os materiais que prevalecen nesta intervención son a pedra granítica e o formigón. Este último é o que conforma case que o total de todo o conxunto do muro continuo e as covas, salvo o muro de contención que o soporta a carga do baluarte defensivo. A maiores, no novo edificio xógase tamén con grandes vidreiras e con ripados de madeira que recobren algúns dos paramentos verticais.

No resto do ámbito o formigón é usado tamén para o mobiliario urbano e os pavimentos, onde tamén se xoga co xabre e o cubo de granito nos pavimentos.

A madeira volve estar presente nos elementos de consolidación dos paramentos verticais do baluarte que, para evitar derrubamentos, foron

reconstruídos cun ripado horizontal de madeira. Este material tamén se atopa en menor medida en elementos do mobiliario urbano e colectores do lixo. O metal tamén xoga un papel importante en luminarias, carpinterías, carteis, pérgolas e outros ornamentos.

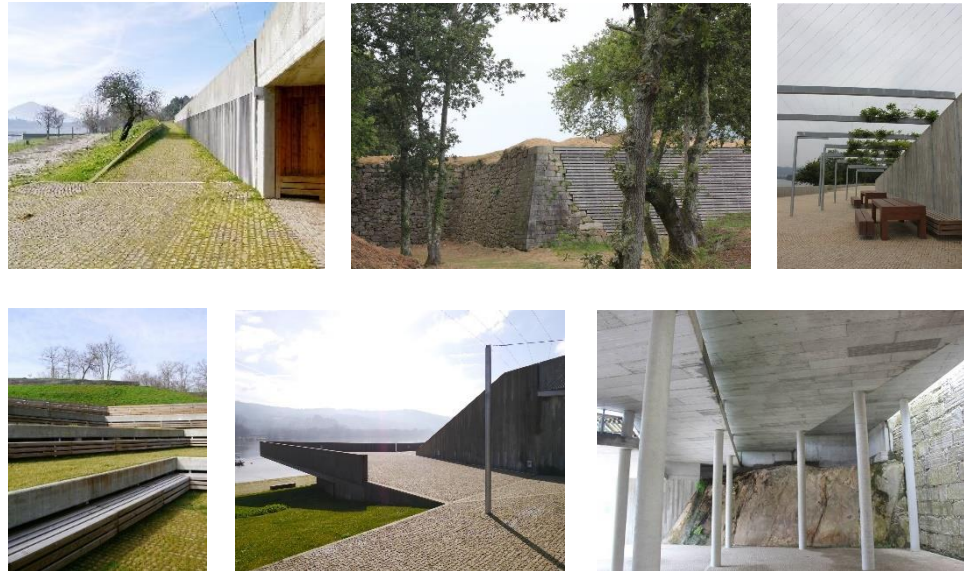


Fig. 250 – *Materialidade e técnicas construtivas empregadas.*

Xestión e mantemento:

A intervención de posta en valor, promovida polo municipio e financiada con fondos subvencionados por administracións superiores amosa a dinámica de xestión e mantemento do espazo. É o concello o encargado destas tarefas, e é grazas á localización e o atractivo natural, histórico e recreativo, que se asegura unha afluencia estable de usuarios e visitantes que xustifican os investimentos e fan sostibles a cafetería e o centro de interpretación.



Fig. 251 – *Futura ponte peonil internacional que ligará o enclave con Cerveira.*

4.3.3. Parcela de O Costal

Identificación

Situación e emprazamento:

A parcela obxecto de intervención sitúase no lugar do Costal, unha paraxe ás aforas da vila de Ribadeo, ao nordeste da provincia de Lugo, Galicia, España. Este emprazamento da Mariña Lucense sitúase fronte a localidade asturiana de Castropol e conforma un suave, pero inclinado outeiro, que emerge dende a ribeira do esteiro do río Eo.



Fig. 252 – Localización e implantación do enclave.

Autoría e ano de construción:

Fronte a unha primeira proposta para a construción dunha urbanización de 400 chalés neste lugar, finalmente o propietario optou por unha intervención de recuperación ambiental. O proxecto correu a cargo dos integrantes do estudo ORZA paisaxismo e abarcou un ámbito de máis de 22 hectáreas, sendo executado no ano 2014.

Condicionantes previos

Enclave e contorna:

O enclave consiste nunha antiga parcela agrícola, con edificacións anexas en total estado de abandono, que se sitúa na zona rural da vila de Ribadeo. A pesar da proximidade de vivendas e campos de cultivo e pastoreo, a área ten un carácter de espazo natural, atopándose dentro da Rede Natura 2000, nunha zona declarada Lugar de Importancia Comunitaria, Zona de Protección de Aves e Zona Húmida de Importancia Internacional.

A finca, de 225.700 m², consta dunha topografía en pendente. Esta vai dende a cima do pequeno monte, no oeste, ata a estrada N-642 paralela ao curso fluvial do río Eo que bordea a parcela a norte, leste e sur. Conforman así 1,7 km de fachada marítimo-fluvial da ría de Ribadeo, entre a enseada de Vilavella e a punta da Torba, incluída nunha paisaxe de cultivos e prados, con grandes repoboacións de eucalipto e piñeiro.



Fig. 253 – Vista aérea e frontal da parcela.

Valores:

Un dos intereses que motivaron a intervención de posta en valor desta paraxe son os valores que posúe. Culturalmente, destacan o valor histórico, como mostra representativa da evolución da ocupación do territorio; estético, polo interese paisaxístico e das construcións tradicionais e mostras etnográficas existentes na parcela e na envolvente; e o ambiental, pola calidade na preservación da fauna e flora do lugar e da contorna do río Eo.

Por outra banda, nos valores de uso destacan o social e económico, vinculados antigamente coa explotación agrícola da parcela, e na actualidade con calquera proposta de valorización que engada un programa que recupere o uso da propiedade e obteña un réditto económico.



Fig. 254 – Patrimonio etnográfico e natural da envolvente.

Estado de conservación:

Outro dos motivos que propiciaron a redacción dun proxecto de mellora e valorización do enclave foi o regular estado de conservación do mesmo. O abandono da actividade rural tradicional desembocou na degradación do espazo, que se fixo intransitable e foi colonizado por vexetación invasora como acacias, piñeiros e eucaliptos. Así, converteuse nun ámbito residual non incorporado na sociedade nin na escena paisaxística. Ademais, as edificacións anexas de tipoloxía tradicional tamén sufriron este abandono, atopándose no momento da intervención en ruínas.



Fig. 255 – Estado de conservación da parcela antes da intervención.

Potencialidade:

O enclave posúe un enorme potencial para executar unha estratexia de valorización. En primeiro lugar, a singularidade e harmonía paisaxística do lugar e a súa articulación coa contorna. Vinculado con este feito, conforma o escenario ideal para a recuperación de hábitats amables para a fauna e flora, e máis tendo en conta o valor medioambiental do ámbito do río Eo.

Por outra banda, a parcela tamén ten o potencial de revitalizar socialmente a zona e rehabilitar ambiental e esteticamente este espazo degradado e en estado de ruína. Todo isto a partir da recuperación do seu uso agro-gandeiro ou a aposta por un aproveitamento económico ou turístico.

Fraxilidade:

Por outra banda, a oportunidade que supón a singularidade ecolóxica, a aposta polo aproveitamento económico e a recuperación do uso do espazo, supón tamén unha ameaza. Así, o respecto polos valores ambientais será fundamental no desenvolvemento dunha estratexia de posta en valor e da regulación do aproveitamento, debendo propoñer un uso que se adecúe ás características e ás necesidades da contorna.

Estratexia de posta en valor

Tipo de intervención:

A intervención proposta polos arquitectos paisaxistas baséase principalmente na restauración paisaxística e na recuperación ambiental e de uso da parcela. Faise a través da aposta pola actividade agrogandeira no terreo cultivable e o uso residencial/educativo das antigas edificacións, ao tempo que se adecúan zonas para o desenvolvemento natural da flora e faunas autóctonas.



Fig. 256 – *Limpeza de vexetación invasora para introducir especies autóctonas*

Impacto territorial e paisaxístico:

A intervención en todo momento se integra na envolvente e apenas a mellora e dignifica. Así, promóvese a biodiversidade fronte a produción extensiva, recuperando a riqueza botánica e os espazos ecolóxicos que dan acubillo á fauna. Ademais, recupérase a paisaxe tradicional, creando continuidade na mesma, erradicando os espazos degradados e inaccesibles e aproveitando social e economicamente o terreo.



Fig. 257 –Dúas comparativas do antes e despois da intervención.

Características formais:

A execución espacial do proxecto asentouse nas seguintes actuacións:

1. En primeiro lugar realízase unha zonificación do terreo na que un 60% se adecúa para o cultivo e a actividade gandeira. O restante 40% resérvase para a recuperación natural dos valores ambientais.
2. En todo o ámbito se realiza unha limpeza das especies invasoras (eucalipto, piñeiro, acacia, etc.) e substitúese e incrementase a masa forestal, con especies de bosque autóctono de frondosas.
3. Organízase a masa forestal dispoñendo os espazos abertos en función da facilidade orográfica para o aproveitamento agrícola e gandeiro, e procurando potenciar e enmarcar as vistas en zonas altas e camiños.

4. Os camiños serán adaptados á topografía e ao parcelario existente, preservando a estrutura tradicional do terreo e mellorando a accesibilidade.
5. Crearanse espazos e refuxios con condicións para consolidar hábitats para a fauna do lugar, como o grande estanque para fauna avícola.
6. Execútase unha barreira vexetal para a protección acústica e visual da estrada nacional adxacente.

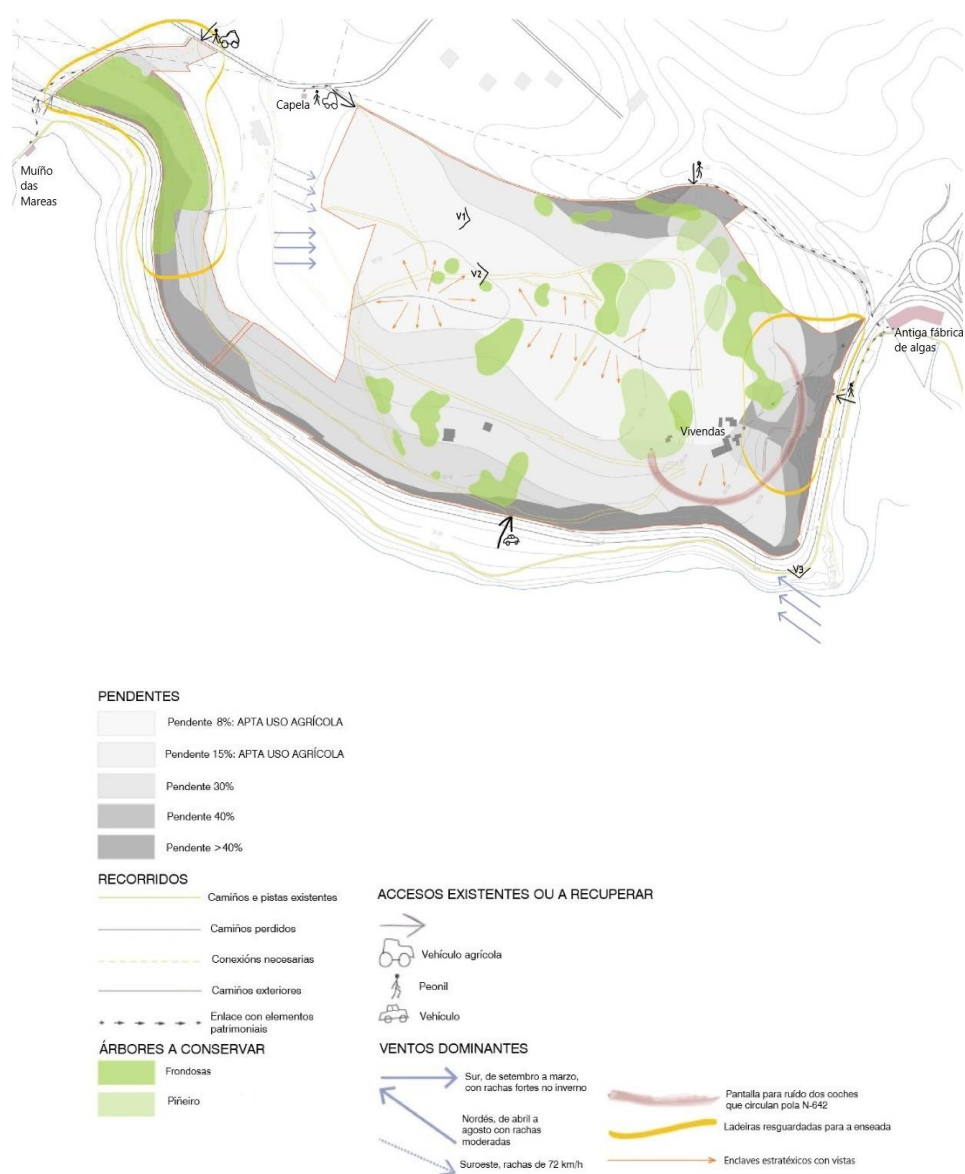


Fig. 258 – Planta da estratexia de recuperación ambiental e paisaxística.



Fig. 259 – Infografías das perspectivas con potencial.



Fig. 260 – Resultado da execución do proxecto de recuperación ambiental e paisaxística.

Tratamento da envolvente:

Se ben a actuación se limitou á parcela, a súa incidencia na envolvente foi notoria. Ademais de mellorar a calidade paisaxística e ambiental da zona, a intervención supuxo unha unificación e integración na contorna.

Así, mellorouse a accesibilidade tanto interna como externa, facendo máis permeabilidade a zona. Erradicouse o “feísmo” arquitectónico e ambiental que supón unha parcela abandonada e degradada, freando tamén a expansión das especies vexetais invasoras.

Ademais púxose en valor e en uso un terreo que xa outrora o estivo, o que permitirá contaxiar e servir de exemplo para o desenvolvemento de iniciativas semellantes noutros lugares.



Fig. 261 – *Integración paisaxística da parcela na envolvente.*

Técnicas e materiais:

As técnicas e materiais empregados limítanse ao eido paisaxístico. Se ben se podería falar de materiais e técnicas vinculadas á construción na rehabilitación das edificacións existentes, este proxecto foi executado de forma separada e non existen rexistros.

No relativo á recuperación ambiental, destaca o uso de distintas especies vexetais. No total, dispuxéronse unhas 5.600 árbores de 144 especies e 15.300 plantas de 160 especies, todas elas autóctonas. Por outra banda, para nivelar e adecuar o terreo e os camiños realizáronse movementos de terras. Tamén se instalaron valados de madeira e malla e muros de pedra para delimitar ámbitos.



Fig. 262 – Recuperación vexetal do terreo e construción de lagoa como refuxio da fauna.

Xestión e mantemento:

A propiedade particular e privada da parcela condicionou o seu aproveitamento, xestión e mantemento.

Así, ofértanse catro postos de traballo permanentes para a preservación do ámbito, que van dende profesionais do sector agro-gandeiro e forestal, xardineiros, cooperativistas, traballadores de viveiros e construtores.

Para cubrir algunhas destas carencias neste eido, o propietario chegou a un acordo co Centro de Formación e Experimentación Forestal “Pedro Murias”. Desta maneira, o espazo pasa a conformar o sitio de prácticas dos alumnos do Ciclo medio de Conservación do Medio Natural, e permite suplir en parte as labores de mantemento, ao desenvolver as súas actividades de aprendizaxe aquí.



Fig. 263 – Actividade pastoril e de formación ambiental para preservar o enclave.

4.3.4. Vega de Granada

Identificación

Situación e emprazamento:

O presente caso de estudo abarca parte do territorio da comarca de Vega de Granada, na provincia Granada, Andalucía, España.

O ámbito contemplado configúrase como unha extensa chaira, de uso agrario, que está definida polo río Genil e os seus afluentes. Ademais, está franqueada polas poboacións metropolitanas, situadas nos suaves montes que a rodean a norte, oeste e sur; e pola cidade de Granada e o macizo de Serra Nevada no leste.

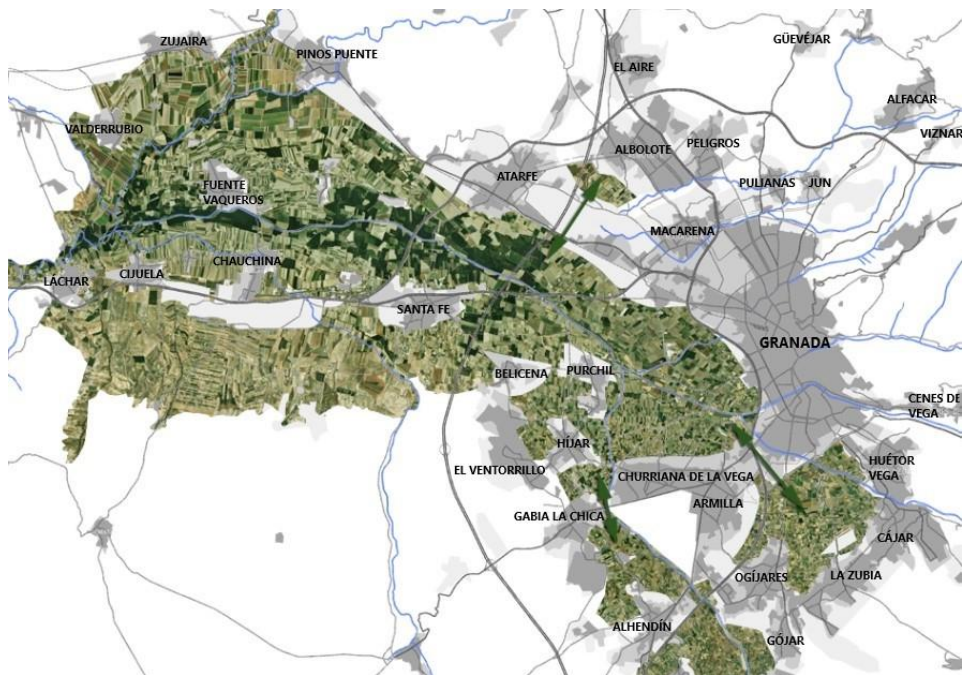


Fig. 264 – Localización e implantación da comarca de Vega de Granada.

Autoría e ano de construción:

A continua degradación do espazo levou a promover, dende a administración autonómica de Andalucía, un plan especial de ordenación, cuxa redacción correu a cargo do estudo GR arquitectos. A presentación oficial do documento realizouse no ano 2012 e dende entón véñense executando as súas disposicións.

Condicionantes previos

Enclave e contorna:

A zona, de imaxe semi-rural, constitúese como un espazo chaira, propicio para a agricultura de regadío, que se dispón a ambas marxes do río Genil. Este é interrompido transversalmente polos seus afluentes e algunhas vías de comunicación de alta capacidade.

A matriz espacial caracterízase pola súa estrutura parcelaria fragmentada, con campos de cultivos hortícolas e forestais. É precisamente esta identidade a que estruturou o sistema metropolitano de Granada ao longo dos tempos, conformando un continuo urbano de vilas de medio tamaño que, xunto coa cidade, comezan a consolidar un arco circundante pechado.

Pero ademais do patrimonio agrícola, o lugar conta cunha enorme riqueza nos seus ecosistemas, na súa fauna e nos seus enclaves paisaxísticos. Estes, en conxunción co diverso patrimonio histórico e cultural que se atopa espallado pola zona, configuran un enclave de interese.



Fig. 265 – Configuración urbana e medio físico da veiga.

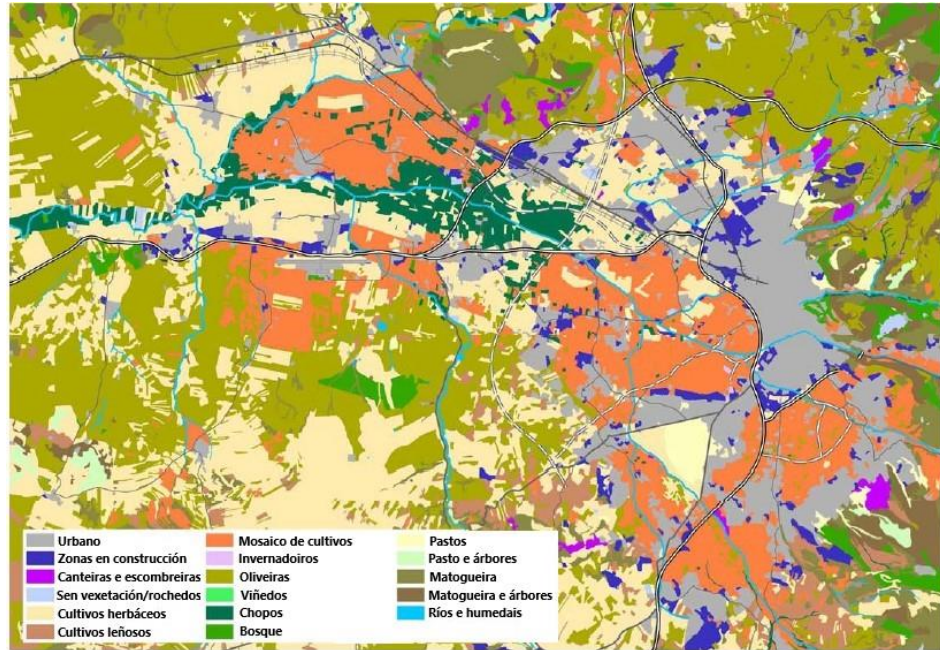


Fig. 266 – Usos do solo na comarca de Vega de Granada.

Valores:

No sentido emocional, pódese observar que este territorio posúe os valores de identidade e simbolismo, posto que configura unha imaxe visual característica e un concepto que o define.

Culturalmente, están presentes o valor histórico, como mostra do desenvolvemento da actividade da comunidade sobre o territorio; o valor estético, pola calidade e interese paisaxístico e patrimonial que posúe; e o valor ambiental, vinculado coa singularidade ecolóxica do medio natural.

En canto aos valores de uso, destacan o valor social, que representa o aproveitamento que o ser humano efectúa deste territorio; e o valor económico, vinculado ao rédito económico que se adquire do aproveitamento agrícola e turístico.

Pero tamén o valor educativo, como testemuña física que permite estudar e comprender a realidade histórica, natural e xeográfica de forma tanxible; e o valor político, relacionado co prestixio e recoñecemento que supón posuír e dirixir un territorio cun valor económico e social engadido de tal dimensión.



Fig. 267 – Cultivos do río Genil e Serra Nevada caracterizan o patrimonio natural.

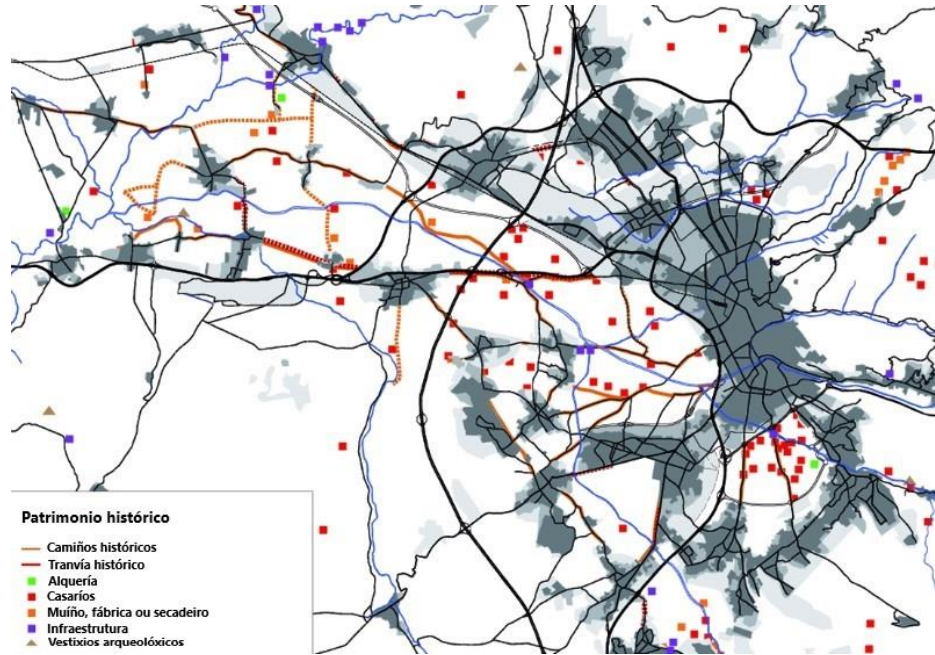


Fig. 268 – Plano do patrimonio histórico.



Fig. 269 – Vestixios do patrimonio cultural da zona.

Estado de conservación:

O enclave atopábase nun estado de conservación regular por causa da continua degradación ambiental, patrimonial e económica que padece. A progresiva diminución da actividade agrícola tradicional incidiu na perda do mosaico paisaxístico, agrario e da vexetación e cultivos autóctonos e

tradicionais. Ao mesmo tempo, tamén se abandonou o patrimonio histórico e etnográfico vinculado.

Ademais, a expansión urbanística e industrial vinculada ca cidade de Granada e as súas poboacións satélite, ameazan a preservación da calidade medioambiental dos ecosistemas, observándose unha diminución progresiva da superficie que ocupa a tradicional veiga.



Fig. 270 – Expansión industrial descontrolada e degradación de terreos agrícolas.

Potencialidade:

O valor e singularidade paisaxística, patrimonial e ambiental é tal vez o maior potencial que fai este enclave merecedor dunha intervención de valorización. Vinculado con isto, apostar pola recuperación do uso agrario permitirá preservar a identidade cultural e paisaxística rural da zona, facendo fronte ao agresivo avance da industria e urbanización descontrolada que ameaza esta paraxe. Por outra banda, a apertura ao usufruto xeral da poboación deste espazo, permitiría conciliar a actividade tradicional co aproveitamento recreativo e de lecer da poboación, xerando dinámicas respectuosas que se beneficien unhas da outras.

Fraxilidade:

Se ben o potencial que adquire a veiga de Granada é maior do que as fraxilidades que condicionan un proxecto de posta en valor, este deberá contemplar a regulación da degradación ambiental que suporía o aumento do aproveitamento do espazo por parte da comunidade. Tamén deberá ordenar o impacto da industria, a urbanización e o desenvolvemento de novas vías de comunicación que causen unha fenda no territorio. Ademais, deberase evitar a desvirtuación da paisaxe

agrícola e o patrimonio tradicional, e revertir a escasa permeabilidade ao uso público que caracteriza o territorio na actualidade.



Fig. 271 – Avance urbanístico que ameaza os valores ambientais e produtivos.

Estratexia de posta en valor

Tipo de intervención:

Baixo o cometido de regular, xestionar, preservar e potenciar os espazos que non se poden urbanizar neste territorio, formalizouse un documento xurídico ,de obrigado cumprimento, que regulamentase as accións que se poden levar a cabo sobre el. A agricultura, o sistema fluvial, as infraestruturas, a paisaxe, o patrimonio e os espazos públicos, pasan a ser ámbitos xestionados de xeito conxunto e unitario neste Plan Especial de Ordenación de la Vega de Granada. Este amparase no Plan de Ordenación da Aglomeración Urbana de Granada, que regula todo o ámbito metropolitano.

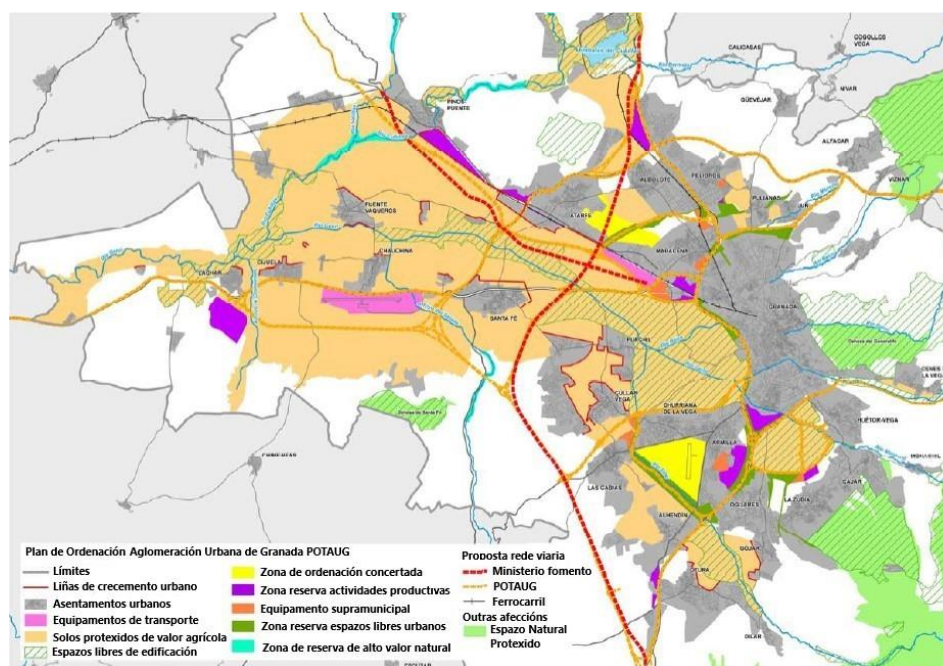


Fig. 272 – Plan de Ordenación da Aglomeración Urbana de Granada.

Impacto territorial e paisaxístico:

As regulamentacións, propostas no plan, parten da base da conciliación entre a consolidación e desenvolvemento da actividade agrícola, e a apropiación e uso público do territorio. O documento establece así unhas normas para controlar a expansión dos espazos de urbanización que circundan o enclave e a apertura de novas vías de comunicación e infraestruturas, nunha estratexia de protección das dinámicas de desenvolvemento rural. Noutro ámbito, define tamén as accións que visan a optimizar e regular a mobilidade, e establece medidas de preservación da calidade paisaxística e dos recursos naturais, así como de rehabilitación do patrimonio cultural e etnográfico.



Fig. 273 – Potenciación e integración de enclaves de fraxilidade patrimonial.

Características formais:

As disposicións e regulamentacións dispostas no Plan de Ordenación abarcan un ámbito de actuación de 1.500 km² e establecen:

1. A consolidación e potenciación da actividade agrícola, regulando os usos e establecendo zonas de protección territorial. Estas limitan o desenvolvemento de actividades intrusivas como a industria.
2. Para a preservación dos valores naturais, crea zonas de protección ambiental e zonas de observación da paisaxe.

3. Dispón medidas para a recuperación ambiental dos ecosistemas agrícolas e das bacías dos ríos, co obxectivo de crear estruturas de vexetación continua que dean acubillo á fauna.
4. No campo do urbanismo, delimita a expansión urbana dos núcleos circundantes e condiciona a mesma no interior do ámbito. Tamén establece regulacións en temas arquitectónicos e patrimoniais, catalogando e promovendo intervencións de posta en valor do patrimonio histórico, fluvial, arquitectónico e etnográfico da zona.
5. No eido da mobilidade, define as características e limita a construción de novas vías de comunicación de grande capacidade, que desvirtúen o territorio. Ademais, estrutura e potencia o sistema de transporte público, diseña unha rede de carrís bici, percorridos peonís e vías agropecuarias adaptadas á estrutura parcelaria, e aos trazados e paisaxe orixinais.
6. Vinculado coa mobilidade, abre o territorio á apropiación do espazo público por parte da poboación xeral, definindo un uso público e continuo do espazo. Para iso propóñense equipamentos de usufruto recreativo como miradoiros, itinerarios paisaxísticos, puntos de encontro, parques forestais, etc.

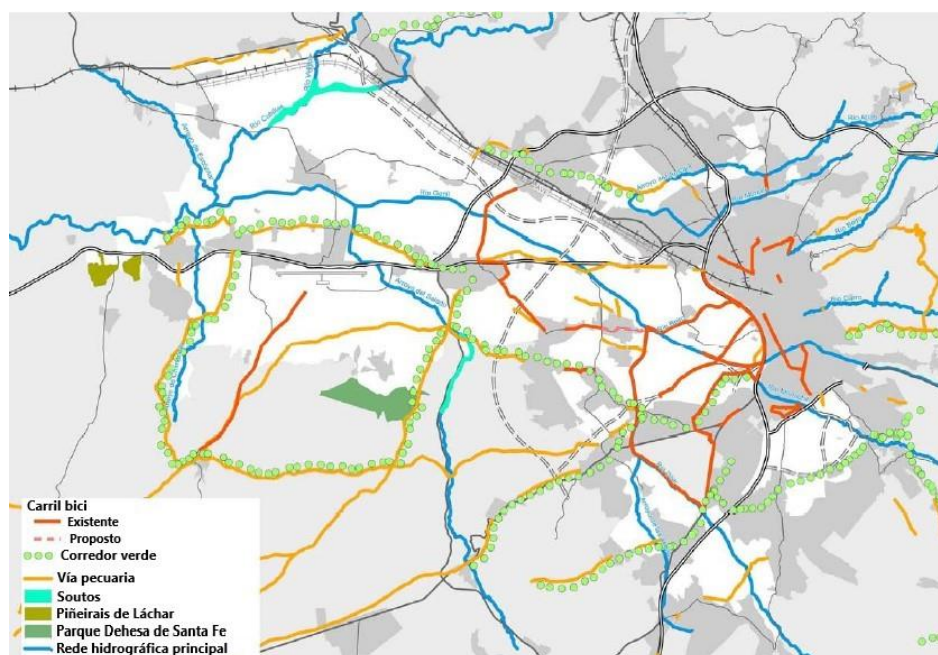


Fig. 274 – Elementos constituintes do sistema de espazos de uso público.

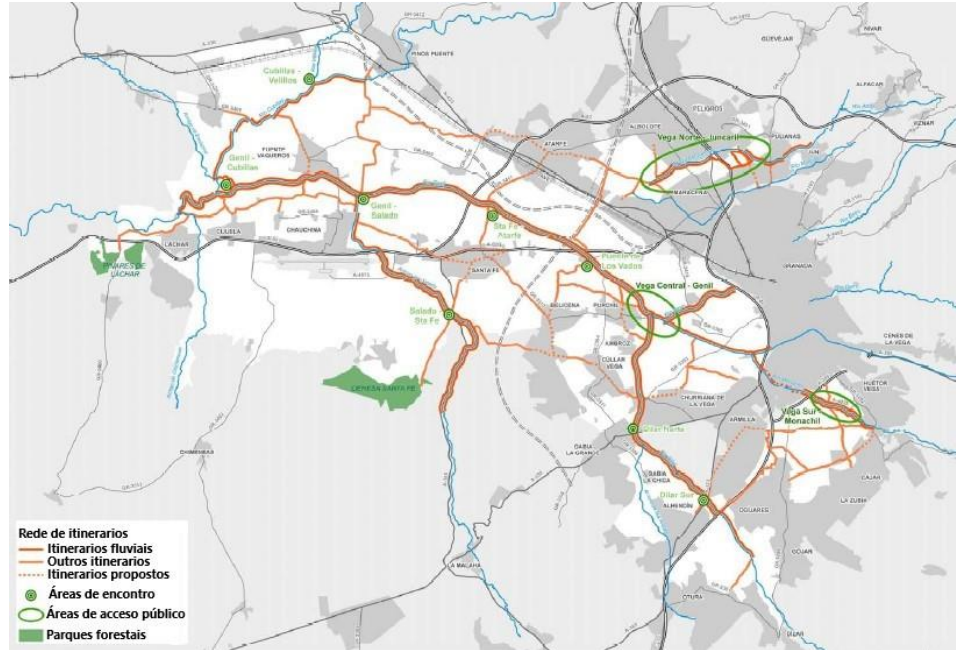


Fig. 275 – Plano do modelo de uso público proposto para os espazos.

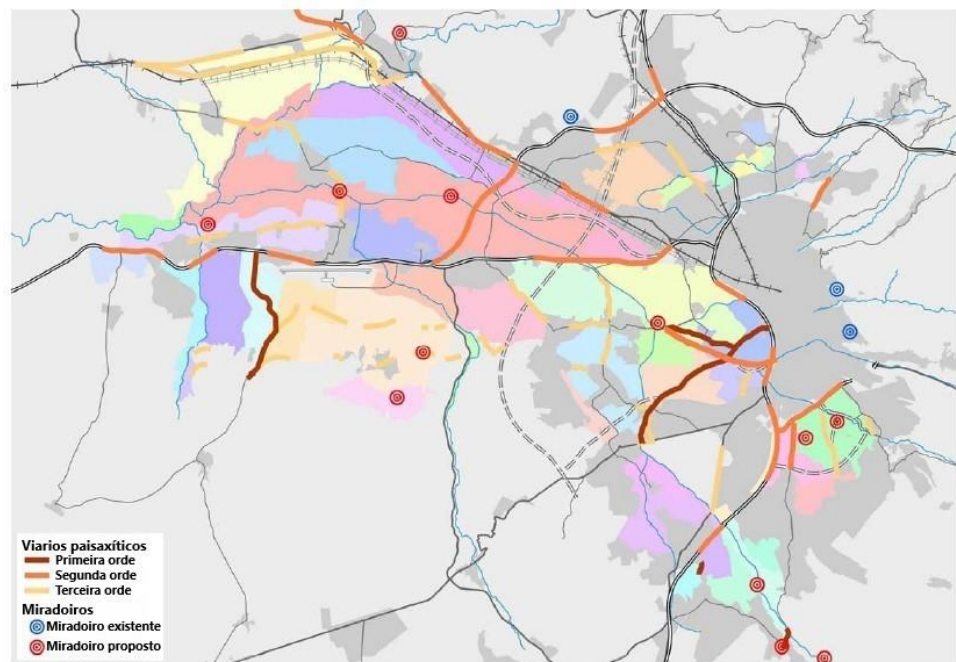


Fig. 276 – Unidades de paisaxe, viarios paisaxísticos e miradoiros.

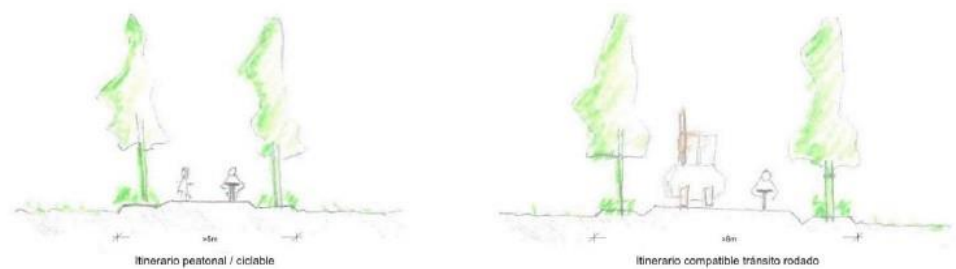


Fig. 277 – Seccións tipo dos itinerarios propostos.



Fig. 278 – Esquemas de ordenación de áreas singulares.

Tratamento da envolvente:

Polo amplo ámbito de actuación que abarca o plan, apenas se podería contemplar neste apartado a substancial mellora da mobilidade interior-exterior e transversal, coa nova permeabilidade de fluxos e liberdade de acceso. Ademais, a preservación do patrimonio cultural e natural, a integración paisaxística e a delimitación do crecemento urbano, inciden positivamente na envolvente.



Fig. 279 – Límitación do crecemento urbanístico e apertura ao uso público do espazo.

Técnicas e materiais:

A pesar de tratarse dun plan e non dun proxecto de actuación formalizado, en canto ás técnicas e materiais empregados pódense definir dous trazos xerais.

Por un lado, no campo arquitectónico, as intervencións serán acordes á tipoloxía e materiais tradicionais, con coberturas a dúas augas con

estruturas de madeira e tella, fachadas de reboco caleado, ladrillo ou pedra, emprego de forxa en varandas e reixas, etc.

Por outro lado, no referente á vexetación e á actividade agrícola, optárase sempre polas especies vexetais autóctonas e os cultivos tradicionais: árbores de ribeira, chopos, árbores froiteiras, oliveiras, millo, alfalfa, espárragos, etc.



Fig. 280 – Vexetación e cultivos autóctonos.



Fig. 281 – Patrimonio arquitectónico que amosa a materialidade e técnicas construtivas tradicionais.

Xestión e mantemento:

Polo feito de ser un instrumento de ordenación e planificación, a xestión e mantemento dependerá da aplicación práctica do mesmo por parte da administración dos municipios implicados.

Esta deberá actuar en conxunto coa iniciativa privada dos habitantes e propietarios dos terreos e coa concorrencia a investimentos e subvencións de administracións públicas de rango superior.

4.3.5. Aldea de Isín

Identificación

Situación e emprazamento:

Isín é un antigo núcleo de poboación pertencente ao municipio de Sabiñánigo, na comarca do Alto Gállego, Huesca, Aragón, España. Situado a 11 km da capital municipal e a 1.000 metros de altitude, trátase dunha pequena aldea de montaña emprazada a media ladeira, no fondo val do río Aurín, que descende entre as elevacións do Pirineo central.

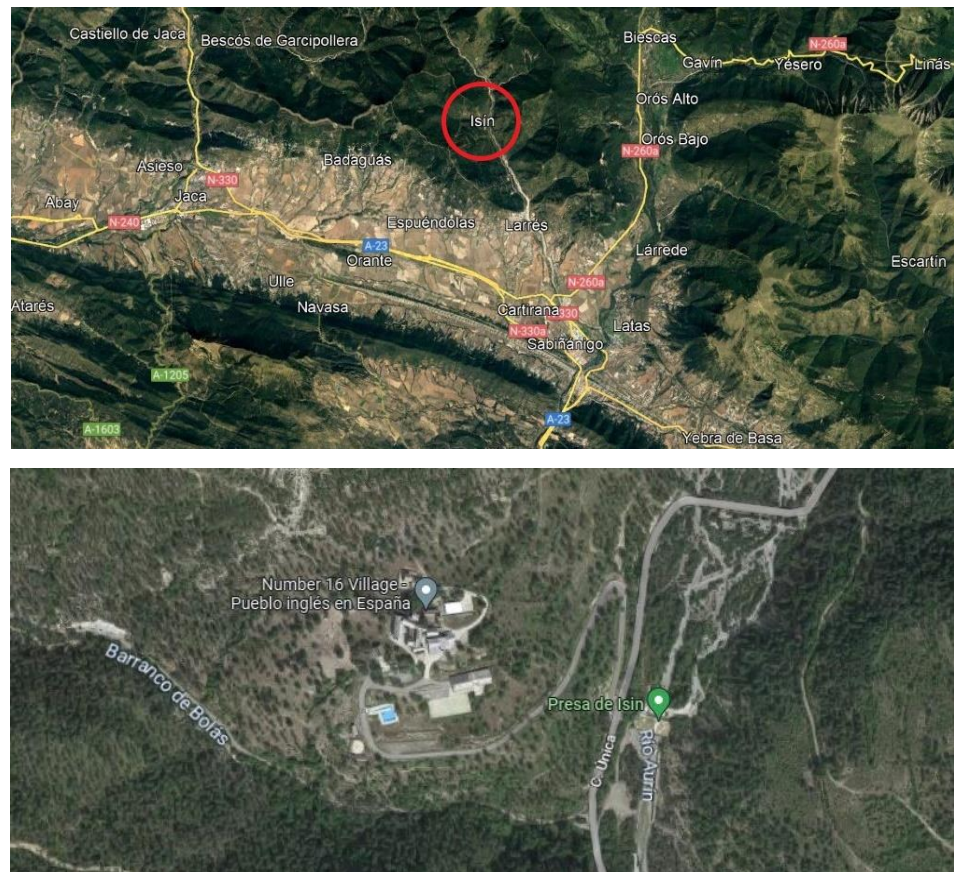


Fig. 282 – Plantas de localización e implantación do núcleo rural de Isín.

Autoría e ano de construción:

O abandono da localidade na segunda metade do século XX motivou que, a petición da Fundación Benito Ardid, se lle encargase un proxecto de rehabilitación ao estudo de arquitectura CAB Arquitectos. Este, foi presentado no ano 1998 e a súa execución rematou no ano 2000.

Condicionantes previos

Enclave e contorna:

A aldea de Isín caracterízase como un núcleo rural compacto, illado e pequeno, que se dispón en chanzos nun pequeno espazo chairo da escarpada ladeira. Atópase elevado cincuenta metros sobre o río Aurín e o barranco de Bolás, que se encontran bordeando a aldea a sur e leste.

O enclave caracterízase pola arquitectura de pedra e lousa que configura as ducias de casas e a igrexa. O núcleo, como moitos outros dos arredores, foi abandonado nos anos 60, e polo tanto a día de hoxe a imaxe de val agrícola mudou en favor dunha extensa mancha de piñeirais que rodea a aldea. Pero a pesar de todo o illamento, atópase ben comunicado, existindo unha estrada paralela ao río Aurín que o comunica con Sabiánigo.



Fig. 283 – Vistas da contorna e da aldea de Isín.

Valores:

Isín goza dun grande valor patrimonial. No sentido emocional, posúe o valor de identidade, constituíndo unha mostra da forma de vida tradicional coa que se identifican os habitantes destas terras.

Culturalmente, e vinculado co anterior, posúe valor histórico, artístico, estético e ambiental, polo extraordinario e representativo exemplo que constitúe do devir da historia, dos costumes, da tradición construtiva, e da apropiación respectuosa, o que permitiu preservar o privilexiado medio natural no que se insire.

En canto á utilidade, ten valor social, posto que está aberto a adquirir unha nova vida que permita a apropiación por parte das persoas, como outrora tivo. Ao mesmo tempo, o uso pode derivar tamén nun rédito monetario que dinamice a contorna, o chamado valor económico. Por último, o valor educativo tamén está presente debido a que o enclave permite divulgar en si mesmo o pasado, presente, futuro que representa.

Estado de conservación:

O estado de conservación do núcleo rural de Isín previo á intervención, era pésimo. A vida na aldea desaparecera por completo, e o abandono levou a que só quedaran os vestixios das edificacións en progresiva derruba. Apenas se conservaban os paramentos verticais de pedra; as coberturas, os interiores e as carpinterías, desapareceran case por completo.

Ademais, a vexetación comezaba a invadir e colonizar os espazos e o camiño de acceso á aldea cada vez se intuía menos. A torre da igrexa, elemento de maior identidade, si conseguiu manter a súa integridade.



Fig. 284 – *Perspectiva da aldea antes e despois da rehabilitación.*

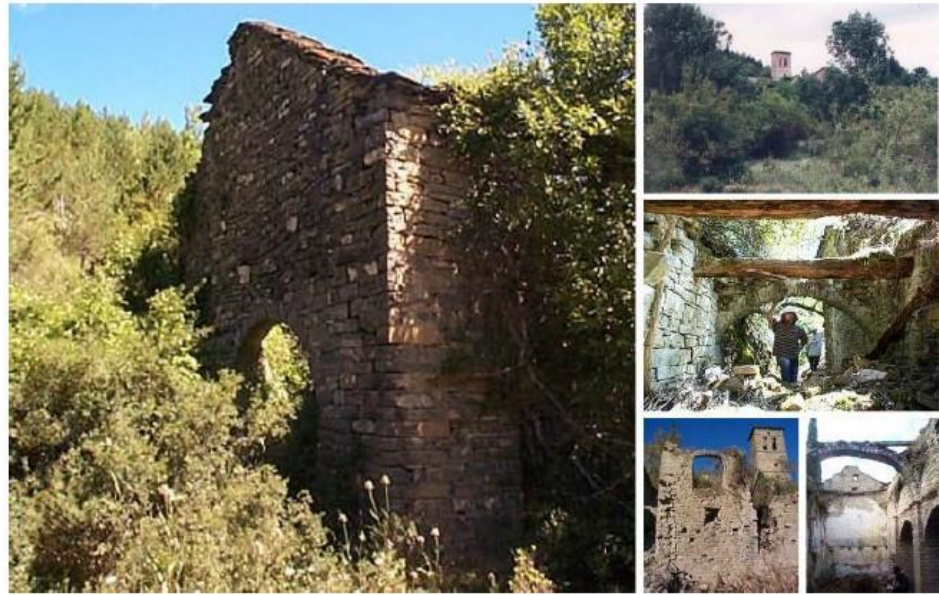


Fig. 285 – Estado previo de abandono e degradación do núcleo.

Potencialidade:

A singularidade paisaxística, ambiental, cultural e arquitectónica do núcleo xustifican a súa posta en valor. A pequena escala do enclave xoga a favor, permitindo abordar unha estratexia de intervención integral que poña en uso e recupere toda a aldea para un mesmo fin.

Ademais do atractivo patrimonial que ten Isín, este atópase nunha zona na que o turismo rural e de natureza se atopa en auxe. Isto, xunto coa proximidade a núcleos de poboación dinámicos, económica e socialmente, facilita e permite desenvolver un maior número de estratexias de valorización.

Fraxilidade:

Pola contra, as delicadas características medioambientais e patrimoniais da aldea limitarán os programas que serán adecuados para implantar na contorna. Nalgúns casos, tamén a falta de servizos, as limitacións na accesibilidade ou as difíciles condicións de vida pola localización e a altitude, poden supoñer un problema á hora de proxectar ou condicionar o éxito futuro da estratexia.

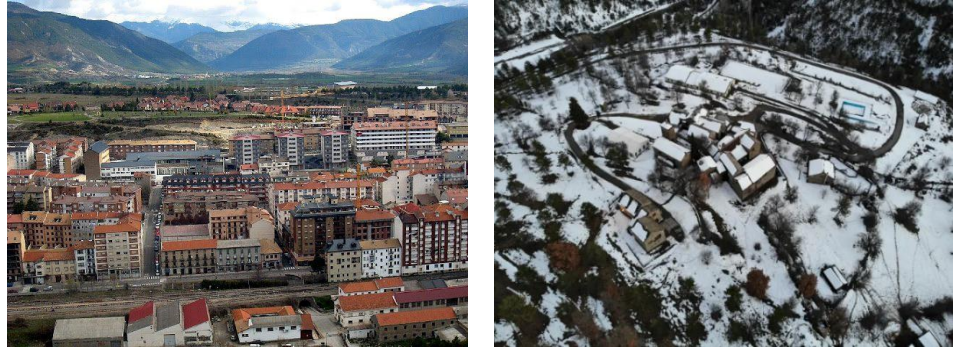


Fig. 286 – Contraste entre o dinamismo do núcleo urbano de Sabiñánigo e o illamento da aldea de Isín.

Estratexia de posta en valor

Tipo de intervención:

O proxecto de valorización consistiu na rehabilitación como centro de turismo rural para persoas e escolares con diversidade funcional. Unha “reutilización adaptativa” que devolveu á vida á aldea mediante un novo programa especial, de equipamento hoteleiro e de ocio, para un público con pouca oferta adaptada, aínda que aberto tamén á poboación xeral.



Fig. 287 – Infraestrutura turística que permitiu devolver o uso ás edificacións.

Impacto territorial e paisaxístico:

A intervención compaxina a revitalización da aldea como destino de saúde, benestar e turismo adaptado, ao mesmo tempo que preserva a identidade paisaxística e cultural existente. Así, os novos usos incluídos no programa e as características arquitectónicas do proxecto, adáptanse á tipoloxía e á imaxe arquitectónica tradicional da aldea, e apenas tentan recuperar e dinamizar Isín. Desta maneira preténdese integralo nos percorridos de turismo de natureza dos visitantes, así como nas dinámicas sociais e económicas dos habitantes da comarca.

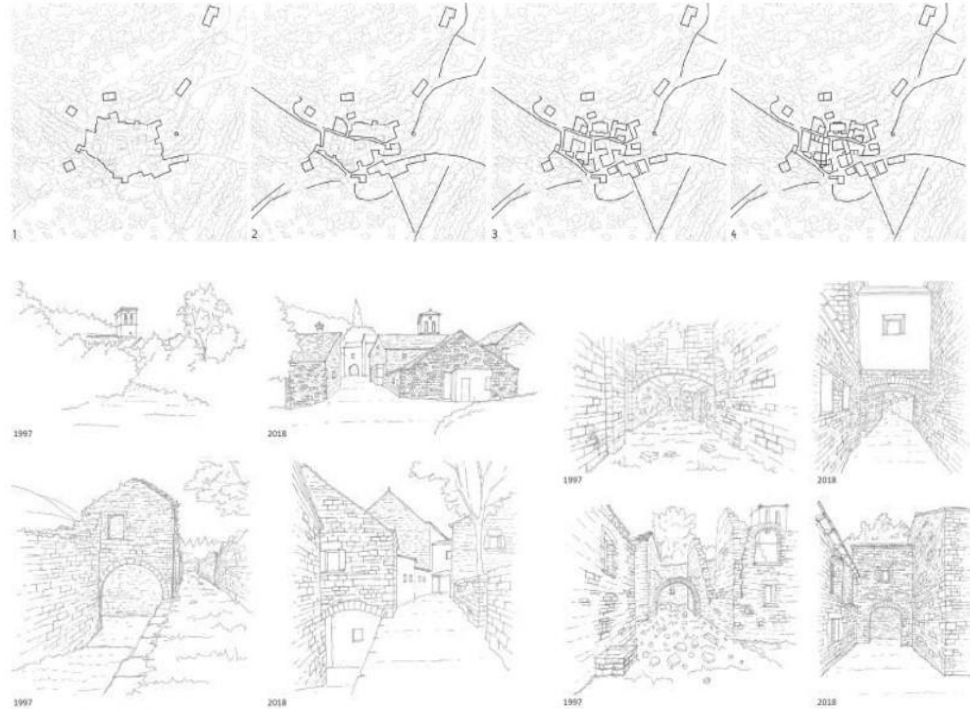


Fig. 288 – Recuperación da trama urbanística e tipoloxías de edificación tradicional.

Características formais:

Formalmente, o proxecto abarcou integralmente o conxunto da aldea (edificado, espazo público e envolvente) e materializouse nos seguintes eixos:

1. Os novos usos do programa e ás intervencións arquitectónicas asociadas adáptanse á estrutura urbana de volumes e espazos abertos, ás tipoloxías e á lóxica tradicional existente.
2. A rehabilitación das edificacións existentes recupera as volumetrías e a estética, e apenas se engaden novos volumes e aberturas cando é estritamente necesario, estando sempre diferenciados.
3. A arquitectura segue conceptos bioclimáticos e de aproveitamento da orientación e das vistas.
4. Apóstase pola apropiación horizontal dos espazos, interiores e exteriores, e o acceso a cota de rúa, para favorecer a accesibilidade das persoas con diversidade funcional.

5. O programa integra novos usos cun concepto flexible e colectivo: ademais da hospedaxe individual, conta con asistencia médica, zonas de lecer, restauración e bar, albergue, piscinas, instalacións deportivas e de xogos, salas de traballo e eventos, granxa-escola, e estacionamento.

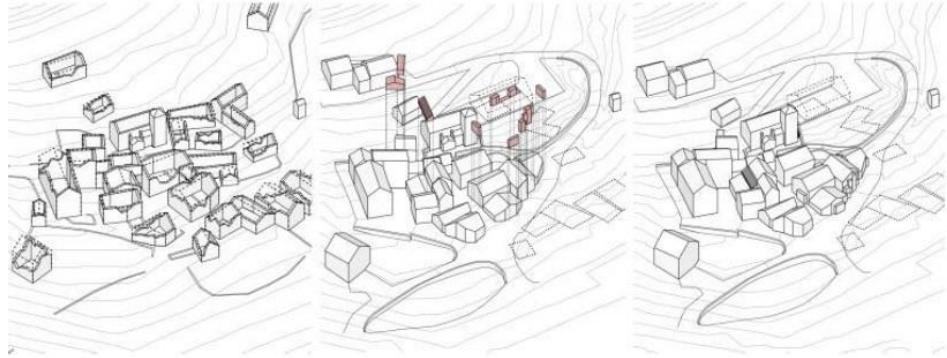


Fig. 289 – Axonometría de volumes orixinais e engadidos.

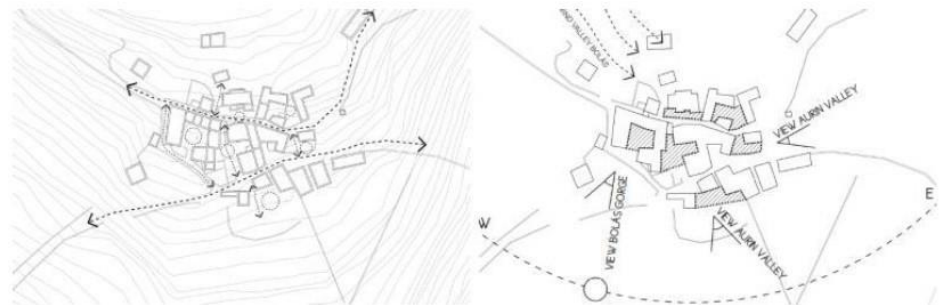


Fig. 290 – Estrutura urbana, orientación e vistas do núcleo.



Fig. 291 – Esquema de accesibilidade da aldea e das edificacións.

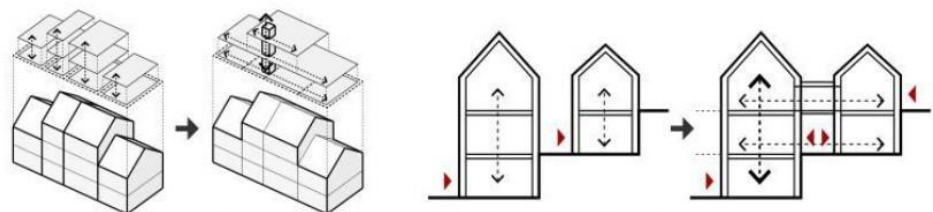


Fig. 292 – Esquema de apropiación horizontal dos espazos en prol da accesibilidade.

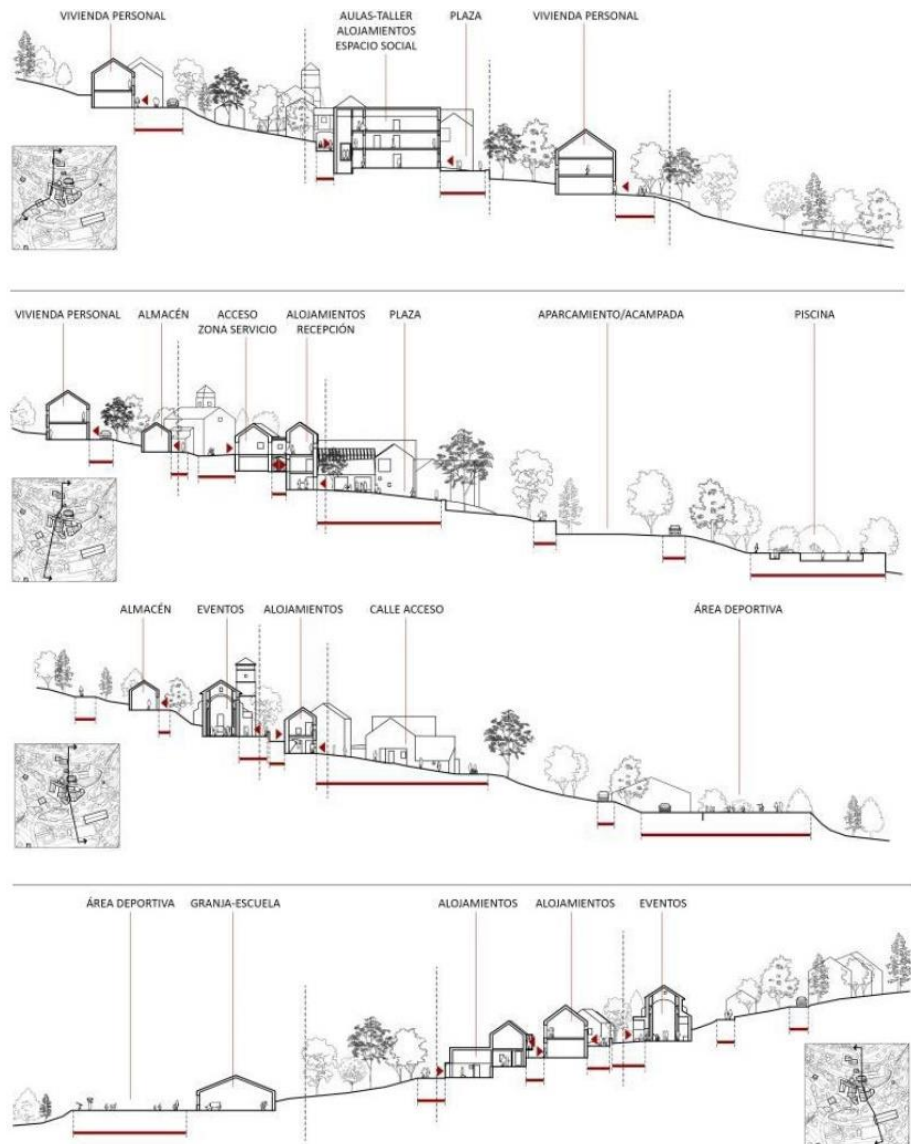


Fig. 293 – Perfís de implantación no terreo.

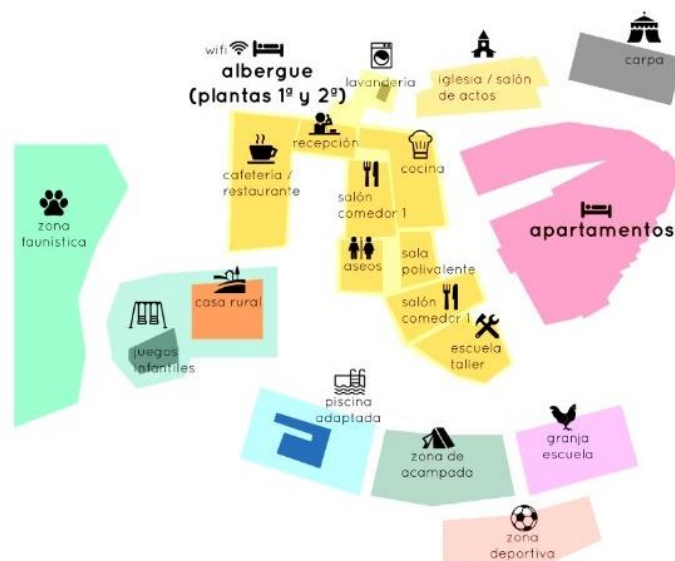


Fig. 294 – Planta de usos do complexo hoteleiro.

Tratamento da envolvente:

Máis alá da propia intervención no núcleo, a contorna que o rodea vese beneficiada de forma directa. Ademais da revitalización da zona que supón contar cun equipamento hoteleiro e de turismo, indirectamente repercutirá nun aumento de servizos á poboación e de mellora nas infraestruturas e telecomunicacións.

En materia de arquitectura e urbanismo mellórase a accesibilidade. Os accesos adáptanse e rehabilitáanse, adaptando os percorridos en función da topografía. Ademais, realízanse accións de recuperación paisaxística da envolvente natural próxima, tanto para a prevención de lumes como para mellorar a imaxe paisaxística.

Técnicas e materiais:

No relativo á análise construtiva da intervención, pódense observar dúas diferencias substanciais. Por un lado, na rehabilitación e reconstrución volumétrica das edificacións existentes, empregáronse as técnicas e os materiais propios e tradicionais do emprazamento. Así, as coberturas realizáronse en estrutura de madeira e recubrimento de lousa, os paramentos verticais na pedra autóctona e as carpinterías en madeira.

Por outra banda, nos engadidos volumétricos e nas novas intervencións, empregáronse materiais e técnicas contemporáneas que alén do confort e a estética, permitise diferencialas do existente. O formigón, a madeira, as grandes vidreiras e o metal aparecen nestes elementos. Ademais, na rehabilitación dos pavimentos do espazo público escolleuse o formigón de árido visto, por cuestións de accesibilidade das persoas con diversidade funcional.



Fig. 295 – *Emprego de materialidade e técnicas tradicionais nos vestixios existentes.*



Fig. 296 – *Inserción de novos materiais e técnicas para diferenciar a nova intervención.*

Xestión e mantemento:

A Fundación Benito Ardid, promotora do proxecto de intervención para a posta en valor, tamén será a entidade xestora do complexo, en colaboración coa Fundación ONCE, que se vincula coas persoas para as que se focalizou o turismo da aldea, realizando aportacións económicas para o seu mantemento.

Ademais, a contribución económica dos propios usuarios e visitantes, xunto coa concorrencia a fondos subvencionados das administracións, permiten realizar inversións, xestionar e conservar a aldea.



Fig. 297 – *Uso social e turismo adaptado da aldea de Isín.*

4.3.6. Núcleo de Mansilla Mayor

Identificación

Situación e emprazamento:

Conformando un municipio rural da provincia de León, Castela e León, España, a 20 km da cidade, encóntrase Mansilla Mayor. O núcleo central e neurálxico da pequena vila, de 130 habitantes, topografía chairega e paisaxe de campos, será o obxecto da intervención.

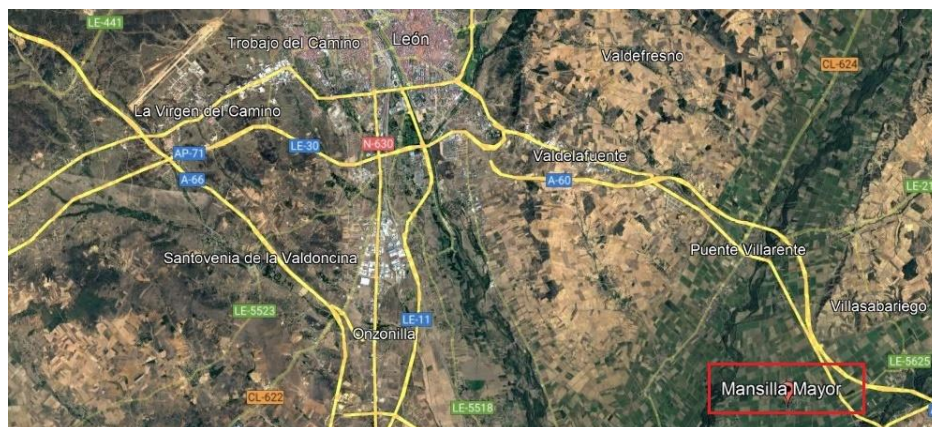


Fig. 298 – Localización de Mansilla Mayor e implantación do lugar de intervención.

Autoría e ano de construción:

A obsolescencia do espazo motivou que, mediante un proceso de escolla de actuacións municipais participativo, veciños e goberno municipal encargasen a redacción dun proxecto de rehabilitación e posta en valor. Este proxecto foi ideado polo estudo Ocamica Tudanca arquitectos, sendo presentado e executado no ano 2019.

Condicionantes previos

Enclave e contorna:

O ámbito de actuación está conformado polos dous núcleos centrais da trama urbana da vila, un conxunto de dúas prazas de tamaño medio unidas por unha pequena rúa. Nestas, sitúanse a igrexa, a casa da cultura e a casa consistorial. Ademais de concentrarse os servizos, aquí conflúen as principais rúas de entrada e saída da aldea, polo que constitúe o lugar de encontro da comunidade, de festexo e o epicentro da vida social.

O enclave caracterízase como un espazo chaira e aberto, flanqueado por vivendas de baixa densidade que forman un escenario pechado coa fonte central, típico dos núcleos de poboación da meseta castelá. Ademais da fonte, un par de bancos e árbores no centro da praza ornamentaban e daban urbanidade ao espazo. Así, o uso do lugar enfocábase á circulación do automóbil, contando con estreitas beirarrúas no centro e na zona perimetral.

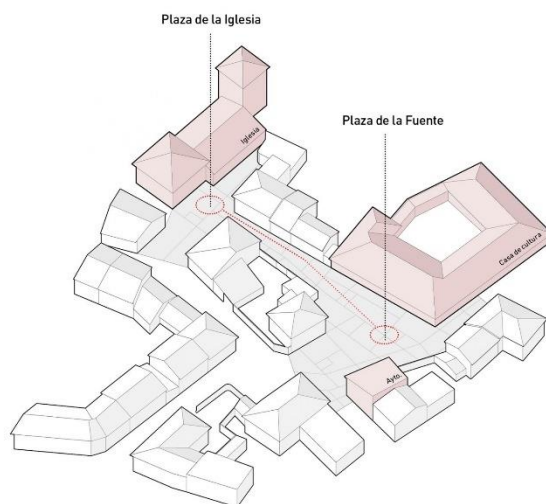


Fig. 299 – Axonometría do enclave.



Fig. 300 – Vistas do lugar.

Valores:

Mansilla Mayor posúe un certo interese patrimonial. No sentido emocional, o valor de identidade está presente en tanto que constitúe un mostra da forma de vida castelán-leonesa, da arquitectura e da paisaxe tradicional coas que se identifica a comunidade. Por este mesmo motivo,

en canto aos valores culturais, posúe o valor histórico e estético. E é que a pesar de non ser un exemplo paradigmático, o enclave ten relativa beleza e representatividade no campo da arquitectura, da paisaxe rural, da historia local, da tradición e da vida social rural.

Nos valores de uso, o espazo ten valor social posto que, dende antano, acolle o centro da vida social e comunitaria. Ao mesmo tempo, a afluencia social redonda nun valor económico, sendo onde se concentran os equipamentos e servizos terciarios que dan apoio a poboación.

Estado de conservación:

No espazo, alén da igrexa, a casa consistorial e a casa da cultura, non persistían outros elementos tradicionais que desen soporte a vida rural. Ademais, a disposición urbana, o pavimento e o mobiliario do espazo público presentaba un estado de conservación regular.

En definitiva, o enclave presentábase pouco amable á socialización e desenvolvemento cotián da comunidade, dado que a última intervención de rehabilitación se realizou sen seguir criterios de uso e confort, dando prioridade ao automóbil.



Fig. 301 – Estado previo ás obras de remodelación do espazo

Potencialidade:

As características do lugar dótano dunha grande potencialidade para ser posto en valor. Por un lado, a centralidade física e social do espazo, que canaliza os fluxos cara o mesmo, garantindo a afluencia para o seu uso. Isto permitirá recuperar os vínculos entre a poboación envellecida da vila, recuperando a vida social e festiva tradicional e facilitando o desempeño do día a día.

Esteticamente, as proporcións e as características do emprazamento, tamén o configuran como un marco amable sobre o que actuar para mellor a imaxe urbana e dar cohesión e relevancia ao núcleo.

Fraxilidade:

Pola contra, a característica de espazo de transición orientado ao vehículo constitúe un problemática de cara ao proxecto. Polo tanto, preservar o carácter e a estética do enclave deberá ir da man da procura de percorridos adaptados á circulación, ao desexo social, deseñando un espazo con equipamentos e ornamento acorde ao mesmo.

Estratexia de posta en valor

Tipo de intervención:

A intervención de posta en valor do enclave consistiu na rehabilitación e revitalización do espazo público da praza, recuperando a funcionalidade tradicional e o uso público do espazo, ao tempo que se renovaba a estética e amabilidade da contorna.



Fig. 302 – Vistas xerais da rehabilitación do espazo.

Impacto territorial e paisaxístico:

A actuación en todo momento procurou inserirse e dignificar a contorna, creando un espazo urbano único, continuo e central. Por iso, foi deseñado de maneira a recuperar a esencia do espazo e dar cabida ao desenvolvemento da actividade social rural. Procurouse ademais manter a escala humana, dotando de condicións de confort e estética ao lugar. Para isto foi fundamental regular o tránsito automobilístico, apostando pola accesibilidade peonil e a permanencia, fronte o “lugar de paso”.

Esteticamente, a mellora e a integración do espazo, realizouse en base ao concepto de replicar a paisaxe de campos da comarca nas trazas da intervención, dende a disposición dos elementos ata o deseño do pavimento.



Fig. 303 – *Esquema do concepto dos cultivos dos campos empregado no pavimento e mobiliario*

Características formais:

A intervención abarcou un ámbito de 1.750 m² e centrouse nas seguintes actuacións:

1. Nova disposición do espazo e rehabilitación do pavimento, formando unha malla en parcelas de formigón pulido, lavado e zonas non pavimentadas, unidos con fendas, simulando a imaxe da paisaxe dos campos e as súas lindes. Con este concepto diferenciouse a zona de tránsito rodado, as zonas de estancia e recreo, as zonas de xogos, as zonas de vexetación, etc.
2. Instalar unha nova fonte como elemento central, de tipoloxía que emula aos tradicionais alxibes e lavadoiros con auga a correr, aportando identidade e sonoridade ao espazo, en sintonía cos regadíos de Castela.

3. Incorporar árbores autóctonas para a protección climatolóxica fronte o sol e o vento e para delimitar os espazos.
4. Dispor bancos repartidos, formando lugares de encontro para humanizar o espazo e recuperar as relacións sociais.
5. Instalar novas luminarias con novos deseños e cos fíos soterrados, tamén as liñas de telecomunicacións.



Fig. 304 – Planta do proxecto e fotografía aérea do resultado unha vez executado.



Fig. 305 – Vista da intervención desde distintos lugares.

Tratamento da envolvente:

O proxecto, focalizado no espazo concreto para o que se ideou, mellorou no total a accesibilidade transversal da aldea. Indirectamente, tamén a estética e a imaxe do centro histórico da mesma, dando integridade e carácter ao conxunto.

Ademais, o proxecto ideouse con posibilidade de continuar sendo expandido nas restantes rúas e prazas exteriores de Mansilla Mayor, de maneira a dar cohesión e unicidade ao conxunto.

Técnicas e materiais:

A austeridade da intervención traduciuse tamén no emprego dun reducido espectro de materiais, de fácil construción e mantemento, e con acabados e deseño adaptados á accesibilidade da poboación envellecida do lugar.

Así, empregouse o formigón lavado para o pavimento, tamén en acabado pulido para diferenciar o espazo rodado do peonil (pulido e lavado

respectivamente). Este último empregouse tamén para a construción da fonte e algúns dos bancos.

O metal está presente no mobiliario urbano como as luminarias, os bancos e algúns elementos auxiliares e ornamentais da fonte, como o cano realizado en latón ou o as reixas en aceiro galvanizado.

A auga e a vexetación, con árbores autóctonas, completan a materialidade do espazo.



Fig. 306 – Materialidade e técnicas construtivas empregadas.

Xestión e mantemento:

O proxecto, de característica austera e adaptado ás posibilidades económicas destes pequenos núcleos, foi escollido por votación popular. Este foi executado polo municipio a través de financiamento económico subvencionado.

Por todo isto, o mantemento e xestión do espazo corre a cargo do municipio. Este, en caso de falta de fondos, recorrerá a subvencións de administracións de rango superior.

4.3.7. Miradoiro de Peñas Llanas

Identificación

Situación e emprazamento:

No municipio segoviano de Riaza, en Castela e León, España, atópase a Serra de Ayllón. Esta paraxe, integrada na Reserva Natural do Macizo do Pico del Lobo-Cebollera, conta con numerosos cumios de elevado porte e interesantes valores naturais.

A 1.440 m de altitude, preto da Ermida da Virxe de Hontanares e a 5 km da capital municipal, sitúase o miradoiro de Peñas Llanas, coñecido como Miradoiro de Castela polas súas vastas vistas.

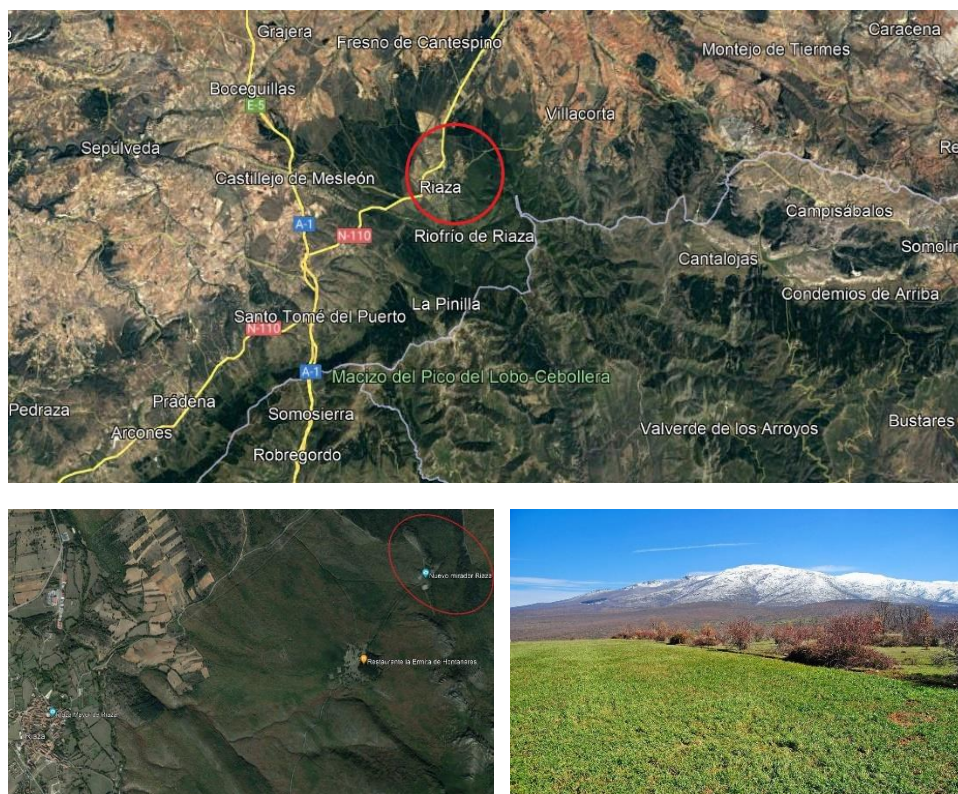


Fig. 307 – Localización e implantación do enclave.

Autoría e ano de construción:

A beleza do enclave, o deterioro da infraestrutura turística existente e o aumento da afluencia de visitantes, motivaron a redacción dun proxecto de rehabilitación e posta en valor. Este foi elaborado polo estudo de arquitectura López López en 2021, ano no que tamén foi executado.

Condicionantes previos

Enclave e contorna:

O enclave abarca un dos primeiros promontorios, ladeira arriba, que se caracteriza polos afloramentos rochosos singulares, rodeados por extensas carballeiras e piñeirais.

Orientado a norte, goza dunhas amplas vistas da meseta castelán-leonesa, carecendo de obstáculos máis altos en moitos quilómetros á redonda.

Por todo isto, o espazo conta cunha infraestrutura turística de apoio aos visitantes xa dende os anos 70, existindo dende entón unha pasarela-miradoiro de madeira que facía accesible o límite máis externo da montaña. O acceso realízase por unha pista asfaltada que dá acceso á Ermida de Hontanares, lugar próximo de importancia patrimonial e relixiosa. A zona conta tamén con área de estacionamento, restaurante e área recreativa.



Fig. 308 – Vistas, acceso e caracterización do enclave.

Valores:

No referente ao valor que ten o enclave no sentido emocional, destaca o valor de identidade, pola representatividade do mesmo no sentir común da poboación local que o relaciona coa súa tradición e paisaxe.

De entre os valores culturais, ao atoparse integrado en territorio protexido, destaca o valor ambiental asociado ao interese paisaxístico, a fauna e a flora. Do mesmo derívanse, o valor científico, porque constitúe

unha mostra tanxible para o estudo da realidade histórica e natural; e o valor estético, pola beleza e harmonía do enclave.

Por último, entre os valores de uso, destacan o social e o educativo, ambos asociados ao uso turístico, que permite desfrutar e divulgar a natureza, a paisaxe e a historia do lugar.

Estado de conservación:

O estado de conservación no que se atopaba a infraestrutura do miradoiro era deficiente. A antiga pasarela-miradoiro, construída en madeira, estaba podrecendo e constituía un risco para a integridade das persoas, ao atoparse elevada sobre o terreo.

Ademais, se ben a intervención se integraba en forma e materialidade na contorna, non daba resposta as demandas de uso que os visitantes facían do espazo.



Fig. 309 – Antiga estrutura de madeira do miradoiro.

Potencialidade:

A maior plusvalía deste enclave radica na súa singularidade paisaxística, ambiental e patrimonial, e na súa posición e encadramento estratéxicos, que lle permiten gozar dunha ampla panorámica da meseta norte española.

Ademais, ao situarse nunha zona de turismo de natureza, próximo a outros bens patrimoniais e a núcleos de poboación dinámicos, garántese

unha afluencia de visitantes estable e non estacional. Constitúe así un recurso turístico que diversifica e amplía a oferta recreativa.

Fraxilidade:

Por outro lado, non debe esquecerse que a singularidade paisaxística, natural e patrimonial, inducen tamén nun maior control no proxecto de valorización, de maneira que se evite un impacto ambiental e paisaxístico desproporcionado. Alén diso, ao tratarse dun enclave en territorio protexido, a afluencia e o uso do espazo deberán estar canalizados e regulados.

Estratexia de posta en valor

Tipo de intervención:

O proxecto executado centrouse na posta en valor do enclave, mediante a substitución da antiga pasarela-miradoiro de madeira por unha nova estrutura metálica. Tamén se limpou a contorna e acondicionouse a accesibilidade da mesma.

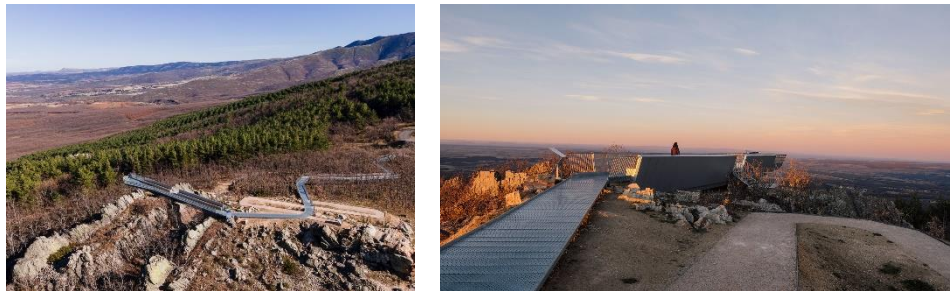


Fig. 310 – *Perspectivas da nova pasarela - miradoiro.*

Impacto territorial e paisaxístico:

A intervención tentou integrarse no lugar, minimizando o impacto na modificación física do medio natural, a pesar do cromatismo, forma e escala, que si alteraron o marco paisaxístico.

A nova plataforma do miradoiro, tentaba mellorar a experiencia turística mediante a creación dun percorrido sensorial integral. Este iniciárase cun ascenso entre o arborado e finaliza ao borde da montaña, coa contemplación das vistas.



Fig. 311 – Integración e modificación da envolvente.

Características formais:

A formalización do proxecto centrouse na substitución da antiga pasarela-miradoiro de madeira por outra metálica.

1. A plataforma, de traxecto en zigzag, elévase sobre pilotes e adáptase ao percorrido de acceso existente para non modificar o medio. A estrutura vai adquirindo unha progresiva inclinación seguindo a topografía, ata chegar ao límite do precipicio.
2. Neste extremo final, a plataforma remata nun voado de cinco metros sobre o baleiro, e ensánchase para dar amplitude ao espazo e conformar un lugar de contemplación e descanso.
3. Na zona de miradoiro, dispóñense bancos e paneis explicativos, así como varandas de maior porte para protección.
4. O acceso en rampla, con pendente accesible e varanda con pasamán, complementáase cun percorrido alternativo sobre o terreo que permite acceder ao miradoiro directamente por unhas escadas.

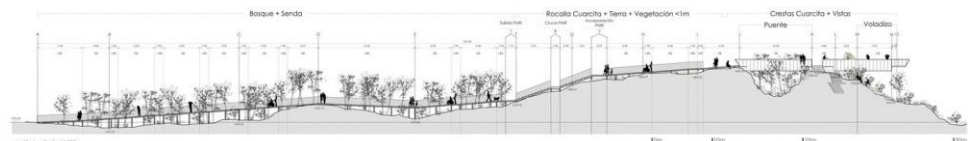


Fig. 312 – Perfil de inserción da estrutura no terreo.



Fig. 313 – *Planta do proxecto.*

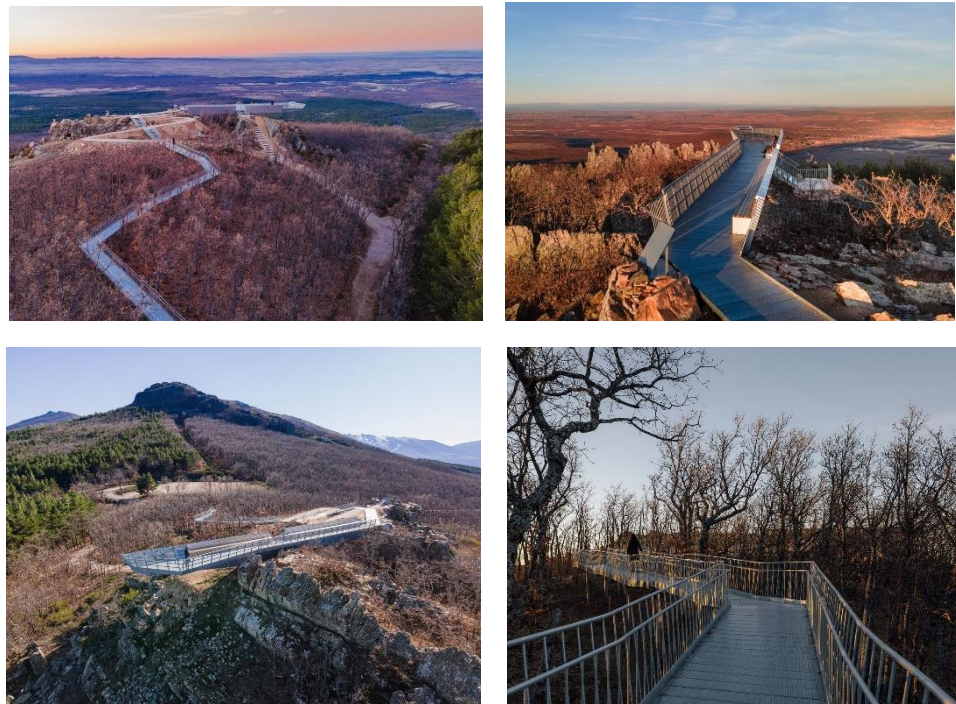


Fig. 314 – *Detalles formais e funcionais do proxecto.*

Tratamento da envolvente:

A actuación límitase á contorna inmediata da pasarela, e apenas se intervén na envolvente para acondicionar os accesos, procurando que sexan accesibles e seguros, e para manter e recuperar a masa vexetal, realizando labores de recuperación ambiental, roza e poda.

Técnicas e materiais:

En canto ás técnicas e materiais, o proxecto caracterízase pola construción con materiais desmontables, que permiten un fácil e escaso mantemento, e a posibilidade de desmontalo. Así, a estrutura está formada por placas, vigas, pilotes e varandas de aceiro galvanizado; pranchas de aluminio; e listóns de madeira, para dar conforto aos bancos de repouso.

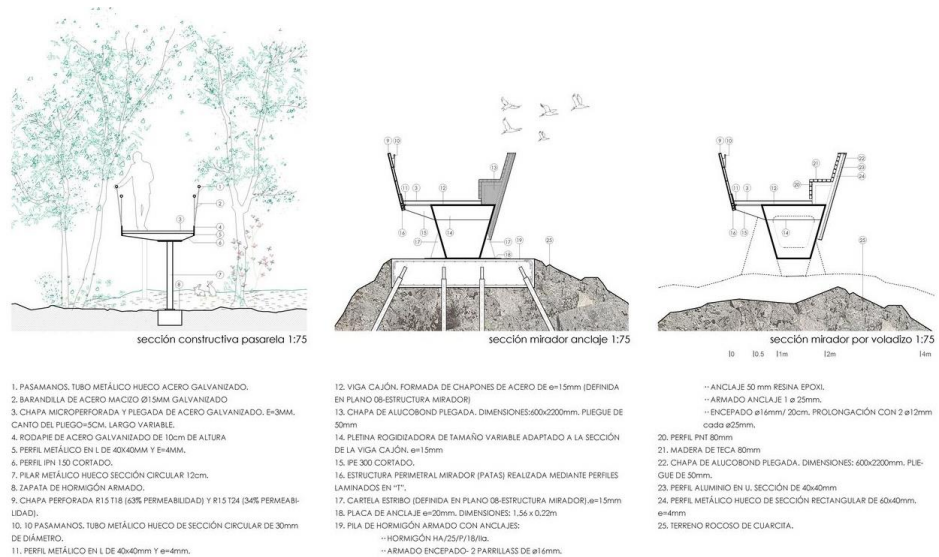


Fig. 315 – Detalles constructivos do proxecto.

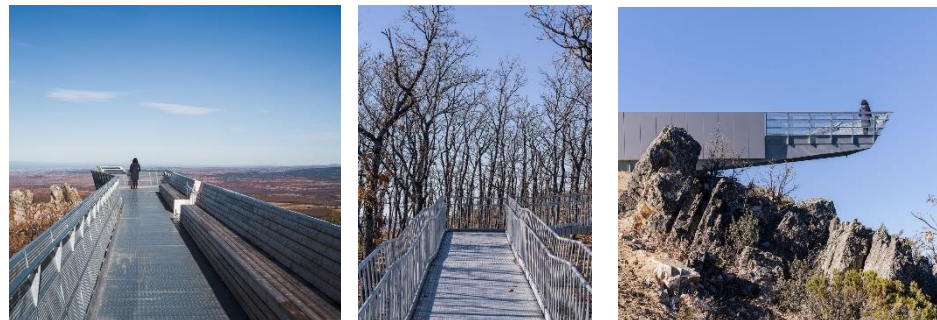


Fig. 316 – Materialidade da pasarela - miradoiro.

Xestión e mantemento:

A intervención de posta en valor foi promovida pola Fundación Patrimonio Natural de Castela e León, con cargo a fondos subvencionados. Dado que a propiedade pertence ao municipio de Riaza, este é o encargado do seu mantemento e xestión, ben sexa con financiación directa ou indirecta.

4.3.8. Cabanas turísticas de Morerava

Identificación

Situación e emprazamento:

No medio do Océano Pacífico atópase o popular territorio insular chileno da Illa de Pascua. É na súa costa suroeste, que se sitúa o único núcleo de poboación da illa, Hanga Roa, vila de pouco máis de 5.000 habitantes, que concentra os servizos e ostenta o título de capitalidade. Na súa zona suburbial, de matriz rural dispersa e inserida na natureza, sitúase o presente proxecto.

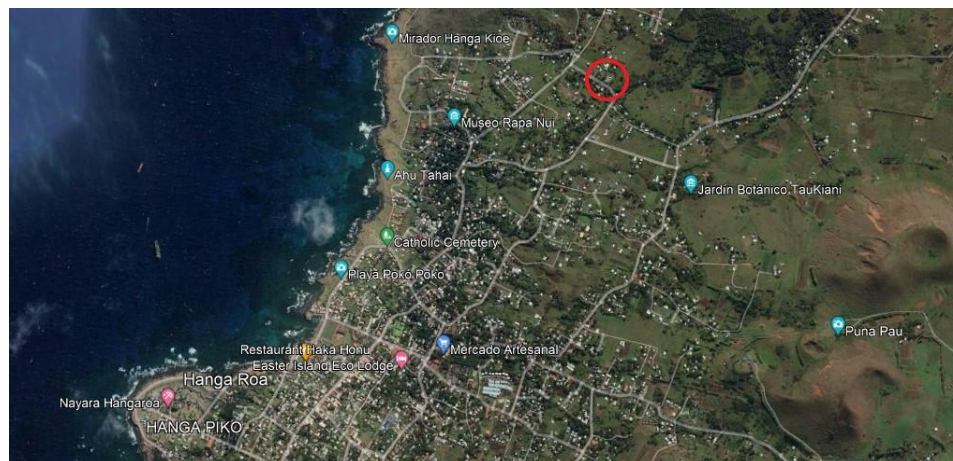


Fig. 317 – Localización e emprazamento das cabanas.

Autoría e ano de construción:

A falta de oferta diversificada de aloxamento turístico motivou a construción dun establecemento de hospedaxe de familias. O proxecto correu da man de AATA arquitectos e foi parcialmente executado no ano 2010, estando actualmente non concluído na súa totalidade.

Condicionantes previos

Enclave e contorna:

O emprazamento consiste unha parcela agrícola situada na zona máis rural da vila, rodeada de vivendas residenciais e outras fincas. A parcela posúe unhas características semellantes ás da contorna, con topografía chaira, vexetación herbácea e rodeada de árbores, pero sen edificación illada no interior. Ademais, o lugar, así como toda a illa, está declarado Patrimonio Cultural e Natural pola UNESCO, conformando o Parque Nacional de Rapa Nui.



Fig. 318 – *Implantación e caracterización do enclave.*

Valores:

Entre os valores que atesoura o enclave destacan o valor emocional de identidade, pola identificación social e representatividade vinculadas á súa paisaxe e forma de vida.

Por outra banda, entre os valores culturais destaca o ambiental, pola integridade e unicidade da súa natureza; o científico, porque o territorio constitúe unha mostra para a análise e estudo do mesmo; e o estético, pola beleza e o atractivo do mesmo.

En canto ao uso, destacan o valor social e económico, inherentes a este territorio, pola súa peculiaridade. Esta razón permite un aproveitamento turístico que o dinamice economicamente e contrarreste o illamento que supón a súa localización.

Estado de conservación:

O termo estado de conservación non se adecúa totalmente ao presente proxecto. Ao ser unha intervención, de valorización do territorio, xenérica, consistente nun proxecto de nova planta nunha parcela adaptada a tal fin, non incide sobre un ben patrimonial concreto con unicidade que se poida cualificar. A pesar diso, o enclave atopábase ben conservado, con relativo coidado da vexetación e sen conformar un espazo residual.



Fig. 319 – Estado da contorna antes da construción das cabanas, anos 2002 e 2009.

Potencialidade:

O potencial do lugar radica en tres eixos fundamentais. En primeiro lugar, a demanda de aloxamento turístico existente no lugar; por outro lado, o apoio que supón a existencia de servizos e infraestruturas próximos ao estar situado nun núcleo poboado; e por último, a facilidade de inserción nun lugar que conforma unha contorna privilexiada.

Fraxilidade:

Pola contra, un proxecto de valorización deste territorio verase condicionado polos delicados valores ambientais e paisaxísticos existentes, que deberán ser preservados. Pero tamén pola dificultade construtiva, xa que illamento da Illa de Pascua condiciona a tecnoloxía e a dispoñibilidade de materiais a empregar, debendo optar preferiblemente pola tradición construtiva e o material local.

Estratexia de posta en valor

Tipo de intervención:

A intervención consistiu na construción dun establecemento de aloxamento turístico para familias, formando un complexo de cabanas de madeira individuais e contiguas, inseridas na parcela.



Fig. 320 – Vistas xerais da intervención.

Impacto territorial e paisaxístico:

O proxecto procurou integrarse, tanto no emprazamento como nas dinámicas territoriais. En primeiro lugar, procurou explotar o turismo familiar fronte aos hoteis convencionais de luxo, diversificando e achegando a oferta hoteleira a todos os públicos.

Por outra banda, a construción das cabanas seguiu principios arquitectónicos sustentables, respectando e integrándose na contorna coa súa implantación e seguindo criterios de eficiencia enerxética.



Fig. 321 – Inserción dos volumes das cabanas na contorna.

Características formais:

1. Orixinariamente o proxecto consistía en nove cabanas de 60 m² interiores e 17 m² de terraza cuberta. Destas, apenas catro foron construídas.
2. A disposición das mesmas presta atención á orientación e incidencia solar.
3. Posúen aberturas laterais corridas e contrapostas para evitar a vista entre cabanas.
4. Os extremos menores onde se sitúan as terrazas constitúen grandes vidreiras.
5. Interiormente, no acceso sitúanse o salón e a cociña, dependencias das que parte un corredor lateral lonxitudinal que dá acceso ao cuarto de baño e aos dous dormitorios, nesta orde.

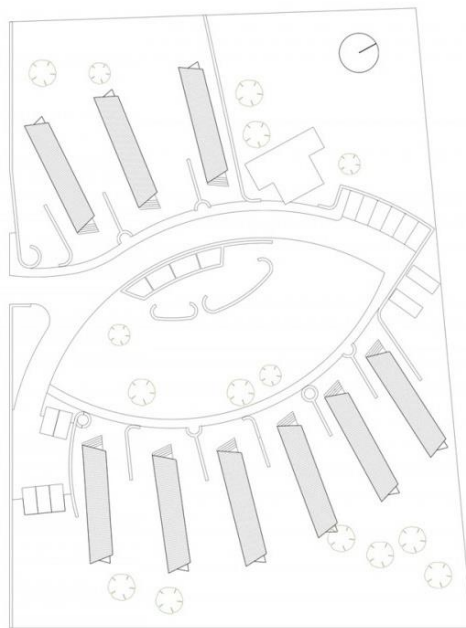


Fig. 322 – *Planta do conxunto.*

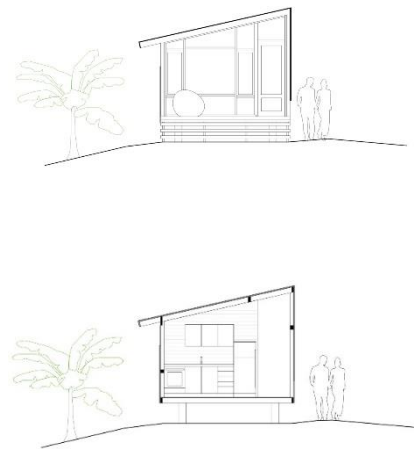


Fig. 323 – *Alzado frontal e sección transversal.*

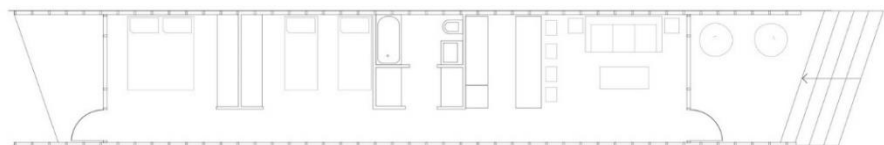


Fig. 324 – *Planta tipo das cabanas.*

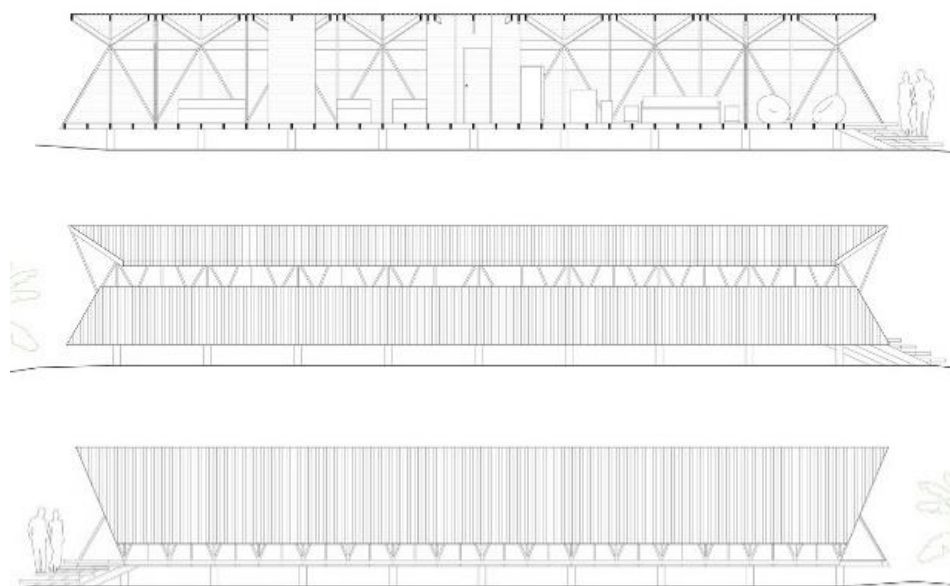


Fig. 325 – Sección lonxitudinal e alzados laterais.

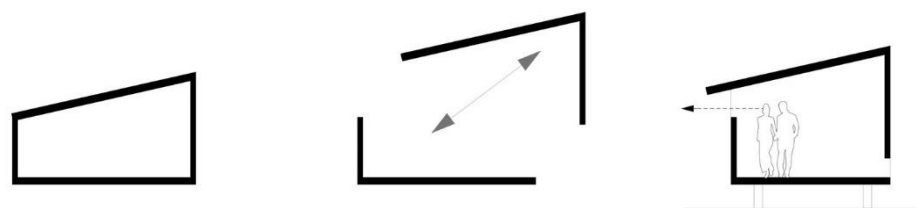


Fig. 326 – Características formais: ventilación cruzada e visión condicionada.

Tratamento da envolvente:

Na intervención a contorna mantense inalterada, implantando apenas as cabanas e facilitando a accesibilidade. Non se delimita o lugar, adecúase e recupérase a masa arbórea e a vexetación da parcela, e créanse percorridos de acceso e zonas axardinadas. Nun primeiro momento, o proxecto contemplaba tamén un parque de estacionamento, máis cabanas e zonas comúns, pero finalmente non foi completado.

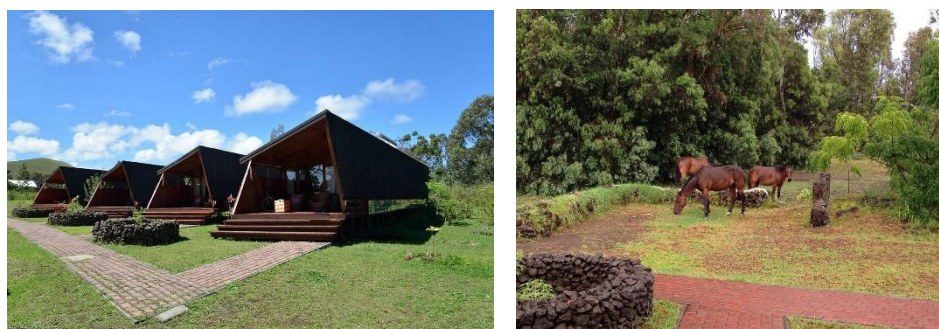


Fig. 327 – Integración dos volumes e zonas comúns na paisaxe do lugar.

Técnicas e materiais:

Construtivamente, o proxecto levantouse con material reciclable e prefabricado, empregando unha estrutura e cubrición con pilares, vigas e listóns de madeira. Para a ensamblaxe e unións empregouse o metal, sendo as coberturas realizadas en chapa metálica. O vidro tamén está moi presente para cubrir as grandes aberturas, con carpinterías de madeira. O mobiliario tamén foi deseñado a propósito e integramente en madeira.

Por outra banda, no relativo aos sistemas de eficiencia enerxética, cada cabana conta con paneis solares para abastecemento eléctrico e recolección de auga pluvial para uso doméstico e regadío. Ademais, no proxecto contemplouse a ventilación cruzada e o control da incidencia solar, o que fixo posible que as construcións carezan de illamento.

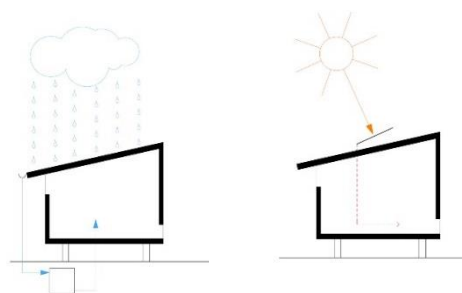
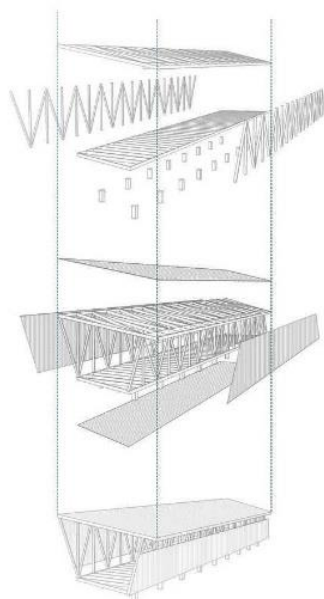


Fig. 329 – Sistemas de eficiencia enerxética.



Fig. 328 – Axonometría construtiva.

Fig. 330 – Materialidade exterior das cabanas.



Fig. 331 – Materialidade do espazo interior.

Xestión e mantemento:

A xestión e mantemento do complexo corre a cargo dun promotor ou empresa privada, encargada tamén de investir na execución do proxecto.

4.3 Análise comparativa

Unha vez terminado o estudo dos oito casos de referencia seleccionados, pódese concluír que non pode ser feita unha análise homoxénea nin transversal entre os mesmos. Isto débese a que cada caso se asocia á valorización dunha especificidade patrimonial do territorio distinta. Aínda así, existindo diferencias a nivel de contexto e encadramento, da estratexia ou programa executado e das características arquitectónicas do proxecto, todos comparten liñas estratéxicas que determinan como desenvolver estratexias de posta en valor coherentes.

Identificación:

Situación e emprazamento:

A localización das diferentes intervencións concentrouse no contexto peninsular español, destacando os núcleos rurais, os enclaves naturais e espazos protexidos, e algunhas contornas suburbanas de cidades de tamaño medio. O único emprazamento, físico e cultural, radicalmente diferente, foi o das Cabanas de Morerava, na illa chilena de Pascua. En calquera caso, todos son enclaves asociados á paisaxe patrimonial, rural e natural, tradicional, sendo radicalmente opostos ao espazo urbano consolidado.



Fig. 332 – Paisaxes patrimoniais rurais e naturais dos casos de estudo.

Autoría e ano de construción:

A maioría das intervencións foron realizadas a partir dos anos 2000. Isto debeuse ao crecemento que o turismo rural e de natureza experimentou nese momento. Tamén por causa do avance nunha maior concienciación sobre a preservación do patrimonio e a natureza. Así, nesta época produciuse unha estandarización das boas prácticas en materia arquitectónica, tanto a nivel xeral, como das intervencións de posta en valor dos enclaves patrimoniais, en particular.

En canto á autoría, cabe destacar que no caso dos proxectos que abarcan un ámbito de grande envergadura ou que foron convocados por concurso público, esta acostuma correr a cargo dun estudo grande de arquitectos, urbanistas e paisaxistas; ou en colaboración entre varios deles.

Condicionantes previos:

Enclave e contorna:

Os casos de estudo escollidos representan un amplo e variado espectro de escenarios patrimoniais. Estes van dende parques forestais a praias fluviais, antigas aldeas abandonadas, grandes vales agrícolas, parcelas rurais en desuso, enclaves naturais con singularidade paisaxística ou mesmo o espazo público de núcleos rurais. Na comparativa dos mesmos, abstráese como punto en común a peculiaridade estética, natural e patrimonial destes enclaves, que souberon conservarse ao longo do tempo.

Valores:

O xerme na definición dunha estratexia de posta en valor ten que ver co recoñecemento do valor que posúe cada ben ou contorna patrimonial. Nos casos estudados, e segundo a clasificación empregada, conclúese que é fundamental a conxunción entre os valores emocionais, culturais e os valores de uso. Así, todo ben patrimonial susceptible de ser valorizado ha de se vincular no sentido emocional coa identidade da comunidade que representa. Estes, ás veces, mesmo constitúen símbolos da mesma, como é o caso da paisaxe da Vega de Granada dentro do marco metropolitano desa cidade.

Outra das características dos enclaves patrimoniais de destaque, ten que ver coa beleza e harmonía visual dos mesmos, que se asocia ao valor cultural da estética. Así mesmo, o ben patrimonial como mostra tanxible do pasado da sociedade, que representa a singularidade da mesma e da natureza da contorna onde se insiren, posúe un valor histórico, artístico e medioambiental. Estes poderán estar presentes de maneira individual ou conxunta en moitos dos enclaves, como é o caso da Fortaleza de Goián.

Pero para definir unha estratexia de valorización, ademais dos valores intrínsecos que posúe o patrimonio, é preciso abstraer un valor engadido que faga factible dito proxecto e xustifique a súa recuperación e integración na sociedade. Este é o denominado valor social, que acostuma asociarse á introdución dun novo uso ou programa funcional. Ao mesmo tempo, este poderá ir da man dun valor económico que ten que ver coa obtención dun réditto monetario. Este último valor, mesmo que non tire partido

económico do propio ben, adoita vir asociado incluso de maneira indirecta, redundando no desenvolvemento e progreso da comunidade onde se asenta.

Esta diferenciación obsérvase por exemplo entre a rehabilitación de Isín como complexo hoteleiro, que recupera o núcleo tradicional cun fin económico; e o Miradoiro de Peñas Llanas, que se articula dentro da oferta turística do territorio, diversificándoa, pero sen obter beneficios directos. Así, ambos valores, social e económico, integran o denominado valor engadido ou de uso.

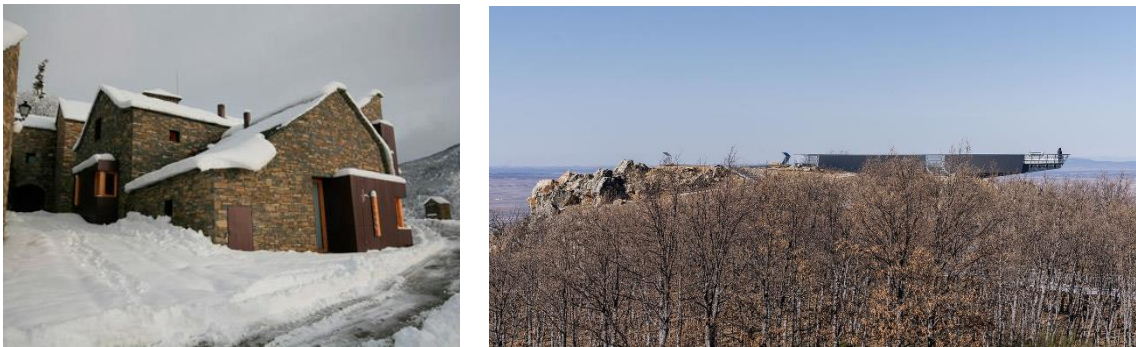


Fig. 333 – Diferenciación entre valor social económico e valor social de uso.

Estado de conservación:

Un dos condicionantes que máis afectan ao proxecto ten que ver co estado de conservación dos enclaves e bens patrimoniais. Os casos estudados amosan exemplos patrimoniais que inclúen espazos ben conservados que precisan dunha revalorización ante as novas esixencias de uso requiridas pola sociedade e a contorna, como é o caso do Monte do Gozo, porta de entrada do Camiño Francés a Santiago de Compostela.

Pero tamén se atopan exemplos doutros espazos, totalmente degradados e abandonados, que xustifican unha intervención integral de rehabilitación e posta en valor, como é o núcleo de Isín, do que apenas se conservaban vestixios dalgunhas edificacións. Así, entre os casos de referencia estudáronse dende paisaxes agrarias en degradación, espazos públicos pouco humanos, enclaves naturais e forestais pouco accesibles e desprotexidos, infraestruturas turísticas en estado de abandono, etc.

En conclusión, obsérvase que o estado de conservación do ben patrimonial non é o determinante absoluto na definición dun proxecto de valorización, mais si un determinante parcial, debendo garantir a preservación do patrimonio, en caso de risco de desaparición, a través destas estratexias.

Potencialidade e fragilidade:

O potencial e a fragilidade dos enclaves e bens patrimoniais a valorizar son outras das variables que máis condicionan os proxectos. Da análise da potencialidade dos presentes casos de estudo destacouuse que, na valorización do patrimonio rural asente en áreas protexidas, as estratexias asociadas á recuperación da actividade tradicional e ao valor económico engadido ao uso turístico, son as máis efectivas. Exemplos disto foron a recuperación paisaxística e económica do Costal e a posta en valor da Praia fluvial de Goián, enclaves rurais e naturais valorizados con éxito.

Pola contra, entre as fragilidades obsérvase unha liña en común. Esta ten que ver con garantir unha apropiación correcta do recurso patrimonial, construído ou natural, en aras de preservar a súa esencia, integridade, naturalidade e identidade.

Estratexia de posta en valor:

Tipo de intervención:

Os proxectos de valorización foron diversos e todos diferentes entre si, o que amosa unha posible complementariedade entre estratexias. Así, estudáronse exemplos de recuperación ambiental, da actividade e da paisaxe tradicional ou de rehabilitación de espazos forestais, praias fluviaes e contornas patrimoniais. Pero tamén estratexias de recuperación íntegra de antigos núcleos rurais, adaptándoos a novos usos; outras de humanización do espazo público; e outras de construción de infraestruturas turísticas que acheguen a natureza ao visitante ou ofrezan aloxamento diversificado.

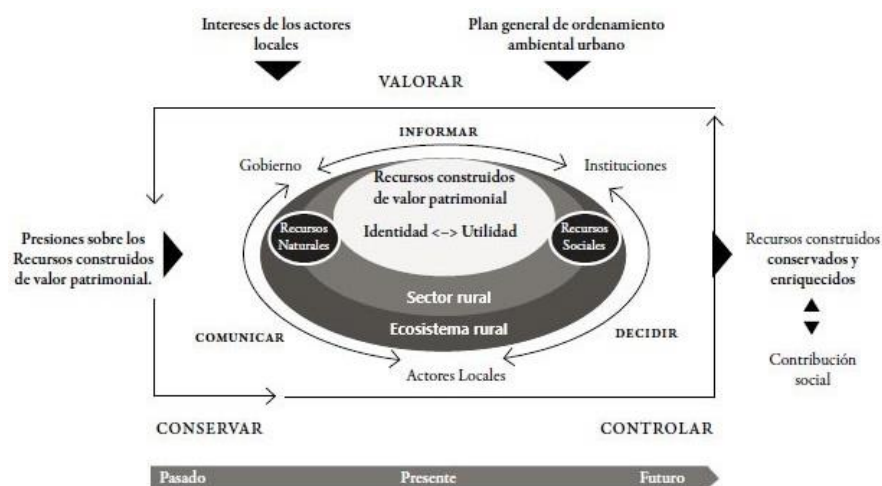


Fig. 334 – Esquema conceptual da definición de estratexias de valorización do patrimonio.

Impacto territorial e paisaxístico:

En todo o que atinxe á inserción do proxecto no enclave, en maior ou menor medida, todos os casos apostaron nos seus programas pola integración dentro das dinámicas sociais e económicas do territorio. Tamén por unha adecuación e inserción estética e formal da proposta, sendo esta respectuosa e acorde aos valores patrimoniais e/ ou naturais do lugar.

Un dos casos máis controvertidos para algúns estudosos nesta materia é a intervención no Miradoiro de Peñas Llanas. Nela, baixo a premisa de adaptación e integración no medio, substituíuse unha antiga pasarela de madeira por unha metálica. A pesar de que esta se construíu procurando minimizar a alteración física do medio ao empregar apoios puntuais, a excesiva escala e unha tipoloxía demasiado intrusiva elevaron o impacto visual e ambiental da infraestrutura existente.

Características formais:

No relativo ao deseño dos proxectos, todos os casos de estudo difiren entre si. No primeiro caso de estudo, o Monte do Gozo, analizouse a recuperación paisaxística, rehabilitación e reordenación dos espazos públicos e a construción dunha piscina fluvial. No segundo, en Goián, a recuperación ambiental dun enclave de ribeira onde se rehabilitou o espazo de praia fluvial e se puxo en valor e “musealizou” unha antiga fortaleza.

Por outra banda, estudouse tamén a humanización e rehabilitación dos espazos públicos dos núcleos rurais, como en Mansilla Mayor, e a posta en valor de enclaves naturais con vistas singulares mediante a instalación de infraestruturas turísticas, como pasarelas e miradoiros, como aconteceu en Peñas Llanas.

Noutros casos, plans de ordenación que establecen normas para a preservación e recuperación de paisaxes agrícolas tradicionais, abrindo o espazo á circulación do cidadán e recuperando a actividade agro-gandeira. Este é o caso do paraxe do Costal, na que se executou a recuperación ambiental da antiga parcela, preservando a identidade agrícola e rehabilitando o edificado, ou o Plan de Ordenación da Vega de Granada.

Nas restantes estratexias, a formalización arquitectónica do proxecto baseouse na rehabilitación, seguindo a tipoloxía tradicional, dunha antiga aldea abandonada readaptada en complexo turístico (aldea de Isín); ou a construción de cabanas de

madeira sustentables para dar resposta as demandas de aloxamento (Cabananas de Morerava).

Todas esta análise formal, alén de influencias e ideas de proxecto, permite abstraer condicionamentos no relativo a volumetrías, proporción e escala, harmonía visual, relación entre forma e función, etc. Ademais, debe ser transversal a todas estas características arquitectónicas e formais nomeadas, o respecto, a integración e a adecuación, primando fronte a escollas agresivas e deturpadoras.

Tratamento da envolvente:

Algunhas das estratexias de posta en valor cingúense á intervención sobre un ben determinado e concreto. Aínda así, na maioría dos casos se intervén na contorna e envolvente inmediata. Deste xeito, o proxecto incide no relativo á adecuación paisaxística e a recuperación ambiental, integrando a intervención no lugar e suavizando o encontro co escenario que o alberga.

Ademais nas estratexias tamén se traballa na mellora da accesibilidade en todas as súas vertentes. Dende facilitar o acceso, acondicionar percorridos para persoas con diversidade funcional, regular o estacionamento e favorecer os fluxos e circulacións, como acontece na posta en valor do Monte do Gozo.

Nos casos das estratexias de carácter global, ou que abarcan un ámbito moi amplo, o tratamento da envolvente constitúe unhas das principais liñas de actuación do proxecto. Isto acontece, sobre todo, nos casos de estudo vinculados á recuperación integral dun territorio ou enclave.



Fig. 335 – *Recuperación ambiental, integración paisaxística e mellora da accesibilidade no Monte do Gozo.*

Técnicas e materiais:

Neste senso, a análise determina que nas intervencións sobre o patrimonio rural e os espazos naturais deberase optar polo emprego de materiais tradicionais e integrados na contorna, tratados mediante técnicas o máis semellantes posible ás locais. Por outra banda, o formigón, o metal e o vidro, como novos materiais, tamén aparecen nestas intervencións por motivos accesibilidade, diferenciación entre o novo e o preexistente, ou para garantir a reversibilidade do proceso.

O tratamento paisaxístico e o estudo da vexetación tamén deben estar presentes nos proxectos, con maior énfase no caso do patrimonio construído dos espazos protexidos ou os enclaves naturais de calquera índole. Outras conceptos como a sustentabilidade, autosuficiencia e eficiencia enerxética, tamén serán requiridos polo feito de se implantaren en contornas rurais e naturais protexidas. O caso de estudo das Cabanas de Morerava, é un bo exemplo nesta materia.

Xestión e mantemento:

Outro dos aspectos máis relevantes é a necesidade de garantir a xestión e mantemento das intervencións, de forma a asegurar a súa persistencia no tempo.

Moitos dos casos de estudo foron propostas desenvolvidas, executadas e preservadas no tempo por administracións estatais, rexionais ou municipais, investindo fondos propios ou solicitando financiación.

Noutros casos, foron promotores privados, fundacións e institucións, quen, con fondos propios ou subvencionados, executaron os proxectos, debendo procurar rendemento económico no tempo para garantir a súa xestión e mantemento. Este último foi o caso da recuperación do núcleo de Isín, promovida pola Fundación Benito Ardid, en colaboración coa ONCE.

5. Conclusións

No presente capítulo concluírase a adecuada correspondencia entre a investigación realizada e os obxectivos teóricos e de proxecto propostos para este traballo, recollidos no primeiro capítulo. O primeiro dos obxectivos definiuse como: **“Determinar estratexias de intervención para a posta en valor do patrimonio rural en áreas naturais protexidas”**. Este centrouse na investigación teórica e procurou determinar directrices e liñas de actuación para actuar sobre os bens patrimoniais, situados en territorios naturais protexidos, e valorizalos. Para isto, no capítulo segundo da investigación, estudouse o patrimonio do mundo rural en toda a súa extensión, a excepcionalidade deste cando integra un espazo natural protexido e de que maneira actuar sobre o mesmo para dinamizar os territorios.

Este patrimonio rural, definido como o conxunto de vestixios que conforman o resultado das relacións establecidas polas comunidades co seu territorio ao longo dos séculos, divídese en dúas vertentes, material e inmaterial. No inmaterial están incluídos os costumes e modos de vida, os valores, a tradición oral, a linguaxe e os produtos artesanais. Na vertente material, sobre a que se especializou o presente traballo, inclúense os monumentos, a tipoloxía urbanística, os vestixios arqueolóxicos, a natureza, etc. No xeral, a paisaxe como resultado da apropiación do territorio en funcións dos usos que a comunidade desenvolveu na súa historia. Así, elementos como as pontes, os camiños, os regadíos, a arquitectura tradicional, a xeomorfoloxía, as especies vexetais ou a fauna, forman parte deste patrimonio.

A excepcionalidade destes últimos elementos, de cariz natural e ambiental, son os que determinan que un territorio rural forme parte dunha área natural protexida. Este recoñecemento dá valor á especial preservación da fauna, flora e formacións xeolóxicas ao longo do tempo. E todo gracias á baixa explotación e ocupación do territorio, que mantivo a identidade e orixinalidade das paisaxes, dos ecosistemas e do patrimonio asociado. Esta declaración como espazo natural protexido, a pesar da protección dos valores do territorio, condiciona e limita o desenvolvemento do mesmo a nivel do tecido socio-económico e demográfico, agravando o problema endémico do despoboamento rural.

Este fenómeno, iniciado na segunda metade do século XX, cando os cambios na forma de vida tradicional derivaron na emigración ás cidades, determinou o abandono da actividade agro-gandeira e por consecuencia o esmorecemento das zonas rurais e das súas comunidades. Así, a paisaxe, os costumes e a arquitectura dun territorio vivido,

pasou a conformar o “patrimonio rural” dun territorio en declive. Nesta nova realidade, o rural pasou de ser o sustento activo da sociedade a ser o sustento pasivo, xa que a pesar de albergar a materia prima que permite o desenvolvemento da vida, quedou relegado a un segundo plano e subordinado ás cidades.

Aproveitando esta dinámica, as zonas rurais aproveitaron o turismo rural e de natureza, que valoriza a súa realidade, como recurso de descanso e abstracción ante a estresante realidade da vida urbana. O retorno á simpleza e naturalidade que o rural aporta, e que percepción do ser humano tanto valora, permitiu empregar o turismo como ferramenta de preservación e valorización do patrimonio rural, redundando nun beneficio para estes territorios.

Deste modo permítese combater, en certa maneira, o despoboamento e as limitacións á industria, agricultura e gandería que están presentes, sobre todo, nos territorios integrados en espazos naturais protexidos. Estes, ademais, destacan de entre todo o rural polo potencial patrimonial que posúen. Patrimonioque, a través de estratexias de conservación e posta en valor de cara o turismo, permite satisfacer as demandas recreativas dos visitantes e desenvolver dinámicas sociais e económicas que incidan no progreso local.

Este é o caso do val do río Caldo, situado en Lobios, no interior de Galicia. O éxodo rural, a distancia aos núcleos dinámicos de poboación e o illamento físico do enclave, fixeron que na actualidade, o fértil e encaixado val, forme parte dunha comarca de alto valor patrimonial en progresivo declive. Todo isto a pesar de conformar o Parque Natural Baixa Limia- Serra do Xurés, desde 1993, e desde 2009 a Reserva da Biosfera conxuntamente co Parque Nacional Peneda-Gerês portugués. Con este último linda e integra unha mesma unidade, brindándolle oportunidades de prosperidade. O desenvolvemento do turismo do outro lado da fronteira é maior, e hoxe en día o proceso de abandono e degradación económica e social da vertente española da Serra do Xurés procura respostas.

Así, no capítulo terceiro, o obxecto da investigación centrouse na análise deste enclave, verdadeiro xerme e motivación para a realización deste traballo. Aquí foi estudado en profundidade o territorio e todas as súas variables, a súa historia, a lexislación territorial aplicable en materia de intervención arquitectónica e turismo, etc. Pero sobre todo, fíxose especial énfase na súa caracterización patrimonial, que será a base para o proxecto de posta en valor. A maiores tamén foi feita a análise da realidade actual do territorio, necesario diagnóstico para xustificar e desenvolver o mesmo proxecto.

Neste estudo determinouse que, a pesar da singularidade natural e ambiental, da arquitectura tradicional e os elementos etnográficos, o que verdadeiramente conforma un reclamo integral, con identidade e accesible para o groso do turismo, é a bacía do río Caldo e o seu patrimonio asociado.

Dende tempos antigos, a pegada das comunidades que aquí se asentaron foise congregando arredor deste río polas favorables condicións de vida que propiciaba. Así, a fonda e singular xeomorfoloxía do val, un dos elementos a valorizar, alberga a calzada romana da Vía Nova e a súa mansio, ducias de miliarios e unha mutatio. Tamén numerosas vías de peregrinación a Santiago, unha trincheira que protexía das guerras contra Portugal, muíños, pontes, etc. Pero sobre todo, destacan a flora atlántico-mediterránea e os mananciais termais, que son aproveitados dende tempos remotos.

Alén desta riqueza patrimonial, articulada polo leito do río e a estrada que comunica con Portugal, aínda posúe a vantaxe da unidade paisaxística. A modo de espello, repite a mesma configuración existente do outro lado da fronteira de Portela do Home, nos vales do Gerês e do río Homem. Esta unicidade e unión entre ambos enclaves, non só resulta curiosa dende o punto de vista paisaxístico, natural e patrimonial, se non que ademais xera dinámicas territoriais, sociais e económicas recíprocas e beneficiosas.

Xa no capítulo catro, coa análise dos casos de referencia, permitiuse dar o salto entre a dimensión teórica e a dimensión práctica do traballo. A partir dunha estrutura de análise de categorías e indicadores, estudáronse diferentes intervencións realizadas en contextos patrimoniais de interese. Isto permitiu abstraer as conclusións do presente capítulo e dar unha resposta adaptada á realidade do territorio do val do río Caldo.

Pero para comezar este proceso, é preciso entender que a aposta pola valorización do patrimonio para dinamizar o territorio, a partir do turismo, non é exclusiva e debe ir conxugada co mantemento da esencia do modo de vida e a actividade tradicional. Es foi o principal motivo que propiciou o recoñecemento dos valores que o lugar ten no día de hoxe. De maneira excluínte, o proceso non funciona. Preservar e protexer o patrimonio é fundamental nas estratexias de valorización, e estas deberán ser proxectadas dende distintas perspectivas que permitan obter unha visión global e detallada, acadando así unha resposta fundamentada e adecuada.

Así, o deseño das estratexias de valorización comezan coa observación do abandono do patrimonio, natureza e paisaxe do territorio rural, decatándose que, a reversibilidade deste proceso regresivo pode radicar no aproveitamento dos mesmos. Participarán no

proceso, ademais da opinión pública do lugar, profesionais con criterio técnico e con coñecemento da normativa asociada como arquitectos, antropólogos, economistas, historiadores, arqueólogos, urbanistas, paisaxistas; pero tamén persoas vinculadas co mundo ambiental e da ecoloxía. E é que a natureza está moi presente no patrimonio rural, sendo a variable de predominancia nos territorios de alto valor natural como os espazos protexidos, onde preservar a integridade do mesmo debe ser a premisa a seguir.

O estudo dos casos de referencia realizado, permitiu tamén abstraer directamente liñas de actuación a trasladar ao proxecto. Por exemplo, os usos que admiten certas contornas naturais, o grao de modificación arquitectónica que se adecúa en función do ben patrimonial, as necesidades e demandas do turismo no relativo á accesibilidade e atractivo do espazo, ou como preservar a identidade e a singularidade cultural, histórica, natural e paisaxística do lugar.

A pesar dos diferentes encadramentos das actuacións estudadas, de todos os casos se abstraen a necesidade de realizar un estudo a conciencia dos valores que o dotan de representatividade e unicidade. Así, en todos os bens patrimoniais obxecto de intervención se deberán atopar valores emocionais vinculados co simbolismo e a identidade do mesmo para ca comunidade á que pertence. Tamén deberán resaltar pola singularidade, ben sexa histórica, estética, artística, natural, etc. E para finalizar, o que quizais sexa máis importante, debe ter un valor de uso, sexa social e/ ou económico, que motive a intervención sobre o mesmo para incidir positivamente sobre as dinámicas do territorio.

Estes valores representan tamén, en certo modo, a potencialidade e a fragilidade destes bens ou contornas patrimoniais. Dúas variables que se relacionan respectivamente co valor engadido e os novos usos e programas que admite o ben na súa valorización. Tamén co adecuado control da apropiación de uso, os fluxos, e preservación da identidade, a esencia e a integridade. Ademais, indirectamente a potencialidade e fragilidade relaciónase co estado de conservación previo no que se atopa o ben, podendo variar o estado ente pésimo, malo, regular, bo e óptimo. Este espectro correspóndese cun estado de total destrución fronte a un correcto desempeño das características funcionais e formais do ben en cuestión.

Unha vez esclarecidos estes condicionantes previos, dáse paso á materialización formalización do proxecto de posta en valor. Entre os casos de referencia observáronse diferentes tipos de intervención a aplicar hipoteticamente na valorización de Río Caldo,

aínda que existen infinitas opcións neste eido. Os exemplos estudados amosaron estratexias de rehabilitación urbanística, de humanización do espazo público, de restauración ambiental e paisaxística de parcelas e enclaves forestais en degradación, de adecuación de zonas de ribeira e de “musealización” de patrimonio histórico, etc. Tamén se observaron actuacións que melloraban a accesibilidade en contornas de valor natural e singularidade paisaxística; ou estratexias que reutilizaban o patrimonio construído, incorporando novos programas para satisfacer a demanda de infraestrutura vinculada ao turismo e aos habitantes locais.

Pero a pesar da diferenza programática e das características formais de todas as propostas, se hai algo que teñen en común é o impacto territorial e paisaxístico das mesmas. En todo o relativo á implantación do proxecto no enclave, en todas as estratexias os autores apostaron, programática e funcionalmente, pola integración dentro das dinámicas territoriais, sociais, económicas e culturais. Tamén por unha adecuada inserción formal, volumétrica e estética da proposta, de xeito respectuoso e acorde ao valor e identidade paisaxística, patrimonial e natural do lugar.

No referente ao tratamento da envolvente, en practicamente todos os proxectos se traballou na adecuación paisaxística e recuperación ambiental, velando por integrar a intervención no contexto que a alberga. A accesibilidade propia e da contorna tamén se traballaron, así como os fluxos transversais. Ambos serán regulados e canalizados.

Por último, tamén foi observado que na promoción das intervencións e no mantemento é xestión das mesmas, normalmente é precisa a iniciativa pública ou privada, ou a colaboración entre ambas. É frecuente a aposta da administración por estes proxectos, cando se trata dun ben patrimonial de interese común e se pretende dinamizar social, turística e economicamente a contorna; ou de particulares, cando a intervención redonda nun rendemento económico que procura o progreso privado.

En definitiva, todos os casos estudados constitúen bos exemplos de estratexias de posta en valor, observándose que ademais moitas das estratexias poderían funcionar de maneira integrada e complementaria na valorización dun territorio. Isto dá pé a reflexionar se se fundamentará unha proposta global para o caso do val do río Caldo, ou se, pola contra, apenas se xustifica unha intervención puntual.

Neste punto, a estratexia en materia de proxecto de urbanismo para o territorio en cuestión poderá ser desenvolvida, permitindo dar resposta ao segundo obxectivo do

traballo: **“Definir un proxecto de urbanismo para a valorización do patrimonio rural do val do Río Caldo, en Lobios, Galicia”**.

Neste territorio, o éxodo social foi da man do abandono institucional. Na actualidade, a singularidade e interese patrimonial do enclave non se ve reflexado nunha valorización do mesmo, acorde ao seu valor e acollida por parte do turismo rural e de montaña.

O abandono do medio natural e a carencia de intervencións de valorización do patrimonio e o espazo público, fan con que a contorna do val do río Caldo continúe a devalarse co tempo, non satisfacendo as necesidades de visitantes e habitantes do lugar. Estes, atópanse espazos de escasa calidade e conforto, non adaptados aos seus usos. Ademais, a degradación e decadencia apodérase dos espazos turísticos máis visitados. Estes, ante a cuestionable idoneidade das actuacións realizadas nos mesmo, atópanse nun dinámica de abandono e vandalismo.

Entre os recursos patrimoniais destacados na presente conclusión, que inclúe todos os articulados polo río Caldo e a estrada que circula polo fondo do val, a práctica totalidade admite mellorar a súa imaxe e funcionalidade. Así, a porta de entrada pola antiga aduana de Portela do Home presenta un estado de abandono, tanto pola ruína das edificacións, como pola falta de programa para un lugar con posibilidades e espazo. A Vía Nova, que segue o percorrido do río e a estrada, así como o seu patrimonio romano asociado, atópase falto de acondicionamento e sinalización, ao igual que o Camiño de Santiago. Os miliarios conforman un enclave patrimonial e recreativo residual, abandonado e separado da vía. Máis abaixo, o miradoiro da Corga da Fecha presenta un aspecto desorganizado e degradado polo vandalismo.

A todo isto súmanse os incendios forestais que asolaron a práctica totalidade da superficie protexida do val do río Caldo, consolidando unha imaxe visual e un ecosistema natural degradado.

Para finalizar, no núcleo dos Baños atópase o maior recurso patrimonial e turístico do val e de toda a comarca, sen ser aproveitado de xeito adecuado. Como xa foi descrito no capítulo tres, o potencial termal e paisaxístico do enclave manifesta a carencia dunha intervención global e unitaria que consolide un lugar amable, estético e funcional. Así, o balneario funciona de costas á contorna termal, as piscinas termais públicas carecen de forma e funcionalidade dignas, e a praia fluvial e a zona recreativa son pouco accesibles, intuitivas e cómodas. Por outra banda, na zona acumúlanse bastantes actuacións de

escasa arquitectónica e urbanística, e o espazo de estacionamento de vehículos e autocaravanas carece de regulación.

A intervención de valorización dos citados bens e contornas patrimoniais do val amósase delicada, xa que ademais da autenticidade cultural do territorio, atópase incluído dentro do Parque Natural e Reserva da Biosfera.

O proxecto porén deberá ser deseñado seguindo principios de respecto polo medio ambiente, preservación da memoria histórica e singularidade paisaxística, creando ao mesmo tempo dinámicas asociadas ao turismo que desenvolvan economicamente o territorio e o vertebrén socialmente.

Tentarase ademais respectar as lóxicas construtivas e estéticas, os valores naturais e paisaxísticos, pero sobre todo, favorecer o normal desempeño cotián e a mellora da calidade de vida dos veciños de Río Caldo. Esta comunidade foi, é e será o soporte desta realidade patrimonial.

Por isto, deberase procurar unha estratexia que poña en valor os recursos dunha maneira conxunta e integral, desenvolvendo un proxecto que conserve e restaure o patrimonio e a natureza, despregando ao mesmo tempo infraestruturas turísticas e de mellora do espazo público.

Desta maneira procurarase adaptar os lugares á súa funcionalidade, dotalos de calidade formal e estética e, ao mesmo tempo, fomentar a preservación dos valores patrimoniais e naturais. Este é o verdadeiro o fin procurado polas estratexias de valorización, incidir no desenvolvemento respectuoso do territorio para garantir a posibilidade de ser coidado e conservado.

O proxecto constará para tal fin de actuacións para a humanización e rehabilitación do espazo público, desenvolvemento de equipamentos e intervencións de restauro ambiental e paisaxístico. Nelas mellorase a accesibilidade e a divulgación do patrimonio histórico e natural; e ordenarase e canalizarase o fluxo de uso e a apropiación dos enclaves por parte do visitante.

Estas actuacións concentraranse na meirande parte dos bens localizados entre a zona termal dos Baños e a fronteira de Portela do Home, ligados pola Vía Nova. Esta zona conforma a experiencia turística do visitante común que acode ao val do río Caldo, e como tal merece ser mellorada e ordenada.

En resumo, a intervención tentará transformar estes enclaves nun territorio patrimonial valorizado e digno, de comuñón entre o valor natural e a comunidade local, tentando convertelo nun destino turístico de calidade que sexa referencia en Galicia e no norte de Portugal.

Para finalizar, no presente capítulo serán concluídos os puntos estratéxicos que sentarán as bases para o desenvolvemento de dito proxecto de urbanismo e espazo público para poñer en valor o patrimonio do val do río Caldo. Ademais, realizarase tamén unha pequena reflexión sobre o cumprimento das expectativas esperadas deste traballo. Así, os puntos principais da estratexia de proxecto son:

1. Aproveitar o fluxo de visitantes xerado no eixo da estrada que comunica Lobios co Gerês, así como as dinámicas turísticas do Parque Nacional portugués.
2. Unificar, xerarquizar e facer accesible a experiencia turística do val do río Caldo, limitando e ordenando os movementos a través do eixo da estrada OU-312.
3. Dignificar, humanizar e adaptar os enclaves destacados segundo os usos requiridos.
4. Naturalizar e mellorar, paisaxística e esteticamente, os espazos.
5. Preservar e recuperar o patrimonio histórico e ambiental.
6. Potenciar e integrar a contorna da área termal.

Xa en detalle, o proxecto asentarse en catro actuacións principais que abarcarán a zona termal, o miradoiro da Corga da Fecha, a área recreativa dos miliarios e a propia área da fronteira, elementos unidos a través do eixo da Vía Nova e a estrada Ou-312.

A estratexia, a pesar de focalizarse nestes puntos concretos, contará con coherencia e cohesión técnica, formal, material e espacial. Así, empregaranse solucións que configuren unha imaxe de proxecto unitaria que se asocie ao autor.

Na contorna da fronteira de Portela do Home traballárase para converter a enorme explanada de asfalto nun lugar de recibimento de visitantes. A edificación histórica da aduana optará a ser rehabilitada para a divulgación patrimonial, mentres que o edificio máis recente situado na contorna será proposto para converterse nun establecemento hostaleiro. Este programa xustifícase ao conformar, tamén, un lugar de paso e inicio de etapa de rutas de peregrinación do Camiño de Santiago.

No exterior, intervírase sobre o espazo público rehabilitándoo, ordenando a circulación e o estacionamento, integrándoo na natureza e tirando partido das interesantes vistas que dominan o val do río Caldo.

Quilómetros máis abaixo, na área recreativa dos miliarios, onde a estrada atravesa o río para a outra banda, actuarase para preservar o patrimonio romano existente e regular a visita. Ordenarase o estacionamento, crearase un espazo de lecer e traballarase a conexión co trazado da Vía Nova, localizado uns metros máis arriba.

Antes de chegar ao núcleo de Torneiros atópase o miradoiro da Corga da Fecha, que permite observar este salto de auga situado nos montes do outro lado do val. Actualmente o espazo configúrase como unha explanada de terra construída artificialmente, sen ordenar e cunha varanda de pedra totalmente deteriorada .

Aquí, traballarase para consolidar e ordenar o enclave, regulando o estacionamento e creando un lugar de recreo que permita a estancia no lugar. Para iso, proxectarase unha estrutura que sobresaia cara o baleiro, permitindo achegar o visitante ao fondo do val. Ademais, actuarase recuperando paisaxística e naturalmente a contorna, liberando as vistas e integrando a intervención no enclave.

A última, pero tal vez máis importante, das estratexias de proxecto a desenvolver é a intervención na zona termal dos baños, o maior recurso patrimonial deste territorio e motor do desenvolvemento da comarca. Aquí a estratexia deberá ser integral e centrarse en varios aspectos clave. Así, procurarase crear un espazo de calidade e imaxe unitaria, intervindo sobre o espazo público con criterios estéticos e de accesibilidade.

Eliminaranse edificacións e actuacións que afean a contorna e unificarase visualmente o río coa zona superior da estrada de acceso. Esta tamén será ordenada e humanizada, regulando o estacionamento e creando unha zona para a aparcamento de autocaravanas. Este tratamento abarcará as vías de ambas marxes do río, incluíndo a estrada OU-312.

Por outra banda, procurarase crear unha contorna termal de calidade, integrando o recentemente presentado proxecto de piscinas termais exteriores que o Concello de Lobios encargou ao prestixioso arquitecto galego, César Portela (La Región, 2023). Isto permitirá dignificar este tipo de turismo, agora realizado de xeito marxinal, creando unha instalación de referencia.

No relativo á construción de novos equipamentos, propórase unha zona acondicionada e con servizos para a acampada regulada.

En canto á praia fluvial e a área recreativa adxacente, proxectarase unha naturalización das marxes do río, conformando un espazo de baño agradable e accesible, deseñando percorridos peonís zonas de descanso, e dispoñendo espazos de xogo infantís, deporte e recreo por toda a zona. Tamén se propoñen equipamentos de apoio, como un pequeno café e uns aseos.

Non podendo ser doutro modo, en toda a estratexia de proxecto se intervirá seguindo criterios paisaxísticos, de integración cos valores naturais e de mellora estética e funcional das intervencións arquitectónicas e urbanísticas.

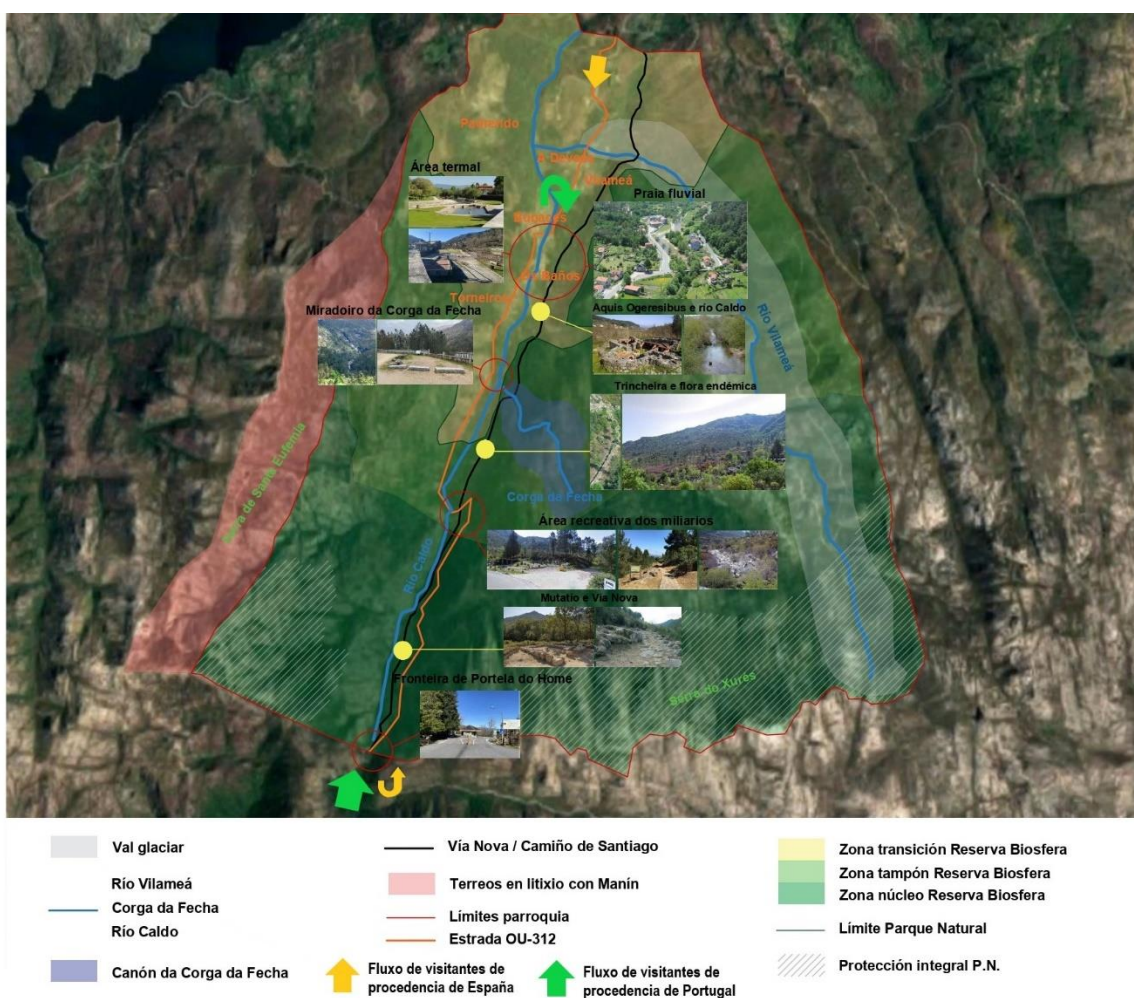


Fig. 336 – Plano da estratexia base da proposta de proxecto.

Descrita a estratexia de intervención a desenvolver, pecha o traballo unha breve reflexión.

Revélase necesario que a presente investigación sirva como base que fundamente hipotéticas estratexias de valorización turística de territorios rurais desfavorecidos. Nestes, espérase que o patrimonio natural e histórico poida vir a converterse, sempre co respecto por diante, na maior das salvagardas para o futuro das comunidades que alí habitan.

Así, o texto pretende servir de guía sobre boas prácticas a desprezar nas estratexias de valorización doutros lugares, pero sobre todo en Galicia. As conclusións que da lectura deste traballo se obteñan, virán a orientar a práctica arquitectónica, urbanística e de xestión da natureza, tanto de iniciativa privada como pública, para a posta en valor do patrimonio.

Pero tamén se pretende ser guía no coidado do mesmo e do espazo público, na erradicación do “feísmo” urbanístico e arquitectónico, e na recuperación medioambiental e da paisaxe tradicional das zonas rurais. Este traballo non é, nada máis nin nada menos, que o reflexo das inquedanzas que o autor sustenta na súa mente para a valorizar o territorio das súas raíces.

Ademais, alén de a guía servir como catálogo do patrimonio da parroquia Río Caldo, o texto tamén pretendeu enraizar o orgullo e promover o traballo dos seus habitantes pola súa terra. O devir destes territorios pode mudar pola vontade de loitar polo propio.

Referencias bibliográficas

- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy, D., & Saint-Georges, P. (1997). *Práticas e métodos de investigación em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Aldara, C. (2019, Agosto 25). El Xurés portugués triplica en número de visitas al ourensano. *La Región*. <https://www.laregion.es/articulo/baixa-limia/xures-portugues-triplica-numero-visitas-ourensano/20190825130501889779.html>
- Araújo, N., Xusto, M., González, J. M., Rodríguez, A., & Seara, J. R. (2009). *Guía Do Patrimonio do Concello de Lobios*. Ourense: Así es editora.
- Benavent, E. (2015). *Recuperación del patrimonio rural y puesta en valor de la Serra de Quatretonda*. (Disertación de mestrado, Universitat Politècnica de Valencia). Repositorio aberto Universitat Politècnica de Valencia. <http://hdl.handle.net/10251/58509>
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Concello de Lobios (2001). Plan Xeral de Ordenación do Termo Municipal de Lobios [PXOM]. <https://siotuga.xunta.gal/siotuga/inventario.php?inv=1&idconcello=32042>
- Concello de Lobios (2014). *O municipio: historia*. Concello de Lobios. <http://www.lobios.org/ga/o-municipio/historia/>
- Cortijo, J. (2013). *Paisaje y Patrimonio rural: Las “mieses” en Váldiga, Herrerías y Rionansa* (Disertación de Mestrado, Universidad de Cantabria). Repositorio aberto da Universidade de Cantabria. <https://repositorio.unican.es/xmlui/handle/10902/3892>
- Dazne, A. (2011, Febreiro 5). *Morerava: refugios de madera en la Isla de Pascua*. Is Arquitectura 4.0 Prefab. <https://blog.is-arquitectura.es/2011/02/05/morerava-refugios-de-madera-en-la-isla-de-pascua/>
- Decreto-Lei n.º 187/71 de 8 de Maio encadrado no réxime xeral para a protección da natureza da Lei n.º9/70, do 19 de Xuño, para a creación do Parque Nacional Peneda-Gerês. https://www.cmav.pt/cmav/uploads/writer_file/document/1145/06570661.pdf

Decreto 29/1993, do 11 de febreiro, polo que se aproba o Plan de Ordenación dos Recursos Naturais do Parque Natural Baixa Limia- Serra do Xurés. DOG, nº 35, do 22 de febreiro.

https://patrimonionatural.xunta.gal/sites/default/files/Anuncio339B2_es.pdf

Decreto 24/2022, do 3 de febreiro, polo que se modifica o Decreto 64/2009, do 19 de febreiro, polo que se aproba o Plan de ordenación dos recursos naturais no Parque Natural Baixa Limia- Serra do Xurés, e polo que se aproba o Plan Reitor de Uso e Xestión do Parque Natural Baixa Limia- Serra do Xurés. DOG, nº45, do 7 de marzo de 2022. https://www.xunta.gal/dog/Publicados/2022/20220307/AnuncioG0532-170222-0001_es.html

Domínguez, J. A., & Lennartz, T. (2013). Turismo rural y expansión urbanística en áreas de interior: Análisis socioespacial de riesgos. *Revista Internacional de Sociología*, 73(1).

<https://revintsociologia.revistas.csic.es/index.php/revintsociologia/article/view/615/657>

Eimil, M. (2022, Xaneiro 24). Terras de Celanova- Serra do Xurés: una Galicia auténtica. *Tur 43*. <https://tur43.es/turismo-norte-espana/terras-de-celanova-serra-do-xures-una-galicia-autentica.html>

Escuela de Organización Industrial (2003). *Gestión de los espacios naturales: aplicación de criterios empresariales y formación para nuevos empleos: Aplicación en la Comunidad Autónoma de Andalucía*. Andalucía: Fundación EOI.

Galán, I., & Comeras, A. (2020). La accesibilidad y adaptación del patrimonio rural como estrategia contra la despoblación: Estudio de caso en la recuperación de Isín, en el Pirineo central aragonés. *Congreso Nacional del Medio Ambiente CONAMA 2020*.

<http://www.conama.org/conama/download/files/conama2020/CT%202020/5270.pdf>

Gallego, P. (2015). La Fortaleza y Playa Fluvial de Goián: Proyecto de recuperación ambiental y puesta en valor del entorno. *Planur-e*. <https://www.planur-e.es/articulos/ver/la-fortaleza-y-playa-fluvial-de-goi-n->

Garrido, J., & Sánchez, M. A. (2019). El Plan Especial de Ordenación de la Vega de Granada: propuestas con repercusión ambiental para un ámbito agrícola

periurbano. *Ciudad y Territorio Estudios Territoriales* ,51 (201), 511-524.
<https://recyt.fecyt.es/index.php/CyTET/article/view/77581>

Gil, A. (1995). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas

Gonçalves, M. I. (2004). *Dinâmicas territoriais em espaços transfronteiriços: Terras de Bouro (Portugal) e Lobios (Espanha)* (Disertación de mestrado, Universidade do Minho). Repositorio aberto da Universidade do Minho.
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4771>

Groat, L., & Wang, D. (2013). *Architectural research methods* (2ª ed.). Montreal: Editora Wiley.

ICOMOS (2017). *Principios sobre los Paisajes Rurales como Patrimonio*. 19va Asamblea Xeral do ICOMOS, Nova Delhi, India. <https://culturapedia.com/wp-content/uploads/2020/09/2017-principios-paisaje-rural-patrimonio.pdf>

Lei 7/1916, de 7 de decembro, de Parques Nacionais. Gaceta de Madrid, nº343, do 8 de decembro de 1916.
<https://www.boe.es/buscar/doc.php?id=BOE-A-1916-5866>

Lei 15/1975, de 2 de maio, de Espazos Naturais Protexidos. BOE, nº107, do 5 de maio de 1975.
<https://www.boe.es/boe/dias/1975/05/05/pdfs/A09419-09421.pdf>

Lei 16/1985, de 25 de xuño, do Patrimonio Histórico Español. BOE, nº155, do 19 de xuño de 1985.
<https://www.boe.es/buscar/pdf/1985/BOE-A-1985-12534-consolidado.pdf>

Lei 4/1989, de 27 de marzo, de Conservación dos Espazos Naturais e da Flora e Fauna Silvestres. BOE, nº74, do 28 de marzo de 1989.
<https://www.boe.es/boe/dias/1989/03/28/pdfs/A08262-08269.pdf>

Lei 42/2007, de 13 de decembro, do Patrimonio Natural e da Biodiversidade. BOE, nº299, do 14 de decembro de 2007.
<https://www.boe.es/buscar/pdf/2007/BOE-A-2007-21490-consolidado.pdf>

Lei 45/2007, de 13 de decembro, para o desenvolvemento sostible do medio rural. BOE, nº299, do 14 de decembro de 2007.
<https://www.boe.es/buscar/pdf/2007/BOE-A-2007-21493-consolidado.pdf>

- Lei 7/2008, de 7 de xullo, de Protección da Paisaxe de Galicia. DOG, nº139, do 18 de xullo de 2008, BOE, nº201, do 20 de agosto de 2008.
<https://www.boe.es/buscar/pdf/2016/BOE-A-2016-5942-consolidado.pdf>
- Lei 5/2016, de 4 de maio, do Patrimonio Cultural de Galicia. DOG, nº92, do 16 de maio de 2016, BOE, nº147, do 18 de xuño de 2016.
<https://www.boe.es/buscar/pdf/2016/BOE-A-2016-5942-consolidado.pdf>
- López, A., López A., & López, C. (2022). Por las Ramas: Mirador de Peñas Llanas, paraje recreativo de Hontanares, Segovia. *Diseño de la ciudad*, 122, 18-22.
<https://www.disenodelaciudad.es/mirador-de-penas-llanas-hontanares/>
- Ministerio de Medio Ambiente (2003). Guía Europea de observación del patrimonio rural. *Conferencia europea de ministros responsables da ordenación do territorio CEMAT*. Budapest, Hungría. https://www.mapa.gob.es/es/desarrollo-rural/planes-y-estrategias/desarrollo-territorial/09047122800071c4_tcm30-421564.pdf
- Ministerio para a transición ecolóxica e o reto demográfico (2020). *Infraestructura de datos espaciais Miño-Sil*. Confederación Hidrográfica Miño-Sil.
<https://www.chminosil.es/es/ide-mino-sil>
- Monclús, J. (2012). Repensar Canfranc desde el urbanismo paisajístico y los paisajes culturales. *Repensar Canfranc. Taller de rehabilitación urbana y paisaje 2012*, 1(1), 14-27. https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/32/92/_ebook.pdf
- Nadal, J. (2021). *El patrimonio arquitectónico contra la despoblación: Estrategias de intervención arquitectónica en el patrimonio rural español*. (Traballo Fin de Grado, Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universidade Politécnica de Madrid). Archivo Dixital UPM. <https://oa.upm.es/66762/>
- Núñez, P. (2012). Turismo y patrimonio vernáculo ¿Estrategia de recuperación sustentable?. *Paisaje Cultural Urbano e Identidad Territorial: 2º Coloquio Red Internacional De Pensamiento crítico Sobre globalización Y Patrimonio Construido*. (p.446–459). Florencia: Olimpia Niglio.
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5260377>
- Ola estudio (2016). *R. Monte do Gozo*. Joao Nunes, Cristina García y Olaestudio.
<https://www.olaestudio.com/proyecto/r-monte-do-gozo-joao-nunes-cristina-garcia-y-olaestudio>

- Orza paisajismo (2014). *El Costal*. Orza, paisajismo y diseño de jardines en Galicia. <https://www.orzapaisajismo.com/proyectos/el-costal/>
- Ozuna, V. (2020, Xuño 3). *Tierra de Campos, símbolo de un pueblo: Nueva plaza de Mansilla Mayor por Ocamica Tudanca Arquitectos*. Metalocus. <https://www.metalocus.es/es/noticias/tierra-de-campos-simbolo-de-un-pueblo-nueva-plaza-de-mansilla-mayor-por-ocamica-tudanca-arquitectos>
- Palenzuela, P., Plaza, L., Merchán, I., Muñoz, M. J., Martínez, E., Morales, A., Cobacho, M. A., Guzmán, M., & Pérez, F. (2000). *Guía para la puesta en valor del patrimonio del medio rural*. Sevilla : Consejería de Agricultura y Pesca : Empresa Pública para el Desarrollo Agrario y Pesquero de Andalucía. <https://repositorio.iaph.es/handle/11532/300581>
- Paül, V., & Trillo, J. M. (2019). Hacia una geografía histórica del Gerês/Xurés: la conformación de una región transfronteriza. *Revista de historiografía*, 30, 119-155. <https://doi.org/10.20318/revhisto.2019.4746>
- Porcal, M. C. (2011). El patrimonio rural como recurso turístico. La puesta en valor turístico de infraestructuras territoriales (rutas y caminos) en las áreas de montaña del País Vasco y Navarra. *Cuadernos de Turismo*, 27, 759-784. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39820898041>
- Redacción Faro de Vigo (2019, Maio 6). Vecinos de Lobios denuncian el abandono del entorno del área termal en Riocaldo. *Faro de Vigo*. <https://www.farodevigo.es/ourense/2019/05/06/vecinos-lobios-denuncian-abandono-entorno-15701121.html>
- Redacción La Región (2023, Marzo 5). El balneario de Lobios añadirá piscinas exteriores. *La Región*. <https://www.laregion.es/articulo/baixa-limia/balneario-lobios-anadira-piscinas-exteriores/202303042132151203348.html>
- Reza, J. B., & Pereira, H. M. (2008). *Propuesta para la creación de la Reserva de la Biosfera Transfronteriza Gerês/Xurés*. Lugo: Instituto de Biodiversidade Agraria e Desenvolvemento Rural.
- Ruiz, E. (2001). Patrimonio rural y políticas europeas. *Lurralde Investigación y espacio*, 2, 305-314 <https://www.ingeba.org/lurralde/lurranet/lur24/europeas/europeas.html>

- San Román, J. M., Maya, A., & Sánchez, M. J. (2010). El patrimonio rural en tres áreas de montaña del noroeste de Castilla y León: montes de León y Cabrera (León), Sanabria (Zamora). *Territorio, paisaje y patrimonio rural: Actas del XV Coloquio de Geografía Rural*. (p.560–572). Servicio de publicacións Universidade de Extremadura. <https://www.yumpu.com/es/document/read/13538886/el-patrimonio-rural-en-tres-areas-de-montana-del->
- Santamarina, B. (2016). La naturaleza de las naturalezas patrimonializadas: Una aproximación a las formas hegemónicas de representar lo natural. *Arxiu d'Etnografia de Catalunya*, 16, 153–177. <https://doi.org/10.17345/aec16>
- Suden, C. (2021). Turismo, paisajes y patrimonio en Mendoza: vinculaciones y reflexiones. *Lurralde : investigación y espacio*. 44, 481-504. http://www.ingeba.org/lurralde/lurranet/lur44/Lurralde-44-2021_suden_clarisa.pdf
- Troitiño, M. A., & Troitiño, L. (2018). Visión territorial del patrimonio y sostenibilidad del turismo. *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles*, 78, 212–244. <http://dx.doi.org/10.21138/bage.2716>
- Viñals, M. J., Morant, M., & Quintana, R. (2011). Análisis de los criterios para la valoración turística del patrimonio natural. *Investigaciones Turísticas*, 1, 37-50. https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/18095/1/Investigaciones%20Turisticas_01_03.pdf
- Yin, R. (2009). *Case Study Research: Design and Methods* (4ª ed.). Thousand Oaks: Sage publications

Índice de figuras

1. Introducción

Fig. 1 – *Categorías e indicadores para a análise dos casos de referencia*. Elaboración propia....16

2. Fundamentación teórica

Fig. 2 – *Paisaxe rural da Ribeira Sacra, Galicia*.....20

Fonte: <https://galiciapuebloapueblo.blogspot.com/2017/05/belesar-o-savinao-chantada.html>

Fig. 3 – *Aldea abandonada de Porcieda, Cantabria*.....23

Fonte: <https://cantabriainusual.com/porcieda-un-pueblo-abandonado-en-liebana/>

Fig. 4 – *Parque Natural das Hoces do río Duratón, Segovia*.....27

Fonte: https://elpais.com/elviajero/2019/06/03/album/1559577394_136142.html

Fig. 5 – *Turismo no Parque Nacional de Ordesa e Monte Perdido, nos Pirineos*.....29

Fonte: <https://cadenaser.com/aragon/manuel-montes-la-reapertura-de-anisclo-aumentara-las-visitas-al-parque-nacional-de-ordesa-17082019-128300-html-radio-huesca/>

Fig. 6 – *Aldea e conxunto etnográfico abandonado en venda, na Costa da Morte, Galicia*.....33

Fonte: https://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/carballo/2021/09/21/candelago-aldea-corme-paso-abandono-precio-ganga/0003_202109C21C3995.htm

Fig. 7 – *Esquema da relación entre turismo e patrimonio, e os seus impactos*.....34

Fonte: Suden, C. (2021). Turismo, paisajes y patrimonio en Mendoza: vinculaciones y reflexiones.

Fig. 8 – *Aldea de Couso-Galán, Ourense, rehabilitada como complexo hoteleiro*.....37

Fonte: https://www.turismo.gal/recurso/-/detalle/259677120/aldea-couso-sl?langId=en_US&tp=71&ctre=134

Fig. 9 - *Intervención de posta en valor nun parque natural en Chile*.....42

Fonte: <https://revistaenfoque.cl/chile-gana-premio-mundial-por-mejor-destino-verde-y-mejor-destino-de-turismo-aventura>

Fig. 10 – *Proposta de mellora da accesibilidade en espazos de fragilidade ambiental e paisaxística*.....48

Fonte: Guía de Estudos de Impacto e Integración Paisaxística. Xunta de Galicia.

Fig. 11 – *Exemplo de recuperación ambiental e integración paisaxística de proxectos*.....48

Fonte: Guía de Estudos de Impacto e Integración Paisaxística. Xunta de Galicia.

Fig. 12 – *Aldea de Venceás (Entrimo), tipoloxía típica dos núcleos da comarca da Baixa Limia*...50

Fonte: Guía de Boas Prácticas para a intervención nos Núcleos Rurais. Xunta de Galicia.

Fig. 13 – *Valados vexetais predominantes no sur de Ourense*.....51

Fonte: Guía de Caracterización e Integración Paisaxística e Valados. Xunta de Galicia.

Fig. 14 – *Peches de pedra tradicionais do sur de Ourense*.....52

Fonte: Guía de Caracterización e Integración Paisaxística e Valados. Xunta de Galicia.

Fig. 15 – *Carta das combinacións de cores recomendadas para as edificacións do sur de Ourense*.....53

Fonte: Guía de Cor e Materiais de Galicia. Xunta de Galicia.

Fig. 16 – <i>Intervencións recoñecidas polas boas prácticas no sur de Ourense</i>	55
Fonte: Guía de Boas Prácticas en Intervencións en Espazos Públicos. Xunta de Galicia.	
Fig. 17 – <i>Praza do Eiró en Allariz, valorada pola súa disposición espacial e formal e materialidade adaptadas á contorna</i>	55
Fonte: Guía de Boas Prácticas en Intervencións en Espazos Públicos. Xunta de Galicia.	
Fig. 18 – <i>Detalles físicos e materiais da intervención na Praza do Eiró</i>	56
Fonte: Guía de Boas Prácticas en Intervencións en Espazos Públicos. Xunta de Galicia.	
Fig. 19 – <i>Aspectos simbólicos e sociais da intervención na Praza do Eiró</i>	56
Fonte: Guía de Boas Prácticas en Intervencións en Espazos Públicos. Xunta de Galicia.	
Fig. 20 – <i>Análise da integración no lugar da intervención da Praza do Eiró</i>	57
Fonte: Guía de Boas Prácticas en Intervencións en Espazos Públicos. Xunta de Galicia.	
Fig. 21 – <i>Exemplos de enclaves acondicionados como miradoiros no Parque Natural do Xurés</i> ..	58
Fonte: Guía de Boas Prácticas para a Identificación e Acondicionamento de Miradoiros. Xunta de Galicia.	
Fig. 22 – <i>Exemplos de enclaves acondicionados como miradoiros no Parque Natural do Xurés</i> ..	59
Fonte: Guía de Boas Prácticas para a Identificación e Acondicionamento de Miradoiros. Xunta de Galicia.	
3. O territorio do val do río Caldo	
Fig. 23 – <i>Localización xeográfica do concello de Lobios no contexto do noroeste peninsular</i>	61
Fonte: adaptada de Wikipedia e Google Maps.	
Fig. 24 – <i>Localización da parroquia de Río Caldo e caracterización xeográfica</i>	62
Fonte: adaptada de Información Xeográfica de Galicia e Google Maps.	
Fig. 25 – <i>Vista norte do val do río Caldo</i>	63
Fonte: Facebook / Vilameá – A Devesa	
Fig. 26 – <i>Perspectiva aérea do tramo medio</i>	63
Fonte: Facebook / Manuel Simoes.	
Fig. 27 – <i>Abertura do val a norte</i>	63
Fonte: https://masrutasymenosrutinas.com/ruta-corga-da-fecha-xures/	
Fig. 28 – <i>Vista do tramo final do val</i>	63
Fonte: Facebook / Vilameá – A Devesa	
Fig. 29 – <i>Praia fluvial e balneario de Río Caldo</i>	64
Fonte: https://www.turismo.gal/recurso/-/detalle/29117/lobios-caldaria?langId=es_ES	
Fig. 30 – <i>Cumios da Serra do Xurés no inverno</i>	64
Fonte: https://www.verdantexperiences.com/es/blog/despidiendo-el-invierno-en-el-xures	
Fig. 31 – <i>Pena de Anamán, Entrimo</i>	65
Fonte: https://www.turismo.gal/que-visitar/espazos-naturais/parques-naturais/parque-natural-baixa-limia-serra-do-xures	
Fig. 32 – <i>Castro e castelo da Pía da Moura, Entrimo</i>	65
Fonte: https://www.laregion.es/articulo/baixa-limia/entrimo-limpia-maleza-castro-castelos/20171207110040753277.html	

Fig. 33 – <i>Percorrido da Vía Nova</i>	66
Fonte: https://portalclasico.com/se-dan-los-primeros-pasos-para-declarar-patrimonio-de-la-humanidad-la-nova-romana	
Fig. 34 – <i>Campamento romano Aquis Querquennis, en Bande</i>	66
Fonte: https://www.ondacero.es/noticias/sociedad/campamento-romano-ubicado-rio-limia-que-sequia-deja-ver-embalses-agua_2022081262f616ce8d51040001d7ed8f.html	
Fig. 35 – <i>Casa da Escusalla</i>	67
Fonte: https://descubrirgalicia.wordpress.com/2018/05/02/a-escusalla-la-casa-encantada-del-xures-ourense/	
Fig. 36 – <i>Vestixios do castelo dos Araúxo</i>	67
Fonte: Guía do Patrimonio do Concello de Lobios.	
Fig. 37 – <i>Antiga imaxe da aduana de Portela do Home, en Río Caldo</i>	68
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 38 – <i>Aldea de Aceredo emerxendo do encoro de Lindoso en 2022</i>	68
Fonte: https://www.lavozdeg Galicia.es/xlsemanal/naturaleza/sequia-pueblo-sumergido-embalse-espana-presa-jaen-murcia.html	
Fig. 39 – <i>Falla onde se asenta o río Caldo</i>	69
Fonte: adaptado de Google Maps.	
Fig. 40 – <i>Mapa de correspondencia entre o Parque Natural, o Nacional Peneda-Gerês e a Reserva da Biosfera</i>	69
Fonte: Paül, V., & Trillo, J. M. (2019). Hacia una geografía histórica del Gerês/Xurés: la conformación de una región transfronteriza.	
Fig. 41 – <i>Efecto espello entre o val do río Caldo e a zona do Gerês portugués</i>	70
Fonte: Facebook / Vilameá – A Devesa e https://www.alamy.es/portugal-minho-parque-nacional-peneda-geres-el-rio-canadu-caldos-do-geres-image6314804.html	
Fig. 42 – <i>Praia na barragem da Caniçada</i>	72
Fonte: https://www.tripadvisor.es/LocationPhotoDirectLink-g6976867-i67431285-Peneda_Geres_National_Park_Northern_Portugal.html	
Fig. 43 – <i>Bosque atlántico na Mata da Albergaría</i>	72
Fonte: https://www.cmjornal.pt/portugal/cidades/detalhe/investem-830-mil-euros-na-mata-de-albergaria-no-geres	
Fig. 44 – <i>Bulevar termal da vila do Gerês</i>	72
Fonte: https://hidrogenoma.dgeg.gov.pt/agua-mineral-natural/caldas-do-geres	
Fig. 45 – <i>Santuário da Nossa Senhora da Peneda</i>	72
Fonte: https://motorcycle-diaries.com/es/roads/heart-of-geres-braga-melgaco	
Fig. 46 – <i>Aldea de Pitões das Júnias, en Montalegre</i>	72
Fonte: https://www.civitatis.com/es/terras-do-bouro/tour-pueblos-geres/	
Fig. 47 – <i>Mirador do Fafião, no Gerês</i>	72
Fonte: https://www.evasoes.pt/o-que-fazer/peneda-geres-um-novo-miradouro-e-uma-lagoa-cristalina-na-aldeia-de-fafiao/1014442/	
Fig. 48 – <i>Plano do Parque Natural</i>	73
Fonte: https://www.pinterest.es/pin/394839092303735953/	

Fig. 49 – <i>Cortes da Carballeira, Entrimo</i>	73
Fonte: https://www.turismo.gal/que-facer/bosques-de-galicia/serra-do-xures	
Fig. 50 – <i>Termas do encoro das Conchas, Bande</i>	73
Fonte: https://www.galiciamaxica.eu/mini/via-nova-siguiendo-los-pasos-de-los-romanos/	
Fig. 51- <i>Encoro de Lindoso e serra do Xurés ao fondo</i>	73
Fonte: Facebook / Vilameá – A Devesa	
Fig. 52 – <i>Plano de localización e zonificación da Reserva da Biosfera Gerês-Xurés</i>	74
Fonte: Reza, J. B., & Pereira, H. M. (2008). <i>Propuesta para la creación de la Reserva de la Biosfera Transfronteriza Gerês/Xurés</i> .	
Fig. 53 – <i>Perfil tipo da estrutura territorial do val de Río Caldo</i>	75
Fonte: adaptada de Reza, J. B., & Pereira, H. M. (2008). <i>Propuesta para la creación de la Reserva de la Biosfera Transfronteriza Gerês/Xurés</i> .	
Fig. 54 – <i>Diferencia entre a matriz urbana da vila do Gerês e o carácter rural de Río Caldo</i>	75
Fonte: https://metropolitano.gal/planes/cinco-pueblos-de-peneda-geres-para-perderse-por-la-naturaleza-del-norte-de-portugal/ e Facebook / MeteoLobios Estación Meteorológica.	
Fig. 55 – <i>Vila termal do Gerês e Os Baños de Río Caldo e aprincipios e mediados so século pasado, respectivamente</i>	76
Fonte: https://saberescruzados.wordpress.com/2012/01/11/as-caldas-do-geres-no-verao-de-1798-2/ e https://galeriabaixalimia.es/	
Fig. 56 – <i>Proxecto de rehabilitación do espazo público nas praias da barragem da Caniçada</i>	77
Fonte: https://oamarense.pt/praias-do-alqueirao-entra-em-obras-em-meados-de-setembro/	
Fig. 57 – <i>Mostra do desenvolvemento adquirido pola infraestrutura turística e hoteleira na parte portuguesa</i>	77
Fonte: https://viagemeturismo.abril.com.br/coluna/portugal-lisboa/onde-ficar-no-parque-nacional-da-peneda-geres-glamping	
Fig. 58 – <i>Sinalización e posta en valor de recursos patrimoniais no Parque Nacional Peneda-Gerês</i>	77
Fonte: https://es.wikiloc.com/rutas-senderismo/mata-de-albergaria-parque-nacional-de-peneda-geres-portugal-81190817	
Fig. 59 – <i>Plano de usos do solo do territorio</i>	78
Fonte: Reza, J. B., & Pereira, H. M. (2008). <i>Propuesta para la creación de la Reserva de la Biosfera Transfronteriza Gerês/Xurés</i> .	
Fig. 60 – <i>Sinalización dos límites do Parque Natural</i>	78
Fonte: https://www.alamy.es/foto-parque-natural-de-la-baixa-limia-serra-do-xures-cartel-provincia-de-orensen-la-region-de-galicia-espana-europa-128788106.html	
Fig. 61 – <i>Mapa de zonificación do Parque Natural</i>	79
Fonte: Plan Reitor de Uso e Xestión do Parque Natural Baixa Limia- Serra do Xurés.	
Fig. 62 – <i>Zona de Reserva do P.N.</i>	79
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorológica.	
Fig. 63 – <i>O lobo, especie protexida</i>	79
Fonte: https://elpais.com/diario/2005/01/29/viajero/1107036493_850215.html	
Fig. 64 – <i>Plano de rutas de sendeirismo e recursos patrimoniais a visitar no Parque Natural</i>	82
Fonte: https://www.reservabiosferageresxures.eu/es/mapas	

Fig. 65 – <i>Plano de zonificación da Reserva da Biosfera Gerês-Xurés</i>	83
Fonte: adaptado de Reza, J. B., & Pereira, H. M. (2008). <i>Propuesta para la creación de la Reserva de la Biosfera Transfronteriza Gerês/Xurés</i> .	
Fig. 66 – <i>Plano de ordenación do termo municipal de Lobios</i>	88
Fonte: Plan Xeral de Ordenación Municipal de Lobios.	
Fig. 67 – <i>Plano de ordenación do núcleo de Padrendo</i>	89
Fonte: Plan Xeral de Ordenación Municipal de Lobios.	
Fig. 68 – <i>Plano de ordenación dos núcleos de Vilameá e A Devesa</i>	91
Fonte: Plan Xeral de Ordenación Municipal de Lobios.	
Fig. 69 – <i>Plano de ordenación dos núcleos dos Baños, Bubaces e Torneiros</i>	93
Fonte: Plan Xeral de Ordenación Municipal de Lobios.	
Fig. 70 – <i>Hidrografía do val do río Caldo</i>	95
Fonte: Cartografía Confederación Hidrográfica Miño-Sil.	
Fig. 71 – <i>Zona de fluxo preferente do río Caldo na zona termal</i>	95
Fonte: Cartografía Confederación Hidrográfica Miño-Sil.	
Fig. 72 – <i>Localización dos principais recursos patrimoniais de interese no val do río Caldo</i>	96
Fonte: adaptado de Google Maps.	
Fig. 73 – <i>Cartografía histórica onde aparece reflexada a Vía Nova</i>	97
Fonte: https://gl.wikipedia.org/wiki/Aceredo_(asolagado)	
Fig. 74 – <i>Perfil tipográfico do val do río Caldo</i>	97
Fonte: https://www.mapa.gob.es/es/desarrollo-rural/temas/caminos-naturales/caminos-naturales/sector-noroeste/via-nova/etapa-1/default.aspx	
Fig. 75 – <i>Sección ideal da construción da Vía Nova</i>	98
Fonte: Guía do Patrimonio do Concello de Lobios.	
Fig. 76 – <i>Vista do trazado a media ladeira da vía</i>	98
Fonte: Guía do Patrimonio do Concello de Lobios.	
Fig. 77 – <i>Vestixios do trazado orixinal da vía</i>	98
Fonte: https://www.traians.net/textos/18xures.htm	
Fig. 78 – <i>Reconstrución parcial da vía</i>	98
Fonte: https://www.laregion.es/articulo/baixa-limia/lobios-aciona-via-nova-balneario/20160705112456633368.html	
Fig. 79 – <i>Área recreativa que alberga os miliarios atopados na vía</i>	99
Fonte: https://www.viasromanas.pt/geira/milha_XXXV.htm	
Fig. 80 – <i>Miliario na súa localización orixinal no trazado da vía</i>	99
Fonte: https://gataconbotas.com/corga-da-fecha-y-via-nova/	
Fig. 81 – <i>Miliario reutilizado como columna</i>	99
Fonte: https://onosopatrimonio.blogspot.com/2011/07/romanizacion-de-galizagalicia-ii.html	
Fig. 82 – <i>Mutatio das Mouruás</i>	99
Fonte: https://www.galiciamaxica.eu/galicia/ourense/comarca-da-baixa-limia/	

Fig. 83 – <i>Mansio Aquis Ogeresibus</i>	99
Fonte: http://www.portasxures.es/index.php/gl/que-visitar/lobios/mansio-aquis-originis	
Fig. 84 – <i>Planta dos vestixios escavados da Mansio Aquis Ogeresibus</i>	100
Fonte: Guía do Patrimonio do Concello de Lobios.	
Fig. 85 – <i>A trinchreira</i>	101
Fonte: Guía do Patrimonio do Concello de Lobios.	
Fig. 86 – <i>Estrada actual, río Caldo, camiño medieval e Vía Nova</i>	101
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 87 – <i>Alicerces da antiga ponte romana que cruzaba a Corga da Fecha</i>	101
Fonte: Guía do Patrimonio do Concello de Lobios.	
Fig. 88 – <i>Mapa dos distintos trazados do Camiño de Santiago que cruzan o val do río Caldo</i>	102
Fonte: adaptado de https://es.wikipedia.org/wiki/Archivo:Camino_Mi%C3%B1oto_Ribeiro.png	
Fig. 89 – <i>Mámoa da Anta do Couto</i>	102
Fonte: Guía do Patrimonio do Concello de Lobios.	
Fig. 90 – <i>Cabaniña do Curro</i>	102
Fonte: https://masrutasyemenosrutinas.com/ruta-corga-da-fecha-xures/	
Fig. 91 – <i>Vestixios da actividade industrial de extracción do mineral nas Minas das Sombras</i> ...	103
Fonte: https://masrutasyemenosrutinas.com/mina-das-sombras-serra-xures/	
Fig. 92 – <i>Antigo muro fronteirizo</i>	104
Fonte: https://www.laregion.es/articulo/baixa-limia/muralla-china-geres-xures/202202152324191106719.html	
Fig. 93 – <i>Marcos delimitadores da fronteira actual</i>	104
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 94 – <i>Santuario da Virxe do Xurés e rochas nas que apareceu a Virxe segundo a tradición popular</i>	104
Fonte: https://www.ourense.com/galerias-de-fotos/ermida-de-nuestra-senora-del-xures-una-visita-obligada-en-lobios/	
Fig. 95 – <i>Perspectiva do adro do Santuario e vistas aos vales do Caldo e Limia</i>	104
Fonte: https://www.turismo.gal/que-visitar/espazos-naturais/parques-naturais/parque-natural-baixa-limia-serra-do-xures	
Fig. 96 – <i>Antiga fonte</i>	105
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 97 – <i>Cruceiro e adro</i>	105
Fonte: https://galiciapuebloapueblo.blogspot.com/2017/05/ermida-da-nosa-senora-do-xures-lobios.html	
Fig. 98 – <i>Calvario e antigo camiño de ascensión ao santuario</i>	105
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 99 – <i>Perspectiva xeral da aldea de Vilameá</i>	105
Fonte: autoría propia.	
Fig. 100 – <i>Vivenda tradicional con varanda</i>	106
Fonte: autoría propia.	

Fig. 101- <i>Capela de Santa Lucía</i>	106
Fonte: autoría propia.	
Fig. 102 – <i>Adegas escavadas na montaña</i>	107
Fonte: autoría propia.	
Fig. 103 – <i>Cruceiro no camiño medieval</i>	107
Fonte: autoría propia.	
Fig. 104 – <i>Eira dos canastros de Vilameá</i>	107
Fonte: Facebook / Vilameá – A Devesa	
Fig. 105 – <i>Núcleo da Devesa</i>	107
Fonte: autoría propia.	
Fig. 106 – <i>Canastros engulidos polo mato</i>	107
Fonte: Facebook / Vilameá – A Devesa	
Fig. 107 – <i>Forno comunitario</i>	107
Fonte: Facebook / Vilameá – A Devesa	
Fig. 108 – <i>Antigo poldrado</i>	107
Fonte: autoría propia.	
Fig. 109 – <i>Vista xeral da aldea de Padrendo e a igrexa parroquial</i>	108
Fonte: autoría propia.	
Fig. 110 – <i>Eira de canastros de Padrendo</i>	108
Fonte: https://www.alltrails.com/es/parques/spain/ourense/parque-natural-da-baixa-limia-serrado-xures	
Fig. 111 – <i>Núcleo abandonado do Outeiro</i>	108
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 112 – <i>Igrexa parroquial</i>	109
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 113 – <i>Casa reitoral e canastro</i>	109
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 114 – <i>Pombal</i>	109
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 115 – <i>Panorámica do núcleo de Bubaces</i>	109
Fonte: autoría propia.	
Fig. 116 – <i>Capela de Santa Catalina</i>	110
Fonte: https://es.wikiloc.com/rutas-senderismo/circular-balneario-de-lobios-padrendo-a-devesa-110649434	
Fig. 117 – <i>Adegas escavadas no terreo</i>	110
Fonte: https://es.wikiloc.com/rutas-senderismo/lobios-comarca-da-baixa-limia-ourense-pr-g-28-rotas-de-padrendo-80343064	
Fig. 118 - <i>Eira de canastros</i>	110
Fonte: https://es.wikiloc.com/rutas-senderismo/rio-caldolobios-70329746/photo-46327089	

Fig. 119 – <i>Vista xeral da aldea de Torneiros</i>	110
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 120 – <i>Vivenda tradicional</i>	111
Fonte: https://galeriabaixalimia.es/	
Fig. 121 – <i>Camiño emparrado</i>	111
Fonte: https://deambulandoconartabria.com/sur-de-ourense-en-dos-dias/	
Fig. 122 – <i>Unha das corgas que atravesan a aldea</i>	111
Fonte: https://galeriabaixalimia.es/	
Fig. 123 – <i>Eira dos canastros de Torneiros</i>	111
Fonte: https://galeriabaixalimia.es/	
Fig. 124 – <i>Capela de San Amaro</i>	111
Fonte: https://galeriabaixalimia.es/	
Fig. 125 – <i>Ao fondo, núcleo dos Baños, área termal e praia fluvial</i>	111
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 126 – <i>Esquema xeomorfolóxico do val, en rosa o erosionado e en azul os sedimentos</i>	112
Fonte: https://aterrageo.wordpress.com/2014/01/17/lobios-en-o-xures-geres-un-sitio-geologico-sobresaliente/	
Fig. 127 – <i>Ladeiras erosionadas e suave e fértil fondo do val</i>	112
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 128 – <i>De esquerda a dereita, Nevosa, Altar de Cabróns, Sobreiro e Amoreira</i>	112
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 129 – <i>Coto de Santa Eufemia</i>	112
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 130 – <i>Dobre fila de montañas na Serra do Xurés</i>	113
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 131 – <i>Erosión causada pola auga</i>	113
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 132 – <i>Formación xeolóxica da Pedra furada</i>	113
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 133 – <i>Formación xeolóxica das Albas</i>	113
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 134 – <i>Asentamentos humanos no fondo do val</i>	114
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 135 – <i>Manantiais termais do río Caldo</i>	114
Fonte: https://www.galiciamaxica.eu/galicia/ourense/riocaldo/	
Fig. 136 – <i>Río Caldo no seu curso alto</i>	114
Fonte: http://guias.masmar.net/index.php/R%C3%ADos-y-Lagos/Ourense/R%C3%ADo-Caldo-Ourense/Desembocadura-en-el-Limia	

- Fig. 137 – *Río Caldo no seu curso medio*..... 114
Fonte: <https://masrutasymenosrutinas.com/ruta-corga-da-fecha-xures/>
- Fig. 138 – *Desembocadura no encoro de Lindoso*..... 114
Fonte: <http://guias.masmar.net/index.php/R%C3%ADos-y-Lagos/Ourense/R%C3%ADo-Caldo-Ourense/Desembocadura-en-el-Limia>
- Fig. 139 – *Ponte da estrada OU-312 nos Baños*..... 114
Fonte: autoría propia.
- Fig. 140 – *Peto de ánimas do Furmigueiro*..... 115
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.
- Fig. 141 – *Ponte de Carballedo*..... 115
Fonte: Facebook / Padrendo.
- Fig. 142 – *Poldras de Torneiros*..... 115
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.
- Fig. 143 – *Poldras dos Baños*..... 115
Fonte: <https://www.galiciamaxica.eu/galicia/ourense/riocaldo/>
- Fig. 144 – *Veigas de Bubaces, Vilameá e A Devesa*..... 116
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.
- Fig. 145 – *Muíño do Crego*..... 116
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.
- Fig. 146 – *Afloramentos das augas termais*..... 116
Fonte: <https://www.alvientoo.com/que-ver-en-lobios/>
- Fig. 147 – *Praia fluvial e área termal dos Baños*..... 116
Fonte: <https://www.rurality.com/cottage/ourense/pension---residencia-as-termas>
- Fig. 148 – *Antigo lavadoiro e casa de baños*..... 117
Fonte: <https://galeriabaixalimia.es/>
- Fig. 149 – *Piscina termal*..... 117
Fonte: <https://www.20minutos.es/viajes/destinos/pueblos-balnearios-gratis-baratos-aguas-termales-4945624/>
- Fig. 150 – *Zona termal*..... 117
Fonte: <https://www.alvientoo.com/que-ver-en-lobios/>
- Fig. 151- *Praia fluvial*..... 117
Fonte: <https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/11/bf/9c/b2/praias-fluvial-de-lobios.jpg>
- Fig. 152 – *Balneario pertencente á empresa Caldaria*..... 118
Fonte: <https://www.caldaria.es/lobios/>
- Fig. 153 – *Piscina interior do balneario*..... 118
Fonte: <https://www.caldaria.es/lobios/>
- Fig. 154 – *Perfil en U da cabeceira do val do río Vilameá*..... 118
Fonte: https://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/ourense/2022/02/04/plan-gestion-xures-incluye-acciones-frente-incendios/0003_20220204C49923.htm

Fig. 155 – <i>Sedimentos da morrena glaciar</i>	118
Fonte: Guía do Patrimonio do Concello de Lobios.	
Fig. 156 – <i>Fervenzas no tramo alto do río</i>	119
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorológica.	
Fig. 157 – <i>Pozas do curso medio do río</i>	119
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorológica.	
Fig. 158 – <i>Maquinaria interior dos muíños</i>	119
Fonte: https://perderelrumbo.com/baixa-limia-serra-do-xures-parque-natural/	
Fig. 159 – <i>Exterior do muíño do Tenro</i>	119
Fonte: https://ca.wikiloc.com/rutes-a-peu/lobios-vilamea-ruta-etnografica-os-muinos-99671557	
Fig. 160 – <i>Muíño situado ao pé do río</i>	119
Fonte: https://perderelrumbo.com/baixa-limia-serra-do-xures-parque-natural/	
Fig. 161 – <i>Levada para captar a auga</i>	119
Fonte: http://www.queverengalicia.com/2013/06/senderismo-sendeiro-do-rio-vilamea.html	
Fig. 162 – <i>Ponte da Pontenova</i>	120
Fonte: https://perderelrumbo.com/baixa-limia-serra-do-xures-parque-natural/	
Fig. 163 – <i>Alvariza</i>	120
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorológica.	
Fig. 164 – <i>Val do río Vilameá</i>	120
Fonte: https://fr.wikiloc.com/itineraires-randonnee/ruta-muinos-rio-vilamea-2010-07-22-1051786	
Fig. 165 – <i>Poza dos Muíños do Cubo</i>	120
Fonte: https://www.ourense.info/lobios.html	
Fig. 166 – <i>Corga da Fecha</i>	121
Fonte: Guía do Patrimonio do Concello de Lobios.	
Fig. 167 – <i>Inicio do salto de auga</i>	121
Fonte: http://www.queverengalicia.com/2013/06/senderismo-sendeiro-da-corga-da-fecha.html	
Fig. 168 – <i>Pozas aptas para o baño</i>	121
Fonte: https://www.flickr.com/photos/mondarizenelmundo/3517260541 e https://descubrirgalicia.wordpress.com/2020/07/07/corga-da-fecha-lobios-ourense-una-de-las-cascadas-mas-impresionantes-de-galicia/	
Fig. 169 – <i>Fervenza principal</i>	121
Fonte: https://es.wikiloc.com/rutas-senderismo/corga-do-fecha-23571298	
Fig. 170 – <i>Práctica de deportes de risco</i>	121
Fonte: https://turacaventura.com/actividades/barranco-de-corga-da-fecha/	
Fig. 171 – <i>Cultivos na aldea de Padrendo</i>	122
Fonte: Facebook / Manuel Simoes e MeteoLobios Estación Meteorológica.	
Fig. 172 – <i>Vexetación de ribeira do río Caldo</i>	122
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorológica.	

Fig. 173 – <i>Carballeira preto dos núcleos de poboación</i>	122
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 174 – <i>Vexetación mediterránea na Corga de Fecha</i>	123
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 175 – <i>Monocultivo de piñeiros na serra</i>	123
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 176 – <i>Matogueira e bosque disperso</i>	123
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 177 – <i>Bosque de Prunus lusitanica</i>	123
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 178 – <i>Vexetación de monte baixo nos cumios da serra</i>	123
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 179 – <i>Lirio do Xurés</i>	123
Fonte: Guía do Patrimonio do Concello de Lobios.	
Fig. 180 – <i>Águia real, especie reintroducida do Parque</i>	124
Fonte: https://www.gciencia.com/destinos-ciencia/baixa-limia-serra-xures-pura-vida-en-la-raia-seca-2/	
Fig. 181 – <i>Corzos e cervos son animais habituais nas zonas altas</i>	124
Fonte: https://www.pinterest.co.uk/pin/459367230740039114/	
Fig. 182 – <i>Cabra montesa sobre as rochas do Xurés</i>	124
Fonte: https://patrimonionatural.xunta.gal/es/baixa-limia-serra-xures	
Fig. 183 – <i>Cabalo garrano pastando na serra</i>	124
Fonte: Guía do Patrimonio do Concello de Lobios.	
Fig. 184 – <i>Ruta dos muíños do río Vilameá e ruta da Corga da Fecha</i>	125
Fonte: Folleto de rutas do Parque Natural Baixa Limia- Serra do Xurés.	
Fig. 185 – <i>Ruta de Padrendo, ruta da Mina das Sombras e roteiro termal</i>	126
Fonte: Folleto de rutas do Parque Natural Baixa Limia- Serra do Xurés e Xurés Termal Bike: roteiro termal, ruta turística y de natureza “Lobios- Riocaldo”.	
Fig. 186 – <i>Percorrido do Camiño Natural do interior da Vía Nova</i>	126
Fonte: https://www.mapa.gob.es/es/desarrollo-rural/temas/caminos-naturales/caminos-naturales/sector-noroeste/via-nova/etapa-1/default.aspx	
Fig. 187 – <i>Rutas BTT: Mina das Sombras, Padrendo e Vía Nova</i>	127
Fonte: https://www.turismo.gal/que-facer/centros-btt/centro-btt-serra-do-xures/rutas?langId=es_ES	
Fig. 188 – <i>Antiga aduana portuguesa reconvertida en establecemento de hostalería</i>	129
Fonte: autoría propia.	
Fig. 189 – <i>Estrada N-308 que liga coa Mata da Albergaría</i>	129
Fonte: autoría propia.	
Fig. 190 – <i>Miliarios na Portela do Homem</i>	130
Fonte: autoría propia.	

Fig. 191 – <i>Estacionamento delimitado, arboredo e fonte</i>	130
Fonte: autoría propia.	
Fig. 192 – <i>Explanada e edificio principal da aduana española, en estado de degradación</i>	130
Fonte: autoría propia.	
Fig. 193 – <i>Edificio antigo da aduana</i>	131
Fonte: autoría propia.	
Fig. 194 – <i>Ruído visual da rede eléctrica e outros elementos</i>	131
Fonte: autoría propia.	
Fig. 195 – <i>Falta de limpeza no trazado da Vía Nova</i>	131
Fonte: Facebook / MeteoLobios Estación Meteorolóxica.	
Fig. 196 – <i>Camión Natural do Interior, actualmente con pavimento degradado e sinalización destruída</i>	131
Fonte: https://eu.wikiloc.com/ibilbide-senderismo/camino-natural-via-nova-tramo-1-3481081	
Fig. 197 – <i>Aquis Ogeresibus engulido pola matogueira</i>	132
Fonte: https://galiciapuebloapueblo.blogspot.com/2015/09/mansion-aquis-originis-lobios.html	
Fig. 198 – <i>Área recreativa dos miliarios, con ruído visual e co espazo cuberto hoxe destruído</i>	132
Fonte: autoría propia.	
Fig. 199 – <i>Estrada de acceso aos Baños</i>	133
Fonte: autoría propia.	
Fig. 200 – <i>Explanada para estacionamento</i>	133
Fonte: autoría propia.	
Fig. 201- <i>Nova pasarela, ao fondo, caravanas estacionadas</i>	133
Fonte: autoría propia.	
Fig. 202 – <i>Espacio acondicionado para caravanas</i>	133
Fonte: autoría propia.	
Fig. 203 – <i>Acceso á piscina termal</i>	133
Fonte: autoría propia.	
Fig. 204 – <i>Paseo e praia fluvial</i>	133
Fonte: autoría propia.	
Fig. 205 – <i>Praia fluvial dende a piscina termal</i>	134
Fonte: autoría propia.	
Fig. 206 – <i>Charcas de auga quente no leito do río</i>	134
Fonte: autoría propia.	
Fig. 207 – <i>Parque infantil e deportivo</i>	135
Fonte: autoría propia.	
Fig. 208 – <i>Presa para aumentar o nivel da auga para o baño</i>	135
Fonte: autoría propia.	

Fig. 209 – <i>Leito do río onde emana a auga termal</i>	135
Fonte: autoría propia.	
Fig. 210 – <i>Actividades impropias do espazo</i>	135
Fonte: autoría propia.	
Fig. 211 – <i>Incendio na Serra do Xurés en 2020</i>	136
Fonte: Facebook/ Manuel Simoes	
Fig. 212 – <i>Serra de Santa Eufemia calcinada en 2017</i>	136
Fonte: autoría propia.	
Fig. 213 – <i>Ponte en mal estado na ruta das Minas das Sombras</i>	137
Fonte: https://es.wikiloc.com/rutas-senderismo/prg-215-ruta-da-mina-das-sombras-85314148	
Fig. 214 – <i>Sinalización de rutas e do Camiños de Santiago</i>	137
Fonte: autoría propia.	
Fig. 215 – <i>Edificio abandonado proxectado como cámping</i>	137
Fonte: https://www.laregion.es/articulo/baixa-limia/lobios-transformara-museo-camping-municipal/20100421122511117660.html	
Fig. 216 – <i>Estado actual do miradoiro da Corga da Fecha</i>	137
Fonte: autoría propia.	
Fig. 217 – <i>Perda das escadas de acceso da tipoloxía tradicional das vivendas</i>	138
Fonte: autoría propia.	
Fig. 218 – <i>“Feísmo” de estruturas non harmonizadas</i>	138
Fonte: autoría propia.	
Fig. 219 – <i>Paisaxe do val do río Caldo nos anos 70</i>	139
Fonte: autoría propia.	
Fig. 220 – <i>Turismo de masas na área termal e na praia fluvial</i>	139
Fonte: https://www.laregion.es/articulo/baixa-limia/xures-portugues-triplica-numero-visitas-ourensano/20190825130501889779.html	
4. Casos representativos	
Fig. 221 – <i>Análise previa dos diferentes casos de estudo</i>	141
Fonte: autoría propia.	
Fig. 222 - <i>Análise previa dos diferentes casos de estudo</i>	142
Fonte: autoría propia.	
Fig. 223 - <i>Análise previa dos diferentes casos de estudo</i>	143
Fonte: autoría propia.	
Fig. 224 - <i>Análise previa dos diferentes casos de estudo</i>	144
Fonte: autoría propia.	
Fig. 225 - <i>Análise previa dos diferentes casos de estudo</i>	145
Fonte: autoría propia.	
Fig. 226 - <i>Análise previa dos diferentes casos de estudo</i>	146
Fonte: autoría propia.	

Fig. 227 – <i>Categorías e indicadores para a análise dos casos de referencia.</i>	148
Fonte: autoría propia.	
Fig. 228 – <i>Localización xeográfica dos casos de estudo analizados.</i>	150
Fonte: adaptado de https://static.vecteezy.com/ e https://www.lagisteria.com/ .	
Fig. 229 – <i>Localización do Monte do Gozo.</i>	151
Fonte: adaptado de Google Maps.	
Fig. 230 – <i>Perspectiva xeral do complexo e vistas á cidade de Santiago.</i>	151
Fonte: https://caminodesantiago.consumer.es/en/hostels/hostel-monte-do-gozo e https://www.alberguescaminosantiago.com/2016/03/camino-mas-santiago/	
Fig. 231 – <i>Planta de implantación.</i>	152
Fonte: adaptado de Google Maps.	
Fig. 232 – <i>Usos sociais do espazo.</i>	153
Fonte: https://landscape.coac.net/la-recuperacion-paisajistica-del-monte-del-gozo-en-santiago-de-compostela e https://www.elcorreogallego.es/santiago/vetusta-morla-volvio-al-monte-do-gozo-con-el-cartel-sold-out-desde-hace-dias-HE8431382	
Fig. 233 – <i>Estado previo do Monte do Gozo antes do proxecto de posta en valor.</i>	154
Fonte: https://landscape.coac.net/la-recuperacion-paisajistica-del-monte-del-gozo-en-santiago-de-compostela	
Fig. 234 – <i>Caracterización da intervención segundo os espazos.</i>	155
Fonte: https://www.galiciamaxica.eu/blog/otro-ano-gratis-las-piscinas-del-monte-do-gozo/ e https://www.parqueforestaldesantiago.org/es/xp-etapa-1-monte-del-viso-monte-gozo/	
Fig. 235 – <i>Infografías do proxecto.</i>	156
Fonte: https://landscape.coac.net/la-recuperacion-paisajistica-del-monte-del-gozo-en-santiago-de-compostela	
Fig. 236 – <i>Planta do proxecto de posta en valor.</i>	157
Fonte: https://landscape.coac.net/la-recuperacion-paisajistica-del-monte-del-gozo-en-santiago-de-compostela	
Fig. 237 – <i>Nova piscina e remodelación do albergue.</i>	157
Fonte: https://landscape.coac.net/la-recuperacion-paisajistica-del-monte-del-gozo-en-santiago-de-compostela e https://www.elcorreogallego.es/santiago/el-monte-do-gozo-por-fin-resucita-con-la-apertura-de-su-rural-lunch-CF7557501	
Fig. 238 – <i>Caracterización dos accesos ao recinto.</i>	158
Fonte: https://www.lavozdegalicia.es/noticia/santiago/2019/09/23/arranca-reforma-accesos-camino-conxo-monte-do-gozo/0003_201909S23C1995.htm e https://landscape.coac.net/la-recuperacion-paisajistica-del-monte-del-gozo-en-santiago-de-compostela	
Fig. 239 – <i>Materialidade e técnicas construtivas empregadas.</i>	159
Fonte: https://www.alamy.it/fotos-immagini/monumento-ai-pellegrini-del-monte-do-gozo.html , https://www.elcorreogallego.es/hemeroteca/finalizan-obras-convertir-monte-do-gozo-referente-ocio-MPCG1056930 e https://www.olaestudio.com/proyecto/piscinas-en-el-monte-do-gozo?tid=2	
Fig. 240 – <i>Localización e implantación do enclave.</i>	160
Fonte: adaptado de https://landezine.com/environmental-recovery-of-the-fortress-and-banks-of-goian/ e Google Maps.	

- Fig. 241 – *Vista do enclave desde o río Miño*..... 160
Fonte: <https://www.archdaily.com/527568/proyecto-de-recuperacion-ambiental-y-puesta-en-valor-del-entorno-de-la-fortaleza-y-playa-fluvial-de-goian-pablo-gallego-picard>
- Fig. 242 – *Vistas do conxunto da fortaleza e a praia fluvial*..... 161
Fonte: <https://turismoriasbaixas.com/-/inspirete-por-la-orilla-del-mino>,
<https://nauticdestination.com/puertos/listado?page=4>
<https://www.elespanol.com/treintayseis/articulos/vivir/fortaleza-de-san-lorenzo-de-goian-un-antiguo-bastion-para-la-defensa-de-a-raia-en-tomino>
- Fig. 243 – *Fortaleza de Goián: parte orixinal e reconstrución*..... 162
Fonte: <https://www.pinterest.es/pin/496240452685621667/> e [es/tomino-abre-una-playa-con-prestamo-de-libros-o-espacio-de-lactancia/](https://www.pinterest.es/pin/496240452685621667/)
- Fig. 244 – *Estado previo á intervención*..... 163
Fonte: <https://www.diariosur.es/planes/playas/pontevedra/goian-0003059.html> e
<https://www.paxinasgalegas.es/playa-fluvial-de-goian-656907em.html>
- Fig. 245 – *Antes e despois da actuación na fortaleza e a praia*..... 164
Fonte: Aparici, J. (2018). *Proyecto básico de pasarela sobre el río Miño* e
<https://www.farodevigo.es/comarcas/2014/05/23/espazo-fortaleza-suma-laureles-17200047.html>
- Fig. 246 – *Integración paisaxística e proximidade do enclave a Portugal*..... 164
Fonte: <https://www.elespanol.com/quincemil/articulos/vivir/los-10-mejores-planes-y-cosas-que-ver-en-tomino-de-visita> e <https://www.usc.gal/es/estudios/grados/ciencias-sociales-juridicas/grado-geografia-ordenacion-territorio>
- Fig. 247 – *Planta do proxecto e resultado executado*..... 165
Fonte: <https://www.archdaily.com/527568/proyecto-de-recuperacion-ambiental-y-puesta-en-valor-del-entorno-de-la-fortaleza-y-playa-fluvial-de-goian-pablo-gallego-picard>
- Fig. 248 – *Caracterización formal do proxecto de posta en valor*..... 166
Fonte: <https://www.archdaily.com/527568/proyecto-de-recuperacion-ambiental-y-puesta-en-valor-del-entorno-de-la-fortaleza-y-playa-fluvial-de-goian-pablo-gallego-picard> e
<https://www.cousasde.com/o-espazo-fortaleza-de-goian-acolle-o-xxv-encontro-de-bandas-de-musica/>
- Fig. 249 – *Recuperación ambiental e paisaxística da envolvente e sinalización do enclave*..... 167
Fonte: <https://1000-lugares-en-galicia.blogspot.com/2016/02/fortaleza-playa-fluvial-goian-tomino.html> e <https://telemarinas.com/tomino-instala-paneles-interpretativos-la-fortaleza-goian/>
- Fig. 250 – *Materialidade e técnicas construtivas empregadas*..... 168
Fonte: <https://www.archdaily.com/527568/proyecto-de-recuperacion-ambiental-y-puesta-en-valor-del-entorno-de-la-fortaleza-y-playa-fluvial-de-goian-pablo-gallego-picard>
- Fig. 251 – *Futura ponte peonil internacional que ligará o enclave con Cerveira*..... 168
Fonte: <https://www.farodevigo.es/gran-vigo/2021/02/05/propuesta-ganadora-crear-gran-parque-ocio-turismo-galicia-puentes-colgantes-34052282.html>
- Fig. 252- *Localización e implantación do enclave*..... 169
Fonte: adaptado de Google Maps.
- Fig. 253 – *Vista aérea e frontal da parcela*..... 170
Fonte: https://www.turismo.gal/que-visitar/rias-e-praias/ria-de-ribadeo?langId=pt_PT e Google Maps.

Fig. 254 – <i>Patrimonio etnográfico e natural da envolvente</i>	171
Fonte: https://galiciapuebloapueblo.blogspot.com/2017/08/ruta-de-los-miradores-ribadeo.html e https://elecoturista.com/experiencias/observacion-de-aves-en-la-ria-de-ribadeo/	
Fig. 255 – <i>Estado de conservación da parcela antes da intervención</i>	172
Fonte: Google Maps.	
Fig. 256 – <i>Limpeza de vexetación invasora para introducir especies autóctonas</i>	173
Fonte: https://www.lavozdegalicia.es/noticia/amarina/2017/04/23/costal-ribadeo-bosque-granja-ecologica-lugar-400-chaes/0003_201704X23C5991.htm e https://www.orzapaisajismo.com/proyectos/el-costal/	
Fig. 257 – <i>Dúas comparativas do antes e despois da intervención</i>	174
Fonte: Google Maps.	
Fig. 258 – <i>Planta da estratexia de recuperación ambiental e paisaxística</i>	175
Fonte: https://www.orzapaisajismo.com/proyectos/el-costal/	
Fig. 259 – <i>Infografía das perspectivas con potencial</i>	176
Fonte: https://www.orzapaisajismo.com/proyectos/el-costal/	
Fig. 260 – <i>Resultado da execución do proxecto de recuperación ambiental e paisaxística</i>	176
Fonte: Google Maps e https://www.orzapaisajismo.com/proyectos/el-costal/	
Fig. 261 – <i>Integración paisaxística da parcela na envolvente</i>	177
Fonte: https://www.orzapaisajismo.com/proyectos/el-costal/	
Fig. 262 – <i>Recuperación vexetal do terreo e construción de lagoa como refuxio da fauna</i>	178
Fonte: https://www.orzapaisajismo.com/proyectos/el-costal/	
Fig. 263 – <i>Actividade pastoril e de formación ambiental para preservar o enclave</i>	178
Fonte: https://www.campogalego.es/oferta-de-puesto-de-trabajo-en-ganaderia-ovina-en-ribadeo/ e https://www.lavozdegalicia.es/noticia/somosagro/sostenibilidad/2021/03/05/finca-ribadeo-practicas-conservacion-medio-natural/00031614947598109331141.htm	
Fig. 264 – <i>Localización e implantación da comarca de Vega de Granada</i>	179
Fonte: adaptado de Google Maps e https://lemapaisajes.com/portfolio/plan-especial-de-la-vega-de-granada/	
Fig. 265 – <i>Configuración urbana e medio físico da veiga</i>	180
Fonte: https://paisajesdelagua.es/portfolio-item/sierra-nevada-y-vega-de-granada/ e Garrido, J., & Sánchez, M. A. (2019). Plan Especial de Ordenación de la Vega de Granada	
Fig. 266 – <i>Usos do solo na comarca de Vega de Granada</i>	181
Fonte: Garrido, J., & Sánchez, M. A. (2019). Plan Especial de Ordenación de la Vega de Granada	
Fig. 267 – <i>Cultivos do río Genil e Serra Nevada caracterizan o patrimonio natural</i>	182
Fonte: http://www.ruralc.com/2013/12/la-vega-de-granada.html e https://granadapickups.blogspot.com/2014/10/el-rio-de-las-nieves-andalucia-rio.html	
Fig. 268 – <i>Plano do patrimonio histórico</i>	182
Fonte: https://lemapaisajes.com/portfolio/plan-especial-de-la-vega-de-granada/	
Fig. 269 – <i>Vestixios do patrimonio cultural da zona</i>	182
Fonte: https://granadablogs.com/gr-arquitectos/author/gr/page/204/ e https://wastemagazine.es/torrederomilla.htm	

Fig. 270 – <i>Expansión industrial descontrolada e degradación de terreos agrícolas</i>	183
Fonte: https://www.otragranada.org/spip.php?article514	
Fig. 271 – <i>Avance urbanístico que ameaza os valores ambientais e produtivos</i>	184
Fonte: https://www.granadahoy.com/granada/nueva-ley-suelo-final-problema-viviendas-ilegales-Vega-Granada_0_1635437381.html e https://lemapaisajes.com/portfolio/plan-especial-de-la-vega-de-granada/	
Fig. 272 – <i>Plan de Ordenación da Aglomeración Urbana de Granada</i>	184
Fonte: Garrido, J., & Sánchez, M. A. (2019). Plan Especial de Ordenación de la Vega de Granada	
Fig. 273 – <i>Potenciación e integración de enclaves de fragilidade patrimonial</i>	185
Fonte: Garrido, J., & Sánchez, M. A. (2019). Plan Especial de Ordenación de la Vega de Granada	
Fig. 274 – <i>Elementos constituíntes do sistema de espazos de uso público</i>	186
Fonte: Garrido, J., & Sánchez, M. A. (2019). Plan Especial de Ordenación de la Vega de Granada	
Fig. 275 – <i>Plano do modelo de uso público proposto para os espazos</i>	187
Fonte: Garrido, J., & Sánchez, M. A. (2019). Plan Especial de Ordenación de la Vega de Granada	
Fig. 276 – <i>Unidades de paisaxe, viarios paisaxísticos e miradoiros</i>	187
Fonte: Garrido, J., & Sánchez, M. A. (2019). Plan Especial de Ordenación de la Vega de Granada	
Fig. 277 – <i>Seccións tipo dos itinerarios propostos</i>	187
Fonte: Garrido, J., & Sánchez, M. A. (2019). Plan Especial de Ordenación de la Vega de Granada	
Fig. 278 – <i>Esquemas de ordenación de áreas singulares</i>	188
Fonte: Garrido, J., & Sánchez, M. A. (2019). Plan Especial de Ordenación de la Vega de Granada	
Fig. 279 – <i>Limitación do crecemento urbanístico e apertura ao uso público do espazo</i>	188
Fonte: https://lemapaisajes.com/portfolio/plan-especial-de-la-vega-de-granada/ e https://www.ahoragranada.com/noticias/la-vega-para-pasear-junto-a-las-mascotas-en-belicena/	
Fig. 280 – <i>Vexetación e cultivos autóctonos</i>	189
Fonte: https://ctxt.es/es/20170222/Politica/11233/La-Vega-de-Granada-destruccion-corrupcion-plataforma-Salvemos-la-Vega.htm e Garrido, J., & Sánchez, M. A. (2019). Plan Especial de Ordenación de la Vega de Granada	
Fig. 281 – <i>Patrimonio arquitectónico que amosa a materialidade e técnicas construtivas tradicionais</i>	189
Fonte: Garrido, J., & Sánchez, M. A. (2019). Plan Especial de Ordenación de la Vega de Granada, https://www.vegasdelgenil.es/patrimonio/centro-de-interpretacion-de-la-vega/ e https://www.ideal.es/granada/aprobado-proyecto-restauracion-20210703164213-nt.html	
Fig. 282 – <i>Plantas de localización e implantación do núcleo rural de Isín</i>	190
Fonte: adaptado de Google Maps.	
Fig. 283 – <i>Vistas da contorna e da aldea de Isín</i>	191
Fonte: Galán, I., & Comeras, A. (2020). Estudio de caso en la recuperación de Isín, https://www.escapadarural.com/casa-rural/huesca/albergue-isin , https://jemonbe.com/isin/ e	
Fig. 284 – <i>Perspectiva da aldea antes e despois da rehabilitación</i>	192
Fonte: Galán, I., & Comeras, A. (2020). Estudio de caso en la recuperación de Isín.	
Fig. 285 – <i>Estado previo de abandono e degradación do núcleo</i>	193
Fonte: Galán, I., & Comeras, A. (2020). Estudio de caso en la recuperación de Isín.	

Fig. 286 – <i>Contraste entre o dinamismo do núcleo urbano de Sabiñánigo e o illamento da aldea de Isín</i>	194
Fonte: https://cazadordeviajes.com/que-ver-en-sabinanigo e https://jacetaniaexpress.com/isin-la-busqueda-de-la-normalidad-extraordinaria/	
Fig. 287 – <i>Infraestrutura turística que permitiu devolver o uso ás edificación</i>	194
Fonte: https://www.tripadvisor.es/Hotel_Review-g21231863-d2649254-Reviews-Apartamentos_Turisticos_Isin-Isin_Province_of_Huesca_Aragon.html e https://www.turismoverde.es/alojamientos/centro-vacacional-isin-2/	
Fig. 288 – <i>Recuperación da trama urbanística e tipoloxías de edificación tradicional</i>	195
Fonte: Galán, I., & Comeras, A. (2020). Estudio de caso en la recuperación de Isín.	
Fig. 289 – <i>Axonometría de volumes orixinais e engadidos</i>	196
Fonte: Galán, I., & Comeras, A. (2020). Estudio de caso en la recuperación de Isín.	
Fig. 290 – <i>Estrutura urbana, orientación e vistas do núcleo</i>	196
Fonte: Galán, I., & Comeras, A. (2020). Estudio de caso en la recuperación de Isín.	
Fig. 291 – <i>Esquema de accesibilidade da aldea e das edificacións</i>	196
Fonte: Galán, I., & Comeras, A. (2020). Estudio de caso en la recuperación de Isín.	
Fig. 292 – <i>Esquema de apropiación horizontal dos espazos en prol da accesibilidade</i>	196
Fonte: Galán, I., & Comeras, A. (2020). Estudio de caso en la recuperación de Isín.	
Fig. 293 – <i>Perfís de implantación no terreo</i>	197
Fonte: Galán, I., & Comeras, A. (2020). Estudio de caso en la recuperación de Isín.	
Fig. 294 – <i>Planta de usos do complexo hoteleiro</i>	197
Fonte: https://www.isin.es/fr/nuestras-instalaciones/	
Fig. 295 – <i>Emprego de materialidade e técnicas tradicionais nos vestixios existentes</i>	198
Fonte: https://www.elpollourbano.es/reportajes/2020/05/viaje-por-los-pueblos-deshabitados-de-aragon-iii/	
Fig. 296 – <i>Inserción de novos materiais e técnicas para diferenciar a nova intervención</i>	199
Fonte: https://jemonbe.com/isin/	
Fig. 297 – <i>Usos social e turismo adaptado da aldea de Isín</i>	199
Fonte: Galán, I., & Comeras, A. (2020). Estudio de caso en la recuperación de Isín.	
Fig. 298 – <i>Localización de Mansilla Mayor e implantación do lugar de intervención</i>	200
Fonte: adaptado de Google Maps.	
Fig. 299 – <i>Axonometría da enclave</i>	201
Fonte: https://ocamicatudanca.com/project/plaza-mansilla-mayor	
Fig. 300 – <i>Vistas do lugar</i>	201
Fonte: https://es.wikipedia.org/wiki/Mansilla_Mayor e https://arquitecturaviva.com/articulos/el-rediseño-de-una-plaza-publica-que-transformo-la-vida-de-un-pueblo-de-leon	
Fig. 301 – <i>Estado previo ás obras de remodelación do espazo</i>	202
Fonte: http://www.aytomansillamayor.es/los-pueblos/mansilla-mayor/ e Google Maps.	
Fig. 302- <i>Vistas xerais da rehabilitación do espazo</i>	203
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/932426/nueva-plaza-del-ayuntamiento-en-mansilla-mayor-ocamica-tudanca-arquitectos	

Fig. 303 – <i>Esquema do concepto dos cultivos dos campos empregado no pavimento e mobiliario</i>	204
Fonte: https://landscape.coac.net/en/node/4611	
Fig. 304 – <i>Planta do proxecto e fotografía aérea do resultado unha vez executado</i>	205
Fonte: https://landscape.coac.net/en/node/4611	
Fig. 305 – <i>Vista da intervención desde distintos lugares</i>	206
Fonte: https://landscape.coac.net/en/node/4611	
Fig. 306 – <i>Materialidade e técnicas construtivas empregadas</i>	207
Fonte: https://landscape.coac.net/en/node/4611	
Fig. 307 – <i>Localización e implantación do enclave</i>	208
Fonte: adaptado de Google Maps e https://www.turismodeobservacion.com/foto/sierra-de-ayllon-entre-riaza-y-riofrio-de-riaza-segovia/63688/	
Fig. 308 – <i>Vistas, acceso e caracterización do enclave</i>	209
Fonte: https://www.llegarsinavisar.com/ruta-al-mirador-de-penas-llanas-desde-la-ermita-de-hontanares-riaza/ e https://www.turismodeobservacion.com/foto/ermita-de-hontanares-riaza-segovia/62300/	
Fig. 309 – <i>Antiga estrutura de madeira do miradoiro</i>	210
Fonte: https://www.terranostrum.es/turismo/mirador-de-piedras-llanas	
Fig. 310 – <i>Perspectivas da nova pasarela- miradoiro</i>	211
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/980872/mirador-penas-llanas-lopez-lopez	
Fig. 311 – <i>Integración e modificación da envolvente</i>	212
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/980872/mirador-penas-llanas-lopez-lopez	
Fig. 312 – <i>Perfil de inserción da estrutura no terreo</i>	212
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/980872/mirador-penas-llanas-lopez-lopez	
Fig. 313 – <i>Planta do proxecto</i>	213
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/980872/mirador-penas-llanas-lopez-lopez	
Fig. 314 – <i>Detalles formais e funcionais do proxecto</i>	213
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/980872/mirador-penas-llanas-lopez-lopez	
Fig. 315 – <i>Detalles construtivos do proxecto</i>	214
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/980872/mirador-penas-llanas-lopez-lopez	
Fig. 316 – <i>Materialidade da pasarela- miradoiro</i>	214
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/980872/mirador-penas-llanas-lopez-lopez	
Fig. 317 – <i>Localización e emprazamento das cabanas</i>	215
Fonte: adaptado de Google Maps e https://www.howlanders.com/es/tours-chile/isla-de-pascua/isla-de-pascua	
Fig. 318 – <i>Implantación e caracterización do enclave</i>	216
Fonte: adaptado de Google Maps e https://www.tourist-destinations.com/2013/09/hanga-roa-easter-island.html	
Fig. 319 – <i>Estado da contorna antes da construción das cabanas, anos 2002 e 2009</i>	217
Fonte: adaptado de Google Earth.	

Fig. 320 – <i>Vistas xerais da intervención</i>	218
Fonte: adaptado de https://www.archdaily.cl/cl/02-71843/cabanas-morerava-aata-arquitectos/56fdb8e5e58ece2e3200000d-cabanas-morerava-aata-arquitectos-foto e Google Earth.	
Fig. 321 – <i>Inserción dos volumes das cabanas na contorna</i>	218
Fonte: https://www.pinterest.es/pin/560557484864854488/	
Fig. 322 – <i>Planta do conxunto</i>	219
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/02-71843/cabanas-morerava-aata-arquitectos?ad_medium=gallery	
Fig. 323 – <i>Alzado frontal e sección transversal</i>	219
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/02-71843/cabanas-morerava-aata-arquitectos?ad_medium=gallery	
Fig. 324 – <i>Planta tipo das cabanas</i>	219
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/02-71843/cabanas-morerava-aata-arquitectos?ad_medium=gallery	
Fig. 325 – <i>Sección lonxitudinal e alzados laterais</i>	220
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/02-71843/cabanas-morerava-aata-arquitectos?ad_medium=gallery	
Fig. 326 – <i>Características formais: ventilación cruzada e visión condicionada</i>	220
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/02-71843/cabanas-morerava-aata-arquitectos?ad_medium=gallery	
Fig. 327 – <i>Integración dos volumes e zonas comúns na paisaxe do lugar</i>	220
Fonte: https://www.rumbo.es/hoteles/chile/hanga-roa/hotel-cabaas-morerava e https://www.tripadvisor.es/Hotel_Review-g1049073-d1699882-Reviews-Cabanas_Morerava-Hanga_Roa_Easter_Island.html	
Fig. 328 – <i>Axonometría construtiva</i>	221
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/02-71843/cabanas-morerava-aata-arquitectos?ad_medium=gallery	
Fig. 329 – <i>Sistemas de eficiencia enerxética</i>	221
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/02-71843/cabanas-morerava-aata-arquitectos?ad_medium=gallery	
Fig. 330 – <i>Materialidade exterior das cabanas</i>	221
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/02-71843/cabanas-morerava-aata-arquitectos?ad_medium=gallery	
Fig. 331 – <i>Materialidade do espazo interior</i>	221
Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/02-71843/cabanas-morerava-aata-arquitectos?ad_medium=gallery	
Fig. 332 – <i>Paisaxes patrimoniais rurais e naturais dos casos de estudo</i>	222
Fonte: https://www.change.org/p/marifr%C3%A1n-carazo-consejera-de-fomento-de-la-junta-de-andaluc%C3%ADa-contra-la-destrucci%C3%B3n-de-la-vega-sur-de-granada e https://jemonbe.com/isin/	
Fig. 333 – <i>Diferenciación entre valor social económico e valor social de uso</i>	224
Fonte: https://www.turismoverde.es/alojamientos/centro-vacacional-isin-2/ e https://www.archdaily.com/981156/viewpoint-penas-llanas-lopez-lopez/	

Fig. 334 – *Esquema conceptual da definición de estratexias de valorización do patrimonio*.....225

Fonte: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612013000200004

Fig. 335 – *Recuperación ambiental, integración paisaxística e mellora da accesibilidade no Monte do Gozo*.....227

Fonte: <https://es.foursquare.com/v/monte-do-gozo/4bee57bbe24d20a11dd87214/photos>

5. Conclusións

Fig. 336 – *Plano da estratexia base da proposta de proxecto*.....238

Fonte: autoría propia.